Lilian Agg Garcia

MARY SHELLEY E AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE SEIS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos da Tradução.
Orientadora: Profª. Drª. Carmen Rosa Caldas-Coulthard.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Agg Garcia, Lilian
Mary Shelley e as cartas de Frankenstein: : Uma Análise Comparativa de Seis Traduções Brasileiras / Lilian Agg Garcia ; orientador, Carmen Rosa Caldas Coulthard, 2017.
320 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Mary Shelley. 3. Frankenstein. 4. Seis Traduções Brasileiras. 5. Domesticação e Estrangeirização. I. Caldas-Coulthard, Carmen Rosa. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Lilian Agg Garcia

MARY SHELLEY E AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE SEIS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de "Doutora em Estudos da Tradução", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 28 de setembro de 2017.

_____
Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

_____
Profa. Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

_____
Profa. Dra. Karine Simoni
Universidade Federal de Santa Catarina

_____
Profa. Dra. Beatriz Viégas-Faria
Universidade Federal de Pelotas

_____
Profa. Dra. Meta Elisabeth Zipser
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais, ao meu marido e à minha família.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me ampara e fortalece, não consigo imaginar a minha vida sem Ele.

Ao meu marido, pelo apoio, amor, companheirismo e paciência.

À minha família, em especial aos meus pais, que sempre me incentivaram e compreenderam a minha ausência em certos momentos desta etapa acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Profa. Dra. Carmen Rosa Caldas-Coulthard, um exemplo de profissionalismo e de humildade, que abraçou minha tese e muito me motivou e me auxiliou, meus agradecimentos a ela são infinitos do fundo do meu coração.

Às Profas. Dras. Karine Simoni, Beatriz Viégas-Faria e Meta Elisabeth Zipser, que aceitaram o convite para integrar a banca examinadora e, gentilmente, contribuíram com seus conhecimentos para o enriquecimento deste trabalho.

Aos professores e às professoras da PGET, que fizeram a diferença na exposição de suas investigações e reflexões teóricas durante as aulas.

À UFSC pelo apoio institucional e à Capes pelo suporte financeiro.

A conclamada "fidelidade" das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável (donde, devem ser revistas até mesmo a soberba ou a condescendência sexista com que se olha, às vezes, para traduções "belas, mas infiéis"). A fidelidade é, antes, a tendência a acreditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa.

(Umberto Eco, 2003/2014)

RESUMO

Apesar das numerosas traduções e adaptações do romance *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (M.S.), desde que foi publicado até os dias de hoje, a partir da investigação realizada em diversas fontes, como no Banco de Teses e Dissertações da Capes (2017) e em bibliotecas universitárias, é fato que o romance da autora não havia ainda sido analisado na área dos Estudos da Tradução no Brasil. *Frankenstein* é uma narrativa extensa de mais de duzentas páginas, nas quais a autora abarca temas essenciais, tais como a ciência, o homem e a natureza, o humano e o não humano, o *Dopplegänger*, a monstruosidade, a condição feminina e o mito. Além disso, a estrutura da narrativa contém características estilísticas peculiares do romantismo inglês e da literatura gótica. Considerando tais questões, esta pesquisa tem como propósito investigar como o texto de M.S. tem sobrevivido no Brasil através de suas traduções para o português brasileiro. A pesquisa concentra-se mais especificamente em como as quatro cartas iniciais foram vertidas para o português brasileiro, por Caio Jardim, Éverton Ralph, Miecio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, publicadas respectivamente em 1957, [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 e 2013. Para análise foram contemplados os seguintes tópicos: pronomes pessoais e de tratamento, topônimos, antropônimos, adjetivos e advérbios avaliativos. Foi realizada uma análise comparativa dos tópicos selecionados do texto de partida (TP) com os dos seis textos de chegada (TCs). A tese se caracteriza pela sua natureza historiográfica e descritiva e se fundamenta no conceito de tradução de Schleiermacher (1813/2011), assim como em autores e em reflexões dos Estudos da Tradução, tais como: manipulação literária de Lefevere (1992); domesticação e estrangeirização discutidos por Venuti (1992; 1995/2008; 2002); reflexões de Berman (1985/2013) sobre o (a) tradutor (a) que contempla a letra (estrutura textual) e/ou o sentido (significação) do TP e na (in)fidelidade inevitável durante o processo tradutório; e, finalmente, os estudos de Eco (2009/2014) sobre as perdas, ganhos e negociações no processo de solução de problemas. Os resultados da pesquisa indicam que os tradutores e a tradutora buscaram preservar a estrutura de romance epistolar do TP e ajustes imprescindíveis foram feitos na LC. Os TCs analisados também apresentam marcas de domesticação e de estrangeirização. Por fim, este estudo mostra que

uma das traduções se configurou como erudita, por seu registro elevado (formal), remetendo ao estilo do romantismo gótico inglês. A pesquisa também mostra que é por meio das traduções que a obra de M.S. continua sendo fonte de reproduções da narrativa inicial.

Palavras-chave: Mary Shelley. *Frankenstein*. Cartas Iniciais. Seis Traduções Brasileiras. Domesticação e Estrangeirização.

ABSTRACT

Despite the fact that there are numerous translations and adaptations of Mary Shelley's (M.S.) novel *Frankenstein* (1818), it has not yet been analyzed from the perspective of Translation Studies in Brazil, as various sources, such as Banco de Teses e Dissertações da Capes (Capes Thesis and Dissertation Database) (2017) and university libraries prove. *Frankenstein* is a large narrative of over 200 pages, in which the author deals with essential matters, such as science, man and nature, human and non-human, *Dopplegänger*, monstrosity, women's conditions, and myth. In addition, the narrative frame has also particular stylistic features of English romanticism, and gothic literature. In view of such complexity, the objective of this thesis is to verify how M.S.'s text has survived in Brazil in its Portuguese translations. The thesis focuses on how the four initial letters of *Frankenstein* (1818/2012) were translated by six Brazilian translators, Caio Jardim, Everton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa, and Bruno Gambarotto, respectively in 1957, [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 and 2013. The following aspects were considered for the analysis: personal pronouns, personal titles, anthroponyms, toponyms, evaluative adjectives and adverbs, so that a comparative analysis of the source text (ST) with the six target texts (TT) were verified. This thesis has historiographic and descriptive nature. It is theoretically based on the translation concept of Schleiermacher (1813/2011), and on Translation Studies authors and concepts such as: Lefevere's (1992) concept of literary manipulation; domestication and foreignization discussed by Venuti (1992; 1995/2008; 2002); Berman's considerations (1985/2013) about the translator who prioritizes the text itself and/or the semantics of the ST, as well as the inevitable '(in) fidelity' during the translation process; and finally on Eco's studies (2003/2014) about gains, losses and negotiations throughout the process of solving problems. The research results point to the fact that Brazilian translators attempted to preserve the epistolary novel frame of the ST although some inevitable adjustments were made, TTs analysed also reveal domestication and foreignization trends. Finally, this study shows that one of the translations turned to be highly formal, in such a way that it approached the English gothic romantic style. It also shows that it is through the translations that the M.S.'s text continues to be a source of further reproductions of the initial narrative.

Keywords: Mary Shelley. *Frankenstein*. First letters. Six Brazilian Translations. Domestication and Foreignization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mary Shelley, pintura de Richard Rothwell, de 1840…..... 43
Figura 2 - Periódico *A Manhã*, suplemento *Almanhaque*, seção *Biscoitos Sortidos*, 1949 90
Figura 3 - Nota de lançamento de *Frankenstein: O Criador e o Monstro*, de Stella Martins Paredes, pela editora Casa Vecchi, 1943..... 95

LISTA DE QUADROS

Quadro I - As edições de *Frankenstein* em língua inglesa no século XIX 72
Quadro II - Traduções de *Frankenstein* entre os séculos XIX e XX.....81
Quadro III – Frequência dos pronomes pessoais na C1.....107
Quadro IV – Frequência de antropônimos e topônimos na C1 111
Quadro V – Frequência dos pronomes pessoais na C2 117
Quadro VI – Frequência dos adjetivos avaliativos na C2 121
Quadro VII – Frequência dos advérbios da C2 127
Quadro VIII – Frequência dos adjetivos avaliativos na C3..... 133
Quadro IX – Frequência dos pronomes pessoais na C4.....136
Quadro X – Frequência dos antropônimos na C4.....137
Quadro XI – Formas de endereçamentos aos personagens da trama 137
Quadro XII – Frequência dos advérbios avaliativos na C4.....142
Quadro XIII - O pronome pessoal como marcador da interação entre os personagens na C1 – o TP em contraste com as T1 e T3.....154
Quadro XIV - Cotejo do pronome pessoal como marcação da interação entre os personagens na C1– o TP em contraste com as T4, T5 e T6.....155
Quadro XV - Cotejo do pronome da primeira pessoa do singular na C2 – TP, as T1 e T3.....156
Quadro XVI - Cotejo do pronome da primeira pessoa do singular na C2 – TP, as T4, T5 e T6..... 157
Quadro XVII - Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, “ele”, na C4 – TP, as T1 e T2 158
Quadro XVIII - Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, “ele”, na C4 – TP, as T3 e T4 159
Quadro XIX - Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, “ele”, na C4 – TP, as T5 e T6 161
Quadro XX - Ocorrências dos pronomes de tratamento nos TCs 164
Quadro XXI - Número de casos mais recorrentes de adjetivos avaliativos nos TCs.....169

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN – Biblioteca Nacional
C1 – Carta 1
C2 – Carta 2
C3 – Carta 3
C4 – Carta 4
CC – Cultura de Chegada
F - Figura
FE – Formas de endereçamento
HQS – Histórias em Quadrinhos
LC – Língua de Chegada
LP – Língua de Partida
M.S. – Mary Shelley
N. A. – Nota da Autora (da Tese)
RI – Revolução Industrial
ST – *Source Text*
T1 – Tradução 1 (de Caio Jardim)
T2 – Tradução 2 (de Everton Ralph)
T3 – Tradução 3 (de Miécio Araujo Jorge Honkis)
T4 – Tradução 4 (de Marcos Maffei)
T5 – Tradução 5 (de Adriana Lisboa)
T6 – Tradução 6 (de Bruno Gambarotto)
TC – Texto de Chegada
TL – Target Language
TP – Texto de Partida
TT – *Target Text*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 21
1.1 HIPÓTESES DA PESQUISA..... 25
1.2 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO *CORPUS*..... 26
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA 34
1.3.1 Objetivos Específicos 35
1.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 35
1.5 *CORPUS* DE ANÁLISE E MEIOS DE INVESTIGAÇÃO 38
1.6 ORGANIZAÇÃO DA TESE 39
2 MARY SHELLEY E SEU CONTEXTO SOCIAL 41
2.1 INTRODUÇÃO 41
2.2 CONTEXTO CULTURAL..... 42
2.3 LITERATURA GÓTICA 46
2.4 *FRANKENSTEIN*: ROMANCE FRUTO DE UM AMBIENTE SOCIAL 53
2.4.1 O Incesto 53
2.4.2 A Ciência 56
2.4.3 A Dualidade (*Dopplegänger*) 57
2.4.4 A Monstruosidade 59
2.4.5 O Sublime..... 60
2.4.6 A Vítima e o Vilão..... 62
2.5 OS DIFERENTES DISCURSOS EM *FRANKENSTEIN* 65
2.6 RESULTADOS DO CAPÍTULO..... 68
3 RECONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DE *FRANKENSTEIN* NO BRASIL 70
3.1 INTRODUÇÃO..... 70
3.2 AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DE *FRANKENSTEIN* NO SÉCULO XIX 71
3.2.1 O Monopólio das Bibliotecas Circulantes na Distribuição dos Exemplares.....76
3.3 DO TEXTO LITERÁRIO EM NOVAS EDIÇÕES ÀS PRIMEIRAS LEITURAS PARA O TEATRO 78
3.4 *FRANKENSTEIN* TRADUZIDO PARA OUTROS IDIOMAS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX 80
3.5 DAS TRADUÇÕES LITERÁRIAS ÀS PRIMEIRAS ADAPTAÇÕES FÍLMICAS 84

3.6 MARY SHELLEY E O ROMANCE *FRANKENSTEIN* TRADUZIDO NO BRASIL 86
3.6.1 As Primeiras Divulgações da História *Frankenstein* na Imprensa Carioca e Paulista 86
3.6.2 A Difusão de Frankenstein na Mídia nas Décadas 40 e 50.....88
3.6.3 A Promoção das Primeiras Traduções de *Frankenstein* entre os Anos de 1940 e 1950..... 93
3.6.4 Um Olhar Analítico sobre o Discurso Jornalístico 96
3.6.5 A Difusão dos Trabalhos Tradutórios de Stella Martins Paredes e de Caio Jardim na Mídia Impressa..... 99
3.6.6 Os Papéis Sociais da Tradutora Stella Martins Paredes e do Tradutor Caio Jardim sob a Perspectiva da Mídia Impressa..... 100
3.7 RESULTADOS DO CAPÍTULO 101
4 AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN* 104
4.1 INTRODUÇÃO 104
4.2 INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*.....105
4.3 SÍNTESE DA CARTA 1 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES..... 106
4.3.1 Os Adjetivos Avaliativos na C1.....111
4.3.2 Os Advérbios Avaliativos na C1..... 114
4.4 SÍNTESE DA CARTA 2 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES..... 116
4.4.1. Os Adjetivos e os Advérbios Avaliativos na C2..... 121
4.4.1.1.Os Advérbios Avaliativos na C2..... 127
4.5 SÍNTESE DA CARTA 3 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES..... 130
4.5.1 O Caso dos Adjetivos e Advérbios Avaliativos na C3..... 133
4.5.1.1 Os Advérbios Avaliativos na C3..... 134
4.6 SÍNTESE DA CARTA 4 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES 135
4.6.1 Os Adjetivos Avaliativos Mais Frequentes na C4..... 139
4.6.2 Os Advérbios Avaliativos Mais Frequentes na C4.....141
4.7 A INTERAÇÃO PASSIVA DA VOZ FEMININA..... 144
4.8 RESULTADOS DO CAPÍTULO..... 147
5 ANÁLISE DAS CARTAS TRADUZIDAS DE *FRANKENSTEIN*.....150

5.1 INTRODUÇÃO..... 150
5.2 O GÊNERO DISCURSIVO NARRATIVO DAS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*..... 152
5.3 OS MARCADORES DE INTERAÇÃO NOS TCS: AS FORMAS DE TRATAMENTO E DE ENDEREÇAMENTOS NAS CARTAS INICIAIS DE *FRANKENSTEIN*..... 163
5.4 A TRADUÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS E DE LOCALIDADES: ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS..... 166
5.5 A TRADUÇÃO DO ROMANTISMO DE MARY SHELLEY EM *FRANKENSTEIN*: UM OLHAR SOB OS ADJETIVOS AVALIATIVOS.....168
5.5.1 Presença de um Estilo Rebuscado na T6: A Sobrevida do Romantismo Inglês do Século XIX.....,.....171
5.6 A TRADUÇÃO DOS ADVÉRBIOS AVALIATIVOS MAIS REINCIDENTES NO TP..... 172
5.7 CASOS ESPECIAIS DE DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO NAS CARTAS TRADUZIDAS DE FRANKENSTEIN.....174
5.8 RESULTADOS DO CAPÍTULO..... 176
6 CONCLUSÃO..... 180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 187
APÊNDICES.....202
APÊNDICE A – PRODUÇÕES LITERÁRIAS E EDITORIAIS DE M.S 203
APÊNDICE B – OCORRÊNCIAS MAIS FREQUENTES DE ITENS LEXICAIS DOS SEIS TCS 209
ANEXOS.....215
ANEXO 1 ILUSTRAÇÃO INICIAL DA OBRA *FRANKENSTEIN*, 1831..... 216
ANEXO 2 - FOLHA DE ROSTO DA OBRA *HISTORY OF A SIX WEEKS' TOUR*, 1817..... 217
ANEXO 3 - MANUSCRITO DE *MAURICE OR THE FISHER'S COT*, 1820..... 218
ANEXO 4 - ILUSTRAÇÃO DOS TRÊS VOLUMES DA OBRA *VALPERGA*, 1823.....219
ANEXO 5 - ILUSTRAÇÃO DA FOLHA DE ROSTO DE *THE LAST MAN*..... 220
ANEXO 6 - ILUSTRAÇÃO DE *LODORE*, 1835..... 221

ANEXO 7 - ILUSTRAÇÃO DA FOLHA DE ROSTO DE *FALKNER*, 1837.....223
ANEXO 8 - O ROMANCE *CASTELO DE OTRANTO* (1764), DE HORACE WALPOLE..... 224
ANEXO 9 - PÔSTER DE DIVULGAÇÃO DA PEÇA TEATRAL "PRESUMPTION OR, THE FATE OF FRANKENSTEIN", 1823... 225
ANEXO 10 - FOLHA DE ROSTO DA TRADUÇÃO FRANCESA DE *FRANKENSTEIN*, POR JULES SALADIN, 1821..... 226
ANEXO 11 - CENA DO FILME "FRANKENSTEIN", 1910..... 227
ANEXO 12 - CENA DO FILME "FRANKENSTEIN", 1931..... 228
ANEXO 13 - CAPA DA T1, DE 1957, ED. UNIVERSITÁRIA..... 229
ANEXO 14 - CAPA DA EDIÇÃO EM INGLÊS, 1931, *READER'S LIBRARY*, LONDRES..... 230
ANEXO 15 - IMAGEM DO FILME "FRANKENSTEIN", 1931.....231
ANEXO 16 - CAPA DA T3, 1973, RECORD..... 232
ANEXO 17 - CAPA DA T4, 1998, ÁTICA..... 233
ANEXO 18 - CAPA DA T5, 2011, SARAIVA..... 234
ANEXO 19 - CAPA DA T6, DE 2013, ED. HEDRA..... 235
ANEXO 20 - CAPA DA T2, DE [CA. 1960], TECNOPRINT..... 236
ANEXO 21 - PÔSTER DO FILME "THE REVENGE OF FRANKENSTEIN", 1958……..... 237
ANEXO 22 - VERSÃO DO FILME "THE REVENGE OF FRANKENSTEIN", PARA O ESPANHOL, 1958..... 238
ANEXO 23 - CARTA 1 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP) 239
ANEXO 24 – CARTA 2 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP) 241
ANEXO 25 – CARTA 3 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP) 243
ANEXO 26 – CARTA 4 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP) 244
ANEXO 27 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C1 – T1) 248
ANEXO 28 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C2 – T1) 251
ANEXO 29 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C3 – T1) 254

ANEXO 30 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C4 – T1) 256
ANEXO 31 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR EVERTON RALPH, [ca. 1960]. (C4 – T2) 261
ANEXO 32 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C1 – T3) 265
ANEXO 33 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C2 – T3) 268
ANEXO 34 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C3 – T3) 270
ANEXO 35 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C4 – T3) 272
ANEXO 36 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C1 – T4) 276
ANEXO 37 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C2 – T4) 280
ANEXO 38 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C3 – T4) 284
ANEXO 39 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C4 – T4) .....,,,,,,,,,,,,.....286
ANEXO 40 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C1 – T5) .....,.....295
ANEXO 41 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C2 – T5) 298
ANEXO 42 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C3 – T5) 301
ANEXO 43 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C3 – T5) 303
ANEXO 44 - TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C1 – T6) 308
ANEXO 45 - TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C2 – T6) 311
ANEXO 46 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C3 – T6) 314
ANEXO 47 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C4 – T6) 315

1 INTRODUÇÃO

> [...] uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcial e alterado, suplementado com características peculiares à língua de chegada, não mais inescrutavelmente estrangeiro, mas tornado compreensível num estilo claramente doméstico. As traduções, em outras palavras, inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação.[1] (VENUTI, 2002, p. 17).

Nesta tese, apresento minha pesquisa em torno do gótico, da autora Mary Shelley, de seu romance *Frankenstein* e das cartas iniciais de seis edições brasileiras, em razão de diferentes fatores que me motivaram a desenvolvê-la, fatores esses que discuto a seguir.[2] Apesar de serem discutidas questões de escolhas tradutórias e de se contemplar os teóricos dos Estudos da Tradução, a pesquisa se configura como historiográfica e descritiva, contemplando a história da tradução, do livro, da edição e dos (as) tradutores (as) de *Frankenstein* no Brasil.

A literatura gótica sempre me interessou pelos elementos estilísticos e a trama revestida de carga psicológica, que podem retratar tanto o conflito emocional do (a) autor (a), de personagens, de uma sociedade e /ou de uma nação.

Muitos (as) autores (as), como Punter e Byron (2004, p. 169) elegem o escritor Horace Walpole (1717-1797) como um dos fundadores desse gênero pela publicação de *O Castelo de Otranto* (1764), obra esta que inspirou muitos artistas, como M.S., por apresentar elementos estilísticos, tais como: castelos, casas abandonadas, ambientes sombrios, fenômenos sobrenaturais, intrigas familiares, acontecimentos "inexplicáveis", entre outros aspectos peculiares.

---

[1] Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinèia Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. (2002)

[2] Para evitar repetições, usarei as iniciais M.S. para me referir à autora, Mary Shelley.

De acordo com Punter e Byron, "o romance gótico começou a se destacar no momento em que as forças da industrialização transformavam a estrutura social".[3] (PUNTER; BYRON, 2004, p. 20). A partir da segunda metade do século XVIII, na Grã-Bretanha, a mão de obra artesã e agrícola se transformava em mecânica e, consequentemente, o mercado de trabalho demandava profissionais qualificados.

Naquele período histórico, a sociedade britânica experimentava um momento de transitoriedade entre os períodos das revoluções francesa e industrial, pautados pelas ideias iluministas, iniciadas no século XVIII, que promoviam a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Diante da transitoriedade da era romântica, M.S. externaliza em *Frankenstein* "[...] o horror pela artificilidade da criatura: o humano é substituído pela automação manufaturada a partir de fragmentos".[4] (PUNTER; BYRON, 2004, p. 20). É apropriada a alusão desses autores acerca da constituição da criatura produzida pelo cientista Frankenstein e o momento em que os trabalhadores eram substítuidos pela produção automotiva da indústria.

A despeito da literatura gótica ter experimentado seu auge no final do século XVIII e início do século XIX, esse movimento literário nunca esteve tão presente na sociedade moderna como em nossa atualidade, haja vista que a imagem do "monstro", meio humano, criado em laboratório pelo cientista Frankenstein pode ser detectada em diferentes releituras e em diferentes mídias, como em comerciais de TV, em jogos virtuais, em desenhos animados, em fantasias para as festas de *Halloween*, entre outros.

Dentre outras releituras e mídias, tem-se a literatura infantil e juvenil revestida de figuras monstruosas e de mortos-vivos, como nas adaptações igualmente intituladas *Frankenstein* por Ruy Castro, por

---

[3] *The Gothic novel began to emerge at a time when the forces of industrialization were transforming the very structures of society*. (PUNTER; BYRON, 2004, p. 20).

N.A: Nesta tese, quando não indicadas, as traduções são de minha autoria.

[4] *[...] the horror of her creature's artificiality: the human is replaced by an automaton manufactured from fragments.* (PUNTER; BYRON, 2004, p. 20).

Claudia Lopes, por Rodrigo Espinosa Cabral, publicadas em 1994, 1997 e 2003, respectivamente; a série "Crepúsculo", em cinco volumes, de Stephenie Meyer, traduzida por Ryta Vinagre, 2008, *Crepúsculo* e *Lua Nova*, 2009, *Eclipse* e *Amanhecer*, 2010, *A Breve Segunda Vida de Bree Tanner*; *Monster High*, de Lisi Harrison, traduzido por Mário Vilela, em 2010, pela editora ID.

Em histórias em quadrinhos (HQs), encontram-se "Frankenstein" (2003), adaptação de Marion Mousse, tradução de Luciano Vieira Machado; "Frankenstein" (2010), adaptação de Sam Ita, tradução de Bruno S. Rodrigues e Fernando Nuno; entre outras.

Quanto a produções fílmicas, há um acervo extenso que compreeende, por exemplo: "Frankenstein" (1910), direção de Thomas Edison; "Frankenstein" (1931), de James Whale; "Mary Shelley´s Frankenstein"(1994), de Kenneth Branagh; "Frankenweenie" (2012), de Tim Burton; "Victor Frankenstein" (2015), de Paul McGuigan.

Em peças teatrais, o texto foi adaptado para numerosos espetáculos como "Presumption, or The Fate of Frankenstein" (1823), dirigida por Richard Brinsley Peake; "Frankie, Frankie, Frankenstein" (1979), de Irene Brietzke e com a participação Grupo Teatro Vivo; entre outros.

Para a escolha da autora M.S. como meu objeto de pesquisa, considero o importante papel que ela desempenhou, por ter sido uma das primeiras a iniciar o movimento gótico, no século XIX, de modo a abordar temas essenciais como a questão da ciência, homem e natureza, a monstruosidade, o duplo, a voz silenciosa feminina, etc.

Críticos literários como Allen, Gavilán e Rijskberman têm expressado suas opiniões sobre o papel proeminente da autora M.S. e os diferentes aspectos da sua obra seminal que antecipava características da ficção científica. Allen (2008, p. 28-29), por exemplo, aponta a semelhança de *Frankenstein* com o "romance Godwiniano" por este possuir elementos estilísticos do filósofo e escritor William Godwin, pai da autora. Allen expõe ainda que em *Frankenstein* a autora prossegue com os conceitos ideológicos de Godwin e da mãe, a feminista e escritora Mary Wollstonecraft, simpáticos "à ideia iluminista da razão

com sua capacidade de conduzir os seres humanos às verdades éticas fundamentais"[5]. (ALLEN, 2008, p. 29).

Por um lado, Gavilán e Rijskberman (2011, p. 1185) destacam que *Frankenstein or, The Modern Prometheus* (1818) pode ser considerado um tipo de experimentação crítico-científica acerca da violação dos limites da natureza, e a criatura de Frankenstein como metáfora do ato imprudente da ciência. Por outro lado, Araújo (2014, p. 17) observa que M. S. traz em pauta em *Frankenstein* questões pertinentes, tais como: a solidão, o abandono, a morte, a importância da aparência física, a ausência do nome (como perda da identidade no mundo), a responsabilidade científica e parental, o poder educativo dos clássicos, o paradigma da natureza *versus* meio. Esses assuntos que permeiam o romance já respondem ao questionamento acerca do motivo pelo qual a obra se tornou um clássico e continua sendo (re)lida e pesquisada até hoje em diferentes áreas do conhecimento.

Em 2016 a obra *Frankenstein*, de M. S., completou 200 anos de sua criação; isto é, desde 1816 não tem cessado o surgimento de novas obras e/ou releituras inspiradas na história da autora, e a figura do "monstro" é utilizada em diferentes meios de significação. É intrigante o fato de o romance ser um texto escrito por uma mulher do século XIX que continue despertando o interesse em diversos meios de significação (o verbal e o não verbal).

Em nosso cotidiano, os elementos do gótico, os mortos-vivos e os monstros transitam por grande parte da literatura infantil e juvenil e de outras mídias. Assim como em diferentes áreas, por exemplo no cenário político, caricaturas e *charges* são produzidas aludindo figuras ilustres ao monstro criado pelo cientistica Frankenstein. Daí surge a inquietação que impulsiona a produção da atual tese: o que esse texto de M.S. tem de relevante que instiga a pesquisa acadêmica, a criação de novos textos e o resgate do TP por meio de adaptações e (re)traduções?[6] Pretendo responder a essa pergunta ao longo deste trabalho.

---

[5] *[...] the Enlightenment idea of reason and its capacity to guide human beings towards foundational ethical truths.* (ALLEN, 2008, p. 29).

[6] TP lê-se: Texto de Partida.

1.1 HIPÓTESES DA PESQUISA

Meu olhar está direcionado às cartas iniciais de seis edições brasileiras, da obra *Frankenstein* (1818/2012), vertidas para o português brasileiro, por Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, publicadas respectivamente em 1957, [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 e 2013, para verificar se os TCs são mais domesticados ou estrangeirizados, se os tradutores e a tradutora priorizaram o sentido (significado) e/ou a letra (estrutura textual) do TP; isto é, se as características estilísticas de M.S. foram preservadas e como esses microcosmos do TP foram traduzidos no Brasil.[7]

Em se tratando de uma obra escrita há 200 anos, minha hipótese é que os TCs apresentam muitas marcas do estrangeiro, em razão de ser uma história bem conhecida do público, majoritariamente, via adaptações fílmicas desde o filme "Frankenstein" de 1931. Desta maneira, muitos termos empregados no filme são familiares, dispensando a necessidade de traduzí-los. As primeiras perguntas da pesquisa são: De que forma as cartas iniciais do romance foram traduzidas para o português brasileiro? As características estilísticas da autora foram preservadas na LC?

Contemplo a ideia de que o texto de M.S. sobrevive até os dias atuais em decorrência de a tradução ser um recurso facilitador de vinculação do texto e que as formas verbais e não-verbais se encontrarem por meio de elementos intertextuais e interdiscursivos, interagirem e se fundirem, produzindo distintas releituras de *Frankenstein*, em numerosos veículos, tais como: filmes, séries de TV, desenhos animados, HQs, adaptações literárias para os públicos infantil, juvenil e adulto, entre outros.

A minha segunda hipótese é que o filme, de 1931, inspirado na história da autora, se transformou no texto "original". Pergunta-se então: seriam os TCs vinculados aos filmes da sequência "Frankenstein"? Além da tradução, seria o cinema um dos principais veículos de sobrevivência do romance da autora M.S.?

[7] TC lê-se: Texto de Chegada.

Para comprovar essas hipóteses, a partir da obra de M. S. de 1818 e da sua revisão de 1831, recontextualizo como ocorreu a trajetória inicial editorial, as primeiras adaptações da obra na Inglaterra, sua entrada e divulgação no Brasil, no século XX. Analiso as cartas iniciais do TP em tópicos que dão uma amostra do estilo de M.S. e comparo esses elementos estilísticos com os dos seis TCs selecionados para análise.

1.2 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO *CORPUS*

Considerando-se a escassa produção acadêmica brasileira, em nível de mestrado e doutorado, sobre as traduções do romance, a qual reviso a seguir, meu interesse se desenvolveu na área dos Estudos da Tradução. De acordo com o Banco de Teses e Dissertações da Capes (2017), há um total de vinte e um (21) trabalhos da área de Letras sobre as seguintes temáticas, até o momento: a singularidade de *Frankenstein* na literatura gótica, o mito, o duplo, o ciborgue, entre o humano e o não-humano, a monstruosidade como representação da condição feminina, a hipertextualidade em *Frankenstein*, o foco narrativo, a dependência humana à tecnologia e à ciência, pontos de convergência entre as adaptações fílmicas "Frankenstein", "Inteligência Artificial" e "Edward, mãos de tesouras", entre outros.

O Banco de Teses e Dissertações indica que não há pesquisas conduzidas sobre tradução, análise do discurso e/ou análise crítica do discurso, em nível de mestrado e doutorado. Assim sendo, minha pesquisa é inédita e deve proporcionar novas perspectivas de análise e despertar interesse nos (as) pesquisadores (as) dos programas dos Estudos da Tradução e de áreas afins.

Apresento em seguida as contribuições dos (as) pesquisadores (as) cujos trabalhos constam da plataforma Capes.

Na dissertação de mestrado "The uniqueness of Mary Shelley's *Frankenstein* in the gothic literary tradition" (1993), do programa de pós-graduação em Inglês e Literatura Correspondente, da Universidade Federal de Santa Catarina, Ana Ester Balbao Pithan se debruçou sobre os aspectos literários do romance de M. S. e os contrastou com sete obras para identificar os motivos que justificariam a posição singular da obra no sistema literário inglês entre os séculos XVIII e XIX. Os

romances analisados e contrastados ao romance *Frankenstein* por Pithan são os seguintes: 1) *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole; 2) *The Old English Baron* (1778), de Clara Reeve; 3) *Vathek* (1786), de William Beckford; 4) *The Mysteries of Udolpho* (1794), de Ann Radcliffe; 5) *The Monk* (1796), de Matthew Gregory Lewis; 6) *Melmoth: the Wanderer* (1820), de Charles Robert Maturin; 7) *Dracula* (1897) de Bram Stoker.

Segundo Pithan, há uma infinidade de razões que contribui para a unicidade do romance; entretanto, ela destaca que um dos aspectos que o distingue das demais obras seria "a presença do elemento ciência como base do conflito central". (PITHAN, 1993, p. 129). Sem dúvida, a temática científica deve ter sido inovadora e causado certa inquietação na sociedade, mais especificamente na Igreja, que enfrentou a ciência confrontando as leis naturais na trama de M. S.

A pesquisadora também adiciona que o elemento do desconhecido, que era percebido como profano e/ou sagrado, abordado na obra, deve ter favorecido a sua singularidade. Além da objetividade para narrar temas conflitantes, Pithan considera que a razão principal da unicidade da obra seria a falta do "efeito da superabundância dos elementos góticos, que influencia e tem o poder de modificar a expressão de qualquer crítica pretendida pelos romancistas. A ênfase demasiada de elementos da parafernália gótica ofusca o desenvolvimento das questões centrais". (PITHAN, 1993, p. 131). Esse aspecto da moderação de elementos góticos provavelmente conferiu a unicidade e a seriedade dos tópicos abordados. Em contrapartida, ao longo dos tempos, o romance acabou se "contaminando" em suas sucessivas adaptações, especialmente as cinematográficas, que o "maquiaram" com aspectos exagerados, tendendo ao grotesco muitas vezes.

Na tese "O mito de *Frankenstein* e o horror gótico – a distonia da alteridade" (1995), do programa de pós-graduação em Ciências da Literatura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cristina Maria Teixeira Martinho realizou uma análise literária do romance de M. S., na qual privilegiou a temática da dialética da opressão, sob as óticas do opressor e do oprimido. Segundo Martinho, essa dialética percorre diferentes meios do convívio humano: "[...] para a família e daí para a sociedade como um todo. Talvez melhor do que qualquer história gótica, a obra retrata o trabalho extremo de uma forma diatônica da

alteridade. [...]". (MARTINHO, 2004, s/p). A pesquisadora percebe que o romance retrata a relação conflitante de um indivíduo com o outro, em especial o comportamento humano diante das adversidades da vida em sociedade, concentrando-se na temática da opressão.

Na dissertação de mestrado "Metamorfoses de Adão: aspectos trágicos do mito romântico *Frankenstein*, de Mary Shelley" (2001), do programa de pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia, Marilia Costa Mattos investigou o tema do mito do individualismo moderno, contemplando a filosofia de Nietzsche para a análise crítica do referido tópico. Mattos identificou que *Frankenstein* apresenta "o mito trágico que traduz os novos desafios que se apresentaram ao ser humano com as transformações suscitadas pela Idade da Razão". (MATTOS, 2010, p. 189). Pode-se notar que as provas experimentadas pelos personagens da obra de M. S., de certo modo, ainda estão presentes em nossos dias, em novas roupagens e profundidade.

O tema sobre o mito em *Frankenstein* tem sido examinado por diversos (as) estudiosos (as), a partir de diferentes premissas, como Newton Ribeiro Rocha Junior, o qual se debruçou sobre o elemento mito prometeico na ficção científica, na dissertação de mestrado "Creator and creature in William Gibson´s Neuromancer: the promethean motif in science fiction" (2008), do programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais. Em seu trabalho, Rocha Junior teve como objetivo geral: "estudar como o mito prometeico influencia o desenvolvimento da relação criador/criatura na ficção científica, especialmente, em Neuromancer de William Gibson".[8] (ROCHA JUNIOR, 2008, p. 8). Por assim dizer, nessa dissertação, o então mestrando privilegiou o tema da relação conflitante do criador e da criatura existente no romance de M.S.

Alessandro Yuri Alegrette também investigou esse tema, em sua dissertação "*Frankenstein*: uma releitura do mito de criação" (2010), do programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Alegrette

[8] *[...] to study how the Prometheus myth influences the development of the creator-creature relation in SF, especially in William Gibson's Neuromancer.* (ROCHA JUNIOR, 2008, p. 8).

(2010, p. 4) se propôs a discorrer sobre como M. S. criou o mito de *Frankenstein* e verificou que a autora "[...] contribuiu para a renovação do romance gótico e para a criação de uma nova modalidade literária - a ficção científica". (ALEGRETTE, 2010, p. 4). Tanto Rocha Junior quanto Alegrette trabalharam o tema do mito em suas dissertações a partir de diferentes perspectivas: o primeiro se concentrou em como o mito prometeico influencia a relação entre criador e criatura na ficção científica; em contrapartida, Alegrette (2010, p. 4) expôs a contribuição de M. S. para o mundo literário por ter criado o "mito de Frankenstein", por ter inovado o gótico e por ter iniciado o gênero ficção científica.

Em "From *Frankenstein* to *Matrix*: Cultural perceptions of cyborg" (2002), trabalho em nível de mestrado, do programa de pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, da Universidade Federal de Santa Catarina, Sandra Regina Schatz priorizou o elemento ciência do romance de M. S. e da narrativa *Matrix* (1999), produção cinematográfica dos irmãos Wachowski, comparando-os e interpretando-os a partir da crítica cultural e da crítica da recepção do leitor.

Nessa dissertação, Schatz investigou dois aspectos: 1) a dependência da cultura ocidental à tecnologia e à ciência; 2) o papel das narrativas ficcionais como meio de aceitação dos valores e das "verdades" impostas pelo discurso dominante.

A estudiosa constatou que ambas as narrativas, semelhantemente, " [...] lidam com épocas transitórias, transição como fenômeno social, situações ambíguas e com personagens marginais [...]"; além disso, em seu trabalho, Schatz expôs que as mensagens dessas duas produções "diferem, radicalmente, no que diz respeito à relação entre a humanidade e a tecnologia". (SCHATZ, 2002, p. 107). Certamente, a diferença da relação humanidade *versus* tecnologia é espantosa, haja vista o lapso temporal superior a 180 anos entre as duas narrativas; a esse respeito, as visões de mundo, avanços tecnológicos e científicos e valores éticos e morais tendem a ser modificados e/ou repensados.

Na dissertação "Spontaneous overflow of powerful feelings": romantic imagery in Mary Shelley's *Frankenstein*" (2006), do programa de pós-graduação em Letras/Literaturas de Língua Inglesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jaqueline Bohn Bonada defendeu que a obra *Frankenstein* deveria ocupar uma posição de destaque no cânone literário inglês e ser reconhecida como representante

do período do romantismo por conter valores estéticos e filosóficos daquele movimento literário.

De acordo com Bonada, o romance de M.S. não foi reconhecido como tal em decorrência de diversos fatores, em particular pelo fato de a obra ter sido "um romance muito polêmico e audacioso, o nome de Mary Shelley foi rejeitado e escolheram-se os de Walter Scott e Austen." (BONADA, 2006, p. 176). Bonada salienta que, além da abordagem polêmica e provocativa presente no texto, a condição "aparente" de submissão da autora e em especial a escrita em prosa contribuíram para que a obra não tenha sido relacionada ao romantismo, em que autores e poetas como Walter Scott, Lord Byron, Shelley e Jane Austen foram canonizados.

Em "Da literatura ao cinema: *Frankenstein* e sua hipertextualidade" (2007), dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, Naiara Sales Araújo Santos averigou indícios de hipertextos do romance *Frankenstein* em três produções cinematográficas, "Frankenstein" (2004), de Kevin Connor, "Inteligência Artificial" (2001), de Steven Spielberg e "Edward, mãos de tesouras" (1991), de Tim Burton. Após a análise dos três filmes, Santos inferiu que nessas três adaptações "há a mesma estrutura semântica presente na narrativa literária Frankenstein, confirmando assim nossa hipótese de que tais filmes são hipertextos de uma mesma obra". (SANTOS, 2007, p. 1). Pode-se observar que hipertextos de uma mesma obra estão presentes em diferentes mídias, ao longo dos tempos; no caso do romance de M.S., podem ser percebidas alusões ao enredo da obra em: "Frankweenie" (2012), de Tim Burton; "Monster High" (2010), de Garrett Sanders; "A Família Addams" (1991), de Barry Sonnenfield; entre outros.

Em "Do mito à cultura da massa: Transformações semânticas e intermidiáticas de *Frankenstein*" (2010), dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade de Curitiba (PR), Sônia Érika do Amaral Tognoli avaliou os motivos pelos quais o romance *Frankenstein* permanece como sobrevivente ao longo dos tempos, pesquisou as mudanças de significações da criatura que foi reconhecida sob o nome de Frankenstein. Para Tognoli, pode-se hipotetizar os aspectos que têm contribuído para a sobrevivência do romance, os quais seriam:

> a plasticidade do texto que o torna ideal para a adaptação a diferentes mídias; seu caráter de ficção científica e fantasia, que fornece ao leitor/espectador aquilo de que precisa para enfrentar a realidade a um tempo brutal, insípida e anti-heróica da vida humana no terceiro milênio. (TOGNOLI, 2010, p. 172).

De fato, o romance de M. S. pode ser visto como flexível por abarcar diversos temas sob a ótica de diferentes discursos, esses temas que continuam sendo pesquisados, estudados, discutidos e (re)lidos em outros contextos e abordagens. Por fim, para complementar a consideração de Tognoli, o cinema tem sido o principal meio para a sobrevivência do texto e que a tradução tem um "peso" relevante por ser um dos veículos dessa difusão.

Na tese de doutorado intitulada "À sua imagem e semelhança: um estudo de criadores e criaturas em *A Eva futura* de Villiers de IIsle-Adam e em *Frankenstein* de Mary Shelley no contexto do romance europeu do século XIX" (2012), do programa de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mauri Cruz Previde realizou um paralelo entre criadores e criaturas artificiais, no qual um panorama histórico foi exibido para descrever que a questão da ânsia da humanidade em produzir um ser artificial data da antiguidade e perdura na atualidade. Nesse trabalho, Previde examinou, comparativamente, a criatura de Frankenstein e o corcunda de Notre Dame, e discorreu acerca das características e das possíveis representações metafóricas desses personagens.

Em linhas gerais, Previde conduziu em sua tese uma análise literária dos dois personagens famosos de obras distintas e, em especial, investigou a representação simbólica de ambos.

Em "Os Monstros e a Questão Racial Pós-Colonial Brasileira" (1997), tese de doutorado do Programa de Letras/Literatura Comparada da Universidade Federal de Minas Gerais, Célia Maria Magalhães defendeu que o ser criado pelo cientista Frankenstein seria "[...] reflexo da estrutura narrativa de *Frankenstein*, composta pelo encaixamento das narrativas de *Frankenstein* e do próprio monstro em cartas que trocam Walton e sua irmã, Mrs Saville [...]." (MAGALHÃES, 1997, p. 307). Essa relação realizada por Magalhães acerca de a criatura ser o "espelho" da estrutura da narrativa também já foi observada por outros

(as) acadêmicos (as) e pela crítica; assim como há obras de diferentes autores (as) cujas estruturas textuais se assemelham à "escrita Frankenstein", aludindo à composição corporal da criatura.

A partir de uma diferente perspectiva, na tese intitulada "A Escrita Frankenstein de Pedro Nava" (1994), do programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, segundo a autora Celina Fontanelle Garcia, a análise se sustentou na perspectiva dos estudos narratológicos e buscou comprovar que "a escrita memoralística de Pedro Nava é uma escrita Frankenstein, construída de restos arquivados na memória: textos literários, histórias de família e narrativas orais da tradição social." (GARCIA, 1994, p. 94). Tanto o estilo de romance epistolar quanto a escrita da narrativa de *Frankenstein* têm inspirado diversos (as) autores (as) até a nossa atualidade por enriquecer seus textos, pois apresentam intertextos que ampliam o conhecimento do público leitor. Em diversos meios há a apropriação da figura do monstro criado pelo cientista Frankenstein, provavelmente, pela notoriedade alcançada nas telas de cinema.

Já na dissertação "*Frankenstein* e a monstruosidade das intenções: a criatura como representação da condição feminina" (2015), do programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, Janile Pequeno Soares teve como propósito principal "analisar o romance *Frankenstein* sob uma perspectiva do conceito de monstruosidade aliada à crítica feminista, "[...] para discutir a monstruosidade que habita o interior das relações e intencionalidades humanas". (SOARES, 2015, p. 14). Nesse trabalho, Soares (2015, p. 130) analisou a condição feminina e a questão das conflitantes relações humanas, entre opressores e oprimidos, representadas pelo cientista e pela criatura; por fim, a pesquisadora concluiu que a obra de M. S. funcionou como forma de protesto e/ou denúncia das injustiças ocorridas na sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX.

Finalmente, o trabalho acadêmico brasileiro mais recente sobre a obra *Frankenstein* é a dissertação "Frankenstein: the creation of a myth (2016), do programa de pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, na qual Talita Cassemiro Paiva Alves realizou uma análise comparativa do romance *Frankenstein* com *Paradise Lost* (2008), de John Milton e o mito de Prometeu para detectar sob quais aspectos a obra de M. S. foi beneficiada a ponto de se tornar, também, um mito.

Após a análise, Alves compreendeu que esses dois mitos antigos fundamentaram *Frankenstein*, pois "permitiram que o romance de Shelley se tornasse parte de uma tradição. Eles proporcionaram a *Frankenstein* arquétipos e temas que transformaram o pesadelo de Shelley em um dos mitos mais extraordinários de nossos tempos. "[9] (ALVES, 2016, p. 93). De fato, esses mitos da Antiguidade são referências consagradas e são discutidos, exaustivamente, seja quando o assunto é *Frankenstein* como mito ou se examina o título da obra ou ainda as alusões presentes na narrativa.

A partir dos temas abordados pelos (as) pesquisadores (as) no Brasil, pude constatar que há aspectos ainda não estudados, pois não há teses e dissertações que tenham contemplado uma pesquisa descritiva acerca das traduções brasileiras de *Frankenstein* que examine a recepção e como foram realizadas essas traduções no Brasil nas diferentes décadas. Assim como não há trabalhos sobre paratextos, em especial das capas dessas traduções, para investigar as representações interdiscursivas ali existentes.

Tendo em vista essa "lacuna" nas pesquisas brasileiras, meu interesse é o de "olhar" o romance *Frankenstein*, mais especificamente as cartas iniciais em seis edições brasileiras, posto que elas sustentam a narrativa principal. Meu intuito é investigar esses microcosmos do romance, em especial, se os tradutores e a tradutora preservaram o estilo da autora, e por conseguinte os temas apresentados por M.S. e quais foram as implicações das decisões tradutórias que acabam por domesticar e/ou estrangeirizar o TC.

Conforme dados em diferentes fontes, como a *Index Translationum* (2017), bibliotecas universitárias e livrarias *online*, há um total de doze traduções brasileiras de *Frankenstein* catalogadas. Selecionei as seis edições de 1957, 1973, [ca. 1960], 1998, 2011 e 2013 por serem as mais referenciadas e consultadas por pesquisadores (as), assim como são uma das traduções mais reeditadas e reimpressas em diferentes editoras.

A primeira tradução de *Frankenstein* (1943), vertida por Stella Martins Paredes, não está incluída para análise nesta tese, pois o único

[9] *[...] allowing Shelley's novel to become part of a tradition. They provide Frankenstein with archetypes and themes that transformed Shelley's nightmare into one of the most remarkable myths of our times.* (ALVES, 2016, p. 93).

exemplar existente e fornecido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN) não contém partes das quatro cartas iniciais.

Utilizo as cartas para análise por elas definirem o texto principal e serem microcosmos da narrativa. Através delas o público leitor prevê o que irá acontecer na narrativa principal.

Devido ao fato de a análise ser sobre tradução, examino a questão do método tradutório de pronomes pessoais e de tratamento, topônimos, antropônimos, adjetivos e advérbios avaliativos. Conduzo uma análise comparativa dos tópicos selecionados do TP com os das seis edições brasileiras e são investigados casos especiais de domesticação e de estrangeirização nos TCs. Após a exposição da justificativa do *corpus* de análise e do meu interesse pela questão estilística do texto de M.S., na subseção 1.3 são descritos os objetivos gerais e específicos da tese.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral desta pesquisa é, a partir do TP, investigar como o texto de M.S. tem sobrevivido no Brasil através de traduções para o português brasileiro.

Para tal, meu enfoque principal é o de olhar como as quatro cartas que abrem o romance foram traduzidas por Caio Jardim, em 1957, Éverton Ralph, em [ca. 1960], Miécio Araujo Jorge Honkis, em 1973, Marcos Maffei, em 1998, Adriana Lisboa, em 2011, e Bruno Gambarotto, em 2013, para examinar a sensibilidade do estilo caracterizado pelo romantismo gótico inglês e como os tradutores e a tradutora enfrentam os problemas de tradução.

Para me debruçar sobre a questão estilística, concentro-me em dois eixos de análise: formas de tratamento por sinalizar a interação entre os personagens e a questão da avaliação pela análise de adjetivos e advérbios avaliativos.

A argumentação principal que sustenta este trabalho é que a tradução é um dos principais veículos de difusão e que o texto literário está vinculado ao cinema, meio de significação que assegura a sobrevivência do TP. O texto de M.S. desperta o interesse em diversas mídias, até os dias atuais, por apresentar tópicos atemporais como, por exemplo, sobre o humano e o artificial, natureza e ciência, monstruosidade e a questão do duplo. A inspiração do romance de M. S.

é comprovada pelas diferentes versões às quais o texto vem sendo submetido até a nossa atualidade.

1.3.1 Objetivos Específicos

Meus objetivos específicos são:

1) abordar o contexto sociocultural em que M.S. estava imersa, o gênero romance gótico com destaque aos seus aspectos e aos do romantismo inglês e os diferentes discursos em *Frankenstein;*
2) examinar os vários discursos que perpassam o romance e a condição feminina;
3) reconstruir a trajetória inicial da obra *Frankenstein* no mercado editorial para verificar como aconteceu a entrada do romance no Brasil, como o grande público acessou o texto e como a imprensa jornalística brasileira divulgou a obra da autora M. S.;
4) evidenciar a interação entre os participantes e o estilo do texto de M. S. nas cartas iniciais do TP, contemplando seis elementos lexicais, a saber: os pronomes pessoais e de tratamento, nomes próprios dos (as) personagens e de localidades (antropônimos e topônimos), adjetivos e advérbios avaliativos.
5) verificar se os aspectos estilísticos do TP foram mantidos ou não nos TCs e detectar quais foram os efeitos das traduções brasileiras.
6) Detectar se os TCs apresentam maiores tendências de domesticação ou estrangeirização e se os tradutores e a tradutora priorizam o sentido e/ou a letra do TP.

Na subseção 1.4, são exibidos os pressupostos teóricos que fundamentam as argumentações e análises do trabalho.

1.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta tese trata da história da tradução da literatura inglesa no Brasil e abrange a história do livro, da edição, da tradução e da vida intelectual brasileira. Traz em pauta discussões que envolvem literatura e mulher, tradução e mulher.

São contemplados como aporte teórico: o conceito de tradução desenvolvido por Schleiermacher (1813/2011), os Estudos da Tradução, em especial, a concepção de manipulação literária de Lefevere (1992), os termos domesticação e estrangeirização discutidos por Venuti (1992;

1995/2008; 2002), as reflexões de Berman (1985/2013) sobre a tradução que contempla a letra (estrutura textual) e/ou o sentido (significado) do TP e a (in)fidelidade inevitável no ato tradutório, as considerações de Eco (2003/2014) sobre perdas, ganhos, renúncias e negociações durante o processo de solução de problemas.

No que toca à questão da tradução, Schleiermacher (1813/2011) sugere que "ou o tradutor deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em paz e leva o autor ao seu encontro", pois, durante todo o ato tradutório, o(a) tradutor(a) enfrenta a tarefa de tomar decisões para solucionar problemas de um determinado texto e em toda decisão há perdas e compensações.[10] (SCHLEIERMACHER, 1813/2011, p. 22). Devido a conhecimentos prévios do(a) tradutor(a), códigos linguísticos difrentes, políticas editoriais e tradutórias, contexto sociocultural e histórico, manipulações literárias, entre outros fatores, um texto traduzido se aproxima ou se afasta da obra originária, apresenta omissões, empréstimos e ampliações.

Se o (a) tradutor (a) tem por objetivo "ressaltar na tradução um aspecto do original que" para ele (a), "parece importanre, isso pode acontecer, às vezes, à custa de deixar em segundo plano ou até mesmo de eliminar outros aspectos igualmente presentes". (ECO, 2003/2014, p. 106).[11] Isto é, a tarefa tradutória "implica também uma contínua renúncia", pois muitas vezes o (a) profissional não consegue revelar todas as "dimensões do texto". (2003/2014, p. 106.). Consequentemente, cortes e negociações são realizados para que o TC seja adequado e compreensível para o público leitor.

Quanto à perspectiva de manipulação e poética dominante de Lefevere (1992, p. 14), reconheço a questão ressaltada pelo autor de que editores (as), revisores (as), tradutores (as) e críticos (as) têm controle de textos contrários ao conceito dominante da poética e a ideologia da sociedade. Pode-se compreender que há manipulação na distribuição e

[10] Tradução integral de Mauri Furlan presente no artigo "*Über Die Verschiedenen Methoden Des Übersetzens*: Traduções Sinóticas" (2011, p. 22), da revista eletrônica *Scientia Traductionis*. Endereço do *link* do artigo: file:///C:/Users/Lilian/Downloads/19910-63103-1-PB%20(3).pdf. Último acesso em junho de 2017.

[11] Tradução de Eliana Aguiar (2014).

na publicação de determinada obra em um sistema literário dominante, em que muitos interesses estão envolvidos. O caso das primeiras publicações de *Frankenstein* é um exemplo destas asserções, já que não apresentam o nome de M. S. como autora da obra, provavelmente pelo fato de a autora ser do sexo feminino e por terem retratado a política dominante daquele contexto histórico.

Para a minha argumentação sobre a adaptação do texto literário para outras mídias, levarei em consideração as reflexões de Mary Snell-Horby (1988/1995) sobre o conceito de transcodificação e a classificação do teórico Roman Jakobson (1969/2007) para a tradução intersemiótica ou transmutação, a seguir:

1) Até o início dos anos de 1970, o fenômeno de transcodificação configurava-se como a tradução em que "o texto era visto como uma sequência linear de unidades e a tradução era, meramente, um processo de transcodificação que envolvia a substituição de uma sequência de unidades equivalentes"[12] (SNELL-HORNBY, 1988/1995, p. 16);

2) Transmutação ou tradução intersemiótica diz respeito a "[...] interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais" (JAKOBSON, 2007, p. 64-65)[13].

As referidas definições de Snell-Hornby e de Jakobson são apropriadas, primeiramente por apresentar a evolução do conceito de língua e de tradução e, segundo por envolver signos verbais e não-verbais. Considerando-se isso, pode-se notar que as diferentes leituras de *Frankenstein* têm sido produzidas por meio desses signos, verbais e não-verbais: do romance para o teatro, para o cinema, do teatro para o cinema, e do cinema para outras áreas da cultura popular, incluindo as histórias em quadrinhos (HQs). Todas essas adaptações são elaboradas em processos intertextuais e interdiscursivos.

Para os conceitos de romantismo e de romance gótico, faço uso das contribuições de Franca Neto e Milton (2009), assim como de Punter e Byron (2004), entre outras fontes. Para a exposição dos aspectos do gótico, referencio os estudos de Botting (1991; 1999).

---

[12] *[...] the text was then seen as a linear sequence of units, and translation was merely a transcoding process involving the substitution of a sequence of equivalent units.* (SNELL-HORBY, 1988/1995, p. 16).

[13] Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes (2007).

Neste trabalho, a estratégia de pesquisa se debruça sobre a abordagem histórico-discursiva (AHD), que enfatiza a análise histórico-contextual em que um acontecimento específico está incorporado. Reisigl e Wodak (2009, p. 90) visualizam o papel importante da estratégia de pesquisa da AHD por contemplar variantes distintas que se interrelacionam; ou seja,[14]

> a abordagem histórico-discursiva considera as relações intertextuais e interdiscursivas entre os enunciados, textos, gêneros e discursos, bem como as variáveis sociológicas/sociais extralinguísticas, a história de uma organização ou instituição e padrões situacionais. (REISIGL; WODAK, 2009, p. 90)

Para esta pesquisa, a AHD é apropriada por estar vinculada à Análise Crítica do Discurso (ACD) e por dar ênfase à pesquisa do contexto sócio-histórico de M.S. e de seu romance *Frankenstein*. É notável que, tanto o texto de partida de 1818 e a sua revisão de 1831 quanto as suas sucessivas versões e adaptações, estão envolvidos em relações intertextuais e interdiscursivas. Destaco a importância do conceito de interdiscursividade para este trabalho, já que os diferentes gêneros discursivos visuais e suas traduções (cinema, séries, HQs, etc.) incorporam e assimilam as características de gêneros escritos - usando, no entanto, estratégias e recursos semióticos diversificados.

Seguem, na subseção 1.5, informações acerca do *corpus* de análise e dos meios de investigação.

1.5 *CORPUS* DE ANÁLISE E MEIOS DE INVESTIGAÇÃO

O *corpus* da pesquisa é composto por seis traduções brasileiras de 1957, [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 e de 2013 - mais especificamente, as cartas iniciais que abrem a narrativa. O *corpus* será analisado em

[14] *The DHA considers intertextual and interdiscursive relationships between utterances, texts, genres and discourses, as well as extra-linguistic social/sociological variables, the history of an organization or institution, and situational frames. […].* (REISIGL; WODAK, 2009, p. 90).

tópicos, conforme explicitado na seção 1.4, a partir da perspectiva dos Estudos Descritivos da Tradução.

Para a análise das cartas do TP, faço uso da edição de 2012, da coleção *Signature Editions*, publicada pela *Sterling Publishing* em parceria com a editora Saraiva, por ser a publicação mais recente do romance da autora.

No que tange aos meios de investigação, a presente pesquisa caracteriza-se como critico-descritiva, documental, histórica e bibliográfica. As fontes pesquisadas são: o *site* da *University of Maryland*, *Romantic Circles* (endereço eletrônico: https://www.rc.umd.edu/), o *site* da *Index Translationum* da UNESCO (endereço eletrônico: http://www.unesco.org/xtrans/), a Biblioteca do Congresso (*Library of Congress* disponível em: www.loc.gov), a Biblioteca do *Worldcat* (endereço eletrônico: https://www.worldcat.org/), a *British Library* (disponível em: https://www.bl.uk/), a Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro (endereço do site: http://bndigital.bn.gov.br/), a Livraria Cultura (disponível em: http://www.livrariacultura.com.br/) e a Livraria *Amazon* (endereço: https://www.amazon.com/).

Na última seção deste capítulo, apresento a organização da tese.

1.6 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, incluindo a introdução e a conclusão, descritos a seguir:

Após este capítulo introdutório, o capítulo 2, "Mary Shelley e seu Contexto Social", trata do contexto sociocultural e histórico da autora e da obra *Frankenstein*", do gênero romance gótico, com destaque aos seus aspectos e aos do romantismo inglês, e os diferentes discursos em *Frankenstein*.

No capítulo 3, intitulado "Recontextualização das Primeiras Publicações de *Frankenstein* no Brasil", descreve a história da disseminação inicial do romance de M. S. na Europa e particularmente no Brasil, a fim de investigar como aconteceu a trajetória editorial da obra de M.S.

O capítulo 4, intitulado "As Cartas de *Frankenstein*" consta de uma síntese das quatro cartas que iniciam o romance. A análise de seis tópicos referentes ao estilo da autora concentra-se em: pronomes

pessoais, pronomes de tratamento, topônimos e antropônimos, adjetivos e advérbios avaliativos a fim de verificar a questão estilística da obra e, em especial, a interação entre os personagens e o teor avaliativo do discurso do personagem narrador, Walton. Por fim, são comparados os resultados desta análise com os dos seis TCs.

O capítulo 5, intitulado "Análise das Cartas Traduzidas de *Frankenstein*", é reservado para a análise comparativa dos seis elementos lexicais do TP em contraste com os dos seis TCs, vertidas por Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto. Examino se as traduções demonstram tendências de domesticação e estrangeirização.

O capítulo 6 "Conclusão" apresenta um retrospecto dos capítulos, resume os resultados alcançados e apresenta sugestões para novas pesquisas futuras na área dos Estudos da Tradução e afins.

2 MARY SHELLEY E SEU CONTEXTO SOCIAL

> A combinação de um romance complexo e uma gama de informações biográficas, que circunscreve a vida de M.S., geram uma infinidade de intenções e sentimentos possíveis que a autora pode ter tido. Presume-se também que *Frankenstein* revela ou trai muitas atitudes diferentes e contrárias que ela pode ter uma posição com relação àqueles ao seu redor. (BOTTING, 1991, p. 75)[15]

2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo trato do contexto sociocultural e histórico de M.S. e do seu romance *Frankenstein*, assim como identifico os aspectos do gótico e da ficção científica no romance, os quais o configuram como fruto de um ambiente social; pois, como é sabido, na literatura os autores e as autoras tendem a expressar os conhecimentos adquiridos, as diferentes ideologias familiares e sociopolíticas, episódios vivenciados, sentimentos próprios e compartilhados pela sociedade e vários discursos que perpassam o pensamento, a fala e a escrita.

Este capítulo está organizado em seis subseções, nas quais abordarei os seguintes tópicos: o contexto sociocultural em que M.S. estava inserta, o gênero romance gótico com destaque aos seus aspectos e aos do romantismo e os diferentes discursos em *Frankenstein*.

O objetivo geral deste capítulo é contextualizar a obra de M.S. na época de sua primeira publicação, destacar as características específicas do texto que acabam por instigar estudos até os dias de hoje e buscar legitimar a hipótese de que não há trabalhos que tenham contemplado a análise das traduções de *Frankenstein* no Brasil, a partir dos Estudos da Tradução e da Análise do Discurso. Este trabalho é assim inédito e

---

[15] *The combination of a complex novel and the mass of biographical information that circumscribes her life generates a plethora of possible feeling and intentions that the author may have possessed. Frankenstein is also presumed to reveal, or betray, many different and opposing attitudes she may have held towards those around her*. (BOTTING, 1991, p. 75).

poderá despertar o interesse para novas pesquisas nestas duas áreas do conhecimento.

2.2 CONTEXTO CULTURAL

A autora inglesa Mary Wollstonecraft Godwin (1797-1851), natural de Londres, reconhecida, mais comumente, pelo nome de Mary Shelley, vivenciou um período de transitoriedade em que aconteciam revoluções sociopolíticas, artísticas e científicas. No ambiente familiar foi inserida no contexto intelectual pelo pai, o escritor político e filósofo William Godwin, pela mãe, a escritora feminista Mary Wollstonecraft e pelo marido, o poeta inglês Percy Bysshe Shelley.[16] Vale salientar que os pais de M. S. atuaram nos campos literário e filosófico no início do romantismo, período esse que "surgiu como uma tendência militante e consciente das artes, na Grã-Bretanha, França e Alemanha, por volta de 1800 (no final da década da Revolução Francesa), e em uma área bem mais ampla da Europa e da América do Norte depois da batalha de Waterloo."[17] (HOBSBAWM, 1962/2015, p. 186). Muitos autores fizeram uso das temáticas desse contexto histórico e social em suas obras, como Wollstonecraft e Godwin, e mais tardiamente, em escritos de M. S., especialmente, no romance gótico *Frankenstein*, publicado, pela primeira vez, em 1818.

[16] Para evitar repetições, nesta tese convenciona-se que o poeta e marido da autora Mary Shelley, Percy B. Shelley, será mencionado como Shelley; visto que o mesmo é conhecido pelo seu último sobrenome.

[17] Tradução de Marcos Penchel e Maria L. Teixeira (2015).

F1 – Mary Shelley, pintura de Richard Rothwell, de 1840.
Fonte: *National Portrait Gallery*

M.S. desenvolveu sua carreira literária no romantismo inglês, entre o empirismo e o racionalismo, momento em que, de acordo com Carter e Mc Rae (1998), "sucederam as revoluções literária e socioeconômico", motivo pelo qual este período é denominado como "a era das revoluções", que acabaram contribuindo para a transformação da sociedade de rural para industrial.[18] (CARTER; MC RAE, 1998, p. 217). Em seus escritos, há a presença da transitoriedade de ideias e de comportamento sociocultural e político.

Além de *Frankenstein*, ao longo de sua vida, a autora M.S. produziu outras obras literárias, tais como: *History of a Six Weeks' Tour* (1817), *Maurice, or the Fisher's Cot* (1820), *Valperga: Or, The Life And Adventures Of Castruccio, Prince Of Lucca* (1823), *The Last Man* (1826), *Lodore* (1835), *Falkner* (1837). Além de editar os trabalhos do

[18] *[...] a literary revolution took place alongside social and economic revolutions.* (CARTER; MC RAE, 1998, p. 217).

Nota da autora: O termo "era das revoluções" foi cunhado por Hobsbawm em sua obra *The Age of Revolution* (1962).

marido Shelley, após o seu falecimento, *Posthumous Poems* (1824) e *Poetical Works* (1839).[19]

Vê-se, na seção de anexos, a exibição de imagens de que a autora de *Frankenstein* escreveu um significativo acervo literário que merece ser investigado por pesquisadores (as) dos Estudos da Tradução e áreas afins.

Basendo-me em diversas fontes bibliográficas, como em *The Routledge History of Literature in English* (1998) e *Literatura Inglesa* (2009), verifiquei que há vários romantismos e que o período romântico na Inglaterra não possui uma demarcação precisa.

Além do mais, tanto Rousseau, Walpole, Coleridge, Wordsworth, Byron entre outros (as) artistas contribuíram para essa vasta tendência literária que se desenvolveu em diferentes lugares e momentos de nossa história. Muitos acontecimentos nessa fase foram decisivos para a história da sociedade britânica e de outras nações, como a publicação de *Riquezas das Nações* (1776), de Adam Smith, na qual constam os princípios da livre concorrência e da livre iniciativa. Houve uma mudança progressiva do acúmulo de posses e poder, da aristocracia do campo para os industriários de larga escala. O antigo agricultor foi empregado nas áreas urbanas, passando a pertencer à classe trabalhadora operária.

Consequentemente, as transformações sociais e políticas da revolução industrial (RI) foram atingindo tanto as paisagens geográficas quanto a vida da população rural e urbana que, em razão da mecanização do trabalho no campo e nas fábricas, teve que enfrentar o desemprego, gerando conflitos e descontentamento. Conforme Carter e Mc Rae (1998), "a RI se equiparou às revoluções de ordens políticas [...]" e "a Grã-Bretanha estava em guerra durante quase todo o período

[19] Na seção de apêndice, está inserida uma lista mais completa dos principais trabalhos de M. S.

Maurice, or the Fisher's Cot é a única história infantil da autora. Esta obra foi escrita em 1820 por M.S e publicada apenas em 1998. No Brasil, a história foi intitulada *Maurício: ou a cabana do pescador* (2014), tradução de Luciana Viegas, pela editora Graphia.

romântico, resultando em instabilidade política".[20] (CARTER; MC RAE, 1998, p. 218). No entanto, os conflitos e mudanças sociais britânicos ocorreram de maneira gradual, se diferenciando da França que enfrentou mudanças bruscas e "radicais" no decorrer da Revolução Francesa, cujo lema "igualdade, liberdade, e fraternidade" acabou por motivar a sociedade britânica, em especial, os intelectuais daquele país de modo a beneficiar o avanço da classe média por apresentar uma proposta igualitária e fraterna que objetivava o combate tanto à injustiça quanto à repressão aos trabalhadores da classe operária.

Pude observar que o período romântico pode, de fato, ser referenciado como a "era das revoluções", posto que a sociedade britânica e outras comunidades presenciaram diversas disputas, a saber: entre 1793 e 1815, sob o comando do então imperador Napoleão Bonaparte, a guerra com a França, perdida na batalha de Waterloo, em 1815; entre 1811 e 1812, manifestações ludistas contra a iniciativa de mecanização do trabalho advinda da RI; o massacre de Peterloo, cuja manifestação tinha como objetivo a reforma parlamentar, em 1819 ; o ato de reforma que conferiu o direito ao voto aos homens da classe média, em 1832; a coroação da rainha Victória, em 1837.

Em meio aos numerosos acontecimentos, o Reino Unido, mais precisamente a Inglaterra e os Países Baixos, foi se modificando, em especial, pela RI (1760-1840) que foi aludida como o momento de transformação da economia agrícola e marítima para a industrialização, particularmente, sob o eixo das fábricas.[21] A mecanização do trabalho provocou certos desconfortos e insatisfações nos trabalhadores rurais e marítimos, culminando nas manifestações ludistas, por volta de 1811, em que operários têxteis da Inglaterra do Norte combateram as fábricas recém-abertas e as maquinagens que para eles "tiraram" muitos empregos.

No decorrer da primeira fase da RI, a maioria das invenções sucedeu de maneira mecânica e propiciou a construção de fábricas,

---

[20] *The Industrial Revolution paralled in the political order […] Britan was at war during most of the Romantic period, with a resultant political instability.* (CARTER; MC RAE, 1998, p. 218).

[21] Período da revolução industrial delimitado por Deane, em *The First Industrial Revolution*. (1979, p. vii).

aumento da produção e dos lucros, para salientar algumas delas, têm-se, por exemplo: máquinas a vapor, como a locomotiva e o barco; os teares hidráulico e mecânico. Para Lipsey, Carlaw e Bekar (2005), "muitas das invenções não mecânicas, de outros setores, eram baseadas no empirismo e na experiência do erro sem uma sólida sustentação científica".[22] (LIPSEY; CARLAW; BEKAR, 2005, p. 254).

No mundo literário, muitas produções eram lançadas sob as temáticas sociopolíticas da sociedade, como *Rights of Man* (1791), de Tom Paine, e *Reflections on the Revolution in France* (1790), de Edmund Burke. No final dos anos de 1790, Godwin teve um papel importante nesse período por proporcionar reflexões críticas em poetas e autores (as) como Shelley e Wordsworth, os quais, como declara Carter e McRae, "defendiam a revolução gradual para a remoção da pobreza e distribuição igualitária de toda a riqueza".[23] (CARTER; MCRAE, 1998, p. 219). Por assim dizer, a autora M.S. é originária de um momento histórico em transição, em que a sociedade passava por mudanças sociopolíticas e ideológicas, em que o empirismo começava a ser questionado pelo racionalismo.

Neste capítulo, contemplo a primeira fase da RI, em especial, o início do século XIX, em que a autora viveu e produziu o romance *Frankenstein*, obra híbrida com características do romantismo inglês, como a narrativa em formato epistolar, e da ficção gótica, cujo tema da criação do "monstro" abarca a ficção científica.

Em seguida, as origens da literatura gótica são abordadas e discuto sobre quais foram os (as) autores (as) pioneiros (as) desse movimento, suas obras e sobre as temáticas existenciais abordadas por M. S.

2.3 LITERATURA GÓTICA

Segundo Punter e Byron (2004, p. 169), as origens da literatura gótica inglesa remetem ao autor Horace Walpole (1717-1797),

[22] *Many of the non-mechanical innovations in other sectors were based on empirical trial and error without a strong scientific underpinning.* (LIPSEY; CARLAW; BEKAR, 2005, p. 254).

[23] *[...] advocated a gradual evolution towards the removal of poverty and the equal distribution of all wealth.* (CARTER; MCRAE, 1998, p. 219).

reconhecido como um dos fundadores do gótico, no século XVIII, pela publicação do romance *O Castelo de Otranto* (1764), texto repleto de mistério e de "elementos do imaginário medieval no contexto do Racionalismo do século XVIII como uma revolta à estética clássica." (FRANCA NETO; MILTON, 2009, p. 257). A obra de Walpole selou o início de uma série de textos que obteve êxito a partir do final do século XVIII até o início do século XIX. A literatura do século XVIII caracterizou-se pela pluralidade de expressões literárias que se sobrepunham e se influenciavam a ponto de favorecer o estabelecimento da prosa narrativa como forma literária na Grã-Bretanha, durante a "Idade da Razão".

Em *The Gothic* (2004, p. 20), Punter e Byron informam que o gênero "romance gótico" proveio dos romances medievais e revelou-se, particularmente, no período em que a sociedade se alterava em decorrência de diversos fatores, em especial, do processo de industrialização e do início do avanço tecnológico e científico.

Retomo a questão de que o fenômeno de industrialização induziu a mudança gradual da sociedade britânica, de rural à industrial, ocasionando, assim, o êxodo rural, ou seja, os camponeses começavam a deixar o campo e seguiam em direção às áreas urbanas e industriais. A sociedade britânica estava engajada com o pensamento iluminista, iniciado na França, no século XVII, ideia que pregava que a razão e a ciência ameaçavam os dogmas da Igreja, em especial, a fé pelo divino, e, em decorrência do processo de urbanização e industrialização, os empregadores necessitavam de profissionais mais qualificados, como os que operavam e consertavam máquinas.

Parafraseando Punter e Byron (2004, p. 20), o capitalismo incitou (e ainda incita) o isolamento e a alienação do indivíduo, considerando que à medida que o mercantilismo ia afastando os trabalhadores dos produtos que geravam, os centros urbanos os distanciavam da vida no campo. Em linhas gerais, pode-se concluir que a RI foi uma revolução tecnológica que desencadeou uma série de mudanças na estrutura da sociedade, na organização trabalhista, no ambiente familiar, nas ideologias e na visão de mundo naquela época.

Considerando-se que a literatura, expressão artística e criativa, sempre foi utilizada como veículo de representação dos sentimentos e das preocupações da sociedade, particularmente, a ficção gótica abordava e criticava o pensamento iluminista, as revoluções francesa,

americana e industrial, as quais podem ter sido "oportunidades" para a reorganização da ordem social e para propiciar uma posição na sociedade para todos os indivíduos.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, a literatura gótica expunha a contrariedade de uma parcela da sociedade com relação à razão exacerbada, aos medos e às ansiedades que assombravam a sociedade britânica. Para Lederer e Ratzan, o romance *Frankenstein* pode ser considerado híbrido por conter características de "vários gêneros literários, história romântica, o romance epistolar, o gótico e histórias de viagens, abordando temas da ciência contemporânea e desenvolvimentos nas áreas da física, química e medicina. "[24] (LEDERER; RATZAN, 2005, p. 455). Deste modo, posso inferir que *Frankenstein* é um texto de várias possibilidades de interpretações e apresenta nuances do pensamento romântico e ideias além do tempo em que ele foi produzido e publicado.

A autora M. S. apresenta inquietações da humanidade, como a questão do isolamento e da alienação humana, a condição feminina na sociedade, a criação de uma criatura meio humana, composta de partes de cadáveres, prenunciando assuntos das áreas da Ciência e Biologia, como a clonagem animal e implante de órgãos, questões abordadas e pesquisadas, sistematicamente, a partir do final do século XIX.

Há muito tempo as obras impressas, filmes e outras formas de representações de histórias góticas têm sido apreciadas por multidões de pessoas de diferentes faixas etárias, níveis sociais e intelectuais.

O elemento "terror" sempre esteve presente e, normalmente, há figuras fantasmagóricas que assombram alguns personagens das narrativas góticas, tudo isso envolvido pelo clima de mistério.

Outros elementos que caracterizam determinados trabalhos como góticos são: locais desertos e de natureza selvagem; cenários escuros ou com penumbras; túmulos; cadáveres; maldições familiares; segredos; poderes sobrenaturais; criaturas monstruosas; castelos, mansões, construções abandonadas e antigas; passagens secretas; pesadelos; loucura; distúrbios psíquicos; mau uso da ciência; tempestades; abismo; alpes; passagens secretas e subterrâneas; luas cheias; etc.

---

[24] *[...] several literary genres – the romance, epistolary novel, the Gothic, travel stories – into which Shelley wove ideas from contemporary scientific workers and developments in physics, chemistry, and medicine.* (LEDERER; RATZAN, 2005, p. 455).

Botting (1999, p. 40) destaca que os anos de 1790, em que a autora M. S. nasceu (1797), deveriam ser classificados como a "década da ficção gótica", pois configurou-se como o momento histórico de elevada quantidade de criação e consumo de trabalhos desse gênero literário. Para Botting, os elementos que remetiam ao terror estavam em ascensão naquela época, isto é,

> [...] as histórias góticas "desordenavam" as revistas literárias, os romances de quatro e três volumes, de capas baratas de papelão, enchiam as prateleiras das bibliotecas circulantes e encontravam lugares em quartos de empregados, assim como em salas de estar. [...].[25] (BOTTING, 1999, p. 48).

O extrato supracitado exemplifica que as obras góticas estavam presentes em diversos meios e/ou ambientes, propagando o elemento terror como simbologia das incertezas e ansiedade acerca da revolução francesa e do radicalismo político, os quais podiam ser visualizados como um movimento avassalador que desestabilizava a sociedade britânica.

Em *Gothic* (1999, p. 40), Botting disponibiliza possibilidades de interpretações das representações de cenas góticas violentas, da paixão maximizada e das ameaças dos vilões aos ambientes domésticos, ou seja, para o autor, esses elementos podem ser classificados como metáforas políticas e literárias do medo e da ansiedade da sociedade daquele contexto sócio-histórico. Em linhas gerais, o gótico se manifestava como forma de expressão dos anseios e da insegurança pelo desconhecido que era experimentado pela sociedade no final do século XVIII e início do século XIX.

O estilo gótico era retratado, metaforicamente, como a obscuridade que alarmava os valores neoclássicos por contrariar as ideias das formas simétricas, da razão e do conhecimento.

---

[25] *[...] Gothic stories littered literary magazines, three-and four-volume novels filled the shelves of circulating libraries and, in their cheap card covers, found their way into servants' quarters as well as drawing rooms. [...]*. (BOTTING, 1999, p. 48).

As referidas inquietudes eram expressas como metáforas das sombras, que eram contempladas "[...] entre as principais características das obras góticas, as quais estabeleciam os limites necessários para a constituição de um mundo iluminado e delineavam as limitações das percepções neoclássicas".[26] (BOTTING, 1999, p. 21). Enfatizo que os (as) autores (as) do gênero em questão expressavam os desassossegos da sociedade nos campos políticos, científicos e religiosos em um turbilhão de sentimentos contrários, exagerados e/ou desconexos representados, metaforicamente, pelos elementos da natureza, tais como: a escuridão, as trevas, a noite, as ruínas, entre outros.

Dentre as concepções dos poetas da *Graveyard School of Poetry*, ainda em Botting (1999, p. 21), observei que o elemento "escuridão", de forma metafórica, desempenhava a função de agente ameaçador da luz da razão diante do desconhecido e/ou estranho e as "trevas" aglomeravam os conhecimentos de cunho formal e uniformizavam a proposta obscura. Em consequência, o clima de mistério era recorrente pela incerteza de determinados personagens e o racionalismo era ausente entre aqueles que exibiam paixões e quaisquer emoções. O elemento "noite" permitia a manifestação do maravilhoso e da imaginação, ao passo que as "ruínas" remetiam a testemunhas do fenômeno temporal indo, dessa maneira, além da compreensão racional.

Conforme descrevo no subcapítulo 2.4, na obra de M. S. há a presença dos elementos góticos que representam a obscuridade, o mistério, o desconhecido, a possibilidade de um acontecimento fatídico. Além de haver personagens típicos da ficção gótica, em *Frankenstein* encontram-se as figuras de jovens angustiados, como o cientista Frankenstein e o camponês Felix De Lacey, as de caráter íntegro, Elizabeth Lavenza, Justine Mortiz e a árabe Safie, e o perseguidor impiedoso e vingativo, na figura da criatura. O público pode, ainda, detectar outros aspectos, a saber: o quarto de Frankenstein, que servia de laboratório para ele; alpes e/ou montanhas; tempestades; o diário de Frankenstein; pesadelos; assassinatos etc.

As metáforas e os elementos góticos eram as grandes representações das preocupações, dos descontentamentos e receios da autora e da sociedade britânica do século XIX. Os símbolos usados por

---

[26] *[...] among the foremost characteristics of Gothic works. They marked the limits necessary to the constitution of an enlightened world and delineated the limitations of neoclassical perception. [...]*. (BOTTING, 1999, p. 21).

M. S. tendiam a expressar os sentimentos e sensações acerca do regime político, dos comportamentos dos indivíduos frente à camada desfavorecida daquela sociedade, aos avanços científicos e tecnológicos. Pode-se notar que as alegorias presentes em *Frankenstein* eram envoltas por diferentes discursos que poderiam ou não influir a opinião pública.

Para exemplificar alguns exemplos de metáforas e alegorias, em minha leitura e análise da obra da autora, observei que os ciclos das estações do ano e do dia, metaforicamente, representam os sentimentos e ações dos personagens, tais como: a primavera espelha a crença da criatura em se tornar amiga e/ou membro da família dos camponeses De Lacey; o verão reflete a impulsividade de Frankenstein ao produzir a criatura "meio humano" e "meio artificial" sem considerar os efeitos daquele ato; o outono expressa o momento de destruição e/ ou de transformação, em que o cientista decide destruir o ser feminino artificial criado por ele que seria companheira da criatura; por fim, o inverno denota tanto a desolação sentida por Frankenstein em decorrência da ruína de seu casamento, pois a criatura assassina a noiva Elizabeth, quanto o sentimento de rejeição experimentado, duas vezes, pelo "monstro".

Há as metáforas situacionais, como as montanhas, as geleiras, o mar congelado, as tempestades, o sol, o vento e a névoa que de elementos naturais se tornam em cenários.

A figura da criatura tem recebido diversas interpretações, como o Prometeu Moderno, Satanás e como símbolo do pensamento revolucionário, sobre o qual Tom Geoghegan, da BBC News Magazine, salienta que " foi dissipado pela Europa nos anos de 1790, mas havia se esgotado, amplamente, quando Shelley escreveu o romance".[27] (GEOGHEGAN, 2011, s/p). De fato, a reação violenta da criatura "rejeitada" pelo cientista pode ser associada a Revolução Francesa, momento de mudanças, resistências e de opressões.

Em *Murdering to Dissect: Grave-robbing, Frankenstein and the Anatomy Literature*, Tim Marshall considera o romance de M. S. como

[27] *[...] which had swept through Europe in the 1790s, but had largely petered out by the time Shelley wrote the novel.* (GEOGHEGAN, 2011, s/p). Matéria intitulada "Frankenstein: 10 possible meanings" publicada em 14 de março de 2011 e disponível em: http://www.bbc.com/news/magazine-12711091. Último acesso em agosto de 2017.

"alegoria da sociedade civil em um quadro do início do século XIX" por "mapear as mudanças no clima ideológico da Inglaterra culminadas no estabelecimento político de 1832".[28] (MARSHALL, 1995, p. 230). Assim como a mãe de Frankenstein, Caroline Beaufort, em seu leito de morte, induz o filho a selar a promessa de se casar com a "meio-irmã" Elizabeth, ato este que poderia ser denotado como uma postura filantrópica, em que os mais abastados ampariariam os necessitados. (MARSHALL, 1995, p. 230).

Em linhas gerais, é possível compreender que a narrativa gótica abarca discursos específicos e que esse tipo textual é "emergente das questões específicas da revolução industrial inglesa e da Revolução Francesa, constitui-se em máquina textual criadora de monstros multifacetados", sendo o romance *Frankenstein* uma das obras "de peso" representantes desse movimento. (MAGALHÃES, 1997, p. 306-07). De fato, a literatura gótica está imbuída de vozes discursivas, revestidas de figuras monstruosas que caracterizam certos indivíduos e situações conflitantes enfrentadas pela sociedade e, como constatou Magalhães (1997), "coincidentemente", o personagem da criatura acaba sendo o "reflexo da estrutura narrativa de *Frankenstein*, composta pelo encaixamento das narrativas [...]" do cientista e da criatura por meio das correspondências de Walton para a irmã Margareth Saville. (MAGALHÃES, 1997, p. 307). É interessante a consideração de Magalhães sobre a relação da estrutura da criatura com a da narrativa da obra.

A alusão à estrutura da criatura tem sido feita por diferentes pesquisadores (as) de distintas áreas do conhecimento, tal qual o caso do dinossauro Frankenstein relatado na matéria "Frankenstein dinosaur mystery solved" (2017), de Pallab Ghosh, da BBC News. O artigo relata pesquisas que revelam o "mistério" do *background* familiar desse animal já extinto que apresentava em sua estrutura corporal membros de três espécies de dinossauros.[29] Por assim dizer, até nos dias atuais,

---

[28] *[...] an allegory of civil society in an early nineteenth-century time frame. […] charts the changes in England's ideological climate which culminate in the political settlement of 1832*. (MARSHALL, 1995, p. 230).

[29] Maiores informações sobre a matéria "Frankenstein dinosaur mystery solved" estão disponíveis no endereço eletrônico: http://www.bbc.com/news/science-environment-40890714. Último acesso em agosto de 2017.

alusões são realizadas tanto ao nome do cientista do romance de M. S. quanto à estrutura física da criatura "monstruosa", mostrando o paradoxo da dualidade existente entre esses dois personagens que, em determinado momento, se fundem em apenas um ser.

Na subseção seguinte, continuo a tecer o panorama histórico, social e cultural de M. S., em especial, identifico os aspectos do gótico e da ficção científica no romance, em questão, que o configuram como fruto de um ambiente social.

2.4 *FRANKENSTEIN*: ROMANCE FRUTO DE UM AMBIENTE SOCIAL

Discutirei aqui, como *Frankenstein* é percebido como fruto de um ambiente social por apresentar características góticas que sinalizam algumas circunstâncias do ambiente social da autora que devem ter motivado a criação dessa obra. Algumas dessas características que perpassam o romance são: 1) o incesto; 2) a ciência; 3) o duplo; 4) a monstruosidade; 5) o sublime; 6) as figuras da vítima e do vilão. Contudo, a autora evitou o padrão da escrita gótica ao aclamar questionamentos de ordem filosófica, existencial, moral, política e educativa, e não enaltecendo o sobrenatural.

Os referidos temas visíveis no romance devem responder ao questionamento sobre o motivo pelo qual *Frankenstein* se tornou um clássico e continua sendo lido e pesquisado até os dias atuais por chegar a nós "trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)".[30] (CALVINO, 1991/2007, p. 11). Para facilitar a compreensão da leitura e organizar a apresentação de cada uma das características apontadas no parágrafo anterior, a seguir, as exponho em subseções:

2.4.1 O Incesto

O primeiro aspecto a ser descrito é o "suposto" incesto na história que pode ser notado em três situações, são elas:

[30] Tradução de Nilson Moulin (2007).

a) Na relação do navegador Robert Walton com a irmã Margaret Saville;
b) Na relação do personagem Victor Frankenstein com a irmã adotiva, Elizabeth Lavenza, a qual foi prometida em casamento a ele. Ressalto que na primeira publicação de 1818 Elizabeth era prima de Frankenstein, pois a mãe dela era irmã de Alphonse Frankenstein, e na edição revisada de 1831 os dois personagens eram irmãos "do coração", em razão de Caroline Beaufort Frankenstein, mãe de Frankenstein, ter adotado a garota;
c) Na relação entre Caroline Frankenstein como mãe, filha e esposa; para exemplificar, em um dado momento do sonho que o personagem Frankenstein teve, ele acabou beijando Elizabeth, a qual se transformou na imagem cadavérica da mãe.

A seguir, exibo o excerto do capítulo 5 do romance, em que Frankenstein conta que estava desesperado por ter criado um ser grotesco e quando ele adormeceu, teve uma alucinação:

> [...] dormi, sim; mas acossado pelas minhas mais selvagens visões. Pensava ser Elizabeth, no frescor de sua juventude, caminhando pelas ruas de Ingolstadt. Maravilhado e surpreso, eu a abraçava, mas tão logo lhe dava o primeiro beijo nos lábios, eles empalideciam nas tintas da morte; seu semblante se transformava, e então sentia segurar em seus braços o cadáver de minha mãe morta; uma mortalha a envolvia, e os vermes rastejavam pelas dobras do tecido.[31] (SHELLEY, 2013, p. 80).

[31] N.A.: Nesta tese, utilizo a tradução de Gambarotto, de 2013, pela editora Hedra, por ser a mais recente.

[...] I slept, indeed, but I was disturbed by the wildest dreams. I thought I saw Elizabeth, in the bloom of health, walking in the streets of Ingolstadt. Delighted and surprised, I embraced her, but as I imprinted the first kiss on her lips, they became livid with the hue of death; her features appeared to change, and I thought that I held the corpse of my dead mother in my arms; a shroud enveloped her form, and I saw the grave-worms crawling in the folds of flannel. (SHELLEY, 2013, p. 43).

No excerto exposto, é provável que nessa parte da narrativa o (a) leitor (a) tenha a visão imediata de incesto; mas, ao mesmo tempo, a suposição da descrição pode ser reinterpretada de forma diversa, se for considerado que Frankenstein estava desolado e/ou horrorizado pelo seu ato a tal ponto que se lembrou, de forma desconexa, das duas pessoas que ele mais amava: a mãe falecida e a noiva.

No romance, a suposição mais direta/clara de incesto ocorre na passagem discutida acima. A relação entre Walton e Margaret e de Frankenstein com a noiva/irmã adotiva, Elizabeth, pode não ser um ato incestuoso para uma determinada cultura, mas poderá ser para aquele que julgar inaceitável o casamento entre irmão e irmã adotivos e a relação afetiva entre irmãos que são confidentes um do outro.

O incesto foi um tema recorrente no período do romantismo, em particular, na ficção gótica, em que diversos (as) autores (as) abordaram as relações incestuosas entre pai e filha, entre irmão e irmã e entre prima e primo, tais como: Ann Radcliffe, Emily Brontë, Virginia Woolf, entre outras (os) autoras (es).

O romance de M.S. se sustenta por expor "as manifestações anormais e monstruosas da relação de pai e filho (a) " nos quais a autora introduziu a proposta de "transformar a temática romântica padrão do incesto, de infanticídio e patricídio em fantasmagórica do quarto de crianças".[32] (MOERS, 1976, p. 99). O tema do incesto em *Frankenstein* tem despertado diferentes interpretações e/ou especulações; tal qual o fato de a autora ter se sentido culpada por ter sofrido aborto em sua primeira gestação ou por ter se frustrado e nutrido o desejo de ter o filho "morto" de volta.

No decorrer desta tese, quando excertos do romance *Frankenstein* forem exibidos, todas as traduções são de Bruno Gambarotto (2013), por ser uma das edições brasileiras mais recentes.

[32] *[...] the abnormal, or monstrous, manifestations of the child-parent tie [...] to transform the standard Romantic matter of incest, infanticide, and patricide into a phantasmagoria of the nursery. [...].* (MOERS, 1976, p. 99).

2.4.2 A Ciência

Este é um dos temas mais referenciados até nossa atualidade, no romance o personagem Frankenstein representa a própria ciência que estava em processo de novas descobertas e experimentações e o personagem da criatura, o resultado dos experimentos científicos, pautados em Luigi Galvani, médico cirurgião, o qual testava os efeitos da eletricidade em animais e em cadáveres humanos.

Em razão dessas experimentações, Galvani e seus companheiros pesquisadores tinham consciência de que "os choques elétricos produziam espasmos violentos e especulavam que a eletricidade podia causar contrações musculares."[33] (BROWN, 2010, s/p). Na introdução à edição revisada de 1831, M. S. expôs ao público o teor das conversas entre Shelley e Lord Byron sobre o princípio da vida, a teoria do evolucionismo de Erasmus Darwin e do galvanismo. Nas palavras da autora:

> [...] falaram sobre os experimentos do dr. Darwin (não me refiro ao que o doutor realmente fez, ou disse que fez, mas, segundo o que aqui me interessa, àquilo que então se falava que havia feito), que reservou um pedaço de aletria em um vidro até que, de maneira extraordinária, esta começou a se mover como que por vontade própria. Não era assim claro, que a vida seria dada. Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo havia oferecido pistas nesse sentido: talvez os componentes de uma criatura pudessem ser fabricados, montados e dotados de calor vital[34]. (SHELLEY, 2013, p. 29).

---

[33] *[...] electrical shocks produced violent spasms and speculated that electricity might cause muscular contractions.* (BROWN, 2010, s/p).

[34] *[...] They talked of the experiments of Dr. Darwin, (I speak not of what the Doctor really did, or said that he did, but, as more to my purpose, of what was then spoken of as having been done by him,) who preserved a piece of vermicelli in a glass case, till by some extraordinary means it began to move with voluntary motion. Not thus, after all, would life be given. Perhaps a corpse would be re-animated; galvanism had given token of such things: perhaps the*

A partir do excerto supracitado, pode-se afirmar que M. S. deve ter se motivado a criar o personagem da criatura e a relatar os procedimentos científicos do cientista Frankenstein sob o viés da teoria do evolucionismo, do galvanismo e da investigação de Giovanni Aldini sobre os efeitos da eletricidade em animais e em corpos humanos. Entretanto, no prefácio de 1818, Shelley afirmou que, apesar da história abordar esses métodos científicos, não significa que a autora compactuava com tais experimentos.

2.4.3 A Dualidade (*Dopplegänger*)

O terceiro aspecto gótico retratado pela autora diz respeito ao tema do duplo, em que os personagens Frankenstein e a criatura se fundem entre o Bem e o Mal, como se ambos fossem apenas um ser. Essa tendência do duplo na literatura gótica pode ser considerada como uma representação da psique dos personagens em razão de medos e inquietações não resolvidos e/ou para demonstrar que a humanidade era regida por essa bipolaridade, que o lado obscuro se rebelava ao haver algum tipo de contrariedade, rejeição e pressão psicológica.

Uma série de estudos acerca do tema da dualidade na literatura tem sido desenvolvida como o ensaio "Narcissism and Beyond: A Psychoanalytic Reading of Frankenstein and Fantasies of the Double" (1986), em que aborda "os estudos recentes sobre o duplo na literatura reconhecem a sua mudança no período romântico, de um motivo sobrenatural para uma função psicológica cada vez mais auto-consciente".[35] (JACKSON, 1986, p. 44)

Já na tese de doutorado intitulada "Lygia Fagundes Telles: Imaginário e a Escritura do Duplo" (2002), Berenice Sica Lamas verificou que "o duplo identifica o limiar entre real e supra-real, racional e irracional, vida e morte, trazendo a estranheza de todas as nuanças entre estes e outros pólos" (LAMAS, 2002, p. 14). A presença recorrente desse elemento gótico se torna evidente, no texto, por meio

---

component parts of a creature might be manufactured, brought together, and endued with vital warmth. (SHELLEY, 2012, p.xxvi).

[35] *[...] recent studies of the Doppelganger in literature have acknowledged its shift in the Romantic period from a supernatural motif to an increasingly self-conscious psychological function*. (JACKSON, 1986, p. 44).

da criação monstruosa, como uma representação expressiva, que concretiza as incertezas acerca das possibilidades da ciência, inquietações essas que retratam os sentimentos da sociedade inglesa naquele início de século, os quais eram exteriorizados de maneira simbólica pelo processo criativo dos (as) artistas daquele movimento literário.

Segundo as considerações de Vasconcelos, esses sentimentos, de fato, retratavam o contexto político-social daquela época:

> O surgimento do romance gótico tingiu o mundo claro e racional do Iluminismo e dos valores humanistas com os temores e ansiedades inerentes às mudanças dramáticas que ocorreram como resultado dos processos de industrialização e urbanização, das revoluções políticas e das novas formas de organização social e familiar. (VASCONCELOS, 2011, p. 313-14).

Por outro lado, Rank (2013) considera que por meio do fenômeno do duplo, pode-se visualizar "a imagem idêntica à do protagonista, até nos mínimos traços, como nome, voz e indumentária", no caso de *Frankenstein* há personalidades e sentimentos que se confundem e se assemelham. (RANK, 2013, p. 60). O resultado dessa duplicidade é a turbulência de acontecimentos fatídicos. Rank também observa que o desequilíbrio do (a) personagem pode ser um problema e que "a relação com a mulher vira uma catástrofe, que pode acabar em suicídio – como consequência indireta da morte planejada para o perseguidor incômodo." (RANK, 2013, p. 60). É o que o público leitor evidencia no romance de M. S., ou seja, mortes de membros da família Frankenstein e o compartilhamento do Bem e o Mal entre o cientista e a criatura, os quais representam os dois opostos conflitantes da personalidade humana.

Esses personagens são duas individualidades, no entanto ambos compactuam de uma relação "obsessiva" de interdependência. Essa fusão dos dois pode ser um dos motivos pelo qual o público tende a utilizar o nome Frankenstein em referência a criatura e que o cientista acaba parecendo um ser sem nome (sem identidade).

A presença do duplo é um fenômeno recorrente na literatura, como em *O morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë, *Jane*

Eyre (1847), de Charlotte Brontë, *O Médico e o Monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, *O Retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, *O Papel de Parede Amarelo* (1891), de Charles Perkins Gilman, entre outros.

Para Donne (2007), a obra de M. S. é a representação do ambiente social do século XIX, pois "[...] Frankenstein e sua criatura [...] são o duplo um do outro, se destacam como uma metáfora dos males decorrentes do Iluminismo, de uma família disfuncional, da reprodução assexuada e, por fim, sem controle" (DONNE, 2007, p. 23). Isto é, tem-se a concepção de que *Frankenstein* pode ser, de fato, percebido como um romance fruto do ambiente social por existir no texto elementos e/ou acontecimentos, de ordem sociopolítico, cultural e familiar, semelhantes à vida da sociedade britânica do século XIX, os quais o caracteriza como tal.

2.4.4 A Monstruosidade

Em linhas gerais, no romance gótico inglês, a imagem do duplo perverso, o Mal da humanidade, era simbolizada, metaforicamente, por meio da monstruosidade com o objetivo de denunciar problemas e ansiedades de ordem sociopolítica. Dessa forma, pode-se inferir que os romances góticos tinham a função de alertar o público leitor "sobre os perigos das transgressões sociais e morais se apresentando da maneira mais sombria e ameaçadora"[36] (BOTTING, 1999, p. 5). A monstruosidade em *Frankenstein* pode ser visualizada como metáfora da degradação psicológica e moral do cientista Frankenstein, o qual criou seu próprio ser, meio humano e meio monstruoso, e ao longo da história é perceptível que ele vai se assemelhando à criatura.

Schneider acredita que tanto Frankenstein quanto a criatura são monstros, pois não respeitaram as normas vigentes na sociedade; entretanto, "a criatura atravessa os limites da vida e da morte e da humanidade e da bestialidade, enquanto que Victor cruza o limite do

[36] *[...] warning of dangers of social and moral transgression by presenting them in their darkest and most threatening form. [...].* (BOTTING, 1999, p. 5).

humano e do divino".[37] (SCHNEIDER, 2015, p. 4). De fato, o ser criado por Frankenstein é proveniente de partes cadavéricas, "ganhou" vida e se humanizou a partir do contato e observação do comportamento humano, mas a animalidade acabou o dominando por ter sido rejeitado pelo seu criador. O público leitor pode notar que o cientista ultrapassou a ética e a moral ao "brincar" de ser Deus, visto que ao conceder vida a um ser inanimado, ele não respeitou as leis naturais da criação e os dogmas da igreja.

2.4.5 O Sublime

Com relação ao contato do homem com a natureza, nos romances góticos a descrição da natureza é regada de recursos que causam inquietação e terror no público. Para Sá (2010), "a natureza [...] se reveste de um certo terror, cujo efeito é alcançado por uma retórica do excesso, uma linguagem hiperbólica com ênfase adjetival que torna o cenário grandioso e intimidante". (SÁ, 2010, p. 38). Em *Frankenstein*, essa tendência da literatura gótica é perceptível, para exemplificar esse fato, o (a) leitor (a) pode detectar que M. S. descreve as mudanças das estações do ano e dos fenômenos da natureza, exaltando o sublime como recurso para provocar o mistério e o terror.

De fato, pode-se observar que o sublime era, possivelmente, utilizado para alertar o público que haveria algum acontecimento terrível ou que fortes emoções seriam externizadas, nas palavras de Edmund Burke:

> O que serve de certa forma para incitar as ideias de dor e perigo, isto é, qualquer coisa que seja de certa forma terrível, ou relacionada a objetos terríveis, ou opera de maneira análoga ao terror, é uma fonte do sublime; ou seja, é produtora da mais forte emoção que a mente é capaz de sentir. Eu disse a mais forte emoção, pois estou satisfeito por as ideias de dor serem muito mais poderosas

[37] *[...] The creature crosses the border between life and death, and humanity and bestiality, while Victor crosses the border between the human and the divine. [...].* (SCHNEIDER, 2015, p. 4).

> que aquelas que entram na parte do prazer. […].[38] (BURKE, 2009, p. 39).

Em *Frankenstein* o Sublime, também, serviu de bálsamo para o cientista e a criatura, pois ambos procuravam a natureza sempre que se sentiam angustiados, seja quando a criatura foi abandonada, amaldiçoada e contrariada pelo seu criador, ou quando o cientista se sentiu culpado e deprimido pelas grandes perdas em sua família e por ter sido o responsável por todos os infortúnios que ele, o amigo Clerval, a empregada Justine e seus familiares sofreram.

Em contrapartida, há momentos na narrativa em que as descrições da natureza causam mistério, suspense e medo no público leitor como quando o narrador descreve o mau tempo para se referir a aparência e aos atos da criatura. Transcrevo, a seguir, o momento em que Frankenstein finalizou a sua criação e o "monstro" despertou:

> Era uma noite pavorosa de novembro quando cheguei à consumação de meus esforços. Ansioso a ponto da agonia reuni ao meu redor os instrumentos com os quais infundiria uma fagulha de ser nas formas sem vida que jaziam a meus pés. O relógio marcava uma da manhã; a chuva batia terrível contra a janela, e minha vela quase derretia por completo quando, ao bruxulear de uma luz que quase se esgotava, vi os olhos baços, amarelados, da criatura se abrirem; ela resfolegava; e convulsões agitavam seus membros.[39] (SHELLEY, 2013, p. 79).

---

[38] *Whatever is fitted in any sort to excite the ideas of pain, and danger, that is to say, whatever is in any sort terrible, or is conversant about terrible objects, or operates in a manner analogous to terror, is a source of the sublime; that is, it is productive of the strongest emotion which the mind is capable of feeling. I say the strongest emotion, because I am satisfied the ideas of pain are much more powerful than those which enter on the part of pleasure. […]* (BURKE, 2009, p. 39).

[39] *IT was on a dreary night of November, that I beheld the accomplishment of my toils. With an anxiety that almost amounted to agony, I collected the instruments of life around me, that I might infuse a spark of being into the lifeless thing that lay at my feet. It was already one in the morning; the rain*

Nesse excerto, pode-se perceber que a agonia e o clima de mistério foram aumentando ao longo da descrição dos fenômenos da natureza até o despertar da criatura, naquele instante a luz quase já se ausentava no laboratório do cientista.

Em sua obra, M. S. descreveu a natureza como, aparentemente, generosa e traiçoeira, capaz de fascinar pela sua beleza e, ao mesmo tempo, destruir violentamente. No romance cada elemento da natureza simboliza aspectos importantes sobre os personagens, suas experiências e seus anseios, tais como: luz, fogo, noite, chuva, relâmpago, estações do ano, neve, montanhas, entre outros.

Em *O Mito Moderno da Natureza Intocada* (2001), Diegues contempla a função dos escritores românticos, no início do século XIX, no que se concerne ao vínculo estabelecido entre homem e natureza, esses "fizeram da procura do que restava de "natureza selvagem", na Europa, o lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime". (DIEGUES, 2001, p. 24). Considerando-se a primeira fase da RI em desenvolvimento, momento em que a natureza era explorada pela humanidade, no romance *Frankenstein*, M.S. descreve os efeitos da relação do homem com a natureza, no caso, a criatura e o cientista representam a natureza e a ciência e/ou homem, respectivamente. A forte ligação da natureza com os personagens e com suas ações é um aspecto utilizado pela autora, a qual ilustra a natureza com poder aterrorizante e vingativo.

2.4.6 A Vítima e o Vilão

Os dois personagens principais, Frankenstein e a criatura, desempenham papéis de vítima, vilão e herói, papéis esses que são recorrentes na literatura, em especial, no romance gótico inglês. Na área da literatura, em especial, na análise literária, há a tendência de categorizar esses tipos de personagens como heróis satânicos, prometeicos, faustianos e byronianos.

---

pattered dismally against the panes, and my candle was nearly burnt out, when, by the glimmer of the half-extinguished light, I saw the dull yellow eye of the creature open; it breathed hard, and a convulsive motion agitated its limbs. (SHELLEY, 2012, p. 43).

Há na literatura gótica personagens vilões e, ao mesmo tempo, heróis que se empenhavam em tarefas perversas; em decorrência de fatores diversos, o público tendia a admirá-los mais que os heróis de boa índole, para mencionar alguns nomes de personagens, têm-se: Valthek (1786), de William Beckford; o Conde Drácula (1897), de Bram Stoker; Zofloya (1805), de Charlotte Dacre, entre outros.

No caso do herói prometeico, o protagonista possuía aspectos de herói e de vilão, sua generosidade imperava até que não houvesse fatos que o contrariassem, levando-o a agir com selvageria e impulsivamente. O personagem de Prometeu é originário da Grécia Antiga; acreditava-se que a humanidade foi salva por ele, o qual se apossou do elemento fogo, não respeitando as recomendações de Zeus; em consequência, a humanidade foi "destinada" a ser dominada.

Em *Frankenstein*, a autora M. S. adicionou o subtítulo "Prometeu Moderno", possibilitando diferentes interpretações; é nítida a alusão ao mito de Prometeu da Mitologia Grega, em que o cientista seria o Prometeu Moderno por transgredir as leis naturais ao ter concedido vida a um ser produzido a partir de partes de objetos e de órgãos humanos. O cientista representa a ciência que ignorou as leis divinas, descartando sentimentos, desfazendo famílias e negando à criatura o "direito" de perpetuar a sua espécie.

Ao considerar esses aspectos, observo que Frankenstein e a criatura desempenham os papéis de vítimas e de vilões, em especial, a criatura, *a priori*, considerada como grande vilã da história. O ser criado pelo cientista foi vítima das circunstâncias e se transformou na figura do vilão por reagir de maneira violenta, impensada e maléfica contra o seu criador. Em suma, ambos os personagens são vilões e vítimas em determinados momentos da narrativa e a criatura também pode ser percebida como o Prometeu Moderno por ter se revoltado contra o seu criador.

A partir dos aspectos identificados no romance de M. S., pude observar que *Frankenstein* apresenta elementos que o caracterizam tanto como romance fruto do ambiente social quanto do gótico por revelar as inquietações e medos da sociedade britânica no século XIX. Esses aspectos foram exibidos no romance em alegorias, de maneira metafórica, para revelar a situação sociocultural e política daquela época. As metáforas foram empregadas como recurso para revelar os

sentimentos dos personagens e tratar de conflitos de relacionamentos e psicológicos.

Tendo em consideração o contexto sociopolítico e histórico daquele século, em que nem tudo podia ser dito, a autora teve a percepção de que assuntos relacionados à política e à religião não deviam ser discutidos explicitamente; essa situação podia ser revertida "[...] a menos que fossem usados truques especiais para expressá-los sem sanções negativas [...]".[40] (JÄGER, 2001, p. 35). É possível notar que os assuntos abordados e os discursos que transitam a narrativa aconteceram, implicitamente, por meio de alusões, ou seja, utilizando estratégias estilísticas que insinuavam e deixaram a obra "flexível" para ser (re) lida e (re) interpretada a partir de diferentes vieses.

Em linhas gerais, o romance de M.S. se configura como uma obra atemporal por abarcar questões de valores universais que acabam sensibilizando e/ou inquietando diferenciados públicos, tais como: o isolamento humano, ciência e natureza, a dualidade das emoções, a monstruosidade e/ou aparência física, entre outros tópicos. A autora conseguiu lançar um romance que inovou a literatura gótica por ter agregado novos elementos como a ciência, recebendo o título de "uma das pioneiras da ficção científica" por parte da crítica.

Na subseção 2.5 "Discursos em *Frankenstein*", são discutidos os tipos de discursos que perpassam a obra de M.S., os quais são imbuídos de ideologias prevalecentes no contexto histórico e social do início do século XIX.

---

[40] *[...] utterances which in a certain society at a certain point in time cannot yet, or can no longer, be said, unless special `tricks' are used in order to express them without negative sanctions […].* (JÄGER, 2001, p. 35).

2.5 OS DIFERENTES DISCURSOS EM *FRANKENSTEIN*

> Os vários discursos [...] não são estáticos, mas em movimento constante, formam uma "massa discursiva de moinho", que, ao mesmo tempo, resulta em um rápido crescimento constante de discursos. […].[41] (JÄGER, 2001, p. 35).

Considerando-se os diversos intertextos do romance de M. S., nesta subseção reflito sobre os discursos que transitam pelo romance, os quais estão imbuídos de ideias particulares. Também examino a representação discursiva na interação passiva da figura feminina na obra da autora.

Em *Frankenstein* existem vários discursos de distintos contextos e ordens, os quais "estão interligados ou emaranhados uns com os outros como em novelos", proporcionando múltiplas interpretações por abarcar assuntos de diversificadas áreas do conhecimento.[42] (JAGËR, 2001, p. 35).

O público leitor pode notar diferentes enunciações no texto de M. S., a saber: 1) o sexista do navegador aventureiro que se corresponde com a irmã, a qual não tem voz ativa pelo fato de não haver a narrativa das cartas dela para o irmão, ocasionado, assim, a passividade interativa feminina; 2) o discurso, também sexista da mãe de Frankenstein com relação à chegada da órfã, Elizabeth, a qual foi considerada como um presente, um objeto para Frankenstein; 3) o científico por meio de Frankenstein e de seus professores da universidade; 4) o do "vitimizado" pelas circunstâncias que é representado pela criatura, a qual busca justificar o sentimento de ódio que sentia por Frankenstein, seus atos violentos e fatídicos que, praticamente, exterminaram a família dos Frankenstein; a fala da criatura remete à lei mosaica "olho por olho, dente por dente"; 5) o discurso silencioso das personagens femininas,

---

[41] *The various discourses […] are not static but in constant motion forming a 'discursive milling mass' which at the same time results in the `constant rampant growth of discourses. […].* (JAGËR, 2001, p. 35).

[42] *[…] are intertwined or entangled with one another like vines or strands; […].* (JAGËR, 2001, p. 35).

cujas interações eram passivas, e se envolviam com os afazeres domésticos e em cuidar dos familiares.

No parágrafo anterior, classifiquei alguns dos discursos no texto da autora, o primeiro como sexista, pois nas cartas iniciais o personagem Walton se reporta diretamente ao cientista Frankenstein e indiretamente à irmã Margaret. O personagem narrador interage com a figura feminina de maneira ocasional, sendo a comunicação marcada pela voz masculina que expõe os fatos e sensações da viagem marítima ao polo norte e prevê a opinião e sentimento de Margaret. Para Jane Donawerth, na sociedade em que M. S. vivia, esse tipo de narrativa sexista desencadeou pontos positivos e negativos,

> a narrativa masculina foi, de fato, uma solução e um problema tanto para Mary Shelley quanto para muitas autoras femininas posteriores de ficção científica, pois a narrativa masculina permite a mulher apresentar, indiretamente, uma história de aventura, o triunfo científico, em uma sociedade sexista que, raramente, permite tais liberdades a figura feminina.[43] (DONAWERTH, 1997, p. xxiv).

Esse recurso literário possibilitou a autora de *Frankenstein* abordar diversas temáticas fundamentadas em discursos que promoviam ideias de múltiplas ordens, como no caso em que a mãe de Frankenstein se refere à menina Elizabeth, órfã e futura noiva do filho, como um objeto e/ou *souvenir* endereçado a ele.

No capítulo 1 do TP, Victor Frankenstein narra que, uma noite antes da chegada da sua "pretendida", a mãe dele fez-lhe a seguinte promessa: "Tenho um lindo presente para meu Victor; [...]" (SHELLEY, 2013, p. 56). No extrato citado, o discurso sexista indica a submissão feminina, em especial, retrata a personagem Elizabeth como objeto que seria propriedade do personagem masculino. Apesar da informação

---

[43] *For Mary Shelley, the male narration, of course, was a solution as well as a problem, as it has become for many later women writers of science fiction: a male narration allows a woman to enact vicariously a tale of adventure, a triumph of science, in a sexist society that rarely allows the female person such freedoms.* (DONAWERTH, 1997, p. xxiv).

(advinda do personagem narrador) de que a mãe Caroline havia prometido a ele aquele "presente", o diálogo entre mãe e filho acontece de forma indireta, posto que a figura masculina do cientista é o responsável pelo relato daquele fato. O discurso sexista é instaurado na referida narrativa, pois apresenta a posição subalterna da mulher.

Quanto ao discurso da ciência, em *Frankenstein*, o tema científico é exposto a partir de dois tipos de profissionais, o bom e o mau cientista, os quais são qualificados pelas suas respectivas condutas: descrever o(s) fenômeno(s) ou intervir na condição natural para obter prestígio e reconhecimento na academia. Por assim dizer, a temática abordada por M. S. alerta o público para as consequências desastrosas da ciência quando ela transgride as leis naturais da criação, no caso o personagem Victor Frankenstein representa a má ciência por tentar controlar a criação por meio da fisiologia química e do galvanismo, resultando na criatura artificial que se torna um "monstro" por ser rejeitado por seu criador.

O quarto discurso destacado neste capítulo diz respeito ao "vitimizado", que em razão das circunstâncias, remete ao ser meio humano e meio artificial, o qual se revolta por ser, repetidas vezes, marginalizado e excluído por causa da sua aparência monstruosa que assusta a todos. Junto ao "vitimizado", há o discurso do "vingativo" e/ou da lei mosaica utilizado pela criatura e pelo criador que por se sentirem injustiçados acabam se vingando um do outro como forma de "aliviar" seus pesares; em meio a rivalidade desses dois personagens, a dualidade do bem e do mal se evidencia nas suas atitudes e sentimentos. No entanto, Frankenstein acaba sendo o responsável pelos seus próprios infortúnios e de todos envolvidos na trama.

O quinto discurso é o suposto silenciamento das figuras femininas que retrata a passividade das personagens da trama, excetuando a personagem Árabe Safie, a qual interage, ativamente, com os De Lacey, as falas dessa personagem são expostas na história, e ela se comporta como transgressora de seu tempo por fugir do compromisso com o noivo rico em prol do amor pelo camponês Felix De Lacey; além disso, essa personagem tem conhecimento de outras línguas, de diferentes literaturas e seus diálogos são inseridos na narrativa.

Em síntese, toda a narrativa de *Frankenstein* está imbuída de diversas vozes e descrita com elementos góticos que causam clima de mistério e terror, de maneira metafórica, o romance retrata as

desigualdades sociais, a passividade feminina, os perigos dos experimentos científicos que ultrapassavam os limites da moralidade, da ética e do divino e revela a identidade social de cada personagem.

2.6 RESULTADOS DO CAPÍTULO

É possível inferir que, de fato, M. S. ilustrou em seu romance o contexto social em que ela esteve imersa, recorrendo a estratégias estilísticas "herdadas" do pai e da mãe e dos seus contemporâneos, assim como de discursos de diferentes ordens, tais como: o sexista, o científico, o da vitimização, o da lei mosaica ("olho por olho e dente por dente") e o silencioso das personagens femininas. Essas enunciações ilustram o modo de pensar da sociedade inglesa do começo do século XIX, em que as mulheres eram passivas diante do masculino, usava-se a força para se obter aquilo que se acreditava ser de direito e que a ciência começava a se desenvolver em conflito com o divino e o natural.

Os mecanismos empregados pela autora proporcionaram o clima de mistério e suspense, típico da ficção gótica, com requintes crítico-discursivos, abordando temas essenciais à humanidade, como a questão do isolamento humano que desencadeia a alienação tanto de Frankenstein quanto da criatura, o preconceito racial e/ou da aparência física, representado pela monstruosidade da criatura, a dualidade da natureza e ciência, a questão do Sublime, do humano e não humano, representados pelo cientista e pela criatura, os quais se misturam, trocando de papéis entre vítima e vilão .

A autora demonstra, também, por meio do seu próprio processo de silenciamento de suas personagens femininas, a situação passiva das mulheres no dominante universo masculino.

O caráter atemporal dos temas imersos no texto responde ao questionamento acerca do constante interesse desperto de pesquisadores (as), de diversificadas áreas de conhecimento, e de numerosas releituras em diferentes mídias. No entanto, o levantamento de dados, apresentados no capítulo anterior, sobre os trabalhos acadêmicos comprova que não existem, até o presente momento, pesquisas na área dos Estudos da Tradução, em nível de mestrado e doutorado.

No próximo capítulo, irei explorar os dados acerca da difusão da obra *Frankenstein* nos países de língua inglesa, na Europa e, em especial, no Brasil. Investigarei quando e sob quais circunstâncias

ocorreram as traduções do romance, assim como apresentarei quais mídias foram utilizadas para a propagação do texto de M. S.

3 RECONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DE *FRANKENSTEIN* NO BRASIL

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, exponho a investigação realizada sobre as primeiras (re) edições do romance *Frankenstein*, no século XIX, em língua inglesa, e suas primeiras traduções para outros idiomas, inclusive para o português brasileiro. Como recontextualizações, descrevo a história da disseminação inicial da obra de M. S. na Europa e, particularmente, no Brasil, a fim de verificar como ocorreu a trajetória percorrida desse romance seminal que, apesar das críticas negativas iniciais, se tornou presente em diferentes contextos e mídias.

Os dados compilados foram consultados em diferentes fontes, tais como: no site da *University of Maryland*, *Romantic Circles* (endereço eletrônico: https://www.rc.umd.edu/), no site da *Index Translationum* da UNESCO (endereço eletrônico: http://www.unesco.org/xtrans/), na biblioteca do Congresso (*Library of Congress* disponível em: www.loc.gov), na biblioteca do *Worldcat* (endereço eletrônico: https://www.worldcat.org/), na *British Library* (disponível em: https://www.bl.uk/), na Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro (endereço do site: http://bndigital.bn.gov.br/), na Livraria Cultura (disponível em: http://www.livrariacultura.com.br/) e na *Amazon* (endereço: https://www.amazon.com/).

Ressalto que, por meio da pesquisa de dados, busco reconstruir a trajetória inicial da obra *Frankenstein* no mercado editorial para verificar como aconteceu a entrada do romance no Brasil, como o grande público acessou o texto e como a imprensa jornalística brasileira promoveu o romance de M.S até a metade do século XX.

Discutirei a seguir: 1) o número de (re) edições de *Frankenstein* em língua inglesa, durante o século XIX; 2) a questão da manipulação inicial na distribuição dos exemplares na Inglaterra; 3) as primeiras releituras do texto impresso para o teatro; 4) o número das traduções realizadas de *Frankenstein*, na Europa e no Brasil, entre os séculos XIX e XX; 5) dados sobre as primeiras traduções e adaptações do romance de M. S.; 6) informações sobre a divulgação do romance via periódicos brasileiros.

3.2 AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DE *FRANKENSTEIN* NO SÉCULO XIX

Desde o seu lançamento pela Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones, em 1818, o romance de M. S. vem sendo submetido a numerosas edições, revisões, reimpressões, adaptações e traduções. Esse movimento constante revela o interesse pela história criada pela autora, a qual versou sobre aspectos de níveis sociopolíticos, psicológicos e científicos, entre outros. Nesta subseção, concentro-me nas primeiras edições do romance em sua língua de partida (LP) para exibir como aconteceu a entrada da obra no mercado editorial no século XIX e, então, como foi a sua repercussão e/ou aceitação nesse mercado.

Apesar de enfrentar algumas recusas, críticas negativas iniciais e de ter sido lançado com autoria anônima, o romance de M.S. obteve satisfatória projeção no mercado editorial europeu no século XIX. Segundo os bancos de dados pesquisados, há o registro de vinte edições de *Frankenstein*, publicados em língua inglesa, no século XIX, sem considerar as edições não catalogadas e as reimpressões. O referido número dessas edições ilustra que, a despeito de manipulações de diferentes ordens, o mercado editorial europeu manifestou certo interesse em atualizar e difundir a obra *Frankenstein*, em sua LP.

Após buscas nas diferentes fontes, conforme informações da seção 3.1, no quadro I, elenco as publicações de *Frankenstein* no século XIX e seus respectivos números estimados de exemplares impressos para expor, organizadamente, a projeção das edições da obra no mercado editorial, em que o texto foi impresso:

Quadro I – As edições de *Frankenstein* em língua inglesa no século XIX

Título	Editora	Ano	Notas
Frankenstein, or, The Modern Prometheus	London: *Lackington, Hughes, Harding, Mavor, & Jones*	1818	Obra anônima, em três volumes, primeira edição. Número estimado de exemplares impressos: 500
Frankenstein: or, The Modern Prometheus	London: *G. and W. B. Whittaker*	1823	Sem autoria. Supervisão de Godwin, em dois volumes, reimpressão da edição de 1818. Número estimado de exemplares impressos 500
Frankenstein, or, The Modern Prometheus	London: *Henry Colburn and Richard Bentley*	1831	Edição n. 9 da *Standard Novels Series*, texto revisado, inclui uma introdução da autora M.S. Número estimado de exemplares impressos: 3.500. Reimpressões em 1832, 1836, 1839 e 1849.[44]
Frankenstein, or, The Modern	Philadelphia: *Carey, Lea &*	1833	Com autoria de Mary W. Shelley. Primeira edição americana, em

[44] Com relação às reimpressões da obra revisada de 1831, têm-se em 1832, inicialmente, 500 cópias de exemplares impressos; porém, o número estimado de cópias vendidas foi de 3.170; já em 1836, houve a tiragem de 500 cópias impressas; em 1839, foram impressas 750 cópias; em 1849, a tiragem alcançou o número de 1000 cópias impressas.

Prometheus	*Blanchard*		dois volumes.
Frankenstein; or, The Modern Prometheus	New York: *H. G. Daggers*	1845	Reimpressão da obra de 1818.
Frankenstein; or, The Modern Prometheus	London: *Hodgson*	1847	Preço reduzido do exemplar; suposta reimpressão pirata em 1856, a qual apresenta o prefácio de 1818 e a introdução de 1831.
Frankenstein; or, The modern Prometheus	London: *R. Bentley*	1849	Reimpressão da edição de 1831
Frankenstein; or, The Modern Prometheus	Halifax: *Milner and Sowerby*	1865	-
Frankenstein, or, The Modern Prometheus	Boston: *Sever, Francis, & Co*	1869	-
Frankenstein: the modern man-demon.	London: *Milner*	1870	-
Frankenstein; or, The Modern Prometheus	London, Glasgow & New York: *G. Routledge and Sons*	1882	Grande parte das edições da *Routledge* mantinha o prefácio de 1818 e a introdução de 1831. Reimpressões em 1886 e 1888. Tanto a edição de 1882 quanto as reimpressões até 1888 tiveram por

			volta de 40.000 cópias impressas.
Frankenstein: or, The Modern Prometheus	New York: *J. W. Lovell*	1882	Volume 1, número 5. Série *Lovell Library*.
Frankenstein; Or, The Modern Prometheus	New York: *George Munro*	1883	Seaside Library, volume 76, n. 1538.
Frankenstein: or, The Modern Prometheus	London: *Dicks*	1884	*Dicks' English Library of Standard Works*, v. 3, nos. 18-23.
Frankenstein, or, The modern Prometheus	New York: *R. Worthington*	1884	-
Frankenstein, or, The modern Prometheus	London: *Routledge and Sons*	1886	Editado pelo Reverendo H. R. Haweis. (Reimpressão)
Frankenstein: or, The modern Prometheus	Chicago, New York: *Belford, Clarke*	1890	-
Frankenstein; or, The Modern Prometheus	London: *G. Routledge & Sons, Limited*; *New York E. P. Dutton*, 1891	1891	Reimpressão em 1899. Mesma nota de 1882 da *Routledge*.
Frankenstein, or, The modern Prometheus	New York: Mershon Company	1893	-
Frankenstein, or The Modern Prometheus	New York: *Home Book Company*	1893	*The Premium Library*, reimpressão em 1898 (~)
Frankenstein, or The Modern Prometheus	Chicago: *Donohue, Henneberry*	1895	-

Frankenstein; or, The Modern Prometheus	London: *Gibbings*; Philadelphia: *Lippincott*	1897	-
Frankenstein; or, The modern Prometheus	London: *Lever Brothers*	1899	-
Frankenstein; or, The modern Prometheus	New York: *Routledge*	1899	-

O quadro I mostra que as edições de 1818 e de 1823 foram lançadas como obras anônimas, provavelmente devido ao fato de que as mulheres nem sempre "[..] assinavam suas produções [...] ou admitiam que escreviam por dinheiro [...]. Muitas, por causa das restrições a este tipo de atividade para mulheres, se esconderam sob pseudônimo ou publicaram anonimamente. [...]." (VASCONCELOS, 2006, s/p). Baseando-me em leituras acerca da posição feminina até o século XIX, evidenciei que naquele período as mulheres tinham pouco espaço no mercado de trabalho e pouca voz para serem aceitas e valorizadas em uma sociedade extremamente masculina e dominante.

Durante os anos de anonimato, houve algumas suposições por parte da crítica inglesa de que o autor da obra seria Shelley por ele ter escrito o prefácio de maneira a induzir o público a acreditar que um homem (no caso, ele) seria a pessoa que teria escrito o romance. Como amostra da desconfiança de uma parte dos críticos ingleses sobre a autoria de *Frankenstein*, apresento a declaração do resenhista publicada no *The Literary*:

> Ficamos sabendo que essa obra foi escrita pelo Sr. Shelley, mas deve-se descartar essa possibilidade a fim de atribuir a autoria a um escritor menos experiente que ele. Na realidade, temos certa ciência de que se trata da produção de uma filha de um célebre romancista vivo.[45] (*THE*

[45] *We have heard that this work is written by Mr. Shelley; but should be disposed to attribute it to even a less experienced writer than he is. In fact we have some idea that it is the production of a daughter of a celebrated living*

> *LITERARY PANORAMA AND NATIONAL REGISTER*, 2014, p. 39).

É notável a imprecisão da informação do periódico, possivelmente, o editor e/ou o resenhista optaram por não se comprometer em revelar a identidade da autora. É nítido o discurso masculino que, ao desvalorizar o mérito da obra, confere a autoria a "um (a) escritor (a) menos experiente" que Shelley. O discurso dominante desse texto apaga a figura feminina como ser atuante e pensante no século XIX; ainda que tenha sido admitida M. S. como autora, seu nome não foi mencionado, e a sua posição social foi relacionada ao vínculo familiar com o papel social desempenhado pelo pai, "filha de um célebre romancista vivo".

Essa estratégia do anonimato de M. S. como autora do romance, em suas duas primeiras edições, deve ter sido uma maneira adotada para proteger a autora e de evitar que os editores e/ou patrocinadores não aceitassem a obra, posto que eles tinham ampla autonomia para manipular a distribuição e circulação dos exemplares.

Na subseção 3.2.1, é abordada a prática da manipulação editorial ocorrida ainda nos primeiros anos das publicações do romance de M. S. - em especial, o monopólio das bibliotecas circulantes.

3.2.1 O Monopólio das Bibliotecas Circulantes na Distribuição dos Exemplares

Com base em Lefevere (1992) sobre manipulação e poética dominante, "(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade."[46] (LEFEVERE, 1992, p. vii). Pode-se compreender que há manipulação na distribuição e na publicação de determinada obra em um sistema literário dominante, em que muitos interesses estão envolvidos. O caso das primeiras publicações de *Frankenstein* é um exemplo destas asserções, já que não apresentaram sua autoria, possivelmente pelo fato de a autora ser do sexo feminino,

---

novelist. (*THE LITERARY PANORAMA AND THE NATIONAL REGISTER*, 2014, p. 39).

[46] Tradução de Martins (2010, p. 62)

evitando rejeições por parte dos editores e pelo público leitor, majoritariamente masculino. A partir de interesses e ideologias específicas, os patrocinadores (ou seja, os editores e órgãos políticos) controlavam a circulação, a distribuição, a publicação e a autoria feminina que poderia tentar se opor à política dominante daquele contexto histórico.

Em *Mary Shelley in her times* (2000, p. 42), St. Clair salienta que no século XIX era comum a prática da venda de livros, prioritariamente, às bibliotecas circulantes comerciais, pois essas alugavam os exemplares disponíveis no acervo e os associados locavam os livros por volume. Desta maneira, a política dessas bibliotecas era a de disponibilizar livros em séries, garantindo a lucratividade da empresa – assim, os membros dessas associações permaneceriam "fiéis" e interessados em ler as obras completas por um longo tempo.

No caso do romance de M.S., o formato em três volumes foi bem visto pelas bibliotecas, pois mais de um volume circulava nas mãos de diferentes leitores (as). Esta era, de fato, uma estratégia de mercado que, provavelmente, gerava lucros.

Conforme St Clair (2000, p. 42), em seu prefácio do romance *Frankenstein* (1818), o escritor Shelley não foi bem-sucedido, pois tentou evitar que o romance fosse visto como uma mera história de fantasmas com efeitos sobrenaturais. Nas palavras de Shelley, "O EVENTO SOBRE o qual se funda esta ficção já não se considera, a partir de Dr. Darwin e alguns dos fisiologistas da Alemanha, de ocorrência impossível".[47] (SHELLEY, 2013, p. 253). No entanto, os editores da Lackington adicionaram paratextos que classificavam e associavam o romance ao gênero do terror, à magia, à pseudociência e ao sobrenatural. A manipulação dos editores na difusão dos exemplares buscava atrair a atenção do público leitor por meio dos fenômenos (extra) físicos, aproveitando a tendência do mercado editorial que fazia uso de estratégias para tornar a obra de interesse popular, isto é, para que um maior número de pessoas comprasse um exemplar.

Quanto às bibliotecas circulantes, estas recebiam as edições em volumes e ofereciam aos seus associados valores acessíveis para que um maior número de livros circulasse nas mãos dos (as) leitores (as) e,

[47] *THE EVENT ON WHICH THIS FICTION IS FOUNDED, HAS BEEN SUPPOSED, by Dr. Darwin, and some of the physiological writers of Germany, as not of impossible occurrence*. (SHELLEY, 2013, p. xxix)

portanto, gerasse lucro para a empresa e para que predominasse o controle dos exemplares.

A história *Frankenstein* foi instigando um diferente tipo de leitura, a do teatro, posto a plasticidade da obra, e este meio de divulgação e de entretenimento era mais popular que o texto literário. Na seção 3.3, serão comentadas quais foram as primeiras leituras de *Frankenstein.*

3.3 DO TEXTO LITERÁRIO EM NOVAS EDIÇÕES ÀS PRIMEIRAS LEITURAS PARA O TEATRO

Ainda que a obra de M. S. tenha enfrentado descrença e posicionamentos severos por parte da crítica britânica.[48] Logo após a publicação de 1818, houve certo interesse por parte do público e, em especial, por grupos teatrais, os quais se apropriaram do romance e começaram a adaptá-lo para os palcos e se apresentavam no circuito Inglaterra-França, motivando a necessidade de traduções da obra para outros idiomas.

Retomo a informação da introdução desta tese de que, em 1823, uma versão teatral foi lançada, intitulada "Presumption or, the Fate of Frankenstein", dirigida pelo dramaturgo Richard Brinsley Peake, e

[48] A recepção crítica de alguns dos contemporâneos de M. S. não se mostrou muito favorável ao romance *Frankenstein*, como exemplificado em *British Critic* (abril/1818): "Precisamos apenas dizer que esses volumes não têm princípio, objeto e nem moral. O horror que abunda é demasiado grotesco e bizarro se aproxima do sublime; quando não apressamos as páginas em desgosto, às vezes, paramos para rir sem rodeios. Entretanto, suspeitamos que a imaginação doentia e errante, que ultrapassou todos os limites legítimos para moldar estas combinações desconexas e aventuras não naturais, pode ser disciplinada em algo melhor. " *We need scarcely say, that these volumes have neither principle, object, nor moral; the horror which abounds in them is too grotesque and bizarre ever to approach near the sublime, and when we did not hurry over the pages in disgust, we sometimes paused to laugh outright; and yet we suspect, that the diseased and wandering imagination, which has stepped out of all legitimate bounds, to frame these disjointed combinations and unnatural adventures, might be disciplined into something better*. (*Frankenstein and the Critics*, 2016, p. 30).
(*THE BRITISH CRITIC*, 1818, **in***: Frankenstein and the Critics*, 2016, p. 30).

acrescento que outras adaptações teatrais iam sendo produzidas; posto que "a lei previa que o teatro podia adaptar um romance sem a necessidade de permissão do (a) autor (a) ou do (a) editor (a)."[49] (ST CLAIR, 2000, p. 43). Mesmo estando o romance sujeito à prática da pirataria, as adaptações para o teatro serviam como instrumento de divulgação por serem capazes de atingir um maior número de público. A segunda edição impressa foi lançada pelo editor G. and W. B. Whittaker, e modificou o tamanho da obra de três para dois volumes.

Para St Clair (2000, p. 38-63), em razão das produções teatrais, o pai de M. S., Godwin, incentivou-a a vender os direitos autorais de *Frankenstein* à editora Bentley em 1831, ocorrendo, naquele mesmo ano, o lançamento de uma nova edição na série *Standard Novels*, incluindo uma introdução autobiográfica da autora e o prefácio de Shelley, de 1817.[50] A editora Bentley investiu na tiragem de aproximadamente 3.500 cópias, em 1831, e, no ano seguinte, o valor de cada exemplar foi reduzido, ocorrendo uma vendagem significativa de 3.170 exemplares; além disso, a edição de 1831 foi submetida a quatro reimpressões ainda no século XIX.

Novas edições foram publicadas nos anos seguintes, incluindo alguns supostos plágios como a edição da *Parlour Library* da editora Hodgson em 1855. A despeito do fato de que nos primeiros cinquenta anos as cópias vendidas excediam o número de oito mil, o público leitor de *Frankenstein* era, quase exclusivamente, restrito a uma seleta camada da sociedade. No entanto, após 1879, o livro se tornou isento de quaisquer restrições autorais, e a editora Routledge lançou novas edições de 1882 até 1888, com uma tiragem de 40.000 exemplares a um baixo custo por exemplar, conseguindo, assim, atingir um maior número de leitores (as).

Ainda que a política editorial tenha facilitado novas reedições da obra de M.S., conforme St Clair, o texto conseguiu sobreviver no

---

[49] *[...] the law stood then, the theater was able to adapt a novel without the need for permission either from the author or from the publisher. […]* (ST CLAIR, 2000, p. 43).

[50] St Clair (2000, p. 45-46) nos informa que a série *Standard Novels* da editora Bentley tinha em seu catálogo editorial obras de célebres autores (as), a saber: Austen, Beckford, Burney, Edgeworth, Ferrier, Galt, Godwin, Peacock e etc.

circuito cultural, "durante a maior parte do século XIX, não pelos livros, mas pelas adaptações teatrais da história".[51] (ST CLAIR, 2000, p. 51). O teatro se apropriou da obra e a divulgou para um maior número de pessoas, em razão do seu potencial de entretenimento e plasticidade textual.

O romance de M.S. tem sido submetido a diferentes maneiras de representações e /ou retraduções, desde o início do século XIX, em sua LP e em outros idiomas. É sobre isso que tratarei na subseção 3.4.

3.4 *FRANKENSTEIN* TRADUZIDO PARA OUTROS IDIOMAS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Desde 1821, a obra de M. S. tem sido vertida para várias línguas, sendo a primeira tradução oficial a francesa, conforme discuto nesta subseção. Seria uma tarefa exaustiva e muito longa, além de impraticável, elencar todas as traduções, pois há muitos trabalhos que não foram catalogados, e o número das traduções identificadas seria "infinito" e, por vezes, estas poderiam ser confundidas com reedições, adaptações (textos resumidos) e reimpressões.

Para evitar a inserção de traduções duvidosas e números imprecisos, utilizo como fontes a *Index Translationum* (2017), *British Library*, *Worldcat*, *Library of Congress*, BN, Livraria Cultura e *Amazon*, nas quais detectei o registro de 267 traduções para diversos idiomas, isto é:

a) 37 traduções para o alemão;
b) 67 para o espanhol;
c) 8 para o italiano;
d) 26 para o francês;
e) 7 para o japonês;
f) 4 para o chinês;
g) 5 para o português de Portugal;
h) 12 para o português brasileiro.

Os números de registros da *Index* e das demais fontes podem não ser precisos, no que tange aos idiomas estrangeiros, pois algumas traduções podem não estar catalogadas. Mas, é fato o imenso fascínio e

[51] *During most of the nineteenth century, it was not the book but stage adaptations of the story which kept Frankenstein alive in the culture.* (ST CLAIR, 2000, p. 51).

interesse pela história da autora por parte de estudiosos (as), críticos (as), editoras, produtores (as) do mercado cinematográfico e teatral, público espectador e leitor, os quais têm contribuído para que a obra obtenha, ao longo dos tempos, novas vidas e/ou roupagens e que continue sendo vista em diferentes mídias.

Os dados da pesquisa apontam que as traduções brasileiras, reedições e reimpressões aumentaram entre 2015 e 2017, especialmente as reedições dos trabalhos de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa, Marcos Maffei e Roberto Leal Ferreira, das editoras L&PM, Nova Fronteira, Ediouro, Ática e Martin Claret; pode-se afirmar que o interesse das editoras se deve ao fato principal de a obra de M.S ter completado 200 anos de sua criação.

Com base nas informações registradas na *Index Translationum*, na *Worldcat* e demais fontes supracitadas, as três primeiras traduções de *Frankenstein* aconteceram em 1821, 1912 e 1922, sendo a primeira e a terceira para o francês e a segunda para o alemão; já a primeira tradução integral para o português brasileiro ocorreu em 1943, pela tradutora Stella Martins Paredes e lançada pela editora Casa Vecchi.

No quadro II, exibo as traduções registradas nas fontes investigadas, entre os séculos XIX e XX, até 1957, ano em que a segunda tradução brasileira foi lançada.

Quadro II – Traduções de *Frankenstein* entre os séculos XIX e XX

Título	Tradutor(a)	Editora	Ano	Nota
Frankenstein, ou le Prométhée moderne	Jules Saladin	*Corréard*/Paris	1821	Tradução para o francês. Obra em 3 volumes.
Frankenstein oder der neue Prometheus	Heinz Widtmann	*Altmann*/ Leipzig	1912	Tradução para o alemão[52]
Frankenstein ou le	Germain d'Hangest	*La Renaissance du livre*/Paris	1922	Tradução para o francês[53]

[52] Heinz Widtmann ficou, também, conhecido como o primeiro tradutor da *Drácula*, de Bram Stoker, na língua alemã, em 1908.

Prométhée Moderne				
Frankenstein – O Criador e o Monstro	Stella Martins Paredes	Vecchi/Rio de Janeiro	1943	Tradução brasileira; classificado como "romance filmado", imagens dos protagonistas do filme "O Fantasma de Frankenstein" na capa
Frankenstein	Ranieri Cochetti	*Donatello De Luig*i/Roma	1944	Tradução italiana
Frankenstein, ou Le Prométhée moderne	Eugène Rocart e Georges Cuvelier	*Éditions* "La Boéie"/Bruxelas	1945	Tradução para o francês[54]
Frankenstein	Rafael Giménez	*Octrosa*/Buenos Aires	1945	Tradução para o espanhol
Frankenstein	Henry Langon	*Le Scribe*/Bruxelas	1946	Tradução para o francês[55]
Frankenstein	Laura Marazul	*Lautaro*/Buenos Aires	1947	Tradução para o espanhol
Frankenstein: roman	Hannah Betjeman	*Editions du Rocher*/Mônaco	1947	Tradução para o francês

[53] Entre outros trabalhos de D'Hangest, estão: a tradução do romance *Sleeveless Errand*, de Norah James, em 1930, e a adaptação da obra *David Copperfield*, de Charles Dickens, em 1933.

[54] Entre algumas das obras vertidas por Rocart, para o francês, incluem-se os romances de Jane Austen: *Emma*, *Orgulho e Preconceito* e *Razão e Sensibilidade*, publicados, em 1945, pela *Éditions La Boétie*.

[55] Langon foi responsável pelas traduções de *A Letra Escarlate*, de Nathanael Hawthorne, em 1945; e de *Roderick Random*, de Tobias Smollett, em 1946.

Frankenstein oder der neue Prometheus	Elisabette Lacroix	*Johannes Angelus Keune*/Hamburgo	1948	Tradução para o alemão com reimpressões em 1994 e 1995
Frankenstein ovvero il prometeo moderno	Bruno Tasso	*Rizzoli*/Milão	1952	Tradução para o italiano
Frankenstein	Giichi Shihido	*Nihon Shuppan Kyôdô Kabushiki-Gaisha*/Tóquio	1953	Tradução para o japonês
Frankenstein	Caio Jardim	Universitária/São Paulo	1957	Tradução para o português brasileiro

Frankenstein, publicado em 1818, foi vertido, primeiramente, para o francês, em 1821, por Jules Saladin, cujas iniciais *J.S.**** foram inseridas na página título, e o nome da autora foi apresentado na mesma página com um erro ortográfico: "Mme. Shelly", ao invés de "Mme. Shelley".[56]

De acordo com Stephen Clarke, em *1,000 years of Annoying the French* (2015), "a primeira edição estrangeira do romance obteve grande êxito no Reino Unido em ambos os formatos, livresco e cênico".[57] (CLARKE, 2015, s/p). Essa primeira tradução foi utilizada como inspiração para a adaptação para peças teatrais e paródias que foram produzidas naquela época.

É provável que novas traduções de *Frankenstein* entre 1824 e 1911 não tenham acontecido, devido às baixas taxas de impostos para a edição de livros, fato esse que propiciou lançamentos de grande quantidade de obras nacionais no mercado, e ao ato internacional de

[56] Entre alguns dos trabalhos de Saladin, estão as traduções de: a tragédia de cinco atos, "*Don Carlos, prince d´Espagne*" (1822), de Thomas Otway; e *Les mystères italiens, ou Le château della Torrida* (1823), de Francis Lathom.

[57] *[...] the first foreign edition of the novel, [...] had been a big hit in the UK in both book and stage format.* (CLARKE, 2015, s/p).

direitos autorais, a Convenção de Berna de 1886, que proibiu traduções livres, sem a autorização do (a) autor (a) e da editora.

A partir das informações do quadro II, pode-se perceber que a década de 1940 foi marcada por um crescente interesse pela temática gótica, em especial pelo romance *Frankenstein*, ocorrendo um número considerável de traduções, retraduções, adaptações e reimpressões para diversas línguas, em razão de algumas editoras terem adquirido os direitos autorais de diferentes clássicos da literatura gótica e do terror.

Na subseção 3.5, verso sobre as primeiras adaptações do romance de *Frankenstein* para o cinema entre o início e metade do século XX.

3.5 DAS TRADUÇÕES LITERÁRIAS ÀS PRIMEIRAS ADAPTAÇÕES FÍLMICAS

Em meio aos trabalhos tradutórios no mercado editorial e a adaptações livres, em 1910 o clima gótico de *Frankenstein* inaugurou-se no mercado fílmico, com um curta metragem de dezesseis minutos, produzido pelo *Edison Studios* (Estados Unidos), sob o gênero de terror mudo, com o texto escrito pelo diretor J. Searle Dawley; entretanto, a grande repercussão da versão cinematográfica do romance ocorreu, de fato, com "Frankenstein" (1931), de James Whale, cujo filme foi adaptado da peça teatral "*Frankenstein: An adventure in the macabre*" (1927) de Peggy Webling.[58]

[58] Na dissertação de doutorado em Filosofia, intitulada "*Corporate Fictions: Film Adaptation and Authorship in the Classical Hollywood Era*" (2006), de Kyle Dawson Edwards, verifiquei que a peça "*Frankenstein: An adventure in the macabre*" de Webling estreou em Londres, no ano de 1927, e excursionou pela Inglaterra por dois anos; então, em 1930, a peça de Webling foi lançada em Nova Iorque. De acordo com Edwards, a produção de Webling teve um papel significativo, pois "representa como uma nova versão de "*Presumption*", de 1823, ao invés do romance de M. S. Webling restaura o personagem Fritz, assistente de Frankenstein, exclui a estrutura formal da narrativa e, novamente, apresenta a criatura como um "monstro" mudo e vingativo": *"[...] represents a reversion to the 1823 Presumption rather than to the Shelley novel. Webling restores the character of Fritz, Frankenstein´s assistant, excludes the novel´s formal narrative structure, and again presentes the Creature as a mute, vengeful "Monster". [...*]". (EDWARDS, 2006, p. 120).

Entre 1912 e 1922, duas versões fílmicas de curta metragem foram produzidas, a primeira ocorreu em 1915, sob o nome de "*Life Without Soul*", direção de Joseph W. Smiley, e a segunda em 1920, intitulada "*Il Mostro di Frankenstein*", produção italiana do diretor Eugenio Testa.

Das adaptações para outras mídias, entre as décadas de 1930 e 1940, destacam-se filmes inspirados na obra de M. S., estrelados como o caso de "Frankenstein" de 1931 e de suas sequências de 1935, 1939, 1942, 1943, 1944 e 1948, cognominadas, em português brasileiro: "A Noiva de Frankenstein"; "O Filho de Frankenstein"; "O Fantasma de Frankenstein"; "Frankenstein encontra o Lobisomem"; "A Casa de Frankenstein" e "Às Voltas com Fantasmas" respectivamente.

Um ano após a sequência fílmica "O Fantasma de Frankenstein" e no mesmo ano de "Frankenstein encontra o Lobisomen", a primeira tradução literária do texto de M. S., vertida pela brasileira Stella Martins Paredes, foi lançada, em 1943, no período conhecido como "Era de Ouro" (1930-1945) da indústria de livros e da tradução no Brasil, do governo Vargas. Por assim dizer, as produções cinematográficas estavam em fase de expansão no exterior e em nosso país, assim como as publicações de livros traduzidos iam ganhando maior espaço no mercado editorial e na mídia impressa que difundia esses produtos.

Tendo em consideração aos dados apresentados nesta seção, pude constatar que o romance de M.S. despertou a certo interesse na Europa, em especial, na Grã-Bretanha, no século XIX, quando muitas (re) edições e reimpressões aconteceram. Retomo a informação de que, no mesmo século, a primeira tradução literária foi lançada para o francês e a primeira adaptação teatral estreou em 1823. No século XX, mais precisamente, em 1910, o público teve acesso ao texto adaptado para o cinema; entretanto, foi o filme de 1931, produção da *Universal Studios*, que obteve maior destaque e desencadeou novas sequências e outras produções do mesmo gênero de terror.

Neste capítulo, os resultados indicam que o principal meio de significação para a disseminação e sobrevivência do texto de M.S. tem sido o (audio)visual; isto é, no século XIX, o teatro e, no século XX, o cinema. Assim como as imagens dos filmes, exibidas na seção de anexos, revelam as diferentes épocas da tradução com aspectos do romantismo gótico europeu.

Na seção 3.6, são abordados como aconteceu a entrada de *Frankenstein* no Brasil, quais foram as mídias que intermediaram o acesso da obra ao público brasileiro e como sucederam as recontextualizações da mídia impressa.

3.6 MARY SHELLEY E O ROMANCE *FRANKENSTEIN* TRADUZIDO NO BRASIL

Nesta seção, apresento um levantamento de dados das traduções de *Frankenstein* (1818), vertidos do inglês ao português brasileiro, no qual contextualizo como ocorreu a repercussão do romance no Brasil e quais foram as primeiras traduções impressas difundidas pela imprensa. Assim como relatar histórias e/ou fatos é uma prática de recontextualização, busco reconstruir a trajetória inicial da obra de M. S. no Brasil e exibir as mídias que intermediaram o contato do público com o texto de 1818 da autora, produzindo, portanto, novas contextualizações. Minha intenção será a de identificar como foi a entrada desse texto seminal que se faz presente em diferentes contextos e mídias, assim como examinar o persuasivo discurso jornalístico que permeia as notas de divulgação das adaptações cinematográficas e das edições brasileiras de *Frankenstein* lançadas pela mídia impressa.

3.6.1 As Primeiras Divulgações da História *Frankenstein* na Imprensa Carioca e Paulista

Nesta seção, trato das seguintes questões: 1) a trajetória do romance da autora no Brasil; 2) os meios de divulgação da obra; 3) os textos acessados pelo público, verbais e/ou (audio)visuais; 4) o posicionamento da crítica jornalística sobre o referido clássico. Para a coleta de dados, considerei os periódicos brasileiros disponíveis, em formato digital, na BN, entre os anos de 1920 e 1960, períodos das primeiras informações sobre a autora M.S. e do romance *Frankenstein*.

Ainda em 1924, alguns periódicos brasileiros, como *O Pharol*, de Minas Gerais, fizeram alusão ao nome do cientista "Frankenstein". Na matéria do *O Pharol*, o público foi advertido sobre cientistas londrinos, os quais pesquisavam um micróbio que estava matando humanos e

cobaias animais de laboratórios.[59] É notável que esta notícia publicada pelo referido periódico pode ser caracterizado como sensacionalista, pois utilizou elementos do gênero terror, mais precisamente do romance de M. S., para alarmar o público leitor[60]:

> [...] os scientistas estudam essa creatura microscopica – da qual francamente elles se acham amedrontados – num esforço para determinar se se trata de um Frankenstein, capaz de produzir uma terrivel molestia, ou se será um meio de combater os males já existentes.

Por meio de pesquisas na BN, identifiquei que a referida citação foi publicada sem os devidos créditos ao correspondente Clarence Dubose, de Londres, autor da matéria. É evidente a relação da bactéria com o monstro criado pelo cientista Frankenstein, visto que o jornalista tratou a substância estudada como "criatura", termo utilizado pela autora em sua obra literária.

Além de aludir à questão da ambivalência, "Bem-Mal", que provocava o medo dos cientistas, a nota levantou hipóteses, como o micróbio que poderia ser um Frankenstein, o cientista, o qual produziria uma enfermidade ou uma maneira para combater os "males já existentes". Há no texto de Dubose a presença de um discurso científico permeado por metáforas e alusões, provocando um clima de medo, terror e incertezas pelo desconhecido.

Na mídia impressa, o nome do cientista era citado em matérias de cunho científico e político, nas quais indagava-se a temática da dualidade do Bem e do Mal ou do criador e da criatura. Por assim dizer, os colunistas faziam uso do nome do cientista como uma maneira de expressar certa descrença nos avanços da ciência, satirizando-os por meio de discursos irônicos, ambíguos e sensacionalistas, estratégia jornalística em voga na primeira metade do século XX.

---

[59] O micróbio reportado na matéria tratava-se do vírus da meningite.

[60] *Link* da nota publicada pelo *O Pharol*: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258822&pesq=os%20males%20j%C3%A1%20existentes&pasta=ano%20192. Último acesso em setembro de 2016.

Entre 1930 e 1939, a mídia impressa foi o meio de disseminação do romance adaptado para o cinema, com o apoio de propagandas de lançamentos de filmes. A imprensa ressaltava a produtora cinematográfica *Universal Studios*, o diretor James Whale, os atores e a atriz, que protagonizaram os papéis principais: do cientista Victor Frankenstein, do monstro e da noiva do cientista.

A imprensa brasileira tendia a não mencionar dados acerca da autora e da sua obra quando divulgava a adaptação fílmica; possivelmente, isso acontecia em razão de acreditar que o público conhecia o romance de M. S. ou para satisfazer o interesse da indústria cinematográfica de atrair as pessoas a irem ao cinema, as quais, provavelmente, acreditavam que se tratava de uma produção "original", não inspirada no romance da inglesa M.S.

A entrada e o reconhecimento inicial de *Frankenstein*, de M. S., no Brasil, sucederam na década de 1930 por meio do cinema, por representação audiovisual, e não pela obra literária, forma verbal. Grande parte do público brasileiro obteve poucas informações acerca da autora e das possibilidades interpretativas que o romance oferecia, também não há indícios, neste período, de traduções literárias de *Frankenstein* circulando em nosso país. Por meio da massiva exposição e divulgação da criatura e do cientista Frankenstein, o público passou a visualizá-los como ícones culturais do período iluminista, em que se idolatrava mais a ciência que a arte.

Prossigo a recontextualização na subseção 3.6.2, em que descrevo como ocorreu a difusão da obra de M.S. na mídia brasileira nas décadas de 1940 e 1950.

3.6.2 A Difusão de *Frankenstein* na Mídia nas Décadas 40 e 50

Entre 1940 e 1949, os periódicos cariocas difundiam o sobrenome Frankenstein com certa frequência, conforme os números coletados nos registros da BN - há um total de 477 recorrências do sobrenome do cientista, personagem criado por M. S., regularmente, associado ao ator Boris Karloff para relatar a biografia do artista, promover filmes do gênero de terror, semelhantes a "Frankenstein", além de haver menções a "feiura" física de pessoas e ao comportamento humano violento. O nome do cientista também era mencionado para anunciar as sequências

fílmicas “O Fantasma de Frankenstein” e “A Mansão de Frankenstein”, dos anos de 1942 e 1945, respectivamente.

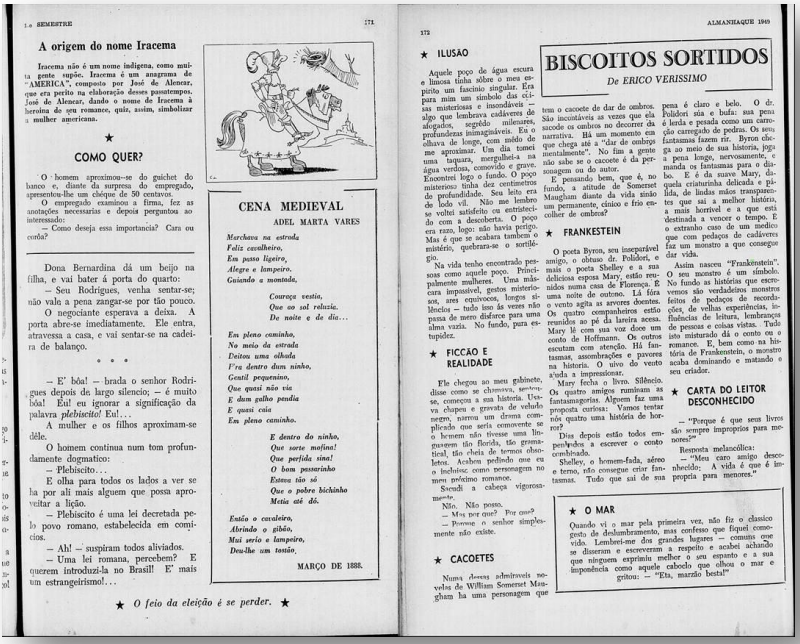
Em contrapartida, a imprensa paulista utilizou o nome “Frankenstein” em poucas situações, tanto em alusão ao cientista, criador do monstro, quanto para anunciar as sequências fílmicas “Mansão de Frankenstein” (1945) e “Fantasma de Frankenstein”, em 1949. O nome do referido personagem era empregado, metaforicamente, em matérias de cunho político e em seções literárias sobre as palestras e conferências de Érico Veríssimo, o qual reportava-se ao nome do cientista de M. S. para criar o seu personagem Dr. Seixas, presente em obras do escritor como em *Saga*, publicada pela editora Globo em 1940.

Em poucas matérias, o romance de M.S. foi analisado sob o viés literário, exceto, por exemplo, os periódicos *Diário de Pernambuco* (1940) e *A Manhã* (1949), os quais publicaram um mesmo texto escrito por Érico Veríssimo, o qual relatou ao leitor e à leitora sobre a criação do romance da autora inglesa M. S.[61]

A seguir, a figura 2 ilustra a seção *Biscoitos Sortidos*, do suplemento *Almanhaque*, do *A Manhã* (1949, p. 172), contendo a coluna que relata sobre a motivação de M.S. para a escrita de sua obra:

[61] *Link* da edição do jornal *Diário de Pernambuco*, publicada em 14 de abril de 1940: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_12&pesq=Byron%20chega%20ao%20meio%20de%20sua%20hist%C3%B3ria&pasta=ano%20194.

Link da edição de *A Manhã*, publicada em 1949: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720984&pesq=Byron%20chega%20ao%20meio%20de%20sua%20hist%C3%B3ria&pasta=ano%20194. Últimos acessos em setembro de 2016.



1.o SEMESTRE 171

A origem do nome Iracema

Iracema não é um nome indígena, como muita gente supõe. Iracema é um anagrama de "AMERICA", composto por José de Alencar, que era perito na elaboração desses passatempos. José de Alencar, dando o nome de Iracema à heroína de seu romance, quiz, assim, simbolizar a mulher americana.

★

COMO QUER?

O homem aproximou-se do guichet do banco e, diante da surpresa do empregado, apresentou-lhe um cheque de 50 centavos.

O empregado examinou a firma, fez as anotações necessarias e depois perguntou ao interessado:

— Como deseja essa importancia? Cara ou coroa?

Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater á porta do quarto:

— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa, e vai sentar-se na cadeira de balanço.

* * *

— E' bôa! — brada o senhor Rodrigues depois de largo silencio; — é muito bôa! Eu! eu ignorar a significação da palavra *plebiscito*! Eu!...

A mulher e os filhos aproximam-se dêle.

O homem continua num tom profundamente dogmatico:

— Plebiscito...

E olha para todos os lados a ver se ha por ali mais alguem que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecida em comicios.

— Ah! — suspiram todos aliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil! E' mais um estrangeirismo!...

CENA MEDIEVAL

ADEL MARTA VARES

Marchava na estrada
Feliz cavalheiro,
Em passo ligeiro,
Alegre e lampeiro,
Guiando a montada,

Coureça vestia.
Que ao sol relucia.
De noite e de dia...

Em pleno caminho,
No meio da estrada
Deitou uma olhada
P'ra dentro dum ninho,
Gentil pequenino,
Que quasi não via
E dum galho pendia
E quasi caia
Em pleno caminho.

E dentro do ninho,
Que sorte mofina!
Que perfida sina!
O bom passarinho
Estava tão só
Que o pobre bichinho
Metia até dó.

Então o cavaleiro,
Abrindo o gibão,
Mui serio e lampeiro,
Deu-lhe um tostão.

MARÇO DE 1888.

★ *O feio da eleição é se perder.* ★

172 ALMANHAQUE 1949

★ ILUSAO

Aquele poço de água escura e limosa tinha sôbre o meu espirito um fascinio singular. Era para mim um simbolo das coisas misteriosas e insondaveis — de algo que lembrava cadáveres de afogados, segrêdo milenares, profundezas inimaginaveis. Eu o olhava de longe, com medo de me aproximar. Um dia tomei uma taquara, mergulhei-a na água verdusa, comovido e grave. Encontrei logo o fundo. O poço misterioso tinha dez centimetros de profundidade. Sea leito era de lodo vil. Não me lembro se voltei satisfeito ou entristecido com a descoberta. O poço era raso, logo: não havia perigo. Mas é que se acabara tambem o mistério, quebrara-se o sortilégio.

Na vida tenho encontrado pessoas como aquele poço. Principalmente mulheres. Uma máscara impassivel, gestos misteriosos, ares equivocos, longos silêncios — tudo isso às vezes não passa de mero disfarce para uma alma vazia. No fundo, para espantôlez.

★ FICCAO E REALIDADE

Ele chegou ao meu gabinete, disse como se chamava, sentou-se, começou a sua história. Usava chapeu e gravata de veludo negro, sorvia um drinks complicado que seria comovente se o homem não tivesse uma lindissima filha florida, tão gramatical, tão cheia de termos obsoletos. Acabou pedindo que eu o incluisse como personagem no meu proximo romance.

Sveudi a cabeça vigorosamente.

Não. Não posso.

— Mas por que? Por que?

— Porque o senhor simplesmente não existe.

★ CACOETES

Numa daquelas admiraveis novelas de William Somerset Maugham ha uma personagem que tem o cacoete de dar de ombros. Não inconstaveis as vezes que ela succede os ombros no decorrer da narrativa. Há um momento em que chega até a "dar de ombros mentalmente". No fim a gente não sabe se o cacoete é da personagem ou do autor.

E pensando bem, que é, no fundo, a atitude de Somerset Maugham diante da vida senão um permanente, cinico e frio encolher de ombros?

★ FRANKESTEIN

O poeta Byron, seu inseparável amigo, o obtuso dr. Polidori, e mais o poeta Shelley e a sua deliciosa esposa Mary, estão reunidos numa casa de Florença. É uma noite de outono. Lá fóra o vento agita as arvores doentes. Os quatro companheiros estão reunidos ao pé da lareira acesa. Mary lê com sua voz doce um conto de Hoffmann. Os outros escutam com atenção. Há fantasmas, assombrações e pavores na história. O uivo do vento a'ula a impressionar.

Mary fecha o livro. Silêncio. Os quatro amigos ruminam as fantasmagorias. Alguem faz uma proposta curiosa: Vamos tentar nós quatro uma história de horror?

Dias depois estão todos empenhados a escrever o conto combinado.

Shelley, o homem-fada, aéreo e terno, não consegue criar fantasmas. Tudo que sai de sua pena é claro e belo. O dr. Polidori sua e bufa: sua pena é lerda e pesada como um carro-ção carregado de pedras. Os seus fantasmas fazem rir. Byron clicga ao meio de sua história, joga a pena longe, nervosamente, e manda os fantasmas para o diabo. E é da suave Mary, daquela criaturinha delicada e pálida, de lindas mãos transparentes que sai a melhor história, a mais horrível e a que está destinada a vencer o tempo. E o estranho caso de um medico que com pedaços de cadáveres faz um monstro a que consegue dar vida.

Assim nasceu "Frankénstein". O seu monstro é um símbolo. No fundo as histórias que escrevemos são verdadeiros monstros feitos de pedaços de recordações, de velhas experiências, influencias de leitura, lembranças de pessoas e coisas vistas. Tudo isto misturado dá o cento ou o romance. E, bem como na história de Frankenstein, o monstro acaba dominando e matando o seu criador.

BISCOITOS SORTIDOS

De ERICO VERISSIMO

★ CARTA DO LEITOR DESCONHECIDO

— "Porque é que seus livros são sempre impropríos para menores?"

Resposta melancólica:

— "Meu caro amigo desconhecido: A vida é que é impropria para menores."

★ O MAR

Quando vi o mar pela primeira vez, não fiz o classico gesto de deslumbramento, mas confesso que fiquei comovido. Lembrei-me dos grandes lugares — comuns que se disseram e escreveram a respeito e acabei achando que ninguem exprimiu melhor o seu espanto e a sua imponência como aquele caboclo que olhou o mar e gritou: — "Eta, mazrão besta!"

F2: Periódico *A Manhã*, suplemento *Almanhaque*, seção "Biscoitos Sortidos", 1949, p. 172.
Fonte: Biblioteca Nacional (BN).

Na coluna de Veríssimo, o público leitor foi informado sobre o processo de criação inserido na introdução de *Frankenstein*, edição revisada e publicada em 1831. É interessante que os dados da coluna "Biscoitos Sortidos" foram direcionadas ao público apreciador de literatura, mais precisamente às pessoas interessadas em saber acerca das nuances da criação do romance da autora, já que o objetivo do texto jornalístico foi divulgar a produção da obra. Veríssimo não se ateve às adaptações cinematográficas ou ao nome do ator inglês Karloff.

Vale salientar o modo como Veríssimo se referiu a cada ator social que participou da "roda" de leitura de histórias de fantasmas. Shelley foi apresentado como "poeta", "homem-fada", "aéreo" e "terno", delineando a sua personalidade proporcional à profissão que ele

desempenhava; Byron, também, foi referido como poeta e sua atitude inquieta por não conseguir escrever uma história de fantasmas.

Na descrição de Veríssimo, constam as seguintes informações: "Byron chega ao meio de sua história, joga a pena longe, nervosamente, e manda os fantasmas para o diabo". (A MANHÃ, 1949, p. 172). Não obstante, o médico Polidori foi introduzido como "inseparável amigo" de Byron e como "obtuso", indicando a relação próxima dos dois amigos, a ignorância de Polidori concernente à escrita literária ficou aparente pelo adjetivo atribuído por Veríssimo - o "desespero" e o despreparo do médico foram estampados por meio da seguinte narração: " O Dr. Polidori sua e bufa: sua pena é lerda e pesada como um carroção carregado de pedras. Os seus fantasmas fazem rir. " (A MANHÃ, 1949, p. 172).

A autora M. S. foi vinculada a Shelley como "deliciosa esposa Mary" e recebeu adjetivos que remetiam à doçura e delicadeza femininas, tais como: "voz doce", "suave Mary", "criaturinha delicada e pálida", "lindas mãos transparentes". Em suma, o texto de Veríssimo pode ser considerado como tendencioso e sexista por expor os atributos profissionais e os comportamentos das figuras masculinas, descrevendo, superficialmente, M. S. como uma figura feminina dócil e delicada e não valorizando as suas particularidades como autora e/ou profissional das Letras.

Há uma outra análise relevante que foi apresentada na edição de 26 de setembro de 1944, do periódico *Scena Muda*, em que consta uma matéria escrita por Michel do Espírito Santo, intitulada "Romance de Mary Shelley", na qual Santo traça um paralelo entre a obra literária e a adaptação cinematográfica. No texto de Santo, foram ressaltadas as diferenças entre os dois meios de significação, mais precisamente as alterações do enredo e do número de personagens tanto nas produções de 1910 e de 1931 quanto nas suas sucessivas sequências, a saber: 1) a ausência dos aspectos fantásticos do romance escrito por M. S.; 2) a redução do mistério nas muitas adaptações cinematográficas; 3) a criação do personagem Igor, amigo do monstro, nos filmes; 4) a criatura muda e temerosa ao fogo, morte por enforcamento; 5) no romance, o monstro não executa o criador, ele mesmo se suicida ao saltar do navio e se lança ao mar repleto de gelo, na escuridão da noite.

Para Santo, a obra literária expressa comoção e sentimentalismo, e o filme *Frankenstein*, mesmo adaptado, conquistou o público, em

nível global; no entanto, "se fôsse filmado exatamente como está o romance fededigno de Mary Shelley, indubitavelmente seria muito melhor". (SCENA MUDA, 1944, p. 32).[62] De fato, os (as) apreciadores (as) do filme "Frankenstein" seriam privilegiados (as) pela riqueza e complexidade da obra da autora, ao passo que os (as) admiradores (as) e os (as) estudiosos (as) do romance se sentiriam considerados (as) e teriam interesse em assistir às produções fílmicas. Entretanto, é sabido que os dois meios de significação são diferentes um do outro, há peculiaridades indispensáveis tanto para um texto literário quanto para uma produção fílmica, sendo assim improvável a equivalência entre eles.

Baseando-me nos textos jornalísticos da década de 1940, disponíveis no acervo digital da BN, pude inferir que apenas Santo, em 1944, se empenhou em apresentar ao público as diferenças entre a obra literária e a adaptação fílmica. Todavia, em 1949, Veríssimo se interessou em exibir como ocorreu a criação do romance de M. S., enfatizando as figuras masculinas, Shelley, Byron e Polidori, pelas profissões que exerciam. Paradoxalmente, as peculiaridades estilísticas e artísticas da autora não foram evidenciadas, mas sim a figura feminina "delicada e suave" que ela representava.

A partir da coleta das recorrências do nome do personagem Frankenstein, a análise do teor das matérias comprova que, em linhas gerais, a imprensa carioca explorou, intensamente, o nome "Frankenstein" para se referir a reprises e sequências fílmicas da produção de 1931, a outros filmes do mesmo gênero, a críticas políticas, a trabalhos cinematográficos do ator Karloff; contudo, a imprensa paulista não privilegiou, intensivamente, o nome do personagem criador do monstro de M. S.

Na década de 1940, a mídia impressa brasileira, em especial, a carioca e a paulista, priorizou as produções da série "Frankenstein", ou seja, a indústria cinematográfica mostrou seu poder financeiro pelo investimento empregado em *marketing* na imprensa impressa. Houve um aparente investimento de divulgação dessas produções na mídia impressa para atrair o público leitor e ouvinte a assistir aos filmes

[62] Endereço eletrônico da coluna literária do periódico *Scena Muda*, publicada em 26 de setembro de 1944: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=084859&pesq=mary shelley&pasta=ano 194. Último acesso em 15 de dez. de 2014.

sequenciais da produção de 1931 e longas-metragens do mesmo gênero de terror. O texto de M. S. continuava sendo um potente entretenimento para o grande público via produção fílmica as resenhas críticas da imprensa brasileira não se detinham a analisar, contextualizar e apresentar o filme, de maneira aprofundada ou sistêmica, mas de forma superficial e estereotipada.

Nos anos de 1950, a situação não foi diferente o principal meio de acesso à história de *Frankenstein* ainda acontecia via lançamentos de produções fílmicas e o contato com o texto literário era pouco evidente. Há apenas uma fonte que anunciou a segunda tradução brasileira do romance, de 1957, de Caio Jardim, pela editora Universitária, a saber: a edição de março de 1958, da *Revista do Livro*, em parceria com o Instituto Nacional do Livro. Tanto a tradução literária de Stella Martins Paredes quanto a de Caio Jardim não receberam a atenção da imprensa brasileira.

3.6.3 A Promoção das Primeiras Traduções de *Frankenstein* entre os Anos de 1940 e 1950

A partir das buscas realizadas em periódicos da época, pude identificar que os leitores e leitoras daqueles textos informativos tiveram conhecimento do lançamento da primeira tradução completa da obra de M. S., por Stella Martins Paredes. A divulgação sucedeu-se entre o final de 1943 e início do ano seguinte.

Destaco a nota divulgativa publicada, em 05 de fevereiro de 1944, pela revista carioca *Fon-Fon*, a qual anunciou a tradução intitulada *Frankenstein – o criador e o monstro*, pela editora Casa Vecchi. Para a propaganda, a revista reservou a seção *Leiam Fon-Fon e os Livros*, sob a direção de Elcias Lopes, na qual eram promovidas traduções, obras "originais" brasileiras e francesas, além de romances como o de Dostoievski, intitulado *Espírito Subterrâneo*, pela editora Epasa, do Rio de Janeiro, sem menção ao nome do tradutor.

Na edição da coluna *Vitrina*, foram difundidos três títulos: o primeiro, *Frankenstein*, de M.S., e o terceiro, *O Cisne Negro*, de Rafael Sabatini, ambos da editora Casa Vecchi, do Rio de Janeiro, vertidos por Stella Martins Paredes e por Éneas Marzano, respectivamente. O segundo lançamento intitulado *O Agressor* tratava-se de uma publicação nacional de Rosário Fusco, edição da José Olympio, do Rio de Janeiro.

Tem-se, também, na mesma seção, a coluna denominada "contos" que exibiu o lançamento do livro francês *Présence du Pásse*, de Max Fischer, pela editora Americ-Edit, de Paris.

Para exemplificar o teor discursivo da mensagem, transcrevo o texto da coluna *Vitrina*, da revista *Fon-Fon*, no qual constam informações da obra *Frankenstein* traduzida por Stella Martins Paredes, a seguir[63]:

FRANKENSTEIN – "O Criador e o Monstro" – MARY SHELLEY – Editora Vecchi – Rio.

FRANKENSTEIN – O criador e o monstro – é o empolgante romance de Mary Shelley, que continua a marcar o seu formidável sucesso, no livro e na tela.
A Editora Vecchi apresenta-nos, agora, uma nova e completa edição dessa obra de sensação, traduzida cuidadosamente por Stela Martins Paredes.
Na capa desse volume graficamente bem trabalhado vem estampada uma fotografia dos atores Lon Chaney e Cedric Hardwiche, os dois excelentes intérpretes do Criador e o Monstro.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BN) - Revista *Fon-Fon*, coluna *Vitrina*, (05 de fev. 1944, p. 24).

É nítido que a crítica tendia a associar o romance de M. S. a adaptações cinematográficas, e a capa da edição de 1943 comprova a vinculação do cinema ao texto literário da autora ao deixar estampada a foto dos dois protagonistas Cedric Hardwicke e Lon Chaney Jr, como o cientista e o monstro, do filme "O Fantasma de Frankenstein" (1942), pela *Universal Studios* com direção de Erie C. Kenton. Na nota da revista, o texto traduzido de M. S. é classificado como romance de sensação, isto é, obra de apelo popular e de baixo custo, cujas capas são apelativas, a fim de atrair a atenção do (a) leitor (a) por meio de imagens que exaltam violência, crime e sexo.

[63] *Link* da revista *Fon-Fon* disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1944/fonfon_1944_006.pdf. Último acesso em setembro, 2016.

A figura 3 ilustra a capa da tradução *Frankenstein: O Criador e o Monstro* (1943), por Stella Martins Paredes, anunciada pela revista *Fon-Fon*[64]:

LEIAM FON-FON

ROMANCES

VITRINA

CONTOS

ESPIRITO SUBTERRANEO — DOSTOIEVSKI — Epasa — Rio.

A obra de Dostoievski é tumultuosa e profunda como a própria vida. Suas raízes atingem as entranhas mesmas da alma humana. Inquieta e torturada, a buscar um sentido, uma expressão para o seu destino na terra. Não ha, na obra do grande escritor russo, a paz e a tranquilidade das grandes revelações que iluminam e confortam a vida interior. Sob o velario do mistério que envolve nas sombras de si mesmos os seus personagens, Dostoievski anima-os com um verdadeiro espírito subterrâneo» num jogo de gestos, de atitudes e de revelações que apenas sugerem o sentido mais profundo, mais doloroso ou mais trágico das vidas que êle focaliza e estuda.

Daí, muitas vezes, êsse estado de «incompreensão» que nos assalta e

Dostoievski

conturba o espírito diante da obra mais profundamente psicológica, por mais intensamente humana, do torturado autor de «Crime e Castigo» e tantos outros volumes que ficaram para sempre, porque trazem a marca das criações imperecíveis.

«Espírito Subterrâneo», a nova obra de Dostoievski que a Epasa acaba de editar, é um grande livro. Livro para ser lido, meditado, refletido, e compreendido no ambiente de pesadelo em que se processa o sentido mistico da sua objetivação.

FRANKENSTEIN — «O Criador e o Monstro» — MARY SHELLEY — Editora Vecchi — Rio.

FRANKENSTEIN — O criador e o monstro — é o empolgante romance de Mary Shelley, que continua a marcar o seu fortíssimo sucesso, no livro e na tela.

A Editora Vecchi apresenta-nos, agora, uma nova e completa edição dessa obra de sensação, traduzida cuidadosamente por Stela Martins Paredes.

Na capa desse volume graficamente bem trabalhado vem estampada uma fotografia dos atores Lon Chaney e Cedric Hardwicke, os dois excelentes intérpretes do Criador e do Monstro.

O AGRESSOR — ROSÁRIO FUSCO — Livraria José Olympio Editora — Rio.

O culto e esclarecido espírito de Rogerio Fusco já se afirmara brilhantemente na crítica literária, em ensaios e artigos que muito recomendavam os recursos intelectuais do jovem escritor mineiro.

Seu nome era, assim, portador de valiosas credenciais literárias que bastante o capacitavam para a conquista de novas vitórias em outros setores da atividade espiritual, como acaba de confirmar sua magnífica estréia no romance, com «O Agressor», em esmerada edição da José Olympio.

Nesse novo gênero literário, Rogerio Fusco afirma sua forte e bem marcada personalidade de escritor, apresentando-nos uma obra em que a observação psicológica, a preparação do ambiente e a criação dos tipos que dramatizam o romance se casam a uma admiravel segurança de técnica.

O CISNE NEGRO — RAFAEL SABATINE — Coleção «Os Audazes» Editora Vecchi — Rio.

OUTRO grande romance, já filmado, acaba de ser lançado pela Vecchi: «O Cisne Negro», do renomado escritor inglês Rafael Sabatini.

No gênero «aventuras de nossos tempos» essa obra é realmente empolgante. A dramatização de suas cenas, de seus quadros movimentados e cheios de lances impre-

vistos, é segura e forte, oferecendo ao leitor as mais variadas sensações.

Filmado em técnicolor por Henry King, «O Cisne Negro» tem como seus principais intérpretes Tyrone Power, Maureen O'Hara e outras grandes figuras da tela.

A tradução é de Eneas Marzano.

PRÉSENCE DU PASSÉ — MAX FISCHER — Americ — Edit. Rio.

A' frente da Americ Edit., que ele fundou em 1941, ao chegar ao Brasil, e sob os melhores auspícios, Max Fischer é bem uma fo[rça] de espiritualidade e [de] ação da velha e sempre gloriosa França imortal.

Bem cedo o editor inteligente, culto e empreendedor revelou-se aos nos-

Max Fischer

sos círculos intelectuais com a criteriosa divulgação de obras notaveis, de vários autores, ressaltando com os melhores aplausos.

E Max Fischer — escritor — logo se impõe à simpatia e à consideração do meio cultural brasileiro.

Faltava, porem, revelar-se-nos o autor. Max Fischer — escritor.

E a revelação foi das mais gratas e das mais belas: a Americ-Edit. publicou, ha pouco, na sua admiravel coleção, Mémoire du Passé, de Max Fischer, obra que, embora escrita na França, em francês, obteve um êxito invulgar.

Tudo nesse precioso e sugestivo volume de contos é sereno e belo. Desabalho de artista, fatalidade consumado, mas também de marcante e forte personalidade literária e de [...] todos os recursos de [...] observação e [...] técnica que revelam

FON - FON

F3: Nota de lançamento de *Frankenstein: O Criador e o Monstro*, de Stella Martins Paredes, pela editora Casa Vecchi, 1943.
Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Revista *Fon-Fon*, edição de 05 de fevereiro de 1944.

64 Vide nota de rodapé anterior.

O lançamento da primeira tradução completa de *Frankenstein* recebeu pouca visibilidade na imprensa brasileira, e a crítica jornalística tratou a tradução de maneira superficial, provavelmente, em razão de que uma pequena parcela da população era letrada, o trabalho do profissional de tradução não era devidamente valorizado e, principalmente, por ter sido o foco central da mídia anunciar, ostensivamente, os filmes hollywoodianos. É notável a disparidade entre a difusão alcançada pela obra literária traduzida e pela adaptação fílmica na mídia impressa. O veículo fílmico, já àquela época, era lucrativo e recebia apoio da imprensa jornalística por esta ser remunerada para difundir seus produtos, atingindo, assim, diferentes públicos. Pode-se inferir que a primeira tradução brasileira do texto de M.S. foi encomendada a Paredes por causa do sucesso dos filmes exibidos no cinema.

3.6.4 Um Olhar Analítico sobre o Discurso Jornalístico

Foi durante as pesquisas sobre a repercussão de *Frankenstein* traduzido na década de 1940 que me deparei com a nota de lançamento da tradução de Stella Martins Paredes, na edição de 05 de dezembro de 1943, página 7, do periódico *A Manhã*.[65] O texto me chamou a atenção por estar permeado por diferentes discursos, por vezes contraditórios. A seguir, apresento a transcrição da nota e, então, a analiso:

> "Frankenstein – o criador e o monstro"– Mary Shelley – Romance cinematográfico – Editora Vecchi – Rio, 1943.
>
> Acaba de sair dos prelos da conceituada Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, em edição de esmerado acabamento. O famoso romance de Mary Shelley. –"Frankenstein: o criador e o monstro".
>
> Darwin, o insigne cientista, achou possível que um dia, na vida real, um doutor Frankenstein de carne e osso conseguisse criar um homem artificial semelhante ao imaginado por Mary Shelley.

[65] Endereço eletrônico da edição digitalizada do jornal *A Manhã*, do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=criador%20e%20o%20monstro&pasta=ano%20194. Último acesso em setembro de 2016.

> "Frankenstein" é de um raro fascínio, disse Baudelaire. E isso é indubitável, porque a força sugestiva deste romance resiste ao tempo, empolgando não só o leitor que se deleita com a sua leitura na soledade do seu gabinete, como também multidões inteiras, a quem faz vibrar estremecidas nas salas de cinema, desde que Hollywood levou à tela o monstro e o seu criador. Passam-se os anos e os filmes de "Frankenstein" sucedem-se uns aos outros porque o público pede mais e mais, sem nunca saciar-se de um assunto como este, tão original e fascinante.
>
> Este é o autêntico "Frankenstein", o escrito por Mary Sheller, esposa do imortal poeta desse nome. E a presente edição é completa, definitiva, estampando na capa uma fotografia dos atores Lon Chaney e Cedric Hardwick, em uma de suas mais felizes interpretações do criador e do monstro.
>
> O sensacional romance que a Casa Editora Vecchi acaba de dar a lume foi primorosamente traduzido por Stella Martins Paredes.
>
> Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BN) – Periódico *A Manhã*, coluna *Livros Novos*, (05 de dez. 1943).
> (Grifo e ortografia do texto original).

Na primeira linha do texto transcrito, o público leitor é informado que a publicação se trata de um romance cinematográfico, isto é, uma tradução encomendada em caráter especial. A classificação conferida ao romance é equivocada e deve ter confundido o (a) leitor (a) que ignorava o teor da obra de M. S. Ao receber uma diferente classificação, a história *Frankenstein* traduzida é vista sob um novo viés, o fílmico, que remete a efeitos especiais, melodramas, cenas interrompidas, etc.

Na nota há diferentes discursos no primeiro parágrafo tem-se o discurso da propaganda ou discurso persuasivo, típico da linguagem jornalística que almeja o convencimento e/ou a mudança da opinião pública. Alguns elementos são destacados no parágrafo, a saber: a editora qualificada como "conceituada"; a qualidade do produto é atribuída pela "edição de esmerado acabamento"; a obra da autora é reconhecida como "famoso romance".

No segundo parágrafo, há o "suposto" discurso científico, em razão da referência ao nome do cientista Darwin, de maneira errônea, como se ele houvesse acreditado na criação de uma criatura humana, de maneira artificial, como a autora M. S. o fez em sua obra ficcional. Darwin foi responsável pela teoria do evolucionismo e em momento

algum ele afirmou que “um doutor Frankenstein de carne e osso [...] ” seria capaz de “[...] criar um homem artificial semelhante ao imaginado por Mary Shelley”. (*A MANHÃ*, 1943, p. 7). Além da informação incorreta sobre a perspectiva de Darwin, no mesmo parágrafo o (a) leitor (a) inocente e/ou ignorante pode acreditar em um falso prestígio adquirido pela autora.

O terceiro parágrafo inicia-se com uma citação do poeta francês Charles Baudelaire enaltecendo o romance, dando a impressão de um discurso literário; no entanto, o discurso inicial se transforma em persuasivo para destacar a adaptação cinematográfica e convencer o público da grandiosidade dos filmes hollywoodianos e da importância indispensável de assisti-los no cinema.

No quarto parágrafo, pode-se perceber que o (a) leitor (a) é manipulado (a) a acreditar que a história é “autêntica”; isto é, no início do parágrafo a ideologia instaurada é que o público estaria lendo a obra “original” de M. S. e não a tradução. Outro aspecto relevante é que o nome da autora é associado à relação familiar, no caso como esposa do “imortal poeta”, o qual é relacionado à sua ocupação profissional; o discurso dominante masculino se estabelece, conferindo a M. S. o papel de esposa de um grande poeta. Isto é, a figura da tradutora Stella Martins Paredes se vincula aos homens da família, procedimento típico daquele momento histórico.

No quinto parágrafo, o (a) leitor (a), provavelmente, acredita que aquela edição é a última, que outras edições não seriam lançadas, pois o discurso persuasivo acaba por intensificar a qualidade do produto, de maneira exagerada, por meio do adjetivo “definitivo”. Nesse mesmo discurso, relata-se que na capa constam as imagens dos atores do filme hollywoodiano de 1942, estratégia essa para difundir a obra traduzida, vinculando-a à adaptação fílmica.

No sexto e último parágrafo, o discurso jornalístico pode ser percebido incitando o público leitor a comprar o livro. O nome da tradutora é anunciado apenas na última linha do texto, deste modo a sua visibilidade profissional é garantida.

É evidente a vinculação da tradução de Stella Martins Paredes à produção cinematográfica, fato este comprovado tanto pela capa, em que há as imagens dos atores principais do filme hollywoodiano do ano anterior, quanto pelos discursos que perpassam o texto analisado anteriormente. O discurso dominante, do texto do periódico *A Manhã*, é

o jornalístico e/ou persuasivo, para promover as adaptações cinematográficas, e papéis sociais específicos são atribuídos ao casal M. S. e Shelley, ela o de esposa e ele o de poeta, relacionados à família para o feminino e à profissão para o masculino.

Em seguida, na subseção 3.6.5, apresentam-se alguns dos trabalhos tradutórios de Stella Martins Paredes e de Caio Jardim difundidos pela mídia impressa brasileira entre os anos de 1940, 1950 e 1960, a fim de promover visibilidade a esses profissionais de tradução.

3.6.5. A Difusão dos Trabalhos Tradutórios de Stella Martins Paredes e de Caio Jardim na Mídia Impressa

Antes de traduzir *Frankenstein*, Stella Martins Paredes já havia realizado outros trabalhos tradutórios, os quais foram publicados pela mesma editora, Casa Vecchi. Esses trabalhos foram divulgados na mídia impressa, e entre eles estavam: 1) *Convite à Valsa* (1938) e *Intemperies* (1941), de Rosamond Lehmann; 2) *A rainha Vitoria* (1939), de Lytton Strachery; 3) *A Mulher depois dos 40 anos* (1942), de Sarah Trent; 4) *Os morros dos maus espíritos* (1942), de Harold Bell Wright; 5) *O Caminho da Glória* (1943), de Bette Davis.

Em 1962, foram lançados dois romances policiais, vertidos por elas, pela Tecnoprint, Edições de Ouro são eles: *Apenas um dedo se movia*, de Agatha Christie, e *De repente com violência*, de Carter Brown.

Já Caio Jardim verteu algumas obras para as editoras José Olympio e Universitária, entre os trabalhos estavam: *Duas novelas: O príncipe Kassatsky e O diabo* (1940), de Totstoi; *Pai e filho* (1944), de Erskine Caldwell; *O manto de cristo – a odisséia de um legionário romano* (1944) e *Só a vida nos pertence* (1945), de Lloyd C. Douglas, para a Universitária; *Memórias de Casanova* (1945), de Jacques Casanova, para a José Olympio; *O macaquinho perdido* (1949), de Jo Besse McElveen Waldeck, para a Melhoramentos.

Assim como Stella Martins Paredes, Caio Jardim foi pouco divulgado como tradutor nos periódicos brasileiros. Não há registros de resenhas críticas sistemáticas sobre as traduções desses dois profissionais.

Mesmo tendo uma atividade profissional, como tradutora, Stella Martins Paredes não foi valorizada com o devido mérito, pois seu nome

estava sempre atrelado à uma figura do sexo masculino, ao marido e ao filho. Na próxima subseção, discuto sobre os papéis sociais que a mídia atribuiu aos dois profissionais para identificar possíveis diferenças e o discurso predominante naquela época.

3.6.6. Os Papéis Sociais de Stella Martins Paredes e de Caio Jardim sob a Perspectiva da Mídia Impressa

Na imprensa brasileira, em especial a carioca, o nome de Stella Martins Paredes esteve vinculado à relação familiar e se resumia, em grande parte, a eventos sociais e familiares, tais como: as bodas de casamento, aniversário do marido, convite e felicitações pela formatura do filho, Jorge Luiz Paredes, graduado em Ciências e Letras.[66]

Stella Martins Paredes era representada como esposa do médico George de Oliveira Paredes e como mãe de um filho professor, exibindo, assim, a situação feminina, nos anos de 1940, de ser subordinada à figura masculina, no caso, ao marido e ao filho.

Não obstante, Caio Jardim era referenciado em relação às funções profissionais desempenhadas por ele, tais como: crítico de jornal, tesoureiro de sanatório, escritor e tradutor. Dessa maneira, o discurso dominante masculino que perpassava a ideologia daquela época era da mulher como "dona do lar" e do homem como do mundo dos negócios e o "chefe da família", ou seja, eram os papéis sociais.

---

[66] Em o *Jornal do Brasil* (1949), anunciou-se o aniversário de Jorge Luiz, filho do médico George de Oliveira Paredes, funcionário da Secretaria da Saúde e Assistência e a tradutora foi referenciada como D. Stela Martins Paredes. *Link* do jornal, disponível no acervo digital da BN: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pesq=martins%20paredes&pasta=ano%20194. Último acesso em jun. 2016.

Em *A Manhã* (1949), Stella Martins Paredes foi felicitada pelo seu aniversário na coluna *Mundo Social*, em que foi referenciada como "Sra. Stela Martins Paredes, conhecida escritora e tradutora, esposa do Dr. George de Oliveira Paredes, médico da Secretaria da Saúde e Assistência". Maiores informações estão disponíveis no endereço eletrônico: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&PagFis=19262&Pesq=martins%20paredes. Último acesso em jun. 2016.

3.7 RESULTADOS DO CAPÍTULO

No Brasil, o romance de M. S. teve sua entrada por meio do filme de 1931, tendo a mídia impressa como o principal meio de divulgação. Essa versão fílmica foi anunciada, intensamente, pelos periódicos cariocas e paulistas, entre 1940 e 1950. Em linhas gerais, pode-se inferir que o filme de 1931 era o texto "original" para os (as) brasileiros (as) daquela época, pois essa releitura do texto da autora foi a primeira apresentada ao grande público, uma vez que a primeira tradução literária foi publicada somente em 1943, sob a classificação de romance cinematográfico, e houve raras menções ao nome da "real" criadora da obra.

A imprensa brasileira, em especial, a carioca e a paulistana, deu grande apoio na promoção das produções cinematográficas da série *Frankenstein*, ou seja, a indústria fílmica mostrava seu poder financeiro, em razão da elevada vendagem de bilhetes para os filmes sequenciais do filme de 1931 e para os longas-metragens do mesmo gênero de terror. A obra literária de M. S. continuava sendo um potente entretenimento para o grande público via meio audiovisual e os críticos dos periódicos cariocas e paulistas não se detinham a analisar, contextualizar e apresentar o romance, de maneira aprofundada ou sistêmica, mas de forma superficial.

Nos textos jornalísticos, na década de 1940, Stella Martins Paredes era referenciada pela posição de esposa e mãe de filho professor e por situações de âmbitos familiares, representação esta que retratava a sociedade masculina dominante daquele período. Os trabalhos tradutórios da brasileira foram divulgados na mídia de maneira pouco abrangente. No caso de *Frankenstein*, este texto foi estereotipado por receber a classificação de romance de sensação por parte da revista *Fon-Fon* e cinematográfico pela Casa Vecchi Editora, que estampou na capa a imagem dos dois protagonistas do filme "O Fantasma de Frankenstein".

Na década de 1950, a segunda tradução literária brasileira do romance foi publicada pela editora Universitária, em 1957 e vertida por Caio Jardim em meio a muitas propagandas de novas adaptações e de reprises das sequências de "Frankenstein" para o cinema. Assim como ocorreu com a divulgação do texto vertido pela tradutora, a tradução de Caio Jardim também foi pouco divulgada na mídia impressa.

Para exemplificar as constatações acerca da ausência e/ou da escassez de dados acerca da obra literária e da autora M. S. nos periódicos brasileiros, em 1932, o periódico *A Scena Muda*, número 578 – 12º ano, do jornal *Diário Carioca*, reservou quatro páginas para a narrativa da história do filme "Frankenstein" (1931), da *Universal Studios*; no entanto, o periódico não relatou a autoria do texto inserido naquelas quatro páginas. A história narrada na *A Scena Muda* foi exposta em formato resumido e adaptado com base no romance de M. S. Nesta mesma matéria, tanto o nome do diretor James Whale quanto o ano de lançamento do filme não foram informados, configurando-se, assim, como uma matéria descuidada por não dar os devidos créditos à autora.[67]

Neste capítulo, foi possível expor que a obra *Frankenstein* (1818) inspirou adaptações teatrais, cinematográficas e traduções literárias que foram lançadas praticamente no mesmo ano das sequências fílmicas. No decorrer da investigação acerca da entrada e da recepção da autora M. S. e da sua obra no Brasil, pude certificar-me de que a exibição do romance por meio do cinema se mostrou como o principal recurso para a sobrevivência do texto. Os periódicos cariocas e paulistas difundiram outras produções fílmicas da *Universal Studios* e os principais atores sociais eram os protagonistas do filme de 1931, do diretor James Whale, os quais se tornaram referências para a promoção de novos filmes da produtora norte-americana.

Outro aspecto percebido diz respeito às representações sociais da tradutora e do tradutor, delineadas nos periódicos brasileiros, os quais sinalizavam as posições de cada um destes profissionais na sociedade; isto é, por um lado, Stella Martins Paredes teve seu nome atrelado aos títulos de "Sra." (lê-se: senhora), de esposa de um médico e de mãe de um filho professor. Por outro lado, Caio Jardim era reconhecido como escritor e tradutor. Pode-se notar que a posição feminina era subordinada ao masculino, em especial, à família enquanto a figura masculina era valorizada pela profissão desempenhada na sociedade.

---

[67] A edição de no 578, 12º ano, de 1932, da revista *A Scena Muda*, está disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=084859&PagFis=20850&Pesq=frankenstein. Último acesso em setembro, 2016.

É perceptível a manipulação da mídia que promovia, amplamente, os filmes da série "Frankenstein", da *Universal*, e pouco informava sobre lançamentos de clássicos da literatura. O público era persuadido a assistir aos filmes hollywoodianos, em decorrência do grande poder econômico da indústria cinematográfica, propiciando lucratividade tanto à mídia que propagava as produções quanto aos empresários das salas de cinema e aos envolvidos na distribuição e na difusão dos vários filmes da *Universal*.

A despeito da recontextualização persuasiva e manipuladora da mídia, tanto a imprensa brasileira quanto a indústria cinematográfica tiveram papéis importantes por terem intermediado o contato do grande público com a história *Frankenstein*, de M. S., e por terem inspirado produções que dialogaram (e ainda continuam a dialogar) com a obra da autora, por meio da interdiscursividade.

Considerando-se a recontextualização realizada neste capítulo, e como meu interesse remete à questão da tradução, investigo a seguir, seis edições brasileiras para identificar:

1- como os tradutores e a tradutora lidaram com os desafios da tradução;

2- se contemplaram o sentido (significação) e/ou a letra (estrutura textual) do TP;

3- se os TCs foram domesticados ou estrangeirizados.

Para tal, examinarei apenas as quatro cartas iniciais, pois elas sustentam a narrativa principal e demonstram o discurso interativo entre os participantes: o personagem narrador, Walton, a sua irmã Margaret Saville e o cientista Frankenstein, que foi resgatado em alto mar.

Examinarei assim como o texto de M.S. foi retextualizado para o português brasileiro e para compreender os seis TCs selecionados, farei uma primeira análise do TP em inglês no próximo capítulo.

Minha análise focalizará, particularmente, nos pronomes pessoais, nas formas de tratamento, nos adjetivos e advérbios avaliativos, pois são marcadores explícitos da interação entre os participantes no discurso. Examinarei ainda topônimos e antropônimos para identificar se os textos traduzidos se aproximam ou se distanciam do estilo do TP.

4 AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*

4.1 INTRODUÇÃO

Para a justificativa da escolha do *corpus* de análise, considerei a viabilidade de examinar as mais de duzentas páginas do romance de M.S. e constatei que não teria condições de analisar toda a obra, devido à sua extensão e profundidade.

Decidi assim utilizar somente as cartas para uma análise mais detalhada, posto que elas definem o texto principal por serem microcosmos da narrativa. Por meio delas, o público leitor prevê o que irá acontecer na narrativa principal. Então, é sobre esses textos que me debruço a seguir, estudando em primeiro lugar as características estilísticas do TP para depois, no capítulo 5, me dedicar aos TCs. Meu objetivo é o de verificar se as edições brasileiras tendem a ser mais domesticadoras ou estrangeirizantes e se os tradutores e tradutora decidiram privilegiar o sentido ou a letra do TP. A análise das cartas na LP é realizada para se evidenciar a interação entre os participantes e o estilo do texto de M. S. e testar se esses aspectos foram mantidos ou não nos TCs, além de detectar quais foram os efeitos das supostas adaptações brasileiras.

Neste capítulo são exibidas informações acerca das quatro cartas iniciais do TP que abrem a narrativa do romance *Frankenstein* (2012), de M. S., da coleção *Signature Editions*, publicada pela *Sterling Publishing* em parceria com a editora Saraiva, cuja edição apresenta um texto introdutório de Allen Grove, prefácio de Shelley (1817) e introdução da autora M.S. (1831). [68]

Para análise das cartas, serão contemplados seis elementos lexicais, a saber: os pronomes pessoais e de tratamento, nomes próprios dos (as) personagens e de localidades (antropônimos e topônimos), adjetivos e advérbios avaliativos.

Para justificar a escolha desses seis elementos, esclareço que o levantamento de dados e a reflexão sobre as implicações das ocorrências serão apreciados no próximo capítulo de análise das seis edições brasileiras do romance de M. S., de 1957, [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 e 2013, cujas traduções são das autorias de Caio Jardim, Éverton Ralph,

[68] Na seção de Anexos, estão incluídas as quatro cartas do TP.

Miécio Araújo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, respectivamente. Na análise comparativa, perscrutarei também se os antropônimos e os topônimos foram domesticados ou estrangeirizados, e se houve distanciamento ou aproximação dos termos adaptados com o público leitor. Meu olhar para os pronomes pessoais buscará constatar se os atores sociais foram modificados, e quais foram as consequências dessa suposta alteração na proposta do TP. Os pronomes de tratamento sinalizarão o grau de formalidade entre os (as) personagens. Tanto os adjetivos quanto os advérbios avaliativos serão examinados para revelar a ideologia da narrativa e o estilo da autora M. S.

Por uma questão de organização na exposição das ocorrências dos elementos lexicais, enumerarei cada excerto por classe gramatical, a saber: pronomes pessoais (1), pronomes de tratamento (2), antropônimos (3), topônimos (4), adjetivos e advérbios avaliativos (5) e (6).

4.2 INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*

O TP pode ser caracterizado como romance epistolar, posto que M. S. fez uso da narrativa de encaixe, estilo estilístico típico do romantismo, em que os (as) escritores (as) abriam e fechavam seus textos com cartas. Esse formato de texto destaca o tema central do romance, facilita a leitura e adiciona uma história secundária que busca legitimar a trama principal. Em se tratando do texto de M.S., na carta do personagem narrador, Walton, endereçada à irmã Margaret, o encontro do personagem narrador Walton com a criatura é registrado e, possivelmente, legitima o relato do cientista Frankenstein sobre a existência da monstruosidade do ser projetado por ele.

Nas quatro cartas, o personagem narrador Robert Walton é o remetente e a irmã Margaret Saville, a destinatária. Nas correspondências de Walton, a irmã é informada sobre a segurança e paradeiro do irmão durante a expedição marítima ao polo norte, assim como sobre o resgate do estrangeiro naufragado no oceano, o qual refere-se ao cientista Frankenstein obstinado a encontrar a criatura para se vingar dela.

Unanimamente, a interação passiva de Margaret Saville se evidencia no discurso, visto que a sua função é importante na história por intermediar o contato do público leitor com o texto de M. S., a qual utiliza uma mulher em seu romance, escolha essa que dignifica e valoriza a figura feminina que, na trama, o irmão a toma como confidente. *Frankenstein* é uma história retextualizada passível de elementos textuais que marcam o teor afirmativo e /ou expositivo da narrativa do personagem narrador. É possível que Walton busca persuadir Saville a aceitar a sua iniciativa "perigosa", a acreditar na grandiosidade e na relevância daquela viagem exploratória e a considerar o cientista Victor Frankenstein, resgatado por ele e seus marinheiros, como vítima da situação por ter sofrido a perda do pai, do irmão, da noiva e da empregada, bem como do melhor amigo, em razão do ódio e vingança da criatura "monstruosa" produzida por ele em seu laboratório.

Nas subseções seguintes, seguem as sínteses das quatro cartas do TP e a verificação dos dados coletados.

4.3 SÍNTESE DA CARTA 1 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES

A primeira carta é datada em 11 de dezembro de 17- (estilo da literatura da época), da localidade de São Petersburgo, Rússia à *Mrs*. Saville, na Inglaterra. Nesta passagem, o personagem narrador está em busca de um caminho ao Oceano Pacífico pelos mares do polo norte. A partir das descrições e afirmações de Walton, tanto Saville quanto o público leitor têm conhecimento das severas condições climáticas e dos riscos iminentes naquela jornada. O discurso afirmativo do narrador induz o público a crer na segurança e confiabilidade de Walton e da tripulação. Na correspondência, o personagem narrador expõe o seu objetivo de chegar à cidade de Archangel, na Rússia, e lá fretar um navio. A irmã recebe a informação de que o irmão realizaria seu sonho de juventude, por ter esse sido proibido pelo pai de ingressar na carreira marítima como o tio Thomas.

Walton revela a Saville os seus projetos de alugar um navio e de contratar marinheiros experientes na prática da pesca de baleias. No final da carta, ele esclarece que há a possibilidade de retardamento do

futuro reencontro dos dois, irmão e irmã, bem como que uma fatalidade poderia ocorrer com ele.

No que diz respeito à estrutura da primeira carta inicial da obra, ela está distribuída em três páginas, em um total de 51 sentenças e com 1.206 palavras, cujas ocorrências maiores são as palavras funcionais, *The* (artigo definido, em português, traduz-se: "o (a) (s)"), em 67 entradas, *I* (o pronome da primeira pessoa do singular, em português, traduz-se: "eu"), em 46 entradas, e *and* (conjunção aditiva, em português, traduz-se: "e"), em 44 entradas.

Verifiquei que a narrativa da carta 1 (C1) acontece, majoritariamente, na primeira pessoa do singular; isto é, o ator social em foco e responsável pelo relato dos fatos e impressões iniciais diz respeito ao navegador Robert Walton, o qual troca correspondências com a irmã Margaret Saville.

Elencarei, no quadro III, a frequência dos pronomes pessoais (1) na referida carta:

Quadro III – Frequência dos pronomes pessoais na C1

Pronomes pessoais	**Frequência**
I	46
You	09
He	02
They	02
It	01
We	01

O personagem Walton, navegador e irmão de Margaret e agente de enunciação (narrador) do início da história, centraliza as ações em si mesmo, em 47 situações, ao se corresponder por cartas com a irmã, a principal enunciadora (ouvinte) da narrativa e reportada por ele pelo pronome neutro *you* em 09 ocorrências.

São especificadas e tratadas as recorrências, em seguida, do pronome *you* para compreender como ocorreu a interação entre o agente de enunciação e a enunciadora e/ou ouvinte:

- (1.1) *<u>You</u> will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which <u>you</u> have regarded with such evil forebodings.* (p. 3)

No exemplo 1.1, o personagem narrador se refere à "ouvinte", no início da carta, para comunicá-la sobre o sucesso do começo da viagem marítima. Percebo que Walton acredita conhecer os sentimentos da irmã por afirmar que ela ficará contente ao receber aquela escrita.

- (1.2) *I feel a cold northern breeze play upon my cheeks, which braces my nerves, and fills me with delight. Do <u>you</u> understand this feeling?* (p. 3)

No caso 1.2, Margaret é questionada se ela consegue entender o prazer que ele, o irmão, está sentindo com o contato da "brisa fria do norte em seu rosto", provavelmente por ser aquele um sonho que se realizaria.

- (1.3) *But supposing all these conjectures to be false, <u>you</u> cannot contest the inestimable benefit which I shall confer on all mankind to the last generation, by discovering a passage near the pole to those countries, to reach which at present so many months are requisite; or by ascertaining the secret of the magnet, which, if at all possible, can only be effected by an undertaking such as mine.* (p. 4)

No fragmento 1.3, a personagem é manipulada a aceitar que a missão exploratória de Walton propiciará "melhoramentos a humanidade" por ele descobrir o caminho do polo norte para países desconhecidos.

- (1.4) *<u>You</u> may remember that a history of all the voyages made for purposes of discovery composed the whole of our good Uncle Thomas´ library.* (p. 4)

No caso 1.4, o personagem narrador busca familiarizar a irmã com sua expedição ao ativar a memória dela quanto as viagens narradas nos livros da biblioteca do tio Thomas, esta aproximação sugerida por Walton, possivelmente, manipula a personagem feminina a aceitar a viagem dele.

- (1.5) *<u>You</u> are well acquainted with my failure, and how heavily I bore the disappointment.* (p. 4)

No extrato 1.5, o navegador recorda que a irmã conhece bem o fracasso e/ou frustração que ele defrontou por não ter sido bem-sucedido como um artista consagrado como Homero ou Shakespeare. Ao reconhecer o seu fracasso, Walton induz Margaret a aceitar a sua nova meta profissional.

- (1.6) *The cold is not excessive, if <u>you</u> are wrapped in furs – a dress which I have already adopted […].* (p. 5)

No fragmento 1.6, o pronome *you* é usado com o sentido de "qualquer pessoa", estratégia para se identificar com o (a) ouvinte.

- (1.7) *If I succeed, many, many months, perhaps years, will pass before you and I may meet.* (p. 5)

No exemplo 1.7, no final da carta, o personagem visualiza a possibilidade dele e da irmã se encontrarem em um futuro incerto.

- (1.8) *If I fail, you will see me again soon, or never.* (p. 5)

Na sentença 1.8, a incerteza de um encontro entre Walton e Margaret é estabelecida, em razão da probabilidade de insucesso daquela jornada.

No que tange às duas incidências do pronome *he*, têm-se:

- (1.9) *[...] to induce me to commence this laborious voyage with the joy a child feels when he embarks in a little boat, with his holiday mates, on an expedition of discovery up his native river.* (p. 4)

No exemplo 1.9, na primeira entrada do pronome *he*, o enunciador denota "qualquer pessoa", para exemplificar que ele estava se sentindo feliz como uma criança que "embarca em um barquinho com seus amigos nas férias".

- (1.10) *I must own I felt a little proud, when my captain offered me the second dignity in the vessel and intreated me to remain with the greatest earnestness so valuable did he consider my services.* (p. 5)

No fragmento 1.10, o mesmo pronome é atribuído ao capitão do navio, o qual promoveu o navegador a chefe do navio.

O pronome *they*, da terceira pessoa do plural, obteve, também, apenas 2 entradas nesse texto, conforme excertos relacionados, a seguir:

- (1.11) *These are my enticements, and they are sufficient to conquer all fear of danger or death [...].* (p. 3-4)

No exemplo 1.11, o pronome se refere ao substantivo *enticements* (traduz-se: "atrativos"; "seduções") mencionado por Walton, o qual lista as razões pelas quais ele enfrentaria todos os perigos e privações.

- (1.12) *This is the most favourable period for travelling in Russia. They fly quickly over the snow in their sledges [...].* (p. 5)

No extrato 1.12, Walton descreve um dos costumes dos habitantes da Rússia durante o inverno, ou seja, ele expõe que as pessoas daquele país costumam andar de trenós.

Os pronomes com a menor frequência na C1 são *it* e *we*, os quais são descritos, em seguida:

• (1.13) *I try in vain to be persuaded that the pole is the seat of frost and desolation; it ever presents itself to my imagination as the region of beauty and delight.* (p. 3)

Na sentença 1.13, o pronome faz referência ao polo norte, local que incitava a imaginação do navegador a deslumbrar as belezas naturais e bem-estar.

O último pronome trata-se do *we*, salientado na seguinte sentença:

• (1.14) *I will put some trust in preceding navigators – there snow and frost are banished; and, sailing over a calm sea, we may be wafted to a land surpassing in wonders and in beauty every region hitherto discovered on the habitable globe.* (p. 3)

No exemplo 1.14, o personagem narrador relata a Margaret que ele e a tripulação do navio, possivelmente, iriam à uma terra inexplorada de belezas inigualáveis.

Na primeira parte da narrativa, Walton desempenha o papel de principal ator social, posto que ele é a pessoa que relata os acontecimentos e também realiza a maioria das ações. No caso da irmã Margaret, ela pode ser considerada como atriz social secundária, mas sua função é imprescindível por ela intermediar o contato do personagem narrador com o público leitor. Há, porém, outros atores sociais secundários não nomeados na história, os quais fazem parte do passado e presente do navegador, a saber: o tio Thomas, o pai de Walton, Margaret e o capitão do navio.

Há somente uma ocorrência de pronome de tratamento (2), *Mrs*. seguido do sobrenome da personagem Margaret, quando o personagem narrador abre a carta. É sabido que a referida forma de tratamento denota o estado civil de casada, assim como formalidade e distanciamento entre os personagens. Ao longo do texto, Margaret é tratada pelos adjetivos *dear* e *excellent*, pelo substantivo *sister* e pelo primeiro nome. Em linhas gerais, a relação do ator social principal e da atriz secundária configura-se como amistosa; porém, a interação entre eles pode ser considerada praticamente nula por não haver a voz ativa da personagem feminina.

Quanto aos antropônimos e topônimos (3 e 4), listarei, no quadro IV, as seguintes ocorrências:

Quadro IV – Frequência de antropônimos e topônimos na C1

Antropônimos	Frequência 1	Topônimos	Frequência 2
Margaret	03	*St. Petersburg*	02
Saville	01	*England*	01
Thomas	01	*London*	01
Homer	01	*Petersburgh*	01
Shakespeare	01	*North Pacific Ocean*	01
R. Walton	01	*North Sea*	01
-	-	*Greenland*	01
-	-	*Russia*	01
-	-	*Archangel*	01

O quadro IV aponta uma baixa frequência de substantivos próprios, visto que dos 6 antropônimos apenas um possui 3 entradas e os demais somente uma, e dos 8 topônimos, *St. Petersburg* foi empregado duas vezes pelo nome completo e uma vez pelo segundo nome, os demais locais tiveram somente uma ocorrência.

Os próximos elementos lexicais evidenciados na C1 do TP concernem aos adjetivos e advérbios avaliativos (5 e 6), os quais manifestam a ideologia, os discursos existentes na narrativa e o estilo da autora. Organizarei esses tópicos em duas subseções para facilitar a leitura do (a) leitor (a).

4.3.1 Os Adjetivos Avaliativos na C1

> A avaliação é uma categoria muito importante em todos os tipos de narrativas. A presença da avaliação pode ocorrer em qualquer ponto da narrativa. É por meio da avaliação que os narradores revelam os seus níveis de envolvimento na ação e revelam o reconhecimento da expectativa pública sobre reportabilidade. Também é pela avaliação que valores ideológicos são transmitidos.[69]

[69] *Evaluation is a very important category in all kinds of narratives. It can appear at any point in a story. It is through evaluation that narrators reveal their degree of involvement in the action and show their recognition of the audience's expectation of reportability. It is also through evaluation that*

> (CALDAS-COULTHARD; COULTHARD, 2003, p. 267).

A partir da perspectiva de Caldas-Coulthard e de Coulthard (2003), selecionei os dois elementos lexicais (adjetivos e advérbios) que são inseridos em situações variadas com propósito de persuadir e/ou manipular o ouvinte por trazer diferentes ideologias. Nos fragmentos a serem discutidos, investigarei como o personagem narrador desempenhou o papel de ator social principal e quais foram as prováveis inferências do seu relato sobre a expedição ao polo norte.

A coleta de dados indica um total de 35 ocorrências de adjetivos avaliativos, cuja incidência geral não ultrapassa a frequência 1, excetuando dois adjetivos que obtiveram uma maior frequência, são eles: o adjetivo *great* com 5 entradas, considerando que 2 no grau superlativo, e o adjetivo *dear* apresenta 4 ocorrências para se referir a irmã do navegador Walton.[70]

O narrador faz uso do adjetivo *great* para ressaltar a sua ambição de explorar terras desconhecidas, mais especificamente o polo norte, exponho as supracitadas ocorrências, a seguir:

- (5.1) *[...] I dedicated myself to this <u>great</u> enterprise.* (p. 4)
- (5.2) *[...] the study of mathematics, the theory of medicine, and those branches of physical science from which a naval adventurer might derive the <u>greatest</u> practical advantage.* (p. 5)
- (5.3) *[...] when my captain offered me the second dignity in the vessel and intreated me to remain with the <u>greatest</u> earnestness so valuable did he consider my services.* (p. 5)
- (5.4) *[...] do I not deserve to accomplish some <u>great</u> purpose?*(p. 5)
- (5.5) *[...] there is <u>a great</u> difference between walking the deck and remaining seated motionless for hours [...].* (p. 5)

---

ideological values are conveyed. (CALDAS-COULTHARD; COULTHARD, 2003, p. 267).

[70] Não ignoro que o vocábulo *dear* também pode ser considerado como forma de tratamento significando a formalidade ou proximidade entre os participantes da interação.

Observei, nos exemplos 5.1 e 5.2, que o adjetivo *great* vem acompanhado de substantivos relacionados ao intento do personagem narrador, de maneira a potencializá-los, apontando que todos os seus esforços eram grandiosos. No excerto 5.1, o personagem relata à sua irmã a dedicação que vinha dispensando àquele grandioso projeto. Na entrada 5.2, o adjetivo, no grau superlativo, destaca as habilidades do navegador por ele ter estudo as disciplinas da área das exatas, fato esse que proporcionaria uma maior vantagem entre os demais aventureiros navais. No exemplo 5.3, usou-se, novamente, o grau superlativo para acentuar a grandeza do seu objetivo que para realizá-lo, com sucesso, ele teria que manter "a maior seriedade" naquela empreitada. No fragmento 5.4, o personagem questiona a irmã se ele não seria merecedor daquele grande projeto e na última ocorrência, 5.5, o adjetivo se alia ao substantivo *difference* para convencer a ouvinte de que a sua permanência naquele navio era algo muito diferente, no sentido de memorável, de manter-se em algum lugar sem fazer nada.

Em suma, nos cinco excertos (5.1, 5.2, 5.3, 5.4 e 5.5), é perceptível que o adjetivo *great* potencializa tanto o propósito quanto os atos do personagem, o qual pode ser considerado como uma pessoa forte e determinada, paradoxalmente, em busca da satisfação existencial por meio do contato com a natureza, na esperança de encontrar respostas.

Quanto ao adjetivo *dear,* nas 4 incidências, Walton se dirige a irmã Margaret, de forma amorosa, sinalizando a relevância da "presença" dela que lhe proporciona a oportunidade de contar a sua história e convencer-se de que tudo o que faz é importante e que ela estaria sempre ali para apoiá-lo.

A seguir, apresento as ocorrências desse adjetivo avaliativo com a segunda maior frequência:

- (5.6) *I arrived here yesterday; and my first task is to assume my <u>dear</u> sister of my welfare, and increasing confidence in the success of my undertaking.* (p. 3)
- (5.7) *And now, <u>dear</u> Margaret, do I not deserve to accomplish some great purpose?* (p. 5)
- (5. 8) *Ah, <u>dear</u> sister, how can I answer this question?* (p. 5)
- (5.9) *Farewell, my <u>dear</u>, excellent Margaret.* (p. 5)

Em quatro situações, o navegador interage com a irmã, carinhosamente, no exemplo 5.6, o personagem se reporta a ela, de maneira intimista, para assegurá-la de que ele conserva a integridade física dele apenas no final do seu relato (5.7) o personagem volta a tratar Margaret, amorosamente e com maior proximidade; no exemplo 5.8, possivelmente, o personagem tenta se aproximar da irmã para informá-la que o seu retorno é incerto. Na última entrada do adjetivo *dear* (5.9), ao se despedir, o personagem se comporta, afetivamente, tratando a irmã como "querida e excelente". Em síntese, Margaret é adjetivada por "querida e excelente", qualificações essas que podem ser classificadas como superficiais, pois não traçam um real perfil, seu caráter pessoal e habilidades intelectuais são praticamente nulas. Os dois adjetivos com maior frequência na C1 são empregados com propósitos distintos, por um lado, o adjetivo *great*, elemento potencializador, é inserto para certificar a relevância daquela jornada descobridora em um discurso afirmativo do personagem Walton; por outro lado, o adjetivo *dear* revela certo grau de carinho e intimismo entre o ator social principal e a atriz secundária, a qual é ouvinte passiva e intermediária entre o narrador e o público leitor.

Na subseção 4.3.2, são discutidas as ocorrências dos advérbios avaliativos.

4.3.2 Os Advérbios Avaliativos na C1

Na C1, há apenas 4 ocorrências de advérbios avaliativos (6), a saber: *undoubtedly*, *passionately*, *voluntarily* e *easily*. Retratarei sobre esses elementos lexicais, em seguida:

- (6.1) *Its productions and features may be without example, as the phenomena of the heavenly bodies undoubtedly are in those undiscovered solitudes.* (p. 3)
- (6.2) *My education was neglected, yet I was passionately fond of reading.* (p. 4)
- (6.3) *[…] I voluntarily endured cold, famine, thirst, and want of sleep […].* (p. 4)
- (6.4) *[…] my intention is to hire a ship there, which can easily be done by paying the insurance for the owner […].* (p. 5)

No exemplo 6.1, o advérbio *undoubtedly* tem a função de expressar certeza que tanto as belezas naturais da terra, que Walton e

seus companheiros iriam explorar, quanto os corpos celestes eram únicos e inexplicáveis.

Na entrada 6.2, o advérbio *passionately* salienta o fato de que apesar do navegador nutrir uma grande paixão pela leitura, seu *background* intelectual não foi reconhecido pelo seu pai, pois este proibiu-o a prosseguir com seus desejos de trabalhar na marinha.

No caso 6.3, o personagem narrador enfatiza que todos os sofrimentos e/ou sensações que ele passa ocorrem por sua vontade própria, ou seja, que ele é o responsável pelas suas ações.

Na última sentença 6.4, o personagem destaca que ele poderia facilmente locar um navio se pagasse o seguro; desta forma, ele busca mostrar segurança e capacidade de resolver uma situação sem dificuldades.

Nos exemplos 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4, o público leitor pode inferir que a narrativa é assertiva e que Walton representa o ator social seguro de si, que possui plena certeza de que seus atos serão bem-sucedidos.

Retorno aos seis elementos lexicais discutidos até o momento, os quais sinalizam o estilo de M. S., no que tange à interatividade dos atores sociais do romance e ao diálogo entre os discursos na narrativa do personagem narrador. A narrativa é assertiva e a interação acontece de maneira ocasional pelas poucas ocorrências do pronome pessoal *you* e predominância do pronome da primeira pessoa *I*, os adjetivos e advérbios nos remetem a um estilo formal, educado, mas também requintado, típico da escrita da época romântica.

Apenas uma forma de tratamento formal é empregada (*Mrs*,), o pronome pessoal mais recorrente é o da primeira pessoa do singular (*I*); isto é, o personagem narrador Walton, principal ator social, é detentor da contação dos acontecimentos, os quais ele próprio vivencia.

No que tange aos antropônimos, no texto há a ocorrência de seis nomes de pessoas, no entanto, dois se referem a Homero e Shakespeare, os outros quatro remetem ao nome completo do navegador, ao sobrenome e primeiro nome da irmã dele e, por fim, o primeiro nome do tio dos dois personagens, o agente de enunciação e a enunciadora; quanto aos topônimos, há um total de oito. Em relação aos vocábulos avaliativos, dos 35 adjetivos e 4 advérbios, têm-se somente dois adjetivos mais frequentes, *great* e *dear*, e 4 advérbios com uma ocorrência cada um, são eles: *undoubtedly*, *passionately*, *voluntarily* e *easily*.

Em resumo, Walton detém o poder das ações e do relato dos acontecimentos, a irmã Margaret é pouco citada, tem a função de ouvinte passiva que aceita, incontestavelmente, todas as atitudes do irmão. A figura masculina pode ser vista como dominadora e que anseia explorar a natureza, depois de ter adquirido um conhecimento satisfatório da ciência.

Na próxima subseção, examinarei as ocorrências desses seis itens lexicais na carta 2 (C2).

4.4 SÍNTESE DA CARTA 2 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES

A C2 é de 28 de março de 17– (ano não identificado), da cidade de Archangel, e destinada a *Mrs*. Saville, ou seja, após três meses da C1. Nas primeiras linhas da correspondência, a irmã de Walton tem conhecimento de que a viagem atrasou devido ao mau tempo, que o irmão havia locado um navio e estava empenhado em contratar homens que ingressassem no empreendimento exploratório ao polo norte.

Nessa parte da narrativa, há o paradoxo da certeza de êxito naquela empreitada e fraqueza por desejar um amigo que compartilhasse das alegrias e tristezas sentidas ao longo daqueles dias de aventura. O navegador demonstra perda de "força" quando ele admite que a troca de correspondência com a irmã ameniza a solidão que sente por não ter um amigo ao seu lado; ao mesmo tempo, Walton expressa a sua opinião da precariedade daquele tipo de comunicação entre ele e a irmã.

Em meio àquele momento de reflexão e provavelmente por influência do inverno, o personagem aspira por um amigo capaz de equilibrar as suas fragilidades e que não o desprezasse por ser "romântico". Saville "ouve" ainda que o irmão, aos vinte e oito anos, se sente menos culto que jovens de quinze e que os companheiros a bordo não são ideais para ser seus amigos.

Nessa C2, há um parágrafo longo de 32 linhas, em que o personagem narrador relata sobre a renúncia de um amor do *master* ("chefe"), o qual amava uma jovem russa prometida para casar com ele. A irmã de Walton toma ciência do ato benevolente do companheiro dele, o qual doou todos os seus bens materiais ao amado da jovem e concedeu o direito de casamento a eles, por fim, o "benfeitor" abandona o país para que o pai da moça permitisse a união dos apaixonados. No

final do relato sobre o colega, Saville é informada que a fragilidade emocional pelo anseio de encontrar um amigo não afetaria a convicção e o êxito daquele projeto marítimo.

Para exemplificar a dualidade de sentimentos do período romântico, M. S. faz alusão ao personagem do "Velho Marinheiro", de Coleridge, há a inclusão da ideia romântica das "regiões maravilhosas e misteriosas", que não haveria a morte de um "albatroz" e a ânsia pelo conhecimento pessoal e pela conquista do "maravilhoso desconhecido". No fim da correspondência, o irmão de Saville admite a possibilidade de os dois não se encontrarem mais se ele fosse acometido por um acontecimento fatal.

No tocante à extensão e maior frequência de itens gramaticais da C2 do romance de M. S., o texto possui o mesmo número de páginas da C1, ou seja, três, há 1.316 palavras, distribuídas em 51 sentenças, cujas maiores frequências de entradas são: o artigo definido *the*, em 57 casos; o pronome da primeira pessoa do singular *I*, em 53 casos; a preposição "to" (em português, traduz-se: "para" e/ou "à"), em 53 casos.

Ao comparar as ocorrências de pronomes pessoais da C1, concluo que o pronome pessoal *I* é mais frequente na C2, a voz do personagem narrador se acentua mais e o artigo definido sofreu uma diminuição de 10 entradas.

Quanto à frequência dos pronomes pessoais (1), os examinarei no quadro V, a seguir, para identificar quais são os atores sociais nesta parte da narrativa:

Quadro V– Frequência dos pronomes pessoais na C2

Pronomes pessoais	**Frequência**
I	53
You	05
He	15
It	08
They	01

Conforme mencionado anteriormente, o principal ator social é, de fato, o personagem narrador Walton, o qual relata as experiências enfrentadas no período da sua viagem exploratória ao polo norte. As entradas do pronome da primeira pessoa do singular (*I*) aumentaram na C2, assegurando, assim, o caráter narrativo e expositivo do texto e o

papel proeminente do navegador tanto para o relato quanto para o desencadeamento dos fatos.

Averiguei que a irmã do personagem tem uma redução em sua função de atriz social como ouvinte e "porto feliz" para o irmão, o qual escreve a ela como forma de divulgar seus feitos e de expressar seus sentimentos, posto que na C1 houve 09 ocorrências do pronome pessoal *you* e na C2 apenas 05.

Apresento as entradas do pronome pessoal da terceira pessoa do singular para identificar como e sob quais circunstâncias o principal ator social se interage com a atriz social secundária e como ela é representada na narrativa:

- (1.1) *You may deem me romantic, my dear sister* […] (p. 6)
- (1.2) *"What a noble fellow!" you will exclaim.* (p. 8)
- (1.3) *[...] you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care.* (p. 8)
- (1.4) *You will smile at my allusion […].* (p. 8)
- (1.5) *Remember me with affection, should you never hear from me again.* (p. 8)

No caso 1.1, Walton presume que a irmã o julgaria como romântico, devido ao seu anseio de encontrar um amigo que fosse capaz de entendê-lo atrás de um único olhar. No exemplo 1.2, o narrador prevê que Margaret iria avaliar a conduta do seu amigo como "nobre" por esse ter renunciado a seu amor em respeito ao sentimento da amada por outra pessoa.

No fragmento 1.3, o personagem narrador busca convencer a irmã de que os seus companheiros da viagem estavam seguros com ele, sustentando essa certeza pelo fato de que ela o conhecia o "suficiente" para saber daquilo. No excerto 1.4, Walton declara a Margaret a sua certeza que ela acharia engraçado ele ter se comparado com o personagem do romance *O Velho Marinheiro*, de Coleridge, pois ele acreditava que também voltaria da sua expedição tão cansado quanto desolado. No último caso 1.5, Margaret é aconselhada a não ter esperanças de que o irmão iria retornar para casa um dia. Nas cinco passagens 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5, a personagem feminina, bem como o (a) leitor (a) foram manipulados (as) a pensar a partir das perspectivas expostas pelo narrador.

No que concerne ao pronome *he*, na C2, há um total de 15 incidências, em que o personagem Walton se refere ao seu superior, ao tenente, como um homem "corajoso", "empreendedor" e com "sede" de vitória. Além disso, Margaret é notificada sob quais circunstâncias esses dois personagens se conheceram e sobre a história de amor não correspondido e renúncia à uma jovem russa de mediana situação financeira. Walton também narra sobre o jovem humilde, financeiramente, e amado pela russa.

É provável que o navegador relata a história dos sacrifícios e benevolência do seu chefe com o intuito de posicioná-lo como um ator social exemplar que, apesar das adversidades da vida, ambiciona o progresso profissional e para justificar o porquê dos dois se unirem naquele empreendimento.

Quanto às incidências do vocábulo *it*, investiguei que as suas oito entradas dizem respeito a asserções declarativas:

- (1.6) *I shall commit my thoughts to paper, it is true; […]*. (p. 6)
- (1.7) *But it is a still greater evil to me that I am self-educated […].* (p. 6)
- (1.8) *At that age I became acquainted with the celebrated poets of our own country; but it was only when it had ceased to be in my power to derive its most important benefits from such a conviction […].* (p. 6)
- (1.9) *It is true that I have thought more, and that my day dreams are more extended and magnificent […].* (p. 6)
- (1.10) *He is so; but then he is wholly uneducated: he is as silent as a Turk, and a kind of ignorant carelessness attends him, which, while it renders his conduct the more astonishing, detracts from the interest and sympathy which otherwise he would command.* (p. 8)
- (1.11) *The winter has been dreadfully severe, but the spring promises well, and it is considered as a remarkably early season […].* (p. 8)
- (1.12) *It is impossible to communicate to you a conception of the trembling sensation, half pleasurable and half fearful, with which I am preparing to depart.* (p. 8)

Na entrada 1.6, o *it* se relaciona ao verbo *to be* e ao adjetivo *true*, para dar legitimidade de que realmente ele iria ser sincero ao escrever o seu relato.

No fragmento 1.7, Walton demonstra acreditar que ele se prejudica mais por ser autodidata do que por se sentir impaciente com os seus problemas, para ele aquela habilidade é pior por fazê-lo estancar no tempo durante os seus primeiros quatorze anos de vida. Nesse excerto 1.7, pude visualizar o teor avaliativo do personagem que foi intensificado pelo uso do adjetivo *great* na forma comparativa seguido do substantivo *evil*.

No fragmento 1.8, há a reincidência em dois períodos da sentença, primeiro para se referir ao tempo em que ele estudava apenas os livros sobre navegação do tio Thomas, ele teve acesso a outras literaturas de poetas renomados do seu país, abandonando a convicção de que somente aquelas leituras de navegação eram relevantes.

No exemplo 1.9, mais uma vez o *it* é empregado junto ao verbo *to be* e ao adjetivo *true* para legitimar que, verdadeiramente, ele reflete sobre a necessidade de ampliar os objetivos, de empenhar-se e realizá-los.

Na entrada 1.10, a colocação do supracitado pronome ocorre com o intuito de aludir a realidade que a ausência de cuidado do chefe o distrai de ser mais interessado e solícito.

No exemplo 1.11, o personagem narrador faz referência à primavera, considerada uma estação que não tarda chegar. Finalmente, no caso 1.12, o personagem avalia ser impossível expressar os sentimentos antagônicos que o envolvia no momento que precedia a sua partida.

Em outras palavras, as 08 entradas carregam teor assertivo que fundamenta as opiniões do personagem narrador e possibilita-lhe uma maior credibilidade e poder de persuasão.

O pronome pessoal da terceira pessoa do plural (1.13), *they* é o menos frequente no texto, há uma única situação em que ele é usado, a saber: (1.13) *[...] my day dreams are more extended and magnificent, but <u>they</u> want (as the painters call it) keeping [...]*. (p. 6) Na passagem 1.13, o navegador Walton alude à ideologia dos pintores de que há ausência de harmonia em seus "devaneios [...] grandiosos e sublimes".[71]

O segundo elemento lexical selecionado a ser retratado é o mesmo pronome de tratamento (2), *Mrs*., da C1, também obteve apenas

[71] Tradução de Bruno Gambarotto: "[...] devaneios mais grandiosos e sublimes [...]". (SHELLEY, 2013, p. 39).

uma ocorrência nessa parte da narrativa e destina-se a personagem Margaret no início da correspondência.

O terceiro elemento diz respeito aos antropônimos (3), são eles: o sobrenome Saville no cabeçalho do texto; o primeiro nome, Margaret, irmã do navegador; o tio Thomas*;* e o nome completo do navegador, Robert Walton.

Esses atores sociais são referenciados apenas uma vez, no entanto Walton tem se posicionado em destaque por ele ser o narrador e de ser marcado na narrativa pelo pronome da primeira pessoa (*I*).

Na C2, há outros atores sociais secundários não nomeados, os quais estão inseridos na história relatada pelo navegador, são eles: o tenente; a jovem russa; o pai dela; o amado "pobre"; além dos marinheiros.

Quanto aos topônimos (4), as entradas desse elemento lexical não ultrapassam a frequência de número 01 para cada um dos substantivos *England, Africa* e *America* e duas ocorrências para a localidade *Archangel*.

Na subseção 4.4.1, são examinados o quinto e sexto elementos lexicais, os adjetivos e advérbios avaliativos (5 e 6).

4.4.1 Os Adjetivos e os Advérbios Avaliativos na C2

Na C2 de *Frankenstein*, detectei um total de 60 ocorrências de adjetivos avaliativos, cujas maiores frequências alcançam três entradas em diferentes contextos e sentidos.

A partir da exposição das entradas mais recorrentes, versarei sobre os valores ideológicos difundidos em cada um dos casos, em que M. S. e/ou seu personagem narrador expressa (m) opiniões avaliativas e assertivas que podem manipular o público leitor.

No quadro VI, seguem os adjetivos avaliativos (5) em ordem de maior frequência:

Quadro VI – Frequência dos adjetivos avaliativos na C2

Adjetivos avaliativos	**Frequência**
Romantic	03
Poor	03
Dauntless	02
Severe	02

True	02
Dear	02
Gentle	02
Desirous	02
Noble	02
Young	02

Há duas entradas do adjetivo *romantic* que condizem ao julgamento que Walton teme que a irmã e o "sonhado" amigo terão com relação a ele, em razão do seu desejo expressado de encontrar alguém que o apoiasse e o entendesse apenas por um simples olhar. No entanto, na terceira ocorrência do adjetivo, o navegador conta a Margaret que, no passado, uma jovem relatou-o uma história, sob uma perspectiva romântica, sobre a atitude caridosa do capitão do navio, pois ele mesmo apaixonado por ela abdicou do amor que sentia, portanto a salvou de um casamento infeliz.

Eis os excertos em que o adjetivo *romantic* foi inserido:

- (5.1) *You may deem me romantic, my dear sister […].* (p. 6)
- (5.2) *I greatly need a friend who would have sense enough not to despise me as romantic […].* (p. 6)
- (5.3) *I heard of him first in rather a romantic manner, from a lady who owes to him the happiness of her life.* (p. 7)

O segundo adjetivo com 3 ocorrências corresponde ao vocábulo *poor* que recebe diferentes conotações, indicarei os três contextos diversos, prontamente:

- (5.4) *I shall commit my thoughts to paper, it is true; but that is a poor medium for the communication of feeling.* (p. 6)

No fragmento 5.4, o personagem narrador julga ineficaz o meio de se comunicar por correspondências, visto que ele busca expressar seus pensamentos por meio da escrita. Por assim dizer, ao utilizar um adjetivo com sentido negativo (*poor*), Walton se inocenta de ocultar seus reais pensamentos e, possivelmente, sentimentos.

- (5.5) *How would such a friend repair the faults of your poor brother!* (p. 6)

No exemplo 5.5, é possível verificar que Walton tenta sensibilizar a irmã ao demonstrar certo desespero e descrença de que ele iria conhecer uma pessoa capaz de reparar seus fracassos e finaliza se vitimizando como "irmão coitado".

Eis a terceira entrada do adjetivo *poor* (5.6):

- (5.6) *[...] she was bathed in tears, and, throwing herself at his feet, intreated him to spare her, confessing at the same time that she loved another, but that he was poor, and that her father would never consent to the union.* (p. 7)

No excerto 5.6, Walton narra que a jovem russa confessou ao amigo apaixonado que ela amava outra pessoa e que seu pai não aceitaria a união entre os apaixonados pelo rapaz ser pobre, no sentido de ter "poucos recursos financeiros. "

Na sequência dos adjetivos avaliativos, exponho aqueles que atingem duas entradas nessa parte da narrativa, o primeiro desta série é o vocábulo *dauntless* que foi investigado nas seguintes situações:

- (5.7) *I have hired a vessel, and am occupied in collecting my sailors; those whom I have already engaged, appear to be men on whom I can depend and are certainly possessed of <u>dauntless</u> courage.* (p. 6)

No caso 5.7, o adjetivo *dauntless* acompanha o substantivo *courage*, em cujo contexto o navegador declara que ele está contratando marinheiros de "coragem destemida", é perceptível que o advérbio *certainly* intensifica a avaliação do personagem com relação aos seus futuros empregados.

No exemplo 5.8, o adjetivo em questão se associa ao mesmo substantivo *courage*, entretanto em um contexto diverso:

- (5.8) *This circumstance, added to his well-known integrity and <u>dauntless</u> courage, made me very desirous to engage him*. (p. 7)

No fragmento 5.8, Walton avalia a coragem do amigo tenente, o qual instigou o desejo de contratá-lo, também, pelo seu caráter íntegro. Isto é, nas duas ocorrências do adjetivo *dauntless* (5.7 e 5.8), há a conexão com um mesmo substantivo que remete a capacidade de não temer as adversidades da viagem exploratória que ele está envolvido e deseja ter êxito.

Quanto ao adjetivo *severe*, têm-se duas ocorrências (5.9 e 5.10), cujos sentidos são diferentes:

- (5.9) *But I have one want which I have never yet been able to satisfy; and the absence of the object of which I now feel as a most <u>severe</u> evil.* (p. 6)

No caso 5.9, Walton conta a irmã que o fato de ele não ter um amigo o faz sentir "um mal muito severo", uma insatisfação devastadora.

• (5.10) *The winter has been dreadfully severe, but the spring promises well, and it is considered as a remarkably early season [...].* (p. 8)

Neste trecho 5.10, o personagem se refere à estação do inverno como “severa" e/ou rígida”; no que diz respeito ao uso do adjetivo *severe*, na entrada 5.9, o vocábulo se relaciona à sentimento e no segundo caso, 5.10, a associação é feita à sensação térmica do clima extremamente frio.

O terceiro adjetivo avaliativo que atinge 2 repetições (5.11 e 5.12) corresponde ao vocábulo *true,* as quais são descritas, em seguida:

• (5.11) *I shall commit my thoughts to paper, it is true; but that is a poor medium for the communication of feeling.* (p. 6)

• (5.12) *It is true that I have thought more, and that my day dreams are more extended and magnificent, but they want (as the painters call it) keeping […].* (p. 6)

Nestas duas situações 5.11 e 5.12, observo que ao mesmo tempo que o adjetivo *true* legitima as ações do personagem, a conjunção *but* rompe a possibilidade de concretização dos propósitos de Walton. Na sentença 5.11, o fator complicador é o meio de comunicação precário e no exemplo 5.12 é a falta de equilíbrio dos sonhos do navegador.

O quarto adjetivo que totaliza duas ocorrências 5.13 e 5.14, *dear*, obtém conotações distintas, conforme exibo, a seguir:

• (5.13) *You may deem me romantic, my dear sister, but I bitterly feel the want of a friend.* (p. 6)

• (5.14) *But to return to dearer considerations. Shall I meet you again, after having traversed immense seas, and returned by the most southern cape of Africa or America?* (p. 8)

Na entrada 5.13, o adjetivo se alia ao substantivo *sister* para expressar carinho a irmã e aproximação entre eles que mantêm uma relação de irmandade. No extrato 5.14, o adjetivo é empregado na forma comparativa, "considerações mais caras” (no sentido de “mais importantes”), e tem a função de interromper a narrativa em que o personagem relata sobre a sua grande paixão pela experiência desbravadora, finalizar o relato e tratar da incerteza do reencontro daqueles entes familiares.

Em se tratando das ocorrências do adjetivo *gentle*, as relato prontamente:

- (5.15) *I have no one near me, gentle yet courageous, possessed of a cultivated as well as of a capacious mind […].* (p. 6)
- (5.16) *A youth passed in solitude, my best years spent under your gentle and feminine fosterage, has so refined the groundwork of my character […].* (p. 7)

No exemplo 5.15, o adjetivo qualifica o pronome indefinido *no one*, em que o personagem reconhece que ele não possui "ninguém gentil e ainda corajoso", dá-se a impressão que Walton julga que as duas qualidades são divergentes por ele ter incluído o advérbio *yet* em seu discurso.

No caso 5.16, é interessante que o adjetivo *feminine* é utilizado como avaliação positiva, o navegador admite que a sua juventude foi alicerçada pelo cuidado amável e feminino ("delicado" e/ou "leve") da irmã, isto é, ele busca legitimar o importante papel que Margaret desempenhou em seu desenvolvimento pessoal.

São apresentadas, a seguir, as ocorrências do adjetivo *desirous* (5.17 e 5.18):

- (5.17) *My lieutenant, for instance, is a man of wonderful courage and enterprise; he is madly desirous of glory […].* (p. 7)
- (5.18) *This circumstance, added to his well-known integrity and dauntless courage, made me very desirous to engage him.* (p. 7)

No extrato 5.17, o adjetivo se complementa com o substantivo *glory* e se fortalece com o advérbio *madly*, o navegador faz uso de vocábulos que enfatizam um discurso emotivo, quando ele qualifica os atributos do tenente, os quais se assemelham com os dele, ocorre uma certa identificação de Walton com o seu amigo e então companheiro de viagem.

Na entrada 5.18, o personagem narrador informa Margaret que as aptidões do companheiro o tornaram "muito desejoso em contratá-lo", o discurso emotivo do narrador se revela ainda mais intenso com o advérbio *very*.

Ao que tange ao penúltimo adjetivo, cujas recorrências (5.19 e 5.20) também atingem a frequência de número 2, são expostas a seguir:

- (5.19) *He is Englishman, and in the midst of national and professional prejudices, unsoftened by cultivation, retains some of the noblest endowments of humanity.* (p. 7)

No fragmento 5.19, o personagem Walton afirma que o companheiro inglês, imbuído de "preconceitos nacionais e profissionais

não amenizados pelo trabalho", é portador de "dons da humanidade", para proporcionar um grau avaliativo ao discurso usa o adjetivo *noble* no grau superlativo, funcionando como estratégia para destacar os dons do tenente.

- (5.20) *"What a noble fellow!" you will exclaim.* (p. 8)

No exemplo 5.20, a expressão "Que nobre amigo! ", Walton demonstra certeza de que a irmã iria conceituar o amigo dele como uma "pessoa nobre" por ele ter desistido do casamento prometido, por ter permitido que a amada casasse com outro e por ter conferido uma considerável quantia em dinheiro ao rapaz, como dote. Na passagem 5.20, Margaret continua a ter conhecimento das histórias e experiências do irmão, em um relato assertivo e avaliativo. Pode-se questionar, o público leitor e a personagem Margaret não poderiam avaliar a atitude do rapaz de maneira diversa?

A escrita da autora M. S. possui marcas estilísticas da era romântica já que tanto o formato do romance quanto os itens lexicais específicos revelam o seu estilo, por exemplo na escolha de adjetivos como *romantic*, *desirous*, *noble* (*st*) e *dauntless*.

Por fim, eis a oitava ocorrência de adjetivo avaliativo (5.21 e 5.22) com duas repetições:

- (5.21) *Some years ago, he loved a young Russian lady of moderate fortune […].* (p. 7)

Na entrada 5.21, o adjetivo *young* está inserido em uma frase carregada de adjetivos, os quais são organizados em dois grupos, a saber: um grupo classifica a atriz social secundária, "dama" pela sua nacionalidade "russa" e pela aparência "jovem", e outro grupo que completa a adjetivação da moça, a qual é apresentada pela sua "fortuna moderada". Isto é, tem-se a apresentação de uma atriz social avaliada, de forma rasa, pela aparência, nacionalidade e pelos bens materiais.

Segue a ocorrência do mesmo adjetivo *young* (5.22):

- (5.22) *[…] he bestowed the whole on his rival, together with the remains of his prize-money to purchase stock, and then himself solicited the young woman's father to consent to her marriage with her lover.*

No fragmento 5.22, o mesmo adjetivo é empregado para qualificar a aparência "jovem" da amada do amigo de Walton, na mesma sentença o ator social atuante das ações é o companheiro do navegador e os demais atores sociais são apenas citados, como o rival, a mulher jovem e o pai.

Na próxima subseção, serão discutidas as incidências dos advérbios avaliativos na referida C2.

4.4.1.1. Os Advérbios Avaliativos na C2

Na C2, a coleta de dados aponta um total de 10 advérbios avaliativos (6) em contextos distintos, exibo e discuto, primeiramente, os advérbios por ordem de maior frequência, por questão de organização na exposição das ocorrências.

O quadro VII ilustra os advérbios (6) e suas respectivas frequências:

Quadro VII – Frequência dos advérbios na C2

Advérbios avaliativos	**Frequência**
Certainly	02
Bitterly	01
Greatly	01
Madly	01
Characteristically	01
Easily	01
Decidedly	01
Dreadfully	01
Sufficiently	01
Tenderly	01

O quadro VII nos revela que apenas um advérbio possui duas entradas e os demais somente uma, trata-se do vocábulo *certainly* que é usado em duas situações diferentes, conforme descritas, a seguir:

•(6.1) *[...] those whom I have already engaged, appear to be men on whom I can depend and are certainly possessed of dauntless courage.* (p. 6)

No excerto 6.1, o advérbio dá maior ênfase à afirmativa do navegador de que seus futuros marinheiros "com certeza possuem coragem destemida", isto é, a personagem demonstra certeza daquilo que ele diz.

Vejamos o caso 6.2:

• (6.2) *Well, these are useless complaints; I shall certainly find no friend on the wide ocean, nor even here in Archangel, among merchants and seamen.* (p. 7)

No exemplo 6.2, o discurso do personagem permanece tão assertivo quanto no fragmento 6.1 com o mesmo advérbio. No entanto, no caso 6.2, *certainly* está incluído em uma sentença negativa, engrandecendo a impossibilidade de ele fazer amizade na "imensidão do oceano" e na cidade de Archangel, ao excluir a possibilidade de conhecer alguém naquele local de "mercadores e marinheiros", demonstra rejeição e/ou preconceito com relação a esses profissionais.

A seguir, me debruçarei sob os advérbios avaliativos com apenas uma ocorrência na C2:

• (6.3) *You may deem me romantic, my dear sister, but I bitterly feel the want of a friend.* (p. 6)

No caso 6.3, o advérbio denota um sentimento negativo ao fato de Walton desejar um amigo, ou seja, a suposição imposta de que a irmã poderia considerá-lo um romântico é negativada e contrariada pela conjunção *but* em parceria com o advérbio *bitterly*.

• (6.4) *[...] I greatly need a friend who would have sense enough not to despise me as romantic, and affection enough for me to endeavor to regulate my mind.* (p. 6)

Na entrada 6.4, o advérbio *greatly* funciona como intensificador do verbo *need*, ou seja, o relato assertivo do personagem narrador é salientado, quando ele declara que "precisa imensamente de um amigo", nessa mesma sentença o advérbio *enough* se repete para dar peso aos substantivos *sense* e *affection*. É notável que o personagem induz a irmã a perceber a "grandiosa" necessidade dele ter um amigo que seja racional e ao mesmo tempo sensível para ajudá-lo a equilibrar seus pensamentos.

• (6.5) *My lieutenant, for instance, is a man of wonderful courage and enterprise; he is madly desirous of glory [...].* (p. 7)

No caso 6.5, o advérbio ressalta o adjetivo *desirous*, "ele está loucamente desejoso por glória", dessa forma, destaca-se a ambição do tenente, o qual iria trabalhar com ele na expedição exploratória ao polo norte. Por conseguinte, os adjetivos e o advérbio contribuem para que o discurso do navegador se engrandecesse com apelo emotivo.

• (6.6) *[...] or rather, to word my phrase more characteristically, of advancement in his profession.* (p. 7)

No exemplo 6.6, o advérbio especifica e/ou restringe o complemento do adjetivo, que o tenente está "desejoso por avanço na profissão". Na passagem supracitada, o personagem classifica o companheiro como alguém ambicioso pela "glória" profissional, como se ele fosse regido unicamente por aquela ambição.

• (6.7) *[...] I easily engaged him to assist in my enterprise.* (p. 7)

Na sentença 6.7, o personagem narrador ressalta a ação que ele realizou ao incluir o advérbio *easily*, dando o sentido que ele conseguiu com facilidade "contratar o tenente para assessorar a sua iniciativa". Walton avalia que ele realizou a tarefa sem grandes esforços e o caráter narrativo e assertivo do texto é mantido.

• (6.8) *But the old man decidedly refused, thinking himself bound in honour to my friend [...]*. (p. 8)

No exemplo 6.8, Walton narra que o pai da moça prometida "recusou decididamente" desistir da promessa de casamento por querer manter a "palavra" em respeito ao amigo. O advérbio desta sentença, 6.8, favorece a clareza da narrativa, pode-se verificar que Walton julga que o pai agiu com plena certeza, seu discurso é convincente e afirmativo, provavelmente, faz com que a ouvinte, a irmã *Margaret*, acredite que o fato se desenrolou, exatamente, como o irmão relatou.

• (6.9) *The winter has been dreadfully severe, but the spring promises well [...].* (p. 8)

No fragmento 6.9, o advérbio *dreadfully*, além de trazer uma conotação negativa e "sombria", ressalta o adjetivo *severe*, que qualifica o substantivo *winter* ("O inverno está intensamente/terrivelmente" severo"). Todavia, a sensação negativa é neutralizada pelo segundo período que se inicia com a conjunção adversativa *but* seguida do substantivo *spring* ("primavera") que remete a flores, luminosidade e vida. Há um paradoxo entre os dois períodos: *winter*/*spring*; *severe*/*well;* isto é, "o inverno é rigoroso", no sentido figurado, essa estação tem sido "dura" com o personagem, no entanto, há esperança de melhoras com a primavera.

• (6.10) *[...] you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care*. (p. 8)

No excerto 6.10, por meio do advérbio *sufficiently* acompanhado do verbo *to know* no presente, a narrativa assertiva se intensifica e a personagem Margaret é condicionada a confiar que o irmão tende a ser

"prudente e atencioso quando ele se compromete a cuidar da segurança das outras pessoas".

• (6.11) *I love you very* ***tenderly.*** (p. 9)

No extrato 6.11, Walton finaliza a carta com discurso afetivo que se instaura quando ele declara o seu amor pela irmã; isto é, o advérbio ***tenderly*** define que o personagem a "ama ternamente".

Volto aos seis elementos lexicais abordados na C2, assim como na C1, apenas a forma de tratamento formal *Mrs.* é inserida na "abertura" das correspondências. O pronome pessoal *I* é mais recorrente na C2, de 46 entradas para 53; ou melhor, o personagem narrador Walton continua sendo o responsável pela narração dos fatos, os quais ele também vivencia, e a irmã como ouvinte exerce a função de instrumento de comunicação do personagem narrador com o público leitor.

Em referência aos antropônimos, o resultado da investigação mostra as seguintes ocorrências: o sobrenome Saville no cabeçalho do texto, o primeiro nome, Margaret, irmã do navegador, o tio Thomas e o nome completo do navegador, Robert Walton.

Assim como a C1, a C2 apresenta o tenente, os marinheiros e adiciona outros atores sociais secundários não nomeados, a saber: a jovem russa, o pai dela e o amado "pobre".

Os quatro topônimos referenciados no texto são: *England*, *Africa*, *America* e *Archangel*; sendo que as três primeiras localidades aparecem apenas uma vez na narrativa e a quarta, duas vezes.

Na próxima seção, investigarei na carta 3 (C3) os mesmos elementos lexicais das C1 e C2.

4.5 SÍNTESE DA CARTA 3 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES

Na C3, datada em 7 de julho dos anos de 17- (estilo da literatura da época), Walton escreve no cabeçalho "Para a Senhora Saville, Inglaterra", sem menção à cidade e em seguida se remete a destinatária como "Minha querida irmã". Nesta passagem da narrativa, o público leitor pode perceber certa aproximação na interação entre o personagem narrador e a sua irmã.

No início do texto, Margaret é advertida de que a correspondência seria entregue a ela por meio de um mercador a

caminho de Archangel e que a jornada continuava tranquila, sem novidades. O narrador assinala a bravura dos marinheiros, de maneira a evitar quaisquer preocupações com relação a sua segurança e integridade física. A C3 se encerra ao Walton assegurar Margaret de que ele iria se preservar sereno, cauteloso e focado em seus propósitos.

Esta é a menor carta em extensão, organizada em uma página, com apenas 300 palavras, em 20 sentenças, cujas ocorrências mais frequentes são: o pronome da primeira pessoa do singular, *I* (em português brasileiro, traduz-se: "eu"), em 11 entradas; tanto o pronome adjetivo possessivo, *my* (em português brasileiro, traduz-se: minha/s e/ou meu/s), quanto o artigo definido, *the*, possuem 10 entradas, cada um.

Mesmo sendo a C3 mais curta que as duas primeiras correspondências, o texto se assemelha às duas primeiras partes por ser, predominantemente, narrado na primeira pessoa do singular; isto é, o navegador Walton é mantido como o ator social principal. No que diz respeito aos demais pronomes pessoais (1), há somente uma ocorrência dos pronomes *it* e *we*.

Nas 11 entradas do pronome *I*, o tempo presente é o mais recorrente, com seis ocorrências, o futuro simples com 3 entradas, o presente e o passado perfeitos possuem uma incidência.

A seguir, exponho os excertos das entradas dos pronomes *it* e *we*:

- (1.1) *[...] <u>it</u> is the height of summer, and although not so warm as in England, the southern gales, which blow us speedly towards those shores which I so ardently desire to attain, breathe a degree of renovating warmth which I had not expected.* (p. 9)

No exemplo 1.1, o pronome *it* é empregado para que Walton informasse Margaret sobre as condições climáticas no local não definido por ele, ou seja, que "está no auge do verão" e que lá é menos quente que na Inglaterra.

- (1.2) *<u>We</u> have already reached a very high latitude […].* (p. 9)

No caso 1.2, a sentença antecede àquela do exemplo 1.1, o navegador faz menção da presença de outras pessoas, pode-se presumir que se trata da tripulação do navio, o personagem avisa a sua ouvinte sobre a localização e dos companheiros de viagem.

No que tange às ocorrências de atores sociais secundários, têm-se um mercador e "homens" (referência aos marinheiros do navio de Walton). Quanto às formas de endereçamentos desses indivíduos,

Margaret é reconhecida como "irmã querida e amada", sua relação familiar é definida, referenciada como irmã "querida" e "amada" pelo irmão; o mercador, a pessoa que iria entregar a correspondência a ela, é representado pela profissão que ele exercia e os "homens" pelos seus atribuídos, "corajosos e determinados".

Quanto à presença de pronomes de tratamento (2), esses podem proporcionar um tom formal, informal ou híbrido à interação entre os personagens, o texto consta dois pronomes de tratamento, o primeiro é o mesmo das C1 e C2, *Mrs*. que denota distanciamento e respeito entre o irmão e a irmã, empregado para se reportar a destinatária da correspondência, no caso, a "Sra. *Saville*", irmã de Walton. O segundo caso de pronome de tratamento remete ao vocábulo *dear* (no português brasileiro, traduz-se: "querida", "cara", entre outras opções de traduções) que possui duas ocorrências.

Analiso, em seguida, essas duas entradas:

• (2.1) *My <u>Dear</u> Sister […].* (p. 9)

No exemplo (2.1), *dear* acompanha o substantivo *sister*, dessa maneira, o personagem narrador, provavelmente, reduziu o distanciamento inicial, pois, na LP, esta forma de tratamento, *dear*, é neutra, propiciando, assim, o estabelecimento da relação afetiva e de irmandade de Walton com a irmã Margaret.

• (5.2) *Adieu, my dear Margaret.* (p. 9)

No caso 2.2, o navegador se despede da irmã com um termo emprestado do francês, *Adieu*, logo após, ele utiliza *dear* seguido do nome Margaret. Há aproximação entre o ator social principal e a atriz secundária, o discurso se torna afetivo e intimista.

Quanto aos antropônimos e topônimos (3 e 4), na C3, constam apenas três nomes de personagens, a saber: o sobrenome Saville no início do romance, o primeiro nome da irmã do navegador, Margaret, o nome completo do personagem narrador está inserido no final da carta, com as duas iniciais *R.W.* Nesta parte do texto, o substantivo próprio *England* contém três entradas e *Archangel*, apenas uma.

Na subseção 4.5.1, são examinados os adjetivos e advérbios avaliativos (5 e 6).

4.5.1 O Caso dos Adjetivos e Advérbios Avaliativos na C3

A investigação de adjetivos avaliativos aponta um total de 17 ocorrências, dado a extensão reduzida do texto, pode-se presumir que se trata de um texto com considerável teor avaliativo e de caráter assertivo.

O quadro VIII, a seguir, exibe os adjetivos em questão e suas respectivas frequências:

Quadro VIII – Frequência dos adjetivos avaliativos na C3

Adjetivos avaliativos	Frequência
1. Safe	01
2. Fortunate	01
3. Good	01
4. Bold	01
5. Firm	01
6. Experienced	01
7. Content	01
8. Worse	01
9. Cool	01
10. Persevering	01
11. Prudent	01
12. Secure	01
13. Untamed	01
14. Obedient	01
15. Determined	01
16. Resolved	01
17. beloved	01

O quadro VIII revela que, na C3, os adjetivos são utilizados, mas eles não se repetem; entretanto, das 17 ocorrências de adjetivos avaliativos, 09 intensificam a personalidade, os sentimentos e os atos do navegador, e nas outras 08 entradas os adjetivos exercem a função de julgar o mercador como "mais sortudo que ele", os homens da tripulação como "destemidos e determinados" e Margaret como "amada".

A partir do resultado da investigação, na C3, os adjetivos utilizados por M.S. propiciam a conservação do caráter assertivo da narrativa. O narrador busca relatar os acontecimentos de maneira a não

deixar dúvidas a Margaret e ao público leitor de que não existem motivos para temer aquela viagem exploratória, posto que as figuras masculinas "firmes" de caráter e de propósito garantem a segurança e êxito para aqueles engajados na viagem.

Na subseção 4.5.1.1, são investigados os advérbios avaliativos (6).

4.5.1.1 Os Advérbios Avaliativos na C3

Na C3, constam somente quatro advérbios avaliativos (6) que ressaltam e buscam legitimar as ações relatadas pelo navegador Walton, são eles: *apparently*, *ardently*, *rashly* e *involuntarily*.

Abordo as ocorrências deste elemento lexical nos extratos, a seguir:

- (6.1) *I am, however, in good spirits: my men are bold, and apparently firm of purpose, nor do the floating sheets of ice that continually pass us, indicating the dangers of the region towards which we are advancing, appear to dismay them.* (p.9)

No exemplo 6.1, Walton revela a Margaret certa incerteza em seu discurso ao empregar o advérbio *apparently*, denotando que "aparentemente, os seus empregados são determinados" e não "certamente".

- (6.2) *We have already reached a very high latitude; but it is the height of summer, and although not so warm as in England, the southern gales, which blow us speedly towards those shores which I so ardently desire to attain, breathe a degree of renovating warmth which I had not expected.* (p. 9)

No caso 6.2, o advérbio *ardently* enfatiza o verbo *to desire* no presente simples, promovendo um apelo emotivo ao discurso, típico da era romântica .

- (6.3) *Be assumed, that for my own sake, as well as yours, I will not rashly encounter danger.* (p. 9)

No extrato 6.3, o discurso se configura como persuasivo/imperativo pela disposição do verbo *to be* no imperativo e do advérbio *rashly* que destaca o verbo *to encounter* no futuro simples e na forma negativa. Em suma, a narrativa se configura como assertiva e imperativa, possivelmente, Margaret e o público leitor são levados a acreditar que Walton "não se arriscará de maneira imprudente".

- (6.4) *My swelling heart involuntarily pours itself out thus. But I must finish. Heaven bless my beloved sister!* (p. 9)

No fragmento 6.4, o advérbio *involuntarily* ressalta o verbo *to pour* no presente simples, a frase tem sentido figurado, denota que *Walton* se sente emocionado por ver que a sua jornada marítima está se concretizando com sucesso.

Em síntese, na C3, ao me debruçar sob os seis elementos lexicais (os pronomes pessoais e de tratamento, os nomes próprios, os adjetivos e advérbios avaliativos), detectei que os resultados comprovam que o personagem Walton, o ator social principal, continua a destacar as ações que ele realiza (e/ou realizará).

A atriz social secundária, Margaret, é comunicada sobre o paradeiro do irmão em um relato de discurso expositivo e assertivo, por vezes, emotivo e egocêntrico, posto que tanto os feitos e o caráter de Walton são reportados e qualificados por ele próprio. A atriz social secundária e o público leitor são sugestionados a considerar que a viagem exploratória está tendo êxito e que não há motivo para inquietações por tudo estar sendo controlado pelo navegador perseverante, prudente e destemido.

Na subseção 4.6, é exibida a síntese da carta 4 (C4) e são examinados os seus respectivos elementos lexicais mais frequentes.

4.6 SÍNTESE DA CARTA 4 E SEUS ITENS LEXICAIS MAIS FREQUENTES

A C4 é subdividida em três datas, 05, 13 e 19 de agosto dos anos de 1700, sem menção à localidade em que o remetente se encontra. Na primeira data, o navegador conta que o navio ficou cercado de gelo em decorrência de uma intensa nevasca, que provocou certa inquietação a todos a bordo daquela embarcação. Em meio ao mau tempo, todos aqueles homens veem uma criatura de tamanho gigantesco passar, rapidamente, em um trenó, puxado por cães. Bem sabemos, que a referida aparição tratava-se do "monstro" projetado pelo cientista Victor Frankenstein. Os marinheiros, então, resgatam um homem convalescido com traços europeus e de sotaque estrangeiro, o qual era o cientista que estava à procura da criatura para se vingar dela pelos infortúnios provocados por ela. Neste ínterim, Walton cuida do viajante desconhecido e o reconhece como o amigo que ele almejava.

Na segunda parte da C4, Walton narra que o estrangeiro se recuperava, o vínculo de amizade dos dois se fortalecia e o então "cientista" Frankenstein reconhece que Walton era possuidor de certas qualidades e/ou tendências como ele.

Por fim, na terceira parte da correspondência, o personagem narrador informa que o estrangeiro iria contar sobre as infelicidades da sua vida que explicariam a sua condição naquele momento em que estava a bordo daquele navio com Walton e a tripulação.

Em decorrência da riqueza de detalhes na narrativa, a C4 acaba sendo mais extensa do romance *Frankenstein*, contém sete páginas com 2.739 palavras, em 114 sentenças, cujas incidências predominantes referem-se ao artigo definido *the*, em 132 situações, e à conjunção aditiva *and* (traduz-se "e") em 79 casos e à preposição *of* (traduz-se "de"), em 78 casos.

Em relação aos pronomes pessoais (1), o quadro IX elenca as ocorrências e frequências dos pronomes em questão:

Quadro IX – Frequência dos pronomes pessoais na C4

Pronomes pessoais	**Frequência**
I	76
He	53
You	42
We	22
It	13
She	01

Com base nos dados do quadro IX e da busca por sentenças no *WordSmith*, infiro que a presença do personagem narrador continua predominante e que as entradas do pronome da primeira pessoa do singular estão inseridas, principalmente, em sentenças no passado simples, cujo relato descreve o encontro de *Walton* e a tripulação com o cientista *Victor Frankenstein*, o qual era um desconhecido, que foi resgatado por eles em alto-mar. O papel social do navegador é o de salvador e protetor daquele que se apresenta a ele como vítima das circunstâncias da vida.

Os números da frequência do quadro IX revelam que o foco da C4 mudou, ou seja, o relato de Walton se centraliza no viajante naufragado e salvo por ele. A interação com a irmã Margaret, a atriz

social secundária, aumentou se compararmos a frequência do pronome da terceira do singular, *you*, na C4 com as outras três correspondências.

Há também uma elevação das incidências dos pronomes pessoais *it* e *we*, têm-se mais concepções avaliativas e inclusão da tripulação como atores sociais secundários com função de auxiliares e protetores do personagem resgatado (no caso, o cientista).[72]

O texto contém somente uma ocorrência de pronome de tratamento (2) formal, no caso, *Mrs*., endereçado a personagem Margaret tal qual nas C1, C2 e C3.

Há na obra três antropônimos (3): o sobrenome Saville, da irmã do navegador, o primeiro nome dela, Margaret, e o sobrenome Walton, acompanhado pelo cargo *Captain*.

Segue o resultado da frequência dos antropônimos na C4:

Quadro X – Frequência dos antropônimos na C4

Antropônimos	**Frequência**
Saville	01
Margaret	02
Walton	01

Na narrativa, os personagens, atores principais e secundários, são mencionados pela forma de relação que nutrem com o personagem narrador, pelo cargo profissional, por substantivos coletivos, impessoais e por referência de etnia, conforme informações do quadro XI:

Quadro XI – Formas de endereçamentos aos personagens da trama

Formas de endereçamentos aos personagens principais e secundários	**Frequência**
Man (“homem”)	08
Stranger (“estranho”; “desconhecido”)	08
Creature (“criatura”)	05
Sailors (“marinheiros”)	03
Traveller (“viajante”)	03
Guest (“hóspede”)	02

[72] Esclareço que o pronome *it* apresentou 13 ocorrências como pronome pessoal e 8 entradas como pronome do objeto.

Comrades (“companheiros”, “camaradas”)	01
Men (“homens”)	01
Being (“ser”)	01
Daemon (“demônio”)	01
Human being (“ser humano”)	01
European (“europeu”)	01
Master (“chefe”; “mestre”)	01
Listener (“ouvinte”)	01
Captain (“capitão”)	01
Lieutenant	01

Tendo em vista as ocorrências do quadro XI, as 3 formas de endereçamento mais recorrentes são: os substantivos *man*, *stranger* e *creature* para referir-se ao cientista resgatado e a “criatura gigantesca” que viajava em um trenó. Esses vocábulos não definem os atores sociais secundários, pelo contrário, dão um caráter impessoal aos personagens principais envolvidos na trama.

Por um lado, o personagem narrador cita a “criatura gigantesca” pela ação que realizava, *traveller*, e pelo substantivo impessoal *being*; por outro lado, o “desconhecido”, salvo por Walton e os companheiros, faz referência a criatura pelo termo negativo e ofensivo *daemon*.

O navegador comenta sobre o “desconhecido” por outros vocábulos, tais como: *guest*, *being*, *human being*, *European* e *listener*. Já o “desconhecido” se endereça ao navegador usando o cargo *Captain* seguido do sobrenome Walton, tratamento formal que denota distanciamento e respeito entre eles. Um dos marinheiros nomeia o navegador pelo cargo profissional, *Master*, assegurando o tratamento formal e distanciado/ou respeitoso entre os marinheiros e o navegador.

O quarto elemento lexical a ser discutido remete aos topônimos (4), particularmente, diz respeito somente ao substantivo próprio *England*, com uma entrada, no cabeçalho da correspondência. O tema central abordado é sobre a aparição de um “desconhecido naufragado” e de um ser “gigantesco” viajando em um trenó, puxado por cães.

Na próxima seção 4.6.1, são tratados os adjetivos avaliativos.

4.6.1 Os Adjetivos Avaliativos Mais Frequentes na C4

Considerando-se a extensão da C4 e o tema central, há um total de 47 adjetivos avaliativos (5), dos quais dois repetem 06 vezes, são eles: *strange* e *great*. Em seguida, os abordarei nas sentenças as suas reincidências:

- (5.1) *So strange an accident has happened to us that I cannot forbear recording it, although it is very probable that you will see me before these papers can come into your possession.* (p. 10)

No exemplo 5.1, o adjetivo *strange* qualifica o substantivo *accident* de maneira a intensificá-lo e avaliá-lo. No excerto em questão, há um segundo adjetivo avaliativo, *probable*, que denota a probabilidade "levantada" por Walton que a irmã o encontraria antes da correspondência chegar a ela. Ou melhor, na narrativa assertiva, Margaret é induzida a crer em duas situações: na "estranheza" do acidente e na possibilidade de um reencontro entre eles.

- (5.2) *Some of my comrades groaned, and my own mind began to grow watchful with anxious thoughts, when a strange sight suddenly attracted our attention, and diverted our solicitude from our own situations.* (p. 10)

No extrato 5.2, há 3 adjetivos avaliativos (*watchful*, *anxious* e *strange*), os dois primeiros têm sentido figurado, denotam que o navegador ficou "apreensivo e atento" quando ele e os companheiros avistaram algo "estranho". O adjetivo *strange* deve ter sido empregado para tornar a cena misteriosa e despertar a atenção do público leitor.

- (5.3) *Once, however, the lieutenant asked why he had come so far upon the ice in so strange a vehicle?* (p. 12)

No caso 5.3, Walton revela que o "tenente" do navio indagou o "desconhecido" sobre o motivo pelo qual ele se deslocou tão longe com aquele "veículo tão estranho". O adjetivo intensifica o julgamento do oficial sobre o meio de transporte usado pelo "cientista".

- (5.4) *"And yet you rescued me from a strange and perilous situation; you have benevolently restored me to life."* (p. 12)

Na sentença 5.4, o cientista, ainda desconhecido de Walton e a tripulação, dialoga com ele e reconhece a atitude "benevolente" dele ter o salvado. O adjetivo *strange* em parceria com o *perilous* da mesma classe gramatical dão maior destaque ao substantivo *situation*; isto é, o discurso do personagem tem profundo caráter avaliativo e assertivo.

• (5.5) *Such is my journal of what relates to this strange occurrence up to the present day.* (p. 12)

No quinto exemplo 5.5, Walton classifica como "estranha" a experiência de assistir aquela pessoa, que chegara até ele tão debilitada, que se recuperava graças aos seus cuidados.

• (5.6) *Strange and harrowing must be his story, frightful the storm which embraced the gallant vessel on its course and wrecked it – thus!* (p. 16)

O fragmento 5.6 se refere a última sentença da C4 e, curiosamente, o personagem narrador avalia a história do "cientista" como "estranha e perturbadora", há também o adjetivo *frightful* que qualifica a tempestade, salientando o discurso emotivo.

O segundo adjetivo avaliativo, de mesma frequência, será discorrido, em seguida.

• (5.7) *Shut in, however, by ice, it was impossible to follow his track, which we had observed with the greatest attention.* (p. 10)

No extrato 5.7, o adjetivo *great* no grau superlativo sugere que tanto o navegador quanto a tripulação consideram com a "maior atenção" a "impossibilidade de seguir o rastro da criatura gigantesca". A partir dos dois adjetivos avaliativos, *impossible* e *great(est)*, Margaret e o público leitor são persuadidos a concordar com o julgamento do personagem narrador.

• (5.8) *When my guest was a little recovered; I had great trouble to keep off the men, who wished to ask him a thousand questions […].* (p. 12)

No exemplo 5.8, Walton avalia a dificuldade que ele teve para preservar a privacidade do "cientista" que estava em restabelecimento, visto que o adjetivo em questão salienta o substantivo *trouble* como um "grande problema ou dificuldade".

• (5.9) *From this time a new spirit of life animated the decaying frame of the stranger. He manifested the greatest eagerness to be upon deck, to watch for the sledge which had before appeared […].* (p. 12)

Assim como no exemplo 5.7, o adjetivo em questão é empregado no grau superlativo, no caso 5.9, de maneira a ressaltar o substantivo *eagerness*. O narrador busca descrever, assertivamente, o sentimento de impaciência do "cientista" por estar confinado no navio, considerando que o objetivo dele era avistar o trenó do seu oponente.

- (5.10) *"You may easily perceive, Captain Walton, that I have suffered great and unparalleled misfortunes. […]".* (p. 15)

No fragmento 5.10, o "cientista" se vitimiza, ao classificar as desventuras da sua vida como "grandes e incomparáveis". O personagem tenta engrandecer seus sofrimentos de maneira assertiva e persuasivo.

- (5.11) *I felt the greatest eagerness to hear the promised narrative, partly from curiosity, and partly from a strong desire to ameliorate his fate, if it were in my power.* (p.15)

No caso 5.11, Walton se solidariza com os sofrimentos do novo amigo ao relatar que ele teve o mesmo sentimento do amigo, descrito no exemplo 5.9. No entanto, o navegador se sentiu impaciente por ele ouvir a história do "cientista". O caráter narrativo e assertivo do texto é fortalecido no excerto 5.11, em decorrência do uso dos adjetivos e substantivos que propiciam o referido efeito.

- (5.12) *This manuscript will doubtless afford you the greatest pleasure: but to me, who know him and who hear it from his own lips – with what interest and sympathy shall I read it in some future day!* (p. 16)

No último extrato 5.12, o adjetivo *great*, pela terceira vez, no grau superlativo se alia ao substantivo *pleasure*, em cuja situação o personagem narrador faz um pré-julgamento da sensação que aquela escrita provocaria na irmã. O discurso do narrador pode ser considerado como manipulador, pois ele tenta prever os sentimentos e opiniões da ouvinte.

Na subseção 4.6.2, é refletido o sexto elemento destacado na C4, os advérbios avaliativos (6).

4.6.2 Os Advérbios Avaliativos Mais Frequentes na C4

Na C4, há um total de 12 advérbios avaliativos (6), dos quais apenas 3 apresentam um maior número de ocorrências, são eles: *apparently*, *easily* e *accordingly*, conforme os dados elencados no quadro XII:

Quadro XII – Frequência dos advérbios avaliativos na C4

Advérbios avaliativos	**Frequência**
1. Apparently	03
2. Easily	03
3. Accordingly	02
4. Dreadfully	01
5. Wonderfully	01
6. Evidently	01
7. Certainly	01
8. Benevolently	01
9. Attentively	01
10. Gladly	01
11. Strongly	01
12. Personally	01

Considerando-se o quadro XII, pode-se notar que o grau de incidências dos advérbios *apparently*, *easily* e *accordingly* na C4 são baixos, posto que os dois primeiros possuem três entradas e o terceiro, duas. Discuto, em seguida, cada um desses vocábulos, a partir da sentença em que ele foi inserido:

- (6.1) *We perceived a low carriage, fixed on a sledge and drawn by dogs, pass on towards the north, at the distance of half a mile; a being which had the shape of a man, but <u>apparently</u> of gigantic stature, sat in the sledge, and guided the dogs.* (p. 10)

No fragmento 6.1, o advérbio salienta o pressuposto que a criatura avistada por Walton e seus companheiros tinha a "estatura gigantesca", diferente a de um ser humano. Isto é, a figura que eles viram foi julgada pela aparência física, pelos padrões físicos conhecidos por eles.

- (6.2) *In the morning, however, as soon as it was light, I went upon deck and found all the sailors <u>busy</u> on one side of the vessel, <u>apparently</u> talking to some one in the sea.* (p. 10)

No exemplo 6.2, o advérbio denota a avaliação de que os marinheiros estavam "conversando com alguém no mar", possivelmente, devido ao modo que eles estavam dispostos no navio.

- (6.3) *He is now much recovered from his illness, and is continually on the deck, <u>apparently</u> watching for the sledge that preceded his own.* (p. 13)

Na sentença 6.3, o advérbio é empregado por Walton, possivelmente, para conjecturar que o hóspede fica, "continuamente", no convés na espera do trenó do seu rival. Em síntese, o (a) leitor (a) e a personagem Margaret são motivados a tomar como verdadeiras as situações examinadas pela superfície do aparente na narrativa assertiva e expositiva de M.S.

- (6.4) *I was easily led by the sympathy which he evinced, to use the language of my heart, to give utterance to the burning ardour of my soul, and to say, with all the fervour that warmed me, how gladly I would sacrifice my fortune, my existence, my every hope, to the furtherance of my enterprise.* (p. 13)

No exemplo 6.4, o advérbio *easily* tem a função de sugerir que o navegador "foi atraído pela simpatia do amigo com facilidade". O discurso predominante tende a ser emotivo, a exemplo das figuras de linguagem: *language of my heart*; *burning ardour of my soul; all the fevour that warmed me*. - e do teor exagerado da última frase.

- (6.5) *Yesterday the stranger said to me, "You may easily perceive, Captain Walton, that I have suffered great and unparalleled misfortunes*. (p. 15)

No caso 6.5, *Walton* relata a conversa dele com o "desconhecido", o cientista, o qual tenta presumir a possibilidade de o navegador considerar que ele "enfrentou grandes e incomparáveis desventuras". Nesta passagem da narrativa (6.5), o personagem se endereça ao navegador de forma formal e distanciada pelo uso do cargo *Captain* e do sobrenome dele.

- (6.6) *You may easily imagine that I was much gratified by the offered communication, yet I could not endure that he should renew his grief by a recital of his misfortunes.* (p. 15)

No fragmento 6.6, o navegador faz uso do advérbio *easily* junto ao verbo *to imagine*, intensificando a ação, mais especificamente, ele tenta presumir a opinião de Margaret. Desta maneira, o texto mantém o caráter afirmativo e expositivo, tanto a irmã de Walton quanto o público leitor, provavelmente, são convencidos pelas asserções do narrador.

- (6.7) *We accordingly lay to, hoping that some change would take place in the atmosphere and weather.* (p. 10)

Na sentença 6.7, o advérbio *accordingly* destaca que a ação tomada pelo navegador e sua tripulação foi pensada, examinada e em comum acordo entre eles.

• (6.8) *We <u>accordingly</u> brought him back to the deck, and restored him to animation by rubbing him with brandy and forcing him to swallow a small quantity.* (p.11)

Tal qual no exemplo 6.7, no 6.8, o mesmo advérbio também modaliza o verbo e remete que os personagens "em consenso" resgatam e tomam as medidas de reanimação para salvar o "desconhecido" naufragado.

O resultado da pesquisa dos 6 elementos lexicais revela que nas quatro cartas iniciais do romance há grande ênfase no narrador, o capitão Walton, principal ator social, o qual narra os fatos em primeira pessoa do singular e exerce uma função indispensável por servir de meio de divulgação da história do personagem Victor Frankenstein, todos os fatos relatados e sensações sentidas são julgados e recontextualizados por ele.

O personagem narrador determina cada fato e pessoa, de maneira objetiva e pessoal, de modo a exibir credibilidade em seu relato; no entanto, o leitor pode desconfiar da confiabilidade da história contada sob a perspectiva ideológica do personagem narrador. O caráter avaliativo e assertivo é evidente no texto por meio dos recursos linguísticos utilizados nos discursos do navegador e do cientista Frankenstein, resgatado por ele. A narrativa de Walton expressa exatidão e/ou perfeição dos acontecimentos relatados por ele, há momentos em que suas memórias demonstram apelo emotivo, quando ele expressa sua paixão pela navegação, desejo de sucesso na viagem exploratória e admiração exacerbada pelo cientista.

4.7 A INTERAÇÃO PASSIVA DA VOZ FEMININA

A obra de M.S. apresenta o papel importante das mulheres na trama, as quais interagem com os personagens masculinos, pacificamente, no caso da personagem Margaret Saville, pode-se verificar que ela está presente e atua como a ouvinte dos relatos do irmão e navegador Robert Walton. O leitor e a leitora podem notar que o personagem narrador se importa com os sentimentos e opiniões da irmã, figura relevante nas cartas que dão suporte à narrativa principal.

Haja vista o fato de a autora M.S. ter vivido em um período da História em que as mulheres eram passivas no mundo masculino dominante, é compreensível que em seu romance as ações das figuras

femininas não ultrapassam os afazeres domésticos e que as suas histórias sejam contadas por três narradores masculinos, o navegador Robert Walton, o cientista Frankenstein e a criatura.

No entanto, cada uma delas desempenha um papel significativo na trama e que sinaliza o protesto silencioso da autora, mesmo sendo ela filha de uma feminista e de um pai que era um filósofo radical.

Cada personagem é representada sob o viés da percepção masculina de Walton, Frankenstein e da criatura, os quais as descrevem superficialmente, e como consequência, seus papéis são secundários. Não obstante, pode-se identificar na narrativa as virtudes, imperfeições e sentimentos dos personagens masculinos por meio das mulheres, as quais exercem o papel de intermediação do universo masculino.

Johanna M. Smith observa que "as mulheres funcionam não em benefício próprio, mas como condutoras para as relações masculinas com aqueles do mesmo sexo"[73] (SMITH, 2000, p. 283). Isto é, para Smith, a personagem Margareth Saville, irmã de Walton, mesmo passiva por não haver uma carta escrita por ela, serve de veículo que externiza a admiração do navegador por Frankenstein. A M. S. poderia ter escolhido um homem para ser o confidente do navegador Walton, no entanto, o romance mostra o papel importante de Saville na vida do irmão e para o público leitor.

Segundo Smith, há na obra de M. S. uma espécie de filtro seletor dos discursos femininos; visto que "nenhuma mulher no romance fala diretamente. Tudo que sabemos sobre elas é filtrado pelos três narradores masculinos".[74] (SMITH, 2000, p. 313). O distanciamento da autora é visível no romance e dá-se a impressão que ela evitou se expor para uma sociedade extremamente dominante e masculina e/ou preferiu se manter "ausente" e silenciou quase todas as personagens para preservar a tradição daquela época que a mulher não tinha direito a fala e que tinha o comportamento passivo e/ou submisso aos homens.

---

[73] […] women function not in their own right but rather as signals of and conduits for men's relations with other men. (SMITH, 2000, p. 283).

[74] *[…] no women in the novel speak directly. Everything we hear from and about them is filtered through three male narrators. […].* (SMITH, 2000, p. 313).

A personagem Elizabeth Lavenza, a órfã e futura noiva de Frankenstein, é o exemplo da figura feminina vista como objeto de posse do homem. Transcrevo, a seguir, uma passagem na história em que Frankenstein a descreve como um "presentinho" dado pela sua mãe, Caroline Beaufort Frankenstein:

> [...] Tenho um lindo presente para meu Victor; amanhã ele o receberá. E quando, de manhã, ela me apresentou a Elizabeth como seu presente prometido, eu, com seriedade infantil, interpretei suas palavras literalmente e olhei para Elizabeth como se fosse minha – minha para protegê-la, amá-la e agradá-la. [...]. (SHELLEY, 2013, p. 56).

No excerto supracitado, parte do público leitor pode inferir que a autora M. S. relata a situação inferiorizada das mulheres na sociedade britânica do século XIX, as quais eram, muitas vezes, passivas e dependentes de alguns dos membros da família ou de seus patrões. Em contrapartida, ter apenas este pensamento sobre as mulheres é negar a elas o poder que tinham, de fato, mesmo que camuflado.

A personagem Justine Mortiz, a empregada dos Frankenstein, representa a mulher devotada aos seus patrões e as patroas. Mortiz é acusada, injustamente, de ter assassinado o filho caçula de Frankenstein e suporta a "sentença de morte" em silêncio e em resignação. A morte da injustiçada empregada pode simbolizar o egoísmo e o orgulho reinantes na sociedade masculina daquele período.

A filha de camponeses, Agatha De Lacey, é a típica mulher dedicada aos familiares, comprometida às tarefas domésticas. Tanto Agatha quanto os demais membros da família desempenham um importante papel no processo de aprendizado da criatura, a qual se refugia na floresta e aprende acerca da "real" significância da união familiar, das leis morais, do cuidado e do respeito aos pais.

A personagem "a Árabe Safie" pode ser referenciada como atemporal e impactante para aquela época, pois na trama ela quebra o paradigma da passividade feminina por desobedecer às ordens do pai, o qual arranja um casamento lucrativo para a filha, e vai atrás do amado, Felix De Lacey, irmão de Agatha. Safie exerce um papel importante e decisivo para a criatura, pois ao mesmo tempo que ela ensina o idioma

árabe para a família De Lacey, o ser criado por Frankenstein acaba se intelectualizando.

É possível a interpretação de que a personagem Safie poderia ser a forma que M. S. utilizou para referenciar a perspectiva feminista de Wollstonecraft, a qual era a favor do direito da mulher a se intelectualizar ainda no século XVIII.

Em meio à passividade vivenciada pelas mulheres da história *Frankenstein*, pode-se constatar que a função dos narradores masculinos é intermediar as vozes femininas. Em linhas gerais, a interação passiva das figuras femininas deve ter sido a maneira que a autora escolheu para revelar a situação subalterna e /ou passiva da figura feminina imposta naquele início do século XIX, mas que camuflava o poder que as mulheres exerciam sobre os homens. Isto é, o silêncio das mulheres na trama não era um mero reflexo da realidade, mas uma construção literária utilizada por M.S.

A partir da exposição das personagens femininas e de suas situações no romance, pude verificar que as mulheres passivas e que mantiveram alguma relação com o cientista Frankenstein acabaram morrendo, e retratam, provavelmente, o final fatídico das pessoas de boas índoles e sentimentos nobres que tinham papéis importantes na vida do cientista Frankenstein. Não tinham lugar, portanto, na sociedade em que a moral e a ética estavam em detrimento. Além disso, as únicas personagens que sobreviveram foram a camponesa Agatha e a estrangeira Safie, as quais se tornaram caras à criatura. A primeira poderia ser aclamada como a representante da classe dos desfavorecidos e a segunda como a oportunidade de mudança.

4.8 RESULTADOS DO CAPÍTULO

Através da análise pormenorizada dos marcadores de interação presentes nas quatro cartas, pude constatar que o pronome da primeira pessoa do singular teve 187 ocorrências, comprovando que o personagem narrador detém o controle da retextualização dos fatos. Além disso, o texto se caracteriza como narrativo e assertivo, pois ao longo da narrativa há a inclusão dos pronomes pessoais *I*, *you*, *he* e *she*, sendo que a interação de Walton com Margaret ocorre de maneira ocasional, a voz feminina é ocultada, o maior contato (direto) do narrador é com o cientista Frankenstein.

Em referência aos substantivos próprios, nas C1, C2, C3 e C4, o antropônimo mais recorrente diz respeito ao substantivo próprio Margaret, com 6 incidências, a qual representa a atriz social secundária, ouvinte potencial do relato do narrador. Esta personagem é representa pela relação familiar de "irmã" com o irmão narrador, o substantivo "irmã" apresenta 6 entradas, e o adjetivo mais recorrente é *dear* em 7 situações. A caracterização dessa personagem é praticamente nula, sua interação com o personagem masculino é passiva e sua voz se configura como "silenciosa", recursos estilísticos da autora, a qual conferiu um relevante papel à personagem como ouvinte e confidente do irmão, personagem narrador. .

Quanto aos topônimos, o substantivo *England* se destaca com 6 incidências, pode-se inferir que o foco das correspondências não é descrever cidades e/ou países, mas sim a necessidade de encontrar um amigo, a grandiosidade da viagem exploratória ao polo norte, o relato sobre o resgate e cuidado dispendidos ao personagem Frankenstein.

Com relação aos 160 adjetivos avaliativos existentes, aqueles com maiores frequências, são: *dear*, 7 entradas, na forma comparativa em dois casos; *strange*, 6, e *great*, 5, e no grau superlativo 6. Estes elementos são empregados em diferentes contextos, tais como: como forma de aproximação do navegador que escreve para a irmã e para considerar a existência de pessoas, "mais sábias, melhores e mais importantes" que o cientista e o navegador; como julgamento de que seriam "estranhos", tanto o resgate do desconhecido no mar, o trenó como meio de transporte, o cuidado para com a sua recuperação quanto o relato das suas desventuras. Nas quatro cartas, há também casos em que se intensificam as "grandiosidades" da missão exploratória, do empreendimento marítimo, do objetivo da navegação e das mazelas da vida. Margaret é levada a considerar como verdadeira a recontextualização feita por Walton, em um texto narrativo, expositivo, por vezes, com discurso emotivo.

Quanto aos 30 advérbios avaliativos, apenas 3 possuem maior frequência: *easily*, 5, *apparently*, 4, *certainly*, 3. Os acontecimentos são, majoritariamente, avaliados e/ou modalizados pelo narrador de maneira a convencer Margaret da "facilidade" em se fretar um navio, em contratar um amigo tenente desempregado, em perceber que o cientista havia passado por grandes tristezas, em se atrair pela simpatia de um

amigo e ser conduzido pela "língua do coração" e em ser capaz de imaginar que Walton se sente grato por ter conhecido o cientista.

Em linhas gerais, as quatro cartas mantêm o caráter narrativo e expositivo, assim como a voz narrativa ocorre predominantemente na primeira pessoa do singular. Quanto às formas de tratamento, *Mrs*. e *dear* são empregados pelo personagem Walton, quando ele se dirige à irmã. No início das correspondências, o respeito e distanciamento/formalidade são estabelecidos pelo pronome *Mrs*. e, com o uso de *dear,* a relação entre os irmãos recebe certa neutralidade (obedece a regras sociais rígidas) e instaura-se uma relação de afeto e de irmandade entre eles.

No que toca aos adjetivos e advérbios, estes nos remetem a um estilo formal, educado e, ao mesmo tempo, rico, isto é, típico da escrita do gênero textual carta da época romântica.

Para análise comparativa, examinarei, no próximo capítulo, as traduções brasileiras das cartas, para verificar se os seis TCs conservam o estilo formal da autora M. S.. Discuto ainda como os tradutores e tradutora lidam com os possíveis desafios em priorizar a semântica (significado) e/ou a letra (estrutura textual) dos 6 elementos lexicais do TP apresentados neste capítulo, assim como as prováveis implicações das mudanças semânticas e textuais.

5 ANÁLISE DAS CARTAS TRADUZIDAS DE *FRANKENSTEIN*

5.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo examinar as traduções brasileiras das cartas, para observar se os seis TCs mantiveram o estilo formal da autora M. S.. Reflito ainda sobre como os tradutores e tradutora lidam com os possíveis desafios em beneficiar a semântica (significado) e/ou a letra (estrutura textual) dos 6 elementos lexicais do TP apresentados no capítulo anterior, assim como os prováveis efeitos das alterações de significados e da estrutura textual.

Na análise, verifico, de maneira comparativa, "a sensibilidade" do estilo caracterizado pelo romantismo gótico inglês e investigo como Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Bruno Gambarotto e Adriana Lisboa enfrentam os desafios de tradução nas edições de 1957, pela editora Universitária, de [ca. 1960], pela Tecnoprint, de 1973, pela Record, de 1998, pela Ática, de 2013, pela Hedra, e de 2011, edição especial de bolso pela Nova Fronteira e Saraiva, respectivamente.[75]

[75] Na seção de anexos, apresento as capas das edições inglesa e brasileiras, de 1931, 1957 e de 1973,1998, 2011 e 1013, respectivamente, além da imagem do filme "Frankenstein" de 1931, as quais indicam a interdiscursividade entre o texto literário, o cinema e a arte abstrata; assim como exibem os diversos momentos da tradução e as ideias mais evidentes de cada momento histórico, às quais o romance se vinculou.

As imagens, na seção de anexos, indicam que as capas das T4 e 6 fazem referência ao tema homem e ciência. Em contrapartida, a T5 exibe uma caricatura da autora tecendo um ser em posição horizontal; por estar na vertical e ter seu rosto na capa, a autora M.S. recebe um lugar de destaque na edição de bolso da Saraiva e da Nova Fronteira.

Em anexos, são apresentados as imagens da capa da T2 e dos pôsteres de divulgação do filme "The Revenge of Frankenstein", em inglês e em espanhol. Pode-se inferir que a T2 ficou vinculada à imagem da adaptação cinematográfica, a foto do filme serviu como chamariz da edição da Tecnoprint. Ou melhor, que a tecnoprint foi contratada para traduzir o romance de M.S. por causa do filme de 1958.

Para tal, perscruto se as seis edições brasileiras conservam o estilo da autora M. S. e como os tradutores e tradutora destes TCs lidam com os possíveis desafios em preservar a semântica dos 6 elementos lexicais, do TP, analisados no capítulo 4. Discuto ainda as prováveis implicações das mudanças semânticas e textuais realizadas pelos tradutores e tradutora.

Para me debruçar na questão estilística, me concentro, como no capítulo 4, em dois eixos principais de análise: 1) as formas de tratamento que sinalizam a interação entre os personagens e 2) a questão da avaliação que permeia a narrativa por meio de adjetivos e advérbios avaliativos mais frequentes no TP. Em se tratando de análise de tradução, examino a questão do método de tradução de topônimos e antropônimos, a fim de averiguar se há tendências de domesticação e/ou de estrangeirização para esses elementos lexicais destacados. Para esta última análise de dados, investigo e discuto as soluções de tradução para o título do poema "The Rimes of the Ancient Mariner" (1798), de Coleridge, para o termo *adieu*, emprestado do francês no TP, para a bebida *brandy*, típica para os ingleses do século XIX e para medida de distância *mile*; posto que os termos selecionados não apresentam linearidade nas edições brasileiras, busco compreender quais são as implicações e efeitos das escolhas de cada profissional de tradução nos TCs publicados em diferentes décadas.

Minha hipótese ao desenvolver a análise é que, como já mencionei no capítulo 3, sendo o TP um clássico e conhecido pelo grande público, majoritariamente, por meio do meio fílmico e/ou (audio)visual, as traduções se caracterizam como estrangeirizantes, isto é, os termos estrangeiros são preservados nos textos brasileiros por esses serem, supostamente, conhecidos do público leitor.

As reflexões apresentadas são fundamentadas por teóricos e conceitos dos Estudos da Tradução, com os proferidos Schleiermacher (1813/2007) Venuti (1992; 1995/2008; 2002), Berman (1985/2013), entre outros.

Para a análise das cartas traduzidas, considero os termos "domesticação e "estrangeirização" discutidos por Schleiermacher (1813) e ampliados por Venuti (1992; 1995/2008; 2002), o qual infere que em traduções a domesticação é inevitável e que no caso da tradução estrangeirizante, observa-se o surgimento de uma "pressão etnodesviante sobre tais valores [da cultura receptora] para registrar as

diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. " (VENUTI, 2008, p. 15). De fato, o (a) leitor (a) identifica a presença do outro e, por vezes, a estranha por não identificar nenhuma semelhança com a sua cultura.[76]

Nas próximas seções, a partir do levantamento de dados cotejados pelo *Wordsmith Tools* e manualmente por meio de tabelas criadas no Word, analiso os pronomes pessoais, as formas de tratamento e de endereçamento, os nomes de personagens e de localidades (antropônimos e topônimos), os adjetivos e advérbios avaliativos, assim como casos específicos de tendências de domesticação e estrangeirização nas cartas traduzidas das edições de 1957, de [ca. 1960], 1973, 1998, 2011 e 2013. A título de ilustração, inserirei as capas dos TCs em contraste com as das edições, em inglês, e com imagens dos filmes ou pôsteres de divulgação das adaptações cinematográficas (quando houver) para demonstrar como as edições impressas estão vinculadas ao (audio)visual, ocorrendo o fenômeno de interdiscursividade entre esses dois meios de significação.

Ressalto que a edição da Tecnoprint (T2), de Ralph, não apresenta as três primeiras cartas e que a narrativa se inicia na quarta carta, intitulada "Prólogo". Na seção 5.2, discuto as implicações sofridas pela eliminação dessas partes do texto.

A seguir, examino se o dialogismo e caráter narrativo das cartas iniciais de *Frankenstein* são alterados nos TCs e quais são os efeitos alcançados a partir de cada escolha presente nos textos traduzidos.

5.2 O GÊNERO DISCURSIVO NARRATIVO DAS CARTAS DE *FRANKENSTEIN*

Em conformidade com as cartas iniciais do TP, as suas traduções brasileiras são configuradas como narrativas e dialógicas por haver a presença dos pronomes pessoais "eu", "ele" e "você", que representam, predominantemente, os personagens Robert Walton, o cientista Frankenstein e a personagem Margaret Saville, sendo o primeiro o personagem narrador, o qual tem, na história, a função profissional de navegador e o seu vínculo familiar com Saville é de irmandade.

[76] Tradução de Martins (2010, p. 59).

A partir da categorização de tipos textuais de Longacre (1983), faço uso da classificação do gênero discursivo narrativo para as cartas de *Frankenstein* por estarem centradas no personagem narrador e há pequenas oscilações do discurso narrativo para o expositivo, em razão das marcações discursivas na interação do personagem Walton com Margaret e com o cientista Frankenstein, o qual é resgatado pela tripulação do navio.

Considerando-se a coleta de dados, confirmo que, assim como no TP, nos TCs, o pronome da primeira pessoa do singular prevalece como o mais frequente nessa parte da narrativa. Nesse início do romance, em formato epistolar, das edições brasileiras, de 1957 (T1), de Caio Jardim, de 1973 (T3), de Miécio Araujo Jorge Honkis, de 1998 (T4), de Marcos Maffei, de 2011 (T5), de Adriana Lisboa e de 2013 (T6), de Bruno Gambarotto, há um total de 1035 ocorrências desse pronome de modo a posicionar Walton em destaque por ser o principal ator social. Isto é, ele é o agente responsável pela narração das ações ocorridas e vivenciadas por ele nessa parte do romance, o personagem reporta os acontecimentos, a partir das suas próprias sensações e/ou sentimentos.

Em todas as traduções, o pronome da terceira pessoa do singular, "ele", é o segundo em número de ocorrências, constam 411 entradas na narrativa, em momentos em que Walton relata sobre o amigo que renuncia o amor que sentia por não ser correspondido, para referenciar o cientista Frankenstein e a criatura, caracterizando o texto como narrativo. Já o pronome "você" possui um total de 232 ocorrências, esse pronome se repete nas cartas 232 vezes, principalmente, de modo implícito, para Walton se dirigir à irmã e ao amigo resgatado do mar. Por assim dizer, nos TCs, Margaret Saville continua sendo uma atriz secundária que desempenha o papel de ponte de comunicação com o público leitor, as informações sobre a viagem exploratória até o polo norte são retextualizadas pelo personagem narrador, o qual interage com a irmã, ocasionalmente, os focos centrais são a viagem marítima e o encontro com o cientista Frankenstein, a voz silenciosa da personagem é preservada nos seis TCs.

Em decorrência de não haver alterações dos pronomes pessoais, a ponto de afetar o dialogismo e, em especial, o discurso narrativo do TP, exponho três excertos do TP que contêm ocorrências dos pronomes mais frequentes, "eu", "você" e "ele", então, os contrasto com as seis

traduções brasileiras. Este procedimento busca evitar repetições que podem tornar a leitura deste capítulo enfadonha.

No fragmento (1.1), do quadro XIII, comparo o TP com as T1 e T3, por uma questão de ordem, e, em seguida, o mesmo excerto é cotejado com as T4, T5 e T6. A partir desse fragmento, examino o pronome pessoal *you*, no primeiro parágrafo da C1, a fim de verificar se a interação inicial de Walton com a irmã Saville é mantida nas edições brasileiras.

No contexto desse excerto, Walton busca prever como a irmã iria se sentir ao saber que o irmão se encontrava em plena integridade física em direção ao polo norte:

Quadro XIII – O pronome pessoal como marcador da interação entre os personagens na C1 – o TP em contraste com as T1 e T3

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T1, de Caio Jardim – 1957 (Ed. Universitária)**	**T3, de Miécio araujo Jorge Honkis - 1973* (Ed. Record)**
(1.1) *You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings.* (p. 3)	VOCÊ ficará contente que nada houve de mau ao iniciar-se este empreendimento que tão sombrias apreensões lhe havia causado. (p. 21)	Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios. (p.15)

O fragmento 1.1 do quadro XIII aponta que, nas T1 e T3, o pronome pessoal *you* é vertido por um termo próximo, semanticamente, "você", não alterando o sentido do TP no começo do parágrafo. Por um lado, Caio Jardim opta por fazer uso do pronome oblíquo "lhe" e anteceder o objeto direto ao verbo, por outro lado, Miécio Araujo Jorge Honkis prefere a conservação do pronome da terceira pessoa. O discurso narrativo do personagem narrador e a interação entre os personagens não são afetados.

Retomo, em seguida, no quadro XIV, ao mesmo fragmento (1.1) do TP para o cotejo entre as T4, T5 e T6:

Quadro XIV – Cotejo do pronome pessoal como marcação da interação entre os personagens na C1– o TP em contraste com as T4, T5 e T6

TP, Shelley, edição de 2012	**T4, de Maffei – 1998 (Ed. Ática)**	**T5, de Lisboa – 2011 (Ed. Saraiva)**	**T6, de Gambarotto – 2013 (Ed. Hedra)**
(1.1) *You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings.* (p. 3)	Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios. (p. 19)	Você há de ficar satisfeita em saber que nenhum desastre acompanhou o começo de uma aventura que viu com tão maus presságios. (p. 21)	Você ficará feliz de saber que não houve calamidade a acompanhar o início de meu empreendimento, ao qual você atribuía tão maus augúrios. (p. 35)

No que concerne aos dados do quadro XIV, é possível a verificação de que o pronome da terceira pessoa do singular é conservado nas T4, T5 e T6, não há perda da interação e/ou alteração do agente.

Pude identificar, também, que o primeiro parágrafo da T4 é idêntico ao da T3. Quanto ao léxico, nessa parte do texto, as traduções se apresentam próximas umas das outras e do TP, apesar de haver variações de alguns vocábulos, como "sinistros", "aventura", "calamidade" e "augúrios", além de tempos verbais. A T6, também, se assemelha com as demais edições, excetuando a escolha dos léxicos "calamidade" e "augúrios" e do verbo "atribuir". Pode-se inferir que no extrato da tradução de Gambarotto, no quadro 14, há um registro mais elevado (mais formal) e que o texto está melhor estruturado.

Trato, seguidamente, da C2, para tal exponho o segundo excerto (1.2) que busca exibir se os tradutores e a tradutora alteram o discurso narrativo e o dialogismo propostos por M. S.:

Quadro XV – Cotejo do pronome da primeira pessoa do singular na C2 – TP, as T1 e T3

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T1, de Caio Jardim - 1957 (Ed. Universitária)**	**T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis - 1973* (Ed. Record)**
(1.2) *How slowly the time passes here, encompassed as I am by frost and snow! Yet a second step is taken towards my enterprise. I have hired a vessel, and am occupied in collecting my sailors; those whom I have already engaged, appear to be men on whom I can depend and are certainly possessed of dauntless courage.* (p. 6)	COMO passam devagar as horas, aqui, assim, circundado pela neve e o gelo! Apesar disso, já dei o segundo passo em meu empreendimento. Fretei um navio e estou agora ocupado em selecionar meus marujos; os que já contratei, até este instante, parecem ser homens merecedores de toda a confiança e, sem dúvida, possuidores de inquebrantavel denodo. (p. 25)	Como o tempo custa a passar aqui, cercado que estou de gelo e neve! No entanto, já dei mais um passo no que se refere ao meu empreendimento. Aluguei um navio e acho-me ocupado em recrutar meus marinheiros; aqueles que já recrutei parecem-me homens em quem posso confiar e são certamente possuidores de inegável coragem. (p. 18)

No quadro XV, o excerto 1.2 expõe que o caráter narrativo do TP é mantido por Caio Jardim e Miécio Araujo Jorge Honkis, em ambas edições brasileiras, o pronome pessoal "eu" é utilizado de modo implícito, forma comum na língua portuguesa. Há uma omissão do pronome "eu" na primeira frase da T1 que não compromete a narrativa. No caso da T3, pude identificar que a voz do narrador permanece tão frequente quanto a do TP, mantendo-se próximo a ele.

Nessa passagem do texto (1.2), ambos tradutores, Caio Jardim e Miécio Araujo Jorge Honkis, decidem antepor o adjetivo que

acompanha o substantivo, mais especificamente, na T1 a escolha é pela inserção de "inquebrantavel denodo" e na T3, "inegável coragem", decisões essas que intensificam o substantivo, mas as diferentes escolhas de adjetivos não causam o mesmo efeito ao texto. Na T1, o vocábulo "denodo" promove formalidade ao texto e o adjetivo "inquebrantavel" se aproxima do sentido do adjetivo *dauntless* e, na T3, o adjetivo "inegável" enfraquece e/ou apaga a marca estilística da autora.

No quadro XVI, o mesmo fragmento 1.2 do TP é cotejado com as T4, de Marcos Maffei, T5, de Adriana Lisboa e a T6, de Bruno Gambarotto.

Quadro XVI – Cotejo do pronome da primeira pessoa do singular na C2 – TP, as T4, T5 e T6

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T4, de Marcos Maffei – 1998 (Ed. Ática)**	**T5, de Adriana Lisboa – 2011 (Ed. Saraiva)**	**T6, de Bruno Gambarotto – 2013 (Ed. Hedra)**
(1.2) *How slowly the time passes here, encompassed as I am by frost and snow! Yet a second step is taken towards my enterprise. I have hired a vessel, and am occupied in collecting my sailors; those whom I have already engaged, appear to be men on whom I can depend and are certainly possessed of*	Como o tempo demora a passar aqui, cercado de gelo e neve como estou! Todavia, meu empreendimento já está em seu segundo passo. Contratei um navio e estou agora ocupado em reunir os marinheiros; os que já empreguei parecem ser homens nos quais posso confiar, e são certamente dotados de uma	Como o tempo passa devagar aqui, cercado como estou pelo gelo e pela neve! Um segundo passo foi dado, porém, rumo ao meu objetivo. Aluguei um navio e trabalho na seleção dos marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens com quem posso contar e certamente possuem uma	Como o tempo passa devagar por aqui, rodeado que estou de frio e neve! Ainda assim, acabo de dar um segundo passo rumo à realização de meu objetivo. Aluguei um navio e me ocupo agora de arregimentar meus marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens em quem posso

dauntless courage. (p. 6)	coragem audaz. (p. 22)	coragem a toda prova. (p. 24-25)	confiar e que certamente dispõem de intrépida tenacidade. (p. 38-39)

No quadro XVI, pode-se observar, nas T4, de Marcos Maffei, T5, de Adriana Lisboa e T6 de Bruno Gambarotto, que o pronome da primeira pessoa do singular é preservado, implicitamente, como nas T1 e T3. A estrutura narrativa discursiva é mantida, o personagem narrador tem o controle da narração dos fatos.

Quanto à anteposição de adjetivo, somente na T6 consta a ocorrência do adjetivo anteposto ao substantivo, no caso "intrépida tenacidade", opção esta que eleva o registro do texto para uma maior formalidade e busca resgatar o estilo de M.S.

A análise dos pronomes pessoais prossegue por meio do terceiro excerto selecionado (1.3) que exibe a entrada do pronome pessoal *he* do TP cotejado com as seis edições brasileiras para apurar a permanência do discurso narrativo do TP nos TCs.

Quadro XVII – Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, "ele", na C4 – TP, as T1 e T2

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T1, de Caio Jardim – 1957 (Ed. Universitária)**	**T2, de Éverton Ralph – [ca. 1960] (Ed. Tecnoprint)**
(1.3) *Even broken in spirit as he is, no one can feel more deeply than he does the beauties of nature. The starry sky, the sea, and every sight afforded by these wonderful regions, seems still to have the power of elevating his soul from earth. Such a man has a double existence: he*	Mesmo tendo o ânimo tão alquebrado, ninguém pode negar que ele reune em si os grandes dons da natureza. O próprio céu e o mar e todos os sinais maravilhosos da região em que estamos, parecem elevar-lhe ainda mais	Mesmo de espírito alquebrado como o está, ninguém é capaz de sentir mais profundamente do que êle as belezas naturais. O céu estrelado, o mar e todos os panoramas que estas regiões maravilhosas oferecem, tudo parece ainda ter a faculdade de elevar-lhe a alma acima da terra.

may suffer misery and be overwhelmed by disappointments, yet, when he has retired into himself, he will be like a celestial spirit, that has a halo around him, within whose circle no grief or folly ventures. (p. 5)	alto a alma. Um homem assim tem dupla existência: pode sofrer o infortúnio e cambalear sob os golpes da desilusão; mas desde que se concentra em si mesmo, torna-se um ser quasi celestial, circundado de um halo luminoso, além de cujos limites nenhuma dor ou desespero se aventura a passar. (p. 37)	Um homem assim tem dupla existência: êle pode sofrer miséria, e estar avassalado por decepções; todavia, quando se recolhe a si mesmo, é como um espírito celestial com uma auréola em tôrno de si, formando um círculo no qual não ousa penetrar a dor nem a estultícia. (p. 16)

O cotejo do quadro XVII mostra que o pronome da terceira pessoa do singular, "ele", é utilizado na narrativa em ambas traduções, de Caio Jardim e de Éverton Ralph, isto é, apesar dos ajustes gramaticais imprescindíveis no processo de tradução, o TP caracterizado como discursivo narrativo se conserva nas T1 e T2. O referido pronome não é alterado nessa passagem da história, em que o personagem narrador descreve como ele visualiza o "desconhecido" que é comparado a um "espírito celestial"; no entanto, a T1 apresenta uma maior fluidez por não haver muitas marcações nas sentenças do referido pronome como na T2.

Prossigo a análise das cartas traduzidas, por meio do mesmo excerto (1.3) do TP, no quadro XVIII, em que o pronome da terceira pessoa, "ele", é verificado nas T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis e T4, de Marcos Maffei.

Quadro XVIII – Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, "ele", na C4 – TP, as T3 e T4

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis - 1973 (Ed. Record)**	**T4, de Marcos Maffei – 1998 (Ed. Ática)**

(1.3) *Even broken in spirit as he is, no one can feel more deeply than he does the beauties of nature. The starry sky, the sea, and every sight afforded by these wonderful regions, seems still to have the power of elevating his soul from earth. Such a man has a double existence: he may suffer misery and be overwhelmed by disappointments, yet, when he has retired into himself, he will be like a celestial spirit, that has a halo around him, within whose circle no grief or folly ventures.* (p. 5)	Embora abatido conforme ele está, ninguém é mais capaz de sentir profundamente as belezas da natureza. O céu estrelado, o mar, e todas as paisagens oferecidas por estas maravilhosas regiões ainda têm o poder de fazer com que a sua alma se desprenda da terra. Um homem assim tem uma existência dupla: ele pode sofrer desgraças e ser esmagado pelas decepções, mas, quando se volta para dentro de si mesmo, será como um espírito celestial com um halo à sua volta, dentro do qual nenhuma cor ou loucura serão capazes de se aventurar. (p. 27)	Mesmo em seu desconsolado estado de espírito, não há ninguém que se encante com as belezas da natureza mais intensamente do que ele. O céu estrelado, o mar, e todas as vistas que essas regiões magníficas proporcionam, parecem ter ainda o poder de elevar-lhe a alma. Um homem como ele leva uma dupla existência: pode sofrer miseravelmente, estar esmagado sob seus infortúnios e, no entanto, quando se recolhe a si mesmo, é como se ele se tornasse um espírito celestial, com um halo à sua volta em cujo círculo nenhum pesar ou insensatez é capaz de penetrar. (p. 33-34)

Considerando as informações dos quadros 17 e 18, é verificável que as T1, T2, T3 e T4 não exibem mudanças no que concerne o agente narrado por Walton, isto é, o pronome da terceira pessoa do singular é conservado nos TCs.

A exposição da presença do pronome em questão se completa no quadro XIX, em que contrasto o excerto 1.3 do TP com as T5 e T6, para identificar se a prosa narrativa se mantém.

Quadro XIX - Cotejo do pronome da terceira pessoa do singular, "ele", na C4 – TP, as T5 e T6

TP, Mary Shelley, edição de 2012	**T5, de Adriana Lisboa – 2011 (Ed. Saraiva)**	**T6, de Bruno Gambarotto – 2013**
(1.3) *Even broken in spirit as he is, no one can feel more deeply than he does the beauties of nature. The starry sky, the sea, and every sight afforded by these wonderful regions, seems still to have the power of elevating his soul from earth. Such a man has a double existence: he may suffer misery and be overwhelmed by disappointments, yet, when he has retired into himself, he will be like a celestial spirit, that has a halo around him, within whose circle no grief or folly ventures.* (p. 5)	Mesma tendo ele o espírito devastado, é mais sensível do que qualquer um às belezas da natureza. O céu estrelado, o mar e a paisagem destas maravilhosas regiões parecem ainda ter o poder de elevar sua alma aos céus. Um homem como ele tem existência dupla: pode sofrer infortúnios e ser esmagado pelos desapontamentos, mas ainda assim, quando se volta para seu próprio interior, é como um espírito celestial que tem um halo em torno de si, dentro de cujo círculo nenhum desgosto penetra. (p. 36)	Mesmo arruinado em seu espírito como está, ninguém é capaz de sentir mais profundamente as belezas da natureza do que ele. O céu estrelado, o mar, e cada paisagem produzida por estas maravilhosas regiões ainda parecem ter o poder de elevar sua alma. Tal homem tem uma dupla existência: ele pode padecer inúmeras agruras e ser vítima de desapontamentos vários, mas quando se retira para dentro de si parece transformar-se em um espírito celestial com um halo em torno de si, em cujo círculo nenhuma dor ou loucura se ateve a entrar. (p. 50)

O quadro XIX, em parceria com os quadros anteriores, XVII e XVIII, confirma que as edições brasileiras conservam o caráter narrativo do TP por meio do pronome da terceira pessoa do singular, "ele", as adequações nas T5 e T6 não prejudicam o romance de M.S.

O resultado das ocorrências dos pronomes "eu", "você" e "ele", na T5, de Adriana Lisboa, indica que o pronome da primeira pessoa do singular se mantém mais intensificado com 204 repetições e na T2, de

Éverton Ralph, o caráter expositivo se enfraquece com o número de 75 ocorrências, em razão da narrativa se iniciar no "prólogo"/carta 4. No que tange ao pronome "você", na T6, de Bruno Gambarotto, a interação entre o narrador com a irmã e com o cientista resgatado é enfatizada com o número de 70 entradas e minimizada na T2, de Éverton Ralph, com 21 entradas. Por um lado, o pronome da terceira pessoa do singular, "ele", é inserido com maior frequência na T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis, com 82 ocorrências, as quais potencializam o discurso narrativo do romance; por outro lado, na T1, de Caio Jardim, esse pronome se repete 55 vezes, reduzindo o teor narrativo do texto. Por fim, o pronome da terceira pessoa do plural, "nós", que também marca a interação entre os personagens da história, recebe mais repetições na T6, com 40 ocorrências, e diminuído na T3, com 24 entradas.

Em síntese, as quatro cartas iniciais dos TCs não apresentam perda considerável das características dialógicas, expositivas, interativas e descritivas do TP. O pronome da primeira pessoa do singular se conserva como o mais frequente, a interação entre os personagens não é afetada e a marca descritiva da narrativa é preservada pelo uso do pronome "ele", que não é alterado nos TCs.

Enfatizo que a exclusão das três primeiras cartas na T2, de Éverton Ralph, ocasiona significativa perda tanto da interação entre os personagens quanto dos fatos narrados pelo personagem Walton. O público leitor da T2 tem acesso ao texto, a partir do momento em que Walton narra as situações nas quais a criatura é avistada por ele e pela tripulação, assim como quando o cientista Frankenstein é salvo e assistido no navio. Por assim dizer, a falta de informações na T2 deturpa o TP em nível semântico, com certa supressão do estilo da autora e dos discursos subjacentes à narrativa, e, provavelmente, prejudica a consequente leitura do público.

Pode-se hipotetizar que a Tecnoprint da T2 lançou uma edição com supressões de partes da narrativa por questões financeiras, posto que o romance *Frankenstein* traduzido foi publicado em uma série de bolso de apelo popular e, provavelmente, motivado pelo sucesso das séries exibidas no cinema da época, se considerarmos que a capa possui a mesma imagem do pôster do filme "A Vingança de Frankenstein", estrelado no Brasil em 1958. É possível que uma edição brasileira completa não seria vantajosa para os editores e tampouco atraente para a divulgação da mídia e aos olhos do público leitor, uma vez que a

história *Frankenstein* era recorde de vendagem no meio fílmico, por meio do recurso audiovisual, e não pelo impresso, por meio verbal.

Na subseção 5.3, as formas de tratamento e de endereçamentos serão discutidas.

5.3 OS MARCADORES DE INTERAÇÃO NOS TCS: AS FORMAS DE TRATAMENTO E DE ENDEREÇAMENTOS NAS CARTAS INICIAIS DE *FRANKENSTEIN*

Tendo em vista a neutralidade e diferenças sintáticas e morfológicas da língua do TP, o romance de M.S não apresenta a formalidade por meio de pronomes pessoais como no português brasileiro. Os resultados dos dados indicam um total majoritário, de 36 ocorrências, do pronome de tratamento "senhor" como tradução sugerida pelos tradutores brasileiros Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis e Marcos Maffei, assim como pela tradutora brasileira Adriana Lisboa, na C4, em que os personagens masculinos, o cientista Frankenstein e o navegador Walton, se comunicam, configurando uma relação respeitosa e/ou distanciada entre eles. Em contrapartida, não há casos do referido pronome de tratamento na T6, de Bruno Gambarotto, o qual usa o pronome "você" para o termo *you*, do TP; é sabido que, em determinadas localidades do Brasil, o vocábulo escolhido por ele é considerado como (in) formal. Para exemplificar, a maioria dos nativos do sul do Brasil compreende formalidade por meio desse pronome; no entanto, para os paulistas, em especial, o "falante" emprega esse elemento linguístico para se aproximar do "ouvinte", tornando a interação entre eles mais intimista e/ou informal. Considerando a minha vivência como paulista e, em especial, brasileira, percebo que o pronome utilizado pelo tradutor, da T6, busca a neutralidade na forma de tratamento do personagem narrador com o novo amigo e então cientista Frankenstein; isto é essa escolha de Bruno Gambarotto acaba por aproximar, semanticamente, o pronome do TP com o do TC.

No quadro XX, são dispostos os pronomes de tratamento e suas respectivas ocorrências nos TCs:

Quadro XX – Ocorrências dos pronomes de tratamento nos TCs

Edições Brasileiras	**Pronomes de Tratamento e Número de Ocorrências por Carta**
T1 – de Caio Jardim (1957)	C1 – "sra." (1) C2 – "sra." (1) C3 – "sra." (1); "querida" (1) C4 – "sra." (1); "senhor" (10)
T2 – de Éverton Ralph [ca. 1960]	C4 – "senhor" (4)
T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis (1973)	C1 – "sra." (1); "cara" (1) C2 – "sra." (1) C3 – "sra" (1); "cara" (1) C4 – "sra." (1); "senhor" (9)
T4, de Marcos Maffei (1998)	C1 – "sra. " (1) C2 – "sra." (1) C3 – "sra." (1); "cara" (1) C4 – "sra." (1); "senhor" (5)
T5, de Adriana Lisboa (2011)	C1 – *Mrs*. (1) C2 – *Mrs*. (1) C3 – *Mrs*. (1); "querida" (1) C4 – *Mrs*. (1); "senhor" (8)
T6, de Bruno Gambarotto (2013)	C1 – "senhora" (1) C2 – "sra." (1) C3 – "senhora" (1); "querida" (1) C4 – "senhora" (1)

Os números do quadro XX comprovam que o pronome mais recorrente se trata do vocábulo "senhor" e que a relação dos dois personagens masculinos, Walton e Frankenstein, recebe um maior grau de formalidade nos TCs 1, 2, 3, 4 e 5; entretanto, na T6 a formalidade entre esses dois personagens pode ser classificada como neutra pelo uso do pronome pessoal "você" que se assemelha ao sentido do TP. No referido quadro, pode-se observar que os tradutores e a tradutora não modificam o grau de formalidade do TP, no que concerne à relação entre Walton e a irmã Margaret, a qual acontece de maneira ocasional e respeitosa.

Baseando-me nos parâmetros propostos por Wardhaugh (1986) e Kramer (1995) para as escolhas de formas de endereçamento (FE), pude verificar que tal qual no TP, nas seis traduções brasileiras os

personagens são referenciados por relações familiares, como “irmã”, por hierarquia ocupacional, como “capitão”, “Capitão Walton”, e “mestre”; por grau de intimidade, como “querida irmã”, “cara irmã”, “irmão afetuoso”; por título, como “ senhora Saville” e “*Mrs*. Saville”, termo em inglês preservado por Lisboa; por fim, há o endereçamento pelo primeiro nome, “Thomas” e “Margaret”; pelo sobrenome, “Saville” e “Walton”.

Ressalto que nos TCs o personagem narrador recebe endereçamentos próximos aos do TP, a saber: “capitão Walton”, “Walton” e ele próprio assina as cartas como “Robert Walton”, “R. Walton” e “R. W.”. Isto é, os seus colegas de trabalho o tratam de forma respeitosa e formal por meio da sua hierarquia ocupacional da marinha.

A marcada distinção entre o masculino e o feminino do TP não é perdida nos TCs, ou seja, a figura masculina é endereçada pela função profissional e a feminina pelo vínculo familiar, de “irmã” e/ou “noiva”, por adjetivos planos e/ou superficiais, como “querida”, “cara”, “excelente” e pela nacionalidade e idade, “jovem russa”. O público leitor brasileiro pode notar a passividade e quase invisibilidade das mulheres narradas no romance do século XIX, um reflexo da sociedade daquela época.

Pude constatar que nas cinco edições brasileiras, excetuando a T6, os tradutores e a tradutora se empenham em preservar a interação formal, através do pronome “senhor”, que denota respeito e /ou distanciamento entre os personagens Walton e Frankenstein; enquanto Margaret continua a interagir com o irmão de forma ocasional. Com exceção da T6, os cinco TCs preferem enfatizar o tratamento formal entre os dois personagens masculinos por meio do pronome de tratamento “senhor” e Bruno Gambarotto faz uso do pronome “você”, de maneira a se aproximar ao sentido do TP, proporcionando neutralidade na interação entre esses atores sociais.

A análise dos itens lexicais prossegue na seção 5.4, em que é exibido o resultado do levantamento de dados e das minhas considerações sobre os procedimentos de tradução localizados nos seis TCs, no que diz respeito aos antropônimos e topônimos. Serão discutidos esses procedimentos que resultam em domesticação e estrangeirização de partes dos TCs.

5.4 A TRADUÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS DE PESSOAS E DE LOCALIDADES: ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS

Serão abordados, a seguir, os procedimentos de tradução escolhidos por Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto diante dos nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de localidades (topônimos) das quatro cartas iniciais do TP, com o intuito de compreender se os textos de chegada possuem indícios de estrangeirização e de domesticação que asseguram a presença e/ou negação do estrangeiro e quais são os prováveis efeitos dessas escolhas de tradução nos TCs.

A opção preferida na T1, de Caio Jardim, é de domesticar tanto os antropônimos quanto os topônimos, provavelmente, para aproximar os personagens e as localidades do TP ao público leitor brasileiro, fazendo com que o público se identifique com eles e que não ocorra estranhamento na leitura.

Para exemplificar a domesticação sofrida pelos antropônimos, apresento os termos do TP em contraste com as escolhas de Caio Jardim, a seguir:

- Saville – Savile
- Margaret - Margarida
- Thomas – Tomaz
- Robert – Roberto

O sobrenome da irmã do personagem narrador, acompanhado do pronome de tratamento, "Sra.", inserto no cabeçalho das quatro cartas, recebe uma leve domesticação ao ter uma das letras "l" eliminada, possivelmente para se assemelhar a ortografia da língua portuguesa. A mesma estratégia ortográfica é tomada ao se domesticar o nome do tio de Margaret e Walton, o tradutor Caio Jardim e a editora Universitária decidem modificar a grafia de Thomas para Tomaz, isto é, a letra "h" é excluída e optam por substituir a última letra, "s" por "z", a grafia do nome do personagem com a terminação "z" sinaliza marcas da escrita do português de Portugal.[77]

Os casos mais marcantes de domesticação de antropônimos encontram-se na T1, em que os nomes Margaret e Robert são adaptados

[77] Fonte consultada sobre nomes próprios portugueses: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/nomes-portugues/ Último acesso em Jul./2017.

para Margarida e Roberto, possivelmente, a partir da tradução domesticadora, o público leitor brasileiro se identifica com os personagens da história, sugerem-se, talvez, que sejam brasileiros de ancestrais estrangeiros. Entretanto, para Eco (2003/2014, p. 2015-206), "essa solução no máximo diz que os personagens falam uma linguagem popular, sem que, no entanto, tal linguagem remeta a uma época, a uma área geográfica precisa [...]". (ECO, 2014, p. 205-206). Essa tomada de decisão tradutória de se traduzir nomes próprios é uma tendência que ocorre em diversas línguas e, de fato, ao se nacionalizar antropônimos há o apagamento da distância cultural e/ou a estranheza por parte do público em prol de interesses de diferentes ordens no grande sistema, contido de outros subsistemas, em que o tradutor, a editora, o gênero literário e os patrocinadores estão situados.

Nas T2, T3, T4, T5 e T6, de Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto optam por manter os antropônimos como no TP. Enquanto para a editora Universitária, a melhor opção é nacionalizar os antropônimos, proporcionando que o público brasileiro se identifique com os personagens da trama, para as editoras Tecnoprint, Record, Ática, Nova Fronteira/Saraiva e Hedra, a solução "ideal" é preservar os nomes dos personagens como no TP. Esse método tradutório de se estrangeirizar os antropônimos direciona o (a) leitor (a) ao TP, mostrando-o (a) que se trata de um texto estrangeiro, de outra cultura que difere da brasileira.

Quanto aos topônimos, na T1 a decisão é traduzir todos os nomes de localidades, na T2, de Éverton Ralph, a narrativa se inicia a partir da C4, tendo somente o topônimo "Inglaterra". Por um lado, apenas a T4 de Marcos Maffei apresenta o topônimo *Archangel* como no TP, na língua inglesa, por outro lado, as T3, T5 e T6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, preferem o empréstimo da grafia em russo, *Arkhangelsk*, possivelmente, para chamar a atenção do (a) leitor (a) de que se trata de uma cultura diferente do TP e do TC.

Pude inferir que, excetuando na T1, há, nas demais traduções, diferenciadas decisões tomadas, a saber: na T4, de Marcos Maffei, o procedimento é de se preservar o referido termo como no TP, provavelmente, uma condição editorial; nas T3, T5 e T6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa e de Bruno Gambarotto, a grafia russa é empregada, proporcionando um efeito estrangeirizante ao discurso e/ou sinaliza que o personagem narrador tem contato com uma

cultura estrangeira, no caso a russa, de maneira a não negar o "Outro", estrangeiro, e não o apaga.

Destaco que são diversos os efeitos alcançados em cada tradução ao estrangeirizar o topônimo do TP, pois, por um lado, a conservação do nome da cidade *Archangel*, em inglês, tanto leva o público brasileiro ao TP quanto naturaliza e apaga a cultura do outro, no caso, a russa; por outro lado, a grafia em russo impõe a cultura do outro e atenta o público de que há no texto o contato dos personagens com o estrangeiro.

Nessas quatro cartas dos seis TCs há passagens em que o (a) tradutor (a) em conjunto com a editora tencionam aproximar e/ou distanciar o TP do público brasileiro com o objetivo de eliminar a distância cultural, temporal e histórica para que haja a identificação do público com os atores sociais e com o contexto; por exemplo, nas traduções de topônimos, antropônimos e da bebida alcoólica brandy para "aguardente". Em outros momentos as culturas são distanciadas para atentar a presença do "Outro" e/ou do diferente, como no caso os nomes dos personagens e de localidades foram mantidos como LP. Esses procedimentos de tradução são norteados, muitas vezes, por políticas editoriais e/ou por conceitos políticos, religiosos e sociais vigentes em cada momento histórico.

No subcapítulo 5.5, são discutidos os procedimentos de tradução realizados nos TCs no que toca à conservação ou adaptação do estilo de M. S pelo uso de adjetivos avaliativos, assim como são versadas as prováveis implicações desses procedimentos nos TCs.

5.5 A TRADUÇÃO DO ROMANTISMO DE MARY SHELLEY EM *FRANKENSTEIN*: UM OLHAR SOBRE OS ADJETIVOS AVALIATIVOS

Neste subcapítulo, analiso os dados da pesquisa sobre os adjetivos avaliativos com maiores incidências nos seis TCs, partindo do pressuposto de que a escrita de M. S. no TP contém marcas estilísticas do romantismo inglês, tanto o formato epistolar do texto quanto os elementos lexicais indicam o seu estilo, tais como: os adjetivos *romantic*, *desirous*, *noble* (*st*) e *dauntless*. No entanto, na narrativa os adjetivos mais reincidentes são *great(est), strange, noble (st)* e *dear* que intensificam a importância da viagem exploratória, os acontecimentos dessa jornada e a relação respeitosa entre Walton e a irmã Margaret.

O resultado da pesquisa comprova que nas seis edições brasileiras os tradutores e a tradutora optam por preservar os adjetivos mais reincidentes próximos, semanticamente, aos do TP, não alterando o estilo da escrita da autora M. S. Os adjetivos que mais se repetem nos TCs são "grande (s)"/"imenso/a/s"/"enorme/s", "estranho/a/s" e "querida"/"cara", conforme o quadro XXI:

Quadro XXI – Número de casos mais recorrentes de adjetivos avaliativos nos TCs

Edições Brasileiras	**Número de Casos Mais Recorrentes de Adjetivos**
1957	Querida – 04 Cara – 03
	Grande/s - 16 Maior – 06 Imenso/s – 02
	Estranho/a – 08
	Nobre/s – 05
	Possivel – 07
[ca. 1960]	Querida – 02
	Grande/s – 04 Imensas – 01
	Estranho – 03
	Possível/is – 06
	Nobre – 03
1973	Querida – 06 Cara – 02
	Grande/s – 08 Enormes – 01
	Estranho/s – 07
	Nobre/s – 04
	Possível – 03
1998	Cara – 06 Querida 02
	Grande – 04 Enorme – 01 Maior – 04
	Estranho/a – 05
	Nobre/s – 05

	Possível – 04
2011	Cara – 06 Querida – 08
	Grande – 04 Enorme/s – 03 Estranho/a – 05 Nobre/s – 05
	Possível – 05
2013	Querida – 09 Cara – 06
	Grande – 13 Enorme/s – 03
	Estranho/a – 11
	Nobre/s – 05
	Possível/is – 08

Haja vista as ocorrências dos adjetivos mais reincidentes no TP, por um lado, o quadro XXI revela que a T2 e a T4, de Ralph e de Maffei, possuem menor número de entradas do adjetivo "querida", havendo assim uma redução de afetividade lexical explícita na interação entre Walton e a irmã Margaret. Saliento que a T2 contém menos adjetivos que as demais cinco edições analisadas aqui, posto que ela se inicia na quarta carta (*Prólogo*), fato esse que afeta tanto o teor da história quanto o estilo da autora M.S.

Por outro lado, a T6, de Bruno Gambarotto, consta 09 entradas do adjetivo "querida", marcando, por meio das escolhas lexicais, a intensificação da afetividade dos dois personagens, pode-se detectar no texto desse tradutor a busca do estilo rebuscado característico de M.S. Ressalvando a T2, de Éverton Ralph, os cinco TCs exibem uma segunda variação do adjetivo *dear*, isto é, o termo "cara", forma de tratamento respeitosa e, por vezes, distanciadora, que dá um maior tom de formalidade ao discurso, esse TC se destaca pelo uso mais frequente do referido termo. Entretanto, a T6 potencializa a relação entre Walton e Margaret, as 08 entradas do vocábulo no TP, praticamente, duplicam para 15 no texto de Bruno Gambarotto, a interação desses personagens pode ser classificada como "inconstante" por oscilar do formal ao informal.

Quanto ao adjetivo *great*, que denota a grandiosidade e suma relevância dos acontecimentos e da viagem exploratória de Walton e de

sua tripulação, na T1 há o maior número de entradas dos adjetivos "grande/s", "maior" e "imenso/s", totalizando 24 casos, a escolha linguística de Caio Jardim proporciona a aproximação do discurso do TP e intensifica os fatos narrados e o propósito da jornada marítima de Walton. No caso da T2, há um número reduzido desse adjetivo, diminuindo a grandiosidade narrada pelo personagem narrador.

No que diz respeito ao adjetivo *possible*, na T3, de Miécio Araujo Jorge Honkis, as três ocorrências desse vocábulo demonstram a tentativa do tradutor de aproximar o seu TC ao TP por não modificar o grau hipotético expressado no texto; entretanto, as T1 e T6 potencializam a narrativa de Walton por aumentar as entradas desse adjetivo de 03 no TP para 07 e 08, respectivamente, favorecendo que o narrador expresse a sua crença de "possível" êxito da viagem exploratória relatada e experimentada por ele. Em resumo, a T1 e a T6 possuem um teor hipotético maior que o TP e que as T2, T3, T4 e T5.

As quatro cartas iniciais da T6 de Bruno Gambarotto apresentam um elevado número de adjetivos se comparado com o do TP e com os das T1, T2, T3, T4 e T5, tornando o texto publicado pela Hedra mais adjetivado de modo a resgatar o estilo romântico do século XIX aos tempos atuais. No subitem 5.5.1, as marcas estilísticas da T6 serão discutidas.

5.5.1 Presença de um Estilo Rebuscado na T6: A Sobrevida do Romantismo Inglês do Século XIX

As cartas do romance *Frankenstein* vertidas por Bruno Gambarotto remetem ao estilo romântico e rebuscado do século XIX, em virtude do grande número de adjetivos que possibilitam a amplificação da carga semântica emotiva e o consequente apelo sentimental do discurso. A partir da investigação das escolhas lexicais adjetivas, depreendo que o registro linguístico é predominantemente formal no texto da editora Hedra e considerando o arcabouço paratextual, isto é, introdução, notas de página, posfácio e anexos, essa edição pode ser denominada como erudita e destinada a um provável público acadêmico.

Para exemplificar o registro formal da T6, exponho que o texto oferece os seguintes vocábulos mais evidentes: "insuflados", "intrépida", "indeclinável", "resoluta", "aflitiva", "alquebrado",

“pesaroso”, “revolto”, “impronunciável” e “emaciado”. As escolhas lexicais de Gambarotto elevam a formalidade e ampliam a descrição das ações e dos sentimentos dos personagens, obtendo uma maior profundidade se comparadas com as das demais traduções. É possível que a preocupação dos editores e do tradutor tenha sido de remontar o romance gótico de M. S. ao século XXI com as nuances estilísticas da época romântica em que a natureza era inspiradora, pacificadora e ao mesmo tempo aterrorizadora e a ciência era contestada por parte da sociedade.

Ao examinar as escolhas lexicais de adjetivos nos seis TCs, infiro que as edições privilegiam o sentido do TP por decidirem utilizar termos aproximados, semanticamente, a ele, não havendo criações de novos vocábulos. Com exceção da T6, conforme discutido, anteriormente, esse texto expõe um registro linguístico elevado, uma escrita rebuscada, e os elementos paratextuais disponibilizados nessa edição a configuram como erudita pela riqueza de referências bibliográficas em notas de rodapé e no final da introdução, assim como de textos anexos.

Retomo Berman (1985/2013, p. 39), o qual critica o etnocentrismo na tradução, quando o (a) profissional em tradução “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura.” (BERMAN, 1985/2013, p. 39). Toda tradução traz consigo uma intenção editorial e/ou comercial e que em cada momento histórico novos pensamentos são compactuados sobre o ato tradutório. No caso da tradução de Bruno Gambarotto, o texto recebeu um registro linguístico formal e ao mesmo tempo erudito, o tradutor buscou se aproximar do estilo da autora, concentrando nos adjetivos presentes no TP e enriquecendo-os para a LC.

Na subseção, 5.6, os procedimentos de tradução dos advérbios avaliativos mais recorrentes do TP são examinados.

5.6 A TRADUÇÃO DOS ADVÉRBIOS AVALIATIVOS MAIS REINCIDENTES NO TP

> Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. (CEGALLA, 2005, p. 259).

Contemplo o conceito de advérbio de Cegalla ampliado por Neves (2006, p. 152), o qual infere que todo ato de enunciação resulta em modalização, posto que "se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados". (NEVES, 2006, p. 152).

Nesta subseção, exponho quais foram os procedimentos de tradução de Caio Jardim, Éverton Ralph,Miécio Araujo Jorge Honkins, Marcos Maffei, Bruno Gambarotto e Adriana Lisboa no que tange aos advérbios avaliativos mais recorrentes no TP para identificar se a letra e/ou o sentido são preservados nos TCs e quais são os prováveis efeitos desses procedimentos.

Retorno à informação de que dos advérbios avaliativos do TP, somente, três são mais frequentes nos TCs, são eles: *easily*, *apparently*, *certainly*, com cinco, quatro e três entradas, respectivamente. O vocábulo *easily* se encontra na classe de advérbio qualificador de modo, enquanto que *apparently* e *certainly* são epistêmicos ou asseverativos que "indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção". (NEVES, 2000, p. 237).

Nas seis edições brasileiras de *Frankenstein*, verifiquei que há uma diminuição no número de ocorrências daqueles advérbios com sufixo *–ly* (no português brasileiro, com terminação do sufixo "-mente"), mais frequentes no TP. É provável que tal fato ocorra em virtude da disparidade dos dois códigos linguísticos, do português brasileiro e do inglês, consequentemente, os tradutores e a tradutora adotam procedimentos diversos de tradução, como a omissão e a transposição.

A T1 contém casos tanto de omissões do termo *easily*, da adequação de *certainly* para " justamente", opção esta que propicia semelhança à semântica do TP e para a locução adverbial "sem dúvida", quanto alterações de *apparently* para a locução adverbial "ao que parece" e para a expressão "como que em conversa". Nas demais traduções, T3, T4, T5 e T6, os procedimentos são as inserções de vocábulos próximos da semântica da língua inglesa, tais como: "certamente", "justamente", "aparentemente" e "facilmente".

Apesar das adequações desses itens lexicais, nos seis TCs, a tendência é a conservação da função modalizadora assertiva do TP com o intuito de enfatizar o discurso narrativo do personagem narrador e/ou

agente enunciador e, por vezes, busca convencer tanto a ouvinte quanto o público leitor da certeza da importância e do êxito da viagem.

Na seção 5.7, tendências domesticadoras e estrangeirizantes emergentes nas T1, T2, T3, T4. T5 e T6 serão tratadas.

5.7 CASOS ESPECIAIS DE DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO NAS CARTAS TRADUZIDAS DE *FRANKENSTEIN*

Nesta sexta e última subseção do capítulo 5, discuto sobre as possíveis implicações das decisões dos tradutores e da tradutora ao verter específicos termos para o português brasileiro ou mantê-los na LP, a saber: o título do poema "The Rime of the Ancient Mariner", de Coleridge; o substantivo *Adieu*, emprestado do francês; a bebida alcoólica *brandy*; e a medida de distância *mile*.

No que diz respeito aos procedimentos de estrangeirização e domesticação estabelecidos nas cartas traduzidas por Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, localizei ocorrências relevantes nas cartas 2, 3 e 4 concernentes aos seguintes termos:

- O título do poema "The Rime of the Ancient Mariner" (1798), de Coleridge.
- O vocábulo *Adieu*, emprestado do francês (traduz-se "adeus", em português brasileiro).
- O termo em inglês que se refere ao nome da bebida *brandy*.
- A medida de distância *mile* (traduz-se: "milha", em português brasileiro).

Na carta 2 das T3 e T4, a estrangeirização do título do poema de Coleridge é estabelecida; isto é, a letra do TP é privilegiada. No entanto, nas T1, T5 e T6 a decisão é traduzi-lo de maneira semelhante ao do TP, preservando a semântica proposta pelo poeta inglês. Como é de conhecimento dos (as) leitores (as) desta tese, familiarizados (as) com as questões de políticas editoriais, é provável que a escolha de verter ou não o título do poema em questão deve ter sido orientada pela (s) editora (s).

A segunda solução tradutória se refere ao empréstimo do substantivo *adieu*, oriundo da língua francesa, o referido termo presente no TP é traduzido somente na T1, como uma tendência domesticadora

do tradutor Caio Jardim em parceria com a editora Universitária. É possível que essa foi a determinação editorial como forma de se naturalizar todo o texto e negar a presença do estrangeiro, isto é, uma postura etnocêntrica em que "se traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores [...]". (BERMAN, 1985/2013, p. 39).

Entretanto, o procedimento adotado nas T3, T4, T5 e T6 é de não se alterar o termo estrangeirizante do TP, essa decisão expressa a aceitação da cultura estrangeira e, ao mesmo tempo, a incorporação desse vocábulo estrangeiro na língua da cultura de chegada (CC).

Quanto ao nome da bebida alcoólica *brandy*, nas T1 e T2, o termo é adaptado para "aguardente", a decisão dos tradutores, das editoras Universitária e da Tecnoprint, pode ser considerada apropriada para aquele momento histórico do Brasil, em que grande parte da população conhecia e/ou consumia "aguardente". Mas, nos dias de hoje, a domesticação sofrida pelo vocábulo *brandy* causaria estranheza, pois os (as) brasileiros (as) estão familiarizados (as) à palavra em inglês que se tornou usual no país e o termo domesticado não seria aceitável no texto, pois, dificilmente, uma bebida típica do Brasil teria sido consumida na Europa, do século XIX.

Na T4, de Bruno Maffei, a decisão é de preservar o vocábulo do TP, sinalizando que o personagem estava consumindo uma bebida comum de seu país, a cultura do outro é aceita e não causa estranheza, posto que a população brasileira tem familiaridade com a palavra em inglês, que também é marca comercial do referido produto.

Nos TCs 3, 5 e 6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, o significado do vocábulo é contemplado pela escolha de "conhaque", essa domesticação é apropriada por "respeitar" a semântica do TP e por aproximar o estrangeiro da CC.

Com relação à medida de distância *mile*, apenas a T5, de Adriana Lisboa, consta a conversão para "quilômetros", as demais edições apresentam o termo vertido para "milha (s)", opção que privilegia a letra do TP. É possível que as decisões tradutórias foram conduzidas pelos editores, considerando a existência de políticas editorias que devem ser respeitadas pelo (a) tradutor (a). Tanto a domesticação presente na T5 quanto a versão próxima do TP nas T1, T2, T3, T4 e T5, não prejudicam o teor e/ou o entendimento da história. Por um lado, a conversão de "milhas" para "quilômetros" facilita a leitura e domestica o termo para a

cultura brasileira; por outro lado, a escolha pelo emprego de “milha (s) ” leva o público leitor ao TP, ou seja, ao estrangeiro.

5.8 RESULTADOS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram expostos e analisados os procedimentos de tradução predominantes nas quatro cartas das T1, T2, T3, T3, T4, T5 e T6, de Caio Jardim, Éverton Ralph, Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, visando detectar quais foram os prováveis efeitos de cada procedimento de tradução na leitura final do público brasileiro, no (s) discurso (s) da autora M. S. e se o estilo do TP é priorizado nos TCs.

Por uma questão de organização na exposição de cada item analisado e discutido, dividi este capítulo em sete subseções, sobre as quais faço inferências a seguir.

Na seção 5.2, verifiquei que nas quatro cartas iniciais dos TCs o caráter narrativo e dialógico do TP é mantido, o pronome da primeira pessoa do singular permanece como o imperante da narrativa e a interação entre os personagens se preserva pela presença dos pronomes “você”, “ele” e “nós”.

A eliminação das três primeiras cartas na T2, de fato, provoca perda do dialogismo do TP, de detalhes narrados por Walton e da interação entre os personagens. A defasagem de informações na T2 ocasiona perda da semântica do TP, do estilo da autora e dos discursos subjacentes à narrativa. O procedimento adotado pela Tecnoprint de lançar uma edição de *Frankenstein* com cortes de partes da narrativa deve ter ocorrido por motivos financeiros, pois o romance traduzido foi editado em uma série de bolso de apelo popular, motivado pelas exibições do filme, inspirado na história de M. S. Pude concluir que uma edição completa poderia não ser lucrativa para os editores e patrocinadores, assim como pouco atraente para o público, dos anos de 1950 e [ca. 1960], que tinha como maior referência o texto de *Frankenstein* adaptado para o cinema.

Na subseção 5.3, expus os resultados da pesquisa sobre as formas de tratamento e de endereçamento mais frequentes nos seis TCs e os comparei com os do TP. A forma de tratamento “senhor” se destaca em maior número nas T1, T3 e T5, de Caio Jardim, Miécio Araujo Jorge Honkis e de Adriana Lisboa, respectivamente, de maneira a estabelecer

uma relação respeitosa e/ou distanciada entre o cientista Frankenstein e o navegador Walton. Pude comprovar que na T6, de Bruno Gambarotto, não há ocorrências do referido pronome que denota maior formalidade ao discurso; possivelmente, o tradutor preferiu utilizar o pronome pessoal "você" para não "perder" a neutralidade de *you* no texto de M.S.

Quanto às formas de endereçamento, essas não são perdidas nos TCs. A distinção de gênero do TP é conservada nas traduções, isto é, a figura masculina é relacionada ao profissional e a feminina ao vínculo familiar, de irmandade e como "noiva". Os endereçamentos são seguidos por adjetivos planos e/ou superficiais, como "querida", "cara", "excelente" e pela nacionalidade e idade, "jovem russa". Nos TCs não há ocultações da passividade e da quase invisibilidade feminina do século XIX, impressas na obra; isto é, nos TCs a voz da personagem Margaret permanece silenciosa, a posição de "ouvinte" dela não é alterada na LC.

Na seção 5.4, discuti as partes da narrativa em que há indícios de aproximações e/ou distanciamento do TP com o público brasileiro, apagando e /ou enfatizando a distância cultural, temporal e histórica, como estratégia de proporcionar a empatia do público com os atores sociais e com o contexto e/ou para negar a presença do outro, do diferente, do estrangeiro. Enfatizo, novamente, que, provavelmente, os procedimentos de tradução são orientados por políticas editoriais, ideologias políticas, religiosas e sociais vigentes em dado momento histórico.

Na subseção 5.5, a investigação das escolhas lexicais dos adjetivos avaliativos mais recorrentes nos TCs indicou que o sentido do TP é privilegiado pela escolha de termos aproximados da semântica do romance de M. S. A T6, de Bruno Gambarotto, dispõe de um registro linguístico elevado, cuja escrita configura-se como rebuscada; essa edição da Hedra, em parceria com os aparatos paratextuais, pode ser classificada como erudita pelas densas e numerosas referências bibliográficas, notas de rodapé e anexos.

Na subseção 5.6, analisei os advérbios avaliativos com terminação "-mente". O resultado da análise apontou que, na T1, de Caio Jardim, há omissões e adequações em busca de tornar o TC próximo do sentido do TP e que determinadas alterações tornam o texto mais formal. Nas T3, T4, T5 e T6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Marcos Maffei, Adriana Lisboa e de Bruno Gambarotto, há, também a

busca de se aproximar os TCs ao TP, por meio de inserções de advérbios como "certamente", "justamente", "aparentemente" e "facilmente".

As adequações desses itens lexicais à estrutura da língua portuguesa não deturparam o sentido do TP e a função modalizadora assertiva do TP é preservada, apesar da diferença de 200 anos da primeira edição e dos códigos linguísticos que distanciam os textos, TP e TCs.

As edições brasileiras aqui investigadas não apresentam diferenças muito significativas a ponto de comprometer o entendimento da obra, com exceção dos procedimentos de tradução de domesticar os primeiros nomes das personagens na T1 e de verter o vocábulo *brandy* para "aguardente" nas T1 e T2, procedimentos prováveis guiados pelas políticas editoriais dos anos de 1950 e [ca. 1960]. É relevante o fato de a T6 ser a mais "completa" e/ou próxima ao estilo romântico da época em que a obra foi escrita, o texto da editora Hedra se apresenta como aquele que busca remontar o TP e a ambientar o público brasileiro ao contexto do TP. As demais edições, T3, T4 e T5 buscam a aproximação do sentido (significado) da obra de M. S.; entretanto, o estilo de M.S., por vezes, se perde quando o texto é naturalizado para a cultura brasileira e o discurso emotivo se enfraquece com as mudanças de vocábulos que não se aproximam da carga lexical do TP.

A partir da análise de dados deste capitulo, minha hipótese, de que os TCs poderiam ser classificados como estrangeirizantes, não pôde ser comprovada, visto que os (as) tradutores (as) são submetidos a políticas editorias que direcionam quais elementos do texto devem ser estrangeirizados e/ou domesticados. Para exemplificar, a política adotada por Caio Jardim é de se domesticar os antropônimos e os topônimos; em contrapartida, as demais edições se assemelham por manter os antropônimos na LP. Enquanto a localidade Arcangel é preservada como no TP, *Archangel*, na T4, de Marcos Maffei, nas T3, T5 e T6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, preferem o termo emprestado do russo, *Arkhangelsk*. Em resumo, os TCs não se afastaram do TP, certas adequações ocorreram, não prejudicando a obra de M.S.; quanto ao estilo da obra, o texto traduzido por Bruno Gambarotto pode ser "visto" como rebuscado, adjetivado e de registro formal, demonstrando a tentativa de resgatar o estilo de M.S. de maneira mais aparente.

As imagens das capas dos TCs e dos pôsteres das sequências fílmicas demonstram uma direta vinculação do meio verbal (o texto impresso) ao não verbal (o audiovisual), em especial, da edição inglesa de 1931 e da T1 de 1957, assim como o filme "The Revenge of Frankenstein" e a T2 de Éverton Ralph, posto que apresentam imagens idênticas. Ao mesmo tempo que a estratégia editorial da Universitária e da Tecnoprint induz que o romance *Frankenstein* foi inspirado nos filmes e não o contrário, o texto de M. S. conseguiu sobreviver e ainda sobrevive pelas adaptações cinematográficas e, particularmente, pelas traduções.

6 CONCLUSÃO

A epígrafe desta tese: "[...] a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa." (ECO, 2003/2014, p. 426), se aplica ao que vem ocorrendo com o romance *Frankenstein* (1818), da autora M.S., um dos grandes clássicos da literatura gótica que tem recebido inúmeras traduções, adaptações e/ou releituras para diferentes mídias, em diversos idiomas. Pode-se notar que cada tradução do romance da autora ostenta um determinado aspecto da obra, seja o formato de romance epistolar, o vocabulário rebuscado de adjetivos que remete ao romantismo inglês, as metáforas que retratam os conflitos da trama, dos personagens e/ou do contexto histórico de M.S. e de seu romance, ou determinados temas abordados na obra. Em se tratando de traduções de uma língua natural para outra, a "infidelidade" é um ato imprescindível, pois esse tipo de tarefa envolve signos, culturas, hábitos, visões de mundo, distintos contextos sociopolíticos e históricos; isto é, haverá sempre perdas e ganhos em determinadas decisões do(a) tradutor(a).

Considerando-se a reflexão de Eco, de outros estudiosos e a lacuna nas pesquisas brasileiras na área de Estudos da Tradução, em nível de mestrado e doutorado, despertou-me o interesse em elaborar esta tese, cujo "olhar" se concentrou nas cartas iniciais de seis edições brasileiras, posto que o romance da autora M.S. se organiza em mais de duzentas páginas. Assim, decidi me debruçar somente nestes textos, que são microcosmos que sustentam a narrativa principal. Meu objetivo foi de examinar, como amostra da obra toda, se nesses microcosmos os tradutores e a tradutora conservaram o estilo da autora e quais foram as implicações das decisões tradutórias que acabam por domesticar o TP e/ou estrangeirizar o TC. Conforme Venuti (citado na introdução), ao se traduzir um texto, a tendência domesticadora é fato, e o método estrangeirizante produz uma "pressão etnodesviante sobre tais valores [da cultura receptora] para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. " (VENUTI, 2008, p. 15).

Ao longo dos capítulos da tese, busquei alcançar os meus respectivos objetivos específicos, os quais discuto a seguir.

No capítulo 1, exibi o meu *corpus* de análise, justifiquei a escolha e meu interesse de investigação, apresentei os objetivos e as hipóteses da pesquisa, os pressupostos teóricos e a organização da tese.

No capítulo 2, investiguei o contexto sociocultural da autora M.S. e abordei o gênero romance gótico com destaque aos seus aspectos e aos do romantismo inglês e os diferentes discursos no TP. Nessa investigação, pude responder à pergunta de pesquisa apresentada na introdução (p. 21-22): "o que esse texto de M.S. tem de relevante que instiga a pesquisa acadêmica, a criação de novos textos e o resgate do TP por meio de adaptações e (re)traduções?" *Frankenstein* é uma obra que instiga o interesse em se produzir novos trabalhos e de trazer em pauta a história do TP por muitas razões, em especial por tratar de assuntos atuais como a ciência, homem e natureza, a posição feminina, a questão do mito, a monstruosidade, o sublime, o duplo, entre outros, temas esses que são multidisciplinares, comuns a diversas áreas do conhecimento, como Medicina, Filosofia, Letras e Psicologia.

No capítulo 3, expus, como recontextualização, a trajetória do romance desde a sua primeira publicação em 1818 até a sua entrada e por quais meios de divulgação no Brasil, no século XX, elecando os seguintes tópicos: 1) o número de (re) edições de *Frankenstein* escrito em língua inglesa, durante o século XIX; 2) a questão da manipulação inicial na distribuição dos exemplares na Inglaterra; 3) as primeiras leituras do texto impresso para o teatro; 4) o número das traduções realizadas de *Frankenstein*, na Europa e no Brasil, entre os séculos XIX e XX; 5) dados sobre as primeiras traduções e adaptações do romance de M. S.; 6) informações sobre a entrada e a trajetória do romance em território brasileiro, por meio da divulgação em periódicos impressos.

Em linhas gerais, a proposta do referido capítulo foi concretizada e, por meio do estudo desenvolvido nele, infiro que, de fato, a tradução é o principal meio de vinculação do texto literário, posto que a primeira tradução aconteceu em 1821, para o francês, e não cessou até os dias atuais; além disso, o romance de M.S. teve a sua entrada no Brasil através da adaptação fílmica de 1931, e a imprensa jornalística foi o principal meio de divulgação, até metade do século XX, em nosso país. Tendo em vista a massiva divulgação das sequências de "Frankenstein" pela imprensa jornalística brasileira, a sobrevivência da obra da autora se deu pelo meio audiovisual (não verbal), já que a primeira tradução em texto impresso foi lançada em 1943, vinculada ao cinema tanto na nota

divulgativa da imprensa carioca quanto na capa da edição por estampar os dois protagonistas Cedric Hardwicke e Lon Chaney Jr, do filme "O Fantasma de Frankenstein" (1942), direção de Erie C. Kenton. A partir da coleta de dados, inferi que a primeira tradução brasileira, realizada por Stella Martins Paredes, de 1943, pela editora Casa Vecchi, foi requisitada devido ao êxito dos filmes hollywoodianos.

Nos capítulos 4 e 5, as cartas que abrem o romance foram analisadas, primeiramente, na LP, a partir de seis tópicos lexicais (os pronomes pessoais e de tratamento, os antropônimos e topônimos, os adjetivos e advérbios avaliativos), com o intuito de contemplar as características estilísticas, a interação entre os personagens e a questão da avaliação expressa na narrativa do personagem Walton. Na segunda etapa da análise, comparei as ocorrências mais frequentes do TP com as dos seis TCs, observando o método tradutório empregado pelos tradutores e pela tradutora.

Os resultados da pesquisa, nos capítulos 4 e 5, comprovaram que Walton é o ator social que controla a retextualização dos eventos da trama, pois o pronome pessoal do singular apresentou 187 entradas, configurando-o como o mais frequente comparado com os demais pronomes. As quatro cartas se caracterizam como narrativas e assertivas, pelo motivo de ocorrer a inclusão dos pronomes pessoais *I*, *you*, *he* e *she* no decorrer da narrativa. Saliento que a interação de Walton com Margaret acontece de maneira ocasional, a voz da personagem é omitida, e a maior interação do personagem narrador ocorre de forma direta com o cientista Frankenstein. Ao contrastar as ocorrências da primeira pessoa do singular do TP com as das seis edições brasileiras, identifiquei que os tradutores e a tradutora preservaram o caráter narrativo e dialógico do TP, o pronome da primeira pessoa do singular continua sendo o predominante, e a interação entre os participantes não se altera na LC.

O fato de a edição brasileira da Tecnoprint apresentar apenas a quarta carta demonstra falha editorial que acaba por resultar na perda do dialogismo e de detalhes relatados por Walton e da interação entre os participantes da trama. Essa edição apresenta prejuízo semântico do TP, do estilo da autora e dos discursos subjacentes ao texto. É provável que os editores dessa série de bolso tenham preferido cortar as partes iniciais da narrativa para que a edição fosse mais econômica e se adequasse

àquele formato livresco de apelo popular, vinculada à adaptação fílmica, "The Revenge of Frankenstein".

A análise das formas de tratamento, de topônimos e antropônimos apontou para uma oscilação do método tradutório, exemplo disso é que nos TCs há indícios de domesticação e estrangeirização. Por exemplo, nas T1 (1957), de Caio Jardim, T3 (1973), de Miécio Araujo Jorge Honkis, e T5 (2011), de Adriana Lisboa, a escolha pelo pronome de tratamento "senhor" domesticou o pronome pessoal *you*, do TP, e causou um discurso respeitoso e/ou distanciado entre o cientista Frankenstein e o navegador Walton. No entanto, na T6 (2013), de Bruno Gambarotto, preferiu-se o pronome "você", opção essa que se aproximou da neutralidade do pronome do TP e possibilitou a liberdade de interpretação por parte do público leitor, o qual pode classificar a relação desses dois personagens como formal ou informal, de acordo com sua experiência cultural e regional.

Volto à citação de Eco de que "essa solução no máximo diz que os personagens falam uma linguagem popular, sem que, no entanto, tal linguagem remeta a uma época, a uma área geográfica precisa [...]". (ECO, 2003/2014, p. 205-206). Essa solução domesticadora é comum em outras línguas: ao mesmo tempo que ela soluciona o problema de tradução, também apaga a distância cultural em prol de interesses de diferentes ordens no grande sistema literário, sociocultural e político, contido em outros subsistemas em que o tradutor, a editora, o gênero literário e os patrocinadores estão inseridos.

Quanto à análise dos antropônimos e topônimos, o estudo indicou marcas de estrangeirização em quatro TCs no que se refere aos topônimos; por assim dizer, na T4, de Marcos Maffei, conservou-se o topônimo *Archangel* tal qual no TP e nas T3, T5 e T6, de Miécio Araujo Jorge Honkis, Adriana Lisboa e Bruno Gambarotto, emprestou-se a grafia do russo, *Arkhangelsk*, salientando a presença do estrangeiro na narrativa do TC. A grafia russa empregada pelos tradutores e pela tradutora ocasionou um efeito estrangeirizante ao discurso e/ou indicou que havia a presença de uma cultura estrangeira, no caso a russa, o "Outro", estrangeiro, que não foi excluído ou negado. Em se tratando dos antropônimos, todos os TCs, exceto a T1, mantiveram os nomes dos personagens como no TP. Em suma, as escolhas tradutórias revelam o conceito de tradução tanto dos profissionais de tradução quanto das editoras, que os designam para a tarefa de verter um texto estrangeiro

para a LC. No caso da T1, de Caio Jardim, provavelmente, as condições editoriais previam que tanto os primeiros nomes dos (as) personagens como os topônimos deviam ser domesticados.

Quanto à questão da avaliação, a análise dos adjetivos e advérbios mais frequentes do TP, em comparação com os dos TCs, mostrou que, em linhas gerais, os tradutores e a tradutora buscaram manter o sentido do TP, excetuando a T6, de Bruno Gambarotto que se destaca por apresentar um registro linguístico elevado, com escrita rebuscada, e portadora de elementos paratextuais que acabam por contribuir para que a edição possa ser classificada como erudita. Na T6 tanto o tradutor quanto os editores optaram por resgatar o estilo do romance gótico de M.S. Essa edição não exibe a preocupação em vincular a obra de M.S. ao cinema, mas sim em valorizar o texto literário da autora.

A partir dos resultados da investigação e análise de dados, minha hipótese inicial, de que os TCs seriam mais estrangeirizados que domesticados, não pôde ser comprovada, pois há traduções que são realizadas segundo políticas editoriais que estabelecem se determinados vocábulos devem ser domesticados e/ou estrangeirizados para causar algum efeito no texto final; assim como há contratos de tradução que conferem plena autonomia aos tradutores. A pesquisa desenvolvida nesta tese indicou que nenhuma tradução é 100% domesticadora ou estrangeirizada: a T1, de Caio Jardim, aparentou-se como mais domesticadora que as demais edições; porém, no caso do vocábulo *mile*, a decisão foi de se aproximar da letra e sentido do TP pelo substantivo "milha".

Volto à segunda inquietação inicial da introdução desta tese, acerca dos TCs serem vinculados ou não às adaptações cinematográficas. Ao longo da investigação do meu *corpus* de análise, detectei que as traduções de Caio Jardim (1957) e de Éverton Ralph [ca. 1960], possuem em suas capas imagens dos protagonistas das sequências de "Frankenstein" e que nas novas edições da tradução de Miécio Araujo Jorge Honkis, pela L&PM, a imagem do ator Boris Karloff foi estampada nas capas em referência ao filme de 1931. Majoritariamente, o texto de M.S. é vinculado ao cinema, que possibilita que a obra da autora tenha uma sobrevida e/ou uma nova roupagem de modo a auxiliá-la a sobreviver até os dias de hoje. O fenômeno interdiscursivo é visível nas capas das edições brasileiras e de outros

idiomas, assim como em outras mídias, não permitindo que o mito de Frankenstein, a questão da ciência e os outros temas da obra sejam esquecidos pelo público ao longo dos tempos.

A pesquisa também mostrou que é por meio das traduções que a obra de M.S. continua sendo fonte de reproduções da narrativa inicial. Isto é, a tradução é um recurso importante para que o texto da autora sobreviva e não cesse de inspirar a criação de novos textos.

Tendo em consideração os pressupostos teóricos deste trabalho, as cartas iniciais dos TCS demonstram que o romance epistolar do TP foi preservado e que o significado proposto por M.S. sofreu mudanças imprescindíveis para que o texto se ajustasse às normas gramaticais de cada época em que a obra foi traduzida, a interesses editoriais de diversas ordens. Além disso, o processo de leitura e de tradução envolve o subjetivismo de ressignificações que é peculiar a cada indivíduo. Em se tratando de sentido de um texto literário, há múltiplas camadas de significação como os implícitos que podem ser de ordens socioculturais, intertextuais, inferenciais; essas múltiplas superfícies do texto acabam por impossibilitar que haja uma equivalência de significações ao se traduzir de uma língua para a outra, posto que se trata de diferentes signos linguísticos e que esse processo é complexo e subjetivo.

Os textos traduzidos analisados demonstram oscilação quanto a se caracterizaram como domesticados ou estrangeirizados, isto é, há momentos em que "o tradutor deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em paz e leva o autor ao seu encontro"; posto que ao longo do processo tradutório tomadas de decisões devem ser realizadas para solucionar os problemas que o (a) tradutor (a) enfrenta, tendo sempre perdas e compensações. (SCHLEIERMACHER, 1813/2011, p. 22).

Há casos em que a tradução pode sofrer algum tipo de manipulação, de ordem social, editorial, política e/ou religiosa, conforme aponta o teórico Lefevere, "(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade." (LEFEVERE, 1992, p. vii). No capítulo 3, expus que no século XIX, na Inglaterra, a obra de M.S. foi publicada em larga escala e os exemplares eram, majoritariamente, direcionados às bibliotecas circulantes que recebiam a exclusividade de circulação por parte das editoras. Outra ocorrência de manipulação observada é referente aos periódicos brasileiros, entre 1930

e 1960, os quais promoviam diariamente os filmes inspirados no romance da autora e produções de gênero semelhante tendo como chamariz os protagonistas do filme de 1931. A mídia impressa era manipulada em um acordo comercial permissivo por ser remunerada pelas divulgações; no entanto, o cinema e a mídia impressa foram (e ainda são) meios de divulgação e de sobrevivência da história *Frankenstein*.

Haja vista que minha pesquisa se restringiu às cartas de *Frankenstein*, uma das maiores limitações deste trabalho foi a impossibilidade de analisar o texto completo da LP e, então, compará-lo com os TCs. Muitos outros tópicos importantes poderão ser desenvolvidos em pesquisas futuras a partir de minhas considerações neste estudo, tais como: análise das traduções das metáforas; tradução comentada e anotada; análise de traduções de HQS, de adaptações cinematográficas (legendagem) e de *games*; a questão da intertextualidade no TP e nos TCs; a interação passiva da voz feminina; análise multimodal e visual das capas, assim como de seus significados e interdiscursividades. Estudos posteriores poderiam tratar das diferentes modalidades do texto da autora como filmes, séries, peças de teatro, HQs, *cartoons*, novelas de televisão, além de investigações sobre as traduções que fundamentaram essas releituras.

A partir do caráter interdisciplinar e historiográfico desta tese, estudos poderão ser ampliados sobre a história do livro e da edição no Brasil.

Por fim, levando em conta a presença do gótico em nossa sociedade, espero que meu trabalho desperte o interesse em outras áreas, como a Literatura Inglesa, e que contribua para o cânone de pesquisas sobre a literatura gótica e suas implicações nos Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDISS, Brian Wilson; WINGROVE, David. “On the Origins of Species: Mary Shelley”. **In**: ALDISS, Brian W.;WINGROVE, David.*Trillion Year Spree*. Nova Iorque: Atheneum, 1986, p. 25.

ALEGRETTE, Alessandro Yuri. “*Frankenstein*: Uma releitura do mito de criação”. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Araraquara: UNESP, 2010, p. 4.

ALLEN, Grahan. *Shelley´s Frankenstein*. Londres; Nova Iorque: Continuum International Publishing Group. 2008.

ALVES, Talita Cassemiro Paiva. “*Frankenstein*: the creation of a myth”. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016, p. 93.

ARAÚJO, Alberto Filipe de Abreu. “O Monstro de Frankenstein: uma leitura à luz do imaginário educacional”. **In**: Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 17, jan.-jun. 2014. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/viewFile/18790/11416 Último acesso em 20 de abr. 2016.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan; Andréia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2ª edição, 2013.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. Hemeroteca Digital. Pesquisa de todos os periódicos, disponíveis em: http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/. Último acesso em ago. 2017.

BONADA, Jaqueline Bohn. “Spontaneous overflow of powerful feelings: romantic imagery in Mary Shelley's *Frankenstein*”. Dissertação de Mestrado em Letras/Literaturas de Língua Inglesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p. 176.

BOTTING, Fred. *Making Monstrous: Frankenstein, Criticism, Theory*. Manchester: Manchester University Press, 1991.

_____. *Gothic*. London; NI: Routledge, 1999.

BROWN, Alan S. "How early experiments with electricity inspired Mary Shelley's reanimated monster". (2010), s/p.. **In**: Inside Science News Service: "The Science That Made Frankenstein". Disponível em: https://www.insidescience.org/content/science-made-frankenstein/1116. Último acesso em jun. 2016.

BURKE, Edmund. *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful*. Londres; NI: Routledge, 2009, p. 39.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Chapter 13: "Cross-Cultural Representation of 'Otherness' in Media Discourse". **In**: Weiss, Gilbert; Wodak, Ruth (Ed.). *Critical Discourse Analysis: Theory and Interdisciplinarity*. NI: Palgrave Macmillan Ltda., 2003, p. 267.
_____. Unit 10: "Intertextuality". **In:** CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. *Translation and Discourse*, Module 3. Birmingham: Center for English Language Studies, University of Birmingham, 2009, p. 4.
CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: MOULIN, Nelson. São Paulo: Companhia das Letras, segunda edição, quarta impressão, 2007.

CANÇADO, José Maria. Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 205.

CARTER, Ronal; MCRAE, John. *The Routledge History of Literature in English: Britain and Ireland*. Nova Iorque; Londres: Routledge, reimpressão, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 46ª edição, 2005.

CLARKE, Stephen. *1000 Years of Annoying the French*. London: Black Swan; Penguin Random House, 2015, s/p.

CORRÊA, Lilian Cristina. “O foco narrativo e o mito em Frankenstein, de Mary Shelley”. Dissertação de Mestrado em Literatura e Linguística. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.

CORTINA, Adela. “Frankenstein: el origin de la neuroética”. **In**: El País: tribuna, edición impresa. Madrid, 2010. Disponível em: http://elpais.com/diario/2010/10/17/opinion/1287266405_850215.html. Último acesso em set. 2014.

DANTAS, Marcelo Ribeiro. “*Frankenstein*: Monstruosidade e Contemporaneidade”. Dissertação de Mestrado na Área de Pesquisa de Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

DAVIS, James P. “Frankenstein and the Subversion of the Masculine Voice”. **In**: Women's Studies: An Interdisciplinary Journal, 1992, p. 307-22. Disponível em: http://knarf.english.upenn.edu/Articles/davis.html. Último acesso em jun. de 2016.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Hucitec, 3a edição, 2001.

DEANE, Phyllis. *The First Industrial Revolutio*n. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd edition, 1979, p. vii.

DELPHI CLASSICS. *Complete Works of Mary Shelley* (*ebook*), Series Three, Reino Unido: Delphi Publishing Ltd., 2015.

DONADA, Jaqueline Bohn. “Spontaneous overflow of powerful feelings: romantic imagery in Mary Shelley's *Frankenstein*”. Dissertação de Mestrado na Área de Pesquisa de Literatura Inglesa e Crítica Literária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

DONAWERTH, Jane. *Frankenstein's Daughters: Women Writing Science Fiction*. Nova Iorque: Siracuse University Press, 1997.

DONNE, John. “A criatura de *Frankenstein*: metáfora concretizada”. **In**: JEHA, Julio. (Org.). *Monstros e Monstruosidades na Literatura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 23.

EDWARDS, Kyle Dawson. “Corporate Fictions: Film Adaptation and Authorship in the Classical Hollywood Era”. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de Texas, 2006, p. 120.

ELWELL, Frank. “The Industrial Revolution”. S/d., p. 73-76. Disponível em: http://www.faculty.rsu.edu/users/f/felwell/www/Ecology/PDFs/IndRevolution.pdf. Último acesso em jun. 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. Londres; NI: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

FITZPATRICK, Sean. “Frankenstein by Mary Shelley” (2013). **In**: *Crisis Magazine*. Disponível em: http://www.crisismagazine.com/2013/frankenstein-by-mary-shelly. Último acesso em 21 de abr. 2016.

FRANCA NETO, Alípio Correia; MILTON, john. *Literatura Inglesa*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

GARCIA, Celina Fontanelle. “ Escrita Frankenstein de Pedro Nava”. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994, p. 94 .

GAVILÁN, Yolanda Molina; RIJSKBERMAN, Marijke. “Science and the Novel”. **In**: *Encyclopedia of the Novel*. Editado por Paul Schellinger. London; NY: Routledge Taylor &Francis Group, 2011, p. 1185.

GEOGHEGAN, Tom. “Frankenstein: 10 possible meanings”, s/p. **In**: BBC News Magazine. Matéria publicada em 14 de março de 2011. Disponivel em: http://www.bbc.com/news/magazine-12711091. Último acesso em agosto de 2017.

GHOSH, Pallab. “Frankenstein dinosaur' mystery solved”, s/p. **In**: Science & Environment: *BBC News Maganize*. Matéria publicada em 14 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.bbc.com/news/science-environment-40890714. Último acesso em agosto de 2017.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Tradução de VILLALOBOS, Maria da Penha; DE OLIVEIRA, Lólio Lourenço; DE SOUZA, Geraldo Gerson. São Paulo: Edusp, 3a edição, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *The Age of Revolution*. Reino Unido; Estados Unidos: Weidenfeld & Nicolson; World Publishing, primeira edição, 1962.
_____. *A Era das Revoluções*. Tradução: PENCHEL, Marcos; TEIXEIRA, Maria L., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

JACKSON, Rosemary. “Narcissism and Beyond: A Psychoanalytical Reading of Frankenstein and Fantasies of the Double”. **In**: COYLE, William. (Ed.). *Aspects of Fantasy: Selected Essays from the Second International Conference on the Fantastic in Literature and Film*. Westport: Greenwood Press, 1986, p. 44.

JÄGER, Siegfried. “Discourse and knowledge: Theoretical and methodological aspects of a critical discourse and dispositive analysis”. (Trad. de Iris Bu Ènger & Robert Tonks). **In**: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods of Critical Discourse Analysis*. Londres; California; Nova Deli, 2001, p. 35.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução: BLIKSTEIN, Izidoro de; PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 24ª edição, 2007.

JOSHUA, Essaka. *Mary Shelley: ‘Frankenstein’*. Literature Insights. Tirril: Humanities-E-Books, 2007.

KUIPER, Kathleen. (Editora). *Prose: Literary Terms and Concepts: the Britannica guide to literary elements*. NI: Britannica Educational Publishing, 2012, p. 38.

LABANCA, Gabriel Costa. “Publicações Pan-Americanas e Editora Gertum Carneiro: dos livros técnicos às edições de bolso”. **In**: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. Niterói: UFF, 2009. Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Gabriel_Costa_Labanca.pdf. Último acesso em out./2014.

LAMAS, Berenice Simas. “Lygia Fagundes Telles: Imaginário e a Escrita do Duplo”. Tese de Doutorado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002, p. 14.

LECERCLE, Jean-Jacques. *Frankenstein Mito e Filosofi*a. Tradução de Rosa Amanda Strausz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LEDERER, Susan E.; RATZAN, Richard M. Chapter 32: “Mary Shelley: *Frankenstein: Or, the Modern Prometheus*”. In: SEED, David. (editor). *A Companion to Science Fiction*. Blackwell Publishing Ltd.: USA; UK, 2005, p. 455.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*, Londres/NI: Routledge, 1992.

LIPSEY, Richard George; CARLAW, Kenneth I.; BEKAR, Clifford T. *Economic Transformations: General Purpose Technologies and Long-Term Economic Growth*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

LONGACRE, Robert E. *The Grammar of Discourse*. Londres; Nova Iorque: Plenum Press, 1983.

MAGALHÃES, Célia Maria. “Os Monstros e a Questão Racial na Narrativa Pós Colonial Brasileira”. Tese de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997, p. 306-07.

MARSHALL, Bridget M. *The Transatlantic Gothic Novel and the Law, 1790–1860*. Londres; NI: Routledge, 2016.

MARSHALL Tim. *Murdering to Dissect: Grave-robbing, Frankenstein and the Anatomy Literature*. Manchester; Nova Iorque: Manchester University Press, 1995.

MARTINHO, Cristina Maria Teixeira. "O mito de *Frankenstein* e o horror gótico: a distonia da alteridade. Tese de Doutorado em Ciências da Literatura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
_____. "*Frankenstein* e a estética da recepção". In: Caderno de Anais "A Língua e o Estilo no Texto Literário", do VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. RJ: Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, série VIII, no. 12, 2004, s/p.
_____."Sonhos de um monstro solitário: Jean-Jacques Rousseau e *Frankenstein*, de Mary Shelley". **In**: Anais do II Colóquio Rousseau. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 2005. Disponível em: http://www.unicamp.br/~jmarques/gip/AnaisColoquio2005/cd-pag-texto-16.htm. Último acesso em abr. 2016.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. "As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução". Rio de Janeiro: Cadernos de Letras (UFRJ), edição de no 27, dez./2010, p. 67. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf. Último acesso em agosto de 2017.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, vol. vii, 1979.

MATTOS, Marília. "Metamorfoses de Adão: aspectos trágicos do mito romântico Frankenstein". Dissertação de Mestrado em Literatura e Línguística. Universidade Federal da Bahia, 2001.
_____. "Humanidades Pós-Naturais: Atualizações de *Frankenstein* na cultura ocidental". Tese de Doutorado em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Universidade Federal da Bahia, 2010, p. 189.

MEHRGUT, Sara. “Frankenstein”. **In**: Crítica Literária, 2012. Disponível em: http://literariacritica.wordpress.com/2012/10/04/112/. Último acesso em abr. 2016.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, série Crepúsculo, 1o vol, 2008.
_____. *Lua Nova*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, série Crepúsculo, 2o vol, 2008.
_____. *Eclipse*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, série Crepúsculo, 3o vol, 2009.
_____. *Amanhecer*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, série Crepúsculo, 4o vol, 2009.
_____. *A Breve Segunda Vida de Bree Tanner*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, série Crepúsculo, 5o vol., 2010.

MOERS, Ellen. “The Female Gothic”. **In**: MOERS, Ellen. *Literary Women: The Great Writers*. Nova Iorque: Doubleday, 1976, p. 99.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de Usos do Português. São Paulo: Editora UNESP, 5ª reimpressão, 2000, p. 237.
_____. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto. 2006, p. 152.

PITHAN, Ana Esther Balbão. “The uniqueness of Mary Shelley's *Frankenstein* in the gothic literary tradition”. Dissertação de Mestrado, na Área de Pesquisa de Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina, 1993, p. 129; p. 131.
POPLAWSKI, PAUL. (editor). *English Literare in Context*. **In**: KITSON, PETER J. Chapter 4: “The Romantic Period, 1780-1832”. NI: Cambridge University Press, 2008, p. 386.

PREVIDE, Mauri Cruz. “À sua imagem e semelhança um estudo de criadores e criaturas em A Eva Futura de Villiers de I Isle Adam e em *Frankenstein* de Mary Shelley no contexto do romance europeu do século XIX”. Tese de Doutorado em Estudos Literários. Universidade Estadual de São Paulo, 2012.

PUNTER, David; BYRON, Glennis. *The Gothic*. RU: Blackwell Publishing Ltd., 2004.

RANK, Otto. *O duplo*: um estudo psicanalítico. Tradução de Erica Luisa Sofia Foerthmann Schultz. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

REVISTA DO LIVRO. Bibliografia. Bibliografia Brasileira Corrente, novembro-dezembro de 1957: Literatura Inglesa, Romance, Novela, Conto. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, ano III, março, 1958, p. 293-294.

ROCHA JUNIOR, Newton Newton Ribeiro. "Creator and creature in William Gibson´s Neuromancer: the promethean motif in science fiction". Dissertação de Mestrado em Letras/Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, p. 1.

SÁ, Serravalle, Daniel. *Gótico Tropical*: o sublime e o demoníaco em O Guarani. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Naiara Sales Araújo. "Da literatura ao cinema: *Frankenstein* e sua hipertextualidade". Dissertação de Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Piauí, 2007, p. 1.

SCHATZ, Sandra Regina. "From Frankenstein to Matrix: Cultural perceptions of cyborgs". Dissertação de Mestrado na Área de Pesquisa de Inglês e Literatura Correspondente Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p. 107.

SCHLEIRMACHER, Friedrich; "Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir". Tradução de POLL, Margarete von Mühlen; BRAIDA, Celso R.; FURLAN Mauri. Revista *Scentia* T*raductionis*: Florianópolis, no. 09, 2011, p. 22. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/1659. Último acesso em abr. 2016.

SCHNEIDER, Christina. “Monstrosity in the English Gothic Novel”. **In**: The Victorian Journal, vol. 03, no 01, 2015, p. 4. Disponível em: http://journals.sfu.ca/vict/index.php/vict/issue/view/8/showToc. Último acesso em jun. 2016.

SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein; or, The Modern Prometheus*. London: Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones. 3 vols, 1st edition, 1818.
_____. London: Colburn & Bentley, 3rd edition, 1831.
_____. *Frankenstein, or, The Modern Prometheus*. Edited by Maurice Hindle, London: Penguin, 1992, p. 7.
_____. Coleção Signature Edition, Estados Unidos: Sterling Publishing; Saraiva, 2012.
_____. *Frankenstein: Criador e Criatura*. Tradução de Stella Martins Paredes. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1943.
_____. *Frankenstein*. Tradução de Caio Jardim. São Paulo: Editora Universitária, 1957.
_____. *Frankenstein*. Tradução de Everton Ralph. Rio de Janeiro: Gertum Carneiro & Tecnoprint. Seleção Terror n. 02, [ca.1960].
_____. *Frankenstein: O Moderno Prometeu*. Tradução de Miécio Araujo Jorge Honkis. Rio de Janeiro; São Paulo: Distribuidora Record, 1973.
_____. *Frankenstein ou o moderno Prometeu*. Tradução de Miecio Araujo Jorge Honkis. São Paulo: Círculo do Livro, reimpressão, 1980.
_____. *Frankenstein: O moderno Prometeu*. Tradução de Miecio Araujo Jorge Honkis. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., reimpressão, 1985.
_____. *Frankenstein, o Prometeu moderno.* Tradução de Miecio Araujo Jorge Honkis. São Paulo: Círculo do Livro, reimpressão, 1988.
_____. *Frankenstein: uma história de Mary Shelley*. Adaptação de Ruy Castro. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

_____. *Frankenstein*. Tradução Everton Ralph. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 5a edição, 1996.
_____.*Frankenstein*. Tradução de Miécio Araujo Jorge Honkis. Porto Alegre: L&PM Editores, 1a edição, coleção L&PM Editores Pocket, vol. 54, 1997.
_____. *Frankenstein*. Adaptação de Claudia Lopes. São Paulo: Scipione, 1997.
_____.*Frankenstein ou O Moderno Prometeu*. Tradução de Everton Ralph. Rio de Janeiro: Ediouro, Coleção Clássicos da Literatura Universal da Publifolha (Divisão de Publicações da Folha de São Paulo), 1998.
_____. *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. Tradução de Marcos Maffei. São Paulo: Ática, coleção Eu Leio, 1998.
_____. *Frankenstein*. Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral. Coleção Aventuras Grandiosa, São Paulo: Rideel, 2003.
_____. *Frankenstein*. Adaptação de Marion Mousse e tradução de Luciano Vieira Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, coleção Ex Libris, 2003.
_____. Frankenstein. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, coleção "A obra-prima de cada autor", 2009.
_____. *Frankenstein*. Adaptação de Sam Ita e tradução de Bruno S. Rodrigues e Fernando Nuno. São Paulo: PubliFolha, 2010.
_____.*Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Tradução de Adriana Lisboa. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
_____. *Frankenstein*. Tradução de Miécio Araujo Jorge Honkis. Porto Alegre: L&PM Editores, coleção L&PM Editores Pocket, vol. 54, reimpressão 2012.
_____. *Frankenstein*. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2013.

SHELLEY, Mary; SCOTT, Walter; SHELLEY, Percy Bysshe. *Frankenstein and the Critics*. Los Angeles:Enhanced Media, 2016.

SHELLEY, Mary; Wollstonecraft; STOCKER, Bram; Stevenson, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula, O médico e o monstro*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro:Ediouro, 2001, reimpressão em 2009.

SILVA, Patricia Souza. "O mito do duplo em retratos". Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal de Goiás, 2012.

SMITH, Johanna M. "Cooped Up: Feminine Domesticity in Frankenstein". **In**: SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Boston/NI: Bedford Books of St. Martin's Press, 1992. p. 270-85.

_____. *Frankenstein: Complete, Authoritative Text with Biographical, Historical, and Cultural Contexts, Critical History, and Essays from Contemporary Critical Perspectives*. Pensilvânia: Bedford/St. Martin's, 2000, p. 283; p. 313.

SMITH, Nicole. "Elements of Romanticism in *Frankenstein* by Mary Shelley" (2011). **In**: ArticleMyriad. Disponível em: http://www.articlemyriad.com/elements-romanticism-frankenstein/ Último acesso em abr. 2016.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An Integrated Approach*, Revised Edition. Filadélfia; Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988/1995.

SNODGRASS, Mary Ellen. *Encyclopedia of Gothic Literature.* NI: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 2005.

SOARES, Janile Pequeno. "*Frankenstein* e a Monstruosidade das intenções: A criatura como representação da condição feminina". Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura. Universidade Federal da Paraíba, 2015, p. 14; p. 130.

ST. CLAIR, William "The Impact of Frankenstein". In: BENNETT, Betty T.; CURRAN, Stuart. Mary Shelley in her times. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2000.

TAVARES, Braulio. *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003.

THE GUARDIAN. “Mary Shelley”. **In:** Culture: books, publicado em 22 de julho de 2008. Disponível em: http://www.theguardian.com/books/2008/jun/11/maryshelley. Último acesso em ago. 2015.

TOGNOLI, Sônia Érika do Amaral. “Do mito à cultura da massa: Transformações semânticas e intermediáticas de *Frankenstein*”. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária, do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, 2010, p. 172.

UNESCO. *Index Translationum*: World Bibliography of Translation.**Bibliographic Search**: Index Translationum database, s/d. Disponível em: http://www.unesco.org/xtrans/bsresult.aspx?lg=0&a=shelley&stxt=Frankenstein&sl=eng&fr=0. Último acesso em jul. 2017.

UNIVERSITY OF MARYLAND. Romantic Circles: a refereed scholarly website devoted to the study of Romantic-period literature and culture. **Study Aids**: “Editions of Mary Shelley's Frankenstein”. Maryland, 2009. Disponível em: http://www.rc.umd.edu/search/site/frankenstein Último acesso em mai. 2016.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. “Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860” (Vertentes Inglesas). **In**: Memória de Leitura, Instituto de Estudos da Linguagem, IEL. Campinas: Unicamp. 2006, s/p. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio8.html. Último acesso em abr. 2016.

_____. “Linguagem, formas de representação e o romance inglês”. **In**: Floema, Caderno de Teoria e História Literária. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no. 09, 2011, p. 313-14.

_____. “Romances ingleses em circulação no Brasil durante o séc. XIX”. **In**: Memória de Leitura, Instituto de Estudos da Linguagem, IEL. Campinas: Unicamp. s/no. de páginas, s/d. Disponível em:

http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/. Último acesso em mai. 2016.

VENUTI, Lawrence. *The Translator´s Invisibility: A History of Translation*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1995.
_____. 2a edição, 2008.
_____. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

WARDHAUGH, Ronald. *An Introduction to Sociolinguistics*. EUA; RU; Austrália: Blackwell. 1986.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods for Critical Discourse Analysis*. Londres; Califórnia; Nova Deli: Sage Publications, 2001.

WODAK, Ruth; RESIGL, Martin. Chapter 4: "The Discourse-Historical Approach (DHA)". **In**: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. *Methods for Critical Discourse Analysis*. Los Angeles; Londres; Nova Deli; Singapura; Washington: Sage, 2a edição, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PRODUÇÕES LITERÁRIAS E EDITORIAIS DE M.S.[78]

Gênero	Título e dados da obra
Romance	*Frankenstein; or, The Modern Prometheus*, Londres: Lackington, Hughes & Harding, 1818, revisado em 1831, três volumes.
	Matilda, 1819-1820, publicação em 1959, University of Carolina Press.
	Valperga; or, The Life and Adventures of Castruccio, Prince of Lucca, Londres: G. & W. B. Whittaker, 1823, 3 volumes.
	The Last Man, Londres: Henry Colbourn, 1826, 3 volumes.
	The Fortunes of Perkin Warbeck, A Romance, Londres: Henry Colbourn & Richard Bentley, 1830, 3 volumes.
	Lodore, Londres: Richard Bentley, 1835, 3 volumes.
	Falkner: A Novel, Londres: Saunders & Otley, 1837, 3 volumes.
	"The Tales of the Passions", *The Liberal*. (1822)
	"An Eighteenth-century Tale" (sem data de publicação)
	"Euphrasia". *The Keepsake*. Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Longman, Orme, Brown & Green; Paris: Delloy & Co. (1838)
	"Ferninando Eboli". *The Keepsake*, Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings. (1828)
	"On Ghosts"(1824)
	Recollections of Italy (1824)
	"Roger Dodsworth" (sem data de

[78] Dados coletados em *Complete Works of Mary Shelley* (ebook), Delphi Classics (2015) e Wikipedia, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_works_by_Mary_Shelley. Último acesso em agosto de 2017.

Contos	publicação)
	"The Bride of Modern Italy", *London Magazine*. (1824)
	"The Brother and Sister". *The Keepsake*. Ed. Frederick Mansel Reynolds. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown, Green; Paris: Rittner & Goupill; Frankfurt: Charles Jügill. (1832)
	"The Dream, A Tale". *The Keepsake*. Ed. Frederick Mansel Reynolds. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown & Green. (1831)
	"The Elder Son". Ed. Countess of Blessington. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown & Green; Paris: Rittner; Berlin: Goupil & A. Asher. (1834-35)
	"The Evil Eye", *The Keepsake*. Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings. (1829)
	"The False Rhyme". *The Keepsake*. Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings. (1829)
	"The Heir of Mondolfo". *Appleton's Journal: A Monthly Miscellany of Popular Literature*, Nova Iorque. (sem data de publicação)
	"The Invisible Girl". *The Keepsake*. Ed. Frederick Mansel Reynolds. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown, Green; Paris: Rittner & Goupill; Frankfurt: Charles Jũgill. (1832)
	"The Mortal Immortal". *The Keepsake*. Ed. Frederick Mansel Reynolds. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown, Green; Paris: Rittner & Goupill; Berlin: A. Asher. (1833)
	"The Mourner". *The Keepsake*, Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings. (1829)
	"The Parvenue". *The Keepsake*. Ed. The Lady Emmeline Stuart Wortley. Londres: Longman, Rees, Orme, Green; Paris:

	Delloy & Co. (1836)
	"The Pilgrims". *The Keep*sake. Londres: Longman, Orme, Brown & Green; Paris: Delloy & Co. (1837)
	"The Pole". *The Court Magazine and Belle Assemblée.* (1832)
	"The Sisters of Albano" (sem data de publicação)
	"The Smuggler and his family"(sem data de publicação)
	"The Swiss Peasant". *The Keepsake*. Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings & Chaplin. (1830)
	"The Trial of love". *The Keepsake*. Ed. Frederick Mansel Reynolds. Londres: Longman, Rees, Orme, Brown & Green; Paris: Rittner; Berlin: Goupill & A. Asher. (1834)
	"Transformation". *The Keepsake*. Ed. Frederic Mansel Reynolds. Londres: Hurst, Chance, & Co., R. Jennings & Chaplin. (1831)
	"Valerius" (1819)
Ficção infantil	*Maurice; or, The Fisher's Cot*. Criação em 1820. Ed. Claire Tomalin. Londres: Viking, 1998 (primeira publicação).
	Midas. Autorias de M.S.; Shelley. Ed. A. H. Koszul. Londres: Humphrey Milford, publicação em 1922, (criação em 1820)
	Proserpine. Londres: Wittaker, Treacher & Arnot. (1832)
Relatos de Viagens	*History of a six's weeks tour to a part France, Switzerland, Germany, and Holland*, autorias de M.S. & Shelley, Londres: T. Hookham, 1817.
	Rambles in Germanny and Italy, 1840, 1842, and 1843. Autoria de M.S.. Londres: Edward Moxon, 2 volumes. (1844)

Biografias	*Lives of the Most Eminent Literary and Scientific Men of Italy, Spain and Portugal*. Longman, 1835-1837.
	Lives of the Most Eminent Literary and Scientific Men of France. Longman, 1839.
Poemas (coautoria de Shelley)	"Absence" (1830)
	"A Dirge"(1830)
	"A Night Sin"(1830)
	"When I'm no more, this harp that rings" (1830)
	"To love in solitude and mystery"(1832)
	"I must forget thy dark eyes' love-fraught gaze" (sem data de publicação)
	"Ode to ignorance" (1834)
	"Fame"(1835)
	"Stanzas: How like a star you rose upon my life" (sem data de publicação)
	"Oh, listen while I sing to thee"(1838)
	"Stanzas: Oh, come to me in dreams, my love"! (sem data de publicação)
	"The choice"(sem data de publicação)
	"On Reading Wordsworth's lines on Peele Castle"(1832)
	"Tribute for thee dear solace of my life"(sem data de publicação)
	"Sadly borne across the waves"(sem data de publicação)
	"La vida es sueno" (sem data de publicação_
	"Fair Italy! Still shines thy sun as bright"(sem data de publicação)
Artigos e Resenhas	"Madame D'Houtetôt". The Liberal. (1823)
	"Giovanni Villani". *The Liberal*. (1823)
	"Narrative of a Tour round the Lake of Geneva, and of an Excursion through the Valley of Chamouni". *La Belle Assemblée, or Court and Fashionable Magazine*. (1823)

	"Recollections of Italy". *The London Magazine*. (1824)
	"On Ghosts". *The London Magazine*. (1824)
	"Defense of Velluti". *The Examiner*. (1826)
	"The English in Italy". *Westminster Review.* (1826)
	"Review of The Italian Novelists". *Westminster Review* .(1827)
	"Illyrian Poems: Feudal Scenes". *Westminster Review*. (1829)
	"Modern Italy". *Westminster Review*. (1829)
	"Review of The Loves of the Poets". *Westminster Review*. (1829).
	"Recollections of the Lake of Geneva". *The Spirit and Manners of the Age*. (1829)
	"Review of Cloudesley; a Tale". *Blackwood's Edinburgh Magazine*. (1830)
	"Review of 1572 Chronique du Temps de Charles IX—Par l'Auteur du Theatre de Clara Gazul". *Westminster Review*. (1830)
	"Memoirs of William Godwin". William Godwin, autor de Caleb Williams. Londres: Colburn & Bentley. (1831)
	"Review of Thomas Moore. The Life and Death of Lord Edward Fitzgerald". *Westminster Review*. (1831)
	"Living Literary Characters, No. II. The Honourable Mrs. Norton". *New Monthly Magazine and Literary Journal*. (1831)
	"Living Literary Characters, No. IV. James Fenimore Cooper". *New Monthly Magazine and Literary Journal*. (1831)
	"Review of "The Bravo; a Venetian Story". Autoria de James Fenimore Cooper. *Westminster Review*. (1832)

	"Modern Italian Romances, I". *Monthly Chronicle*. (1838)
	"Modern Italian Romances, II". *Monthly Chronicle*. (1838)
Trabalhos de edição	Percy B. Shelley. *Posthumous Poems of Percy Bysshe Shelley*. Londres: John e Henry L. Hunt, 1824.
	Adventures of a Younger Son. Londres: Colburn & Bentley, 1831.
	William Godwin, *Transfusion; or, The Orphan of Unwalden*. Londres: Macrone, 1835.
	Percy B. Shelley. *The Poetical Works of Percy Bysshe Shelley*. Londres: Edward Moxon, 1839, 4 volumes.
	Percy B. Shelley. *Essays, Letters from Abroad, Translations and Fragments*, Ed. Mrs. Shelley. Londres: Edward Moxon, 1839-40, 2 volumes.

APÊNDICE B – OCORRÊNCIAS MAIS FREQUENTES DE ITENS LEXICAIS DOS SEIS TCS

Itens Lexicais	1957	[ca. 1960]	1973	1998
Pronomes Pessoais	**Carta 1:** Eu (42); Você (09)	-	**Carta 1:** Eu (50); Você (08)	**Carta 1:** Eu (49); Você (07)
	Carta 2: Eu (44); Ele (11); Você (04)	-	**Carta 2**: Eu (61); Ele (15); Você (12)	**Carta 2**: Eu (56); Ele (17); Você (09)
	Carta 3: Eu (07); Nós (04)	-	**Carta 3**: Eu (10); Nós (03)	**Carta 3**: Eu (09); Nós (02)
	Carta 4: Eu (76); Ele (44); Você (16); Nós (30)	**Carta 4**: Eu (75); Ele (58); Você (21); Nós (25)	**Carta 4**: Eu (75); Ele (67); Você (23); Nós (21)	**Carta 4:** Eu (81); Ele (57); Você (23); Nós (26)
Formas de Tratamento	**Carta 1:** Sra. (1)	-	**Carta** 1: Sra. (1); cara (1)	**Carta 1:** Sra. (1)
	Carta 2: Sra. (1)	-	**Carta 2:** sra. (1)	**Carta 2:** Sra. (1)
	Carta 3: Sra. (1); Querida (1)	-	**Carta 3:** Sra. (1); Cara (1)	**Carta 3:** Sra. (1); cara (1)
	Carta 4: Sra. (1); senhor (10)	**Carta 4**: Senhor (4)	**Carta 4:** Sra. (1); Senhor (9)	**Carta 4:** Sra. (1); senhor (5)
Topônimos (Nomes de localidades)	Todos traduzidos	**Carta 4**: Inglaterra.	Todos traduzidos, exceto *Arkhangelsk* (empréstimo do russo)	Todos traduzidos, exceto *Archangel* (termo preservado em inglês)
Antropônimos (Nomes de personagens)	Primeiros nomes traduzidos	**Carta 4**: Todos antropônimos são	Todos antropônimos são preservados	Termos mantidos como no TP

		preservados como no TP	como no TP	
Adjetivos Avaliativos	**Carta 1:** grande (6); querida (2)	-	**Carta 1:** grande (3); querida (3); cara (2)	**Carta 1:** cara (3) e querida (2), grande (2) e enorme (1).
	Carta 2: pobre (4)	-	**Carta 2:** pobre (3); romântico (3)	**Carta 2:** romântico (a) (3); gentil (s) (2); ignorante (2), suficiente (2); necessária (2); nobre (s) (2); impossível (2)
	Carta 3: não há repetições de adjetivos	-	**Carta 3**: não há repetições de adjetivos	**Carta 3**: não há repetições de adjetivos
	Carta 4: grande (s) (7); estranho (a) (10)	**Carta 4:** possível (is) (6); estranho (a) (11); grande (s) (4)	**Carta 4**: estranho (a) (8); grande (s) (5)	**Carta 4:** estranho (a) (5); enormes (2); grande (2); ansiosos (3); ocupado (s) (3); melhor (3); gentil (s) (3); novo (s) (3); nobre (3)
	Carta 1:		**Carta 1:**	**Carta 1:**

Advérbios Avaliativos	Apenas dois advérbios com uma entrada cada um - firmemente e justamente.	-	Não há repetições de advérbios - eternamente, justamente, voluntariamente, arduamente, celeremente.	Dos 7 advérbios, somente um apresenta duas repetições – realmente (2), eternamente (1), apaixonadamente (1), voluntaria/e. (1), dura/e. (1), fácil/e. (1), infinita/te. (1).
	Carta 2: Uso da expressão "sem dúvida" (somente uma ocorrência), amargamente (1). Exclusões dos advérbios *greatly*, *madly*, *characteristically*, *easily*. Traduções aproximadas de *decidedly* e de *tenderly* para "terminantemente" e "ternamente"	-	**Carta 2:** Os 10 advérbios não se repetem.	**Carta 2**: Os 11 advérbios não se repetem - certa/e., amarga/e., inutilmente, loucamente, singular/e., mediana/e., teimosa/e., completa/e., horrível/e., notável/e., ternamente.

	, mudança de classe gramatical de advérbio para adjetivo (“tremenda”) e de advérbio de modo para advérbio de intensidade (“bem”).			
	Carta 3: *apparently* foi substituído pela expressão “ao que parece”. Omissão de *ardently*; *rashly* ficou aproximado do TP (“imprudente mente”). Substituição do advérbio *involuntarily* pela expressão “sem querer”.	-	**Carta 3:** Não há repetições - aparente/e., continua/e., imprudente /e, involuntari a/e.	**Carta 3:** Os advérbios não se repetem – apressada.e, aparente/e., continua/e., ardente/e., impensada/ e., involuntari a/e.
	Carta 4: Mudança do advérbio *apparently* para “como que em conversa”; “mormente” (1) = especially.	**Carta 4**: facilmente (3).	**Carta 4**: aparente/e (3); fácil/e (2).	**Carta 4**: Dos 18 advérbios, somente dois se repetem - aparente/e (3); imediata/e (2).

	Mudança de classe gramatical de advérbio para verbo: *accordingly* = "decidimos". Há duas omissões do advérbio *apparently*, ele vertido pela expressão "ao que parece". O advérbio *gladly* foi substituído pelo substantivo "satisfação"; *strongly* = "fortemente"			
Estrangeirização e domesticação	**Carta 2**: *"Ancient Mariner"* = "Velho Marinheiro" (*).	-	**Carta 2**: *"Ancient Mariner"* = *Ancient mariner*.	**Carta 2**: *"Ancient Mariner"* = "*Ancient Mariner"*
	Carta 3: *Adieu* (termo emprestado do francês) vertido para "Adeus".	-	**Carta 3**: *Adieu* = *Adieu* (preservação do termo do TP).	**Carta 3**: *Adieu* = *Adieu* (termo preservado como no TP).
	Carta 4: *Brandy* = aguardente. (Termo	**Carta 4**: *brandy* = aguardente. (Termo	**Carta 4**: *brandy* = conhaque. (Termo	**Carta 4**: *brandy* = brandy. (Termo

	domesticado). *Mile* = milhas (tradução aproximada do TP)	domesticado) *Mile* (s) = milha (s) (termo aproximado do TP)	domesticado) *Mile* (s) = milha (s) (termo aproximado do TP)	preservado como no TP) *Mile* (s) = milha (s) (termo aproximado do TP)

ANEXOS

ANEXO 1 – ILUSTRAÇÃO INICIAL DA OBRA *FRANKENSTEIN*, 1831. (FONTE: *UNIVERSITY OF GLASGOW*)

ANEXO 2 – FOLHA DE ROSTO DA OBRA *HISTORY OF A SIX WEEKS' TOUR*, 1817. (FONTE: *OPEN LIBRARY*)

HISTORY

OF

A SIX WEEKS TOUR

A PART OF FRANCE,
SWITZERLAND, GERMANY, AND HOLLAND.

WITH LETTERS

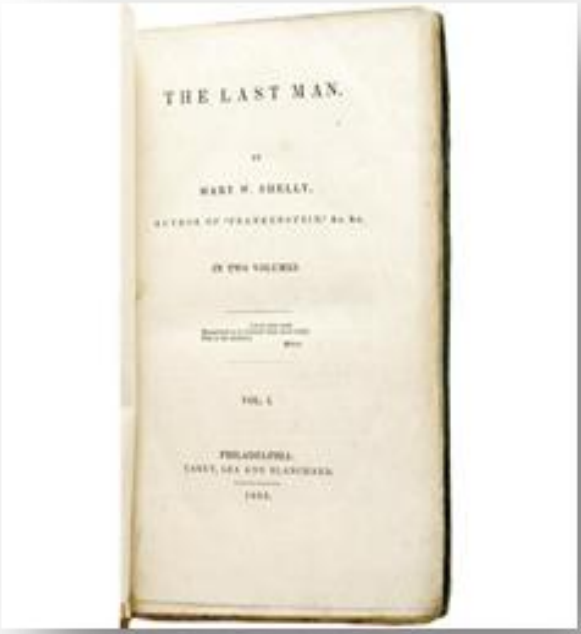
LONDON:

1817

ANEXO 3 – MANUSCRITO DE *MAURICE OR THE FISHER'S COT*, 1820. (FONTE: *HEADSTUFF*)

ANEXO 4 – ILUSTRAÇÃO DOS TRÊS VOLUMES DA OBRA *VALPERGA*, 1823. (FONTE: *SOTHEBY'S*)

ANEXO 5 – ILUSTRAÇÃO DA FOLHA DE ROSTO DE *THE LAST MAN*, 1826. (FONTE: *ICOLLECTOR*)


THE LAST MAN.

BY

MARY W. SHELLY.

AUTHOR OF "FRANKENSTEIN" &c. &c.

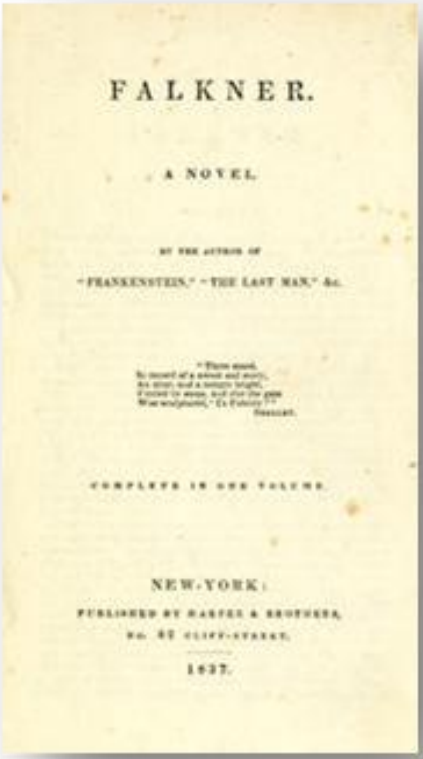
IN TWO VOLUMES

VOL. I.

PHILADELPHIA:
CAREY, LEA AND BLANCHARD.
1833.

ANEXO 6 - ILUSTRAÇÃO DE *LODORE*, 1835. (FONTE: *ABEBOOKS*)

ANEXO 7 – ILUSTRAÇÃO DA FOLHA DE ROSTO DE *FALKNER*, 1837. (FONTE: *OPEN LIBRARY*)



FALKNER.

A NOVEL.

BY THE AUTHOR OF

"FRANKENSTEIN," "THE LAST MAN," &c.

COMPLETE IN ONE VOLUME.

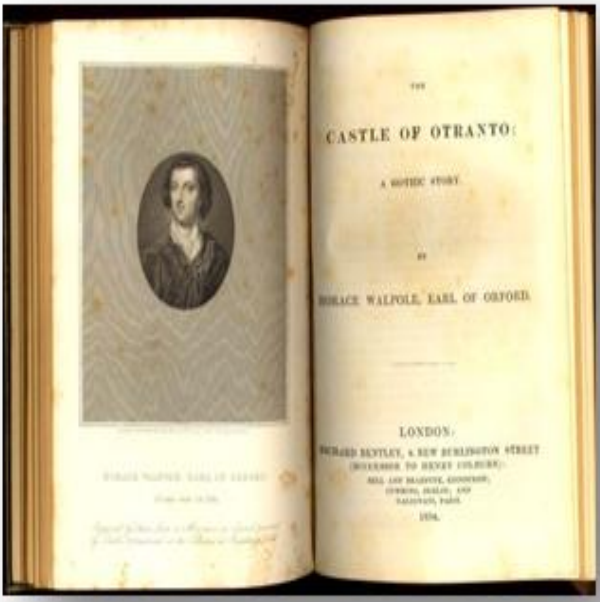
NEW-YORK:

PUBLISHED BY HARPER & BROTHERS,

No. 82 CLIFF-STREET.

1837.

ANEXO 8 – O ROMANCE *CASTELO DE OTRANTO* (1764), DE HORACE WALPOLE. (FONTE: *GOOGLE BOOKS*)



THE

CASTLE OF OTRANTO:

A GOTHIC STORY.

BY

HORACE WALPOLE, EARL OF OXFORD.

LONDON:

EDWARD BENTLEY, 8, NEW BURLINGTON STREET

(SUCCESSOR TO HENRY COLBURN).

1834.

ANEXO 9 – PÔSTER DE DIVULGAÇÃO DA PEÇA TEATRAL "PRESUMPTION OR, THE FATE OF FRANKENSTEIN", 1823. (FONTE: WIKIPEDIA)

ANEXO 10 – FOLHA DE ROSTO DA TRADUÇÃO FRANCESA DE *FRANKENSTEIN*, POR JULES SALADIN, 1821. (FONTE: *GOOGLE BOOKS*)

FRANKENSTEIN,

OU

LE PROMÉTHÉE MODERNE,

PAR Mme SHELLEY.

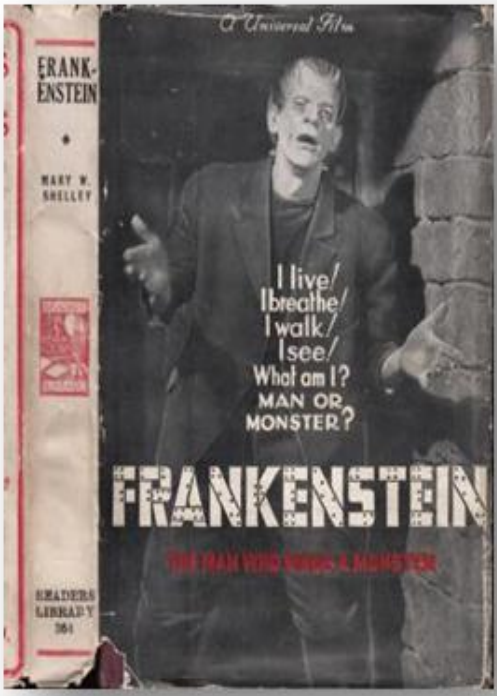
PARIS,

ANEXO 11 – CENA DO FILME “FRANKENSTEIN”, 1910. (FONTE: *THE HIGH DRIFTERS*)

ANEXO 12 – CENA DO FILME "FRANKENSTEIN", 1931. (FONTE: *CINEMA SCENE*)

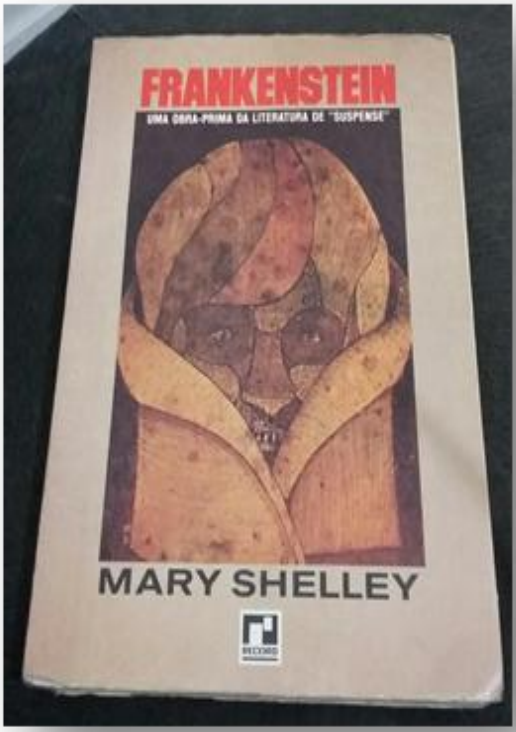
ANEXO 13 – CAPA DA T1, DE 1957, ED. UNIVERSITÁRIA.
(FONTE: IMAGEM CEDIDA PELA BN)

ANEXO 14 – CAPA DA EDIÇÃO EM INGLÊS, 1931, *READER'S LIBRARY*, LONDRES. (FONTE: *ABEBOOKS.COM*)

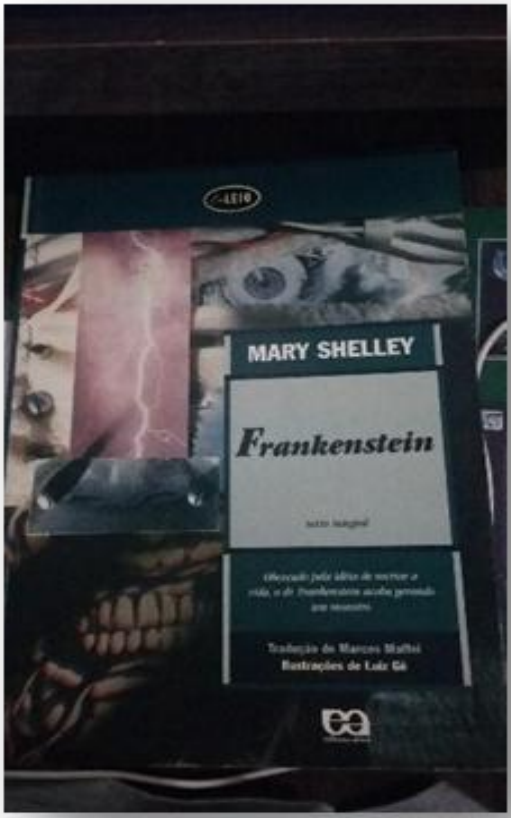


ANEXO 15 – IMAGEM DO FILME “FRANKENSTEIN”, 1931 – COMPARAÇÃO COM AS CAPAS DOS ANEXOS 12 E 13.

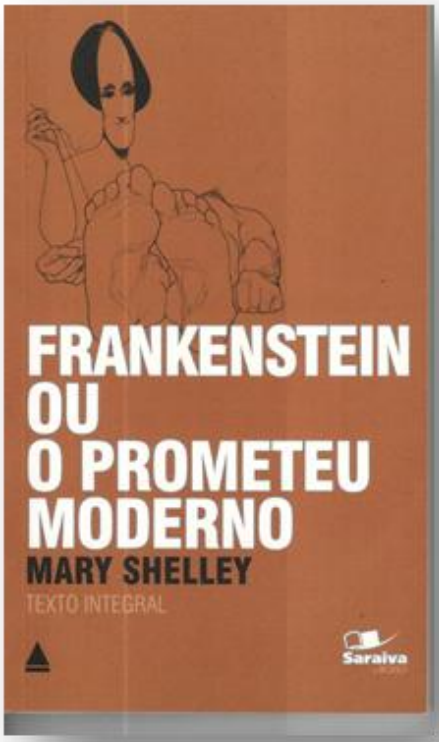
ANEXO 16 – CAPA DA T3, 1973, RECORD. (FONTE: ACERVO DA AUTORA DA TESE)



ANEXO 17 – CAPA DA T4, 1998, ÁTICA. (FONTE: ACERVO DA AUTORA DA TESE)



ANEXO 18 – CAPA DA T5, 2011, SARAIVA. (FONTE: ACERVO DA AUTORA DA TESE)



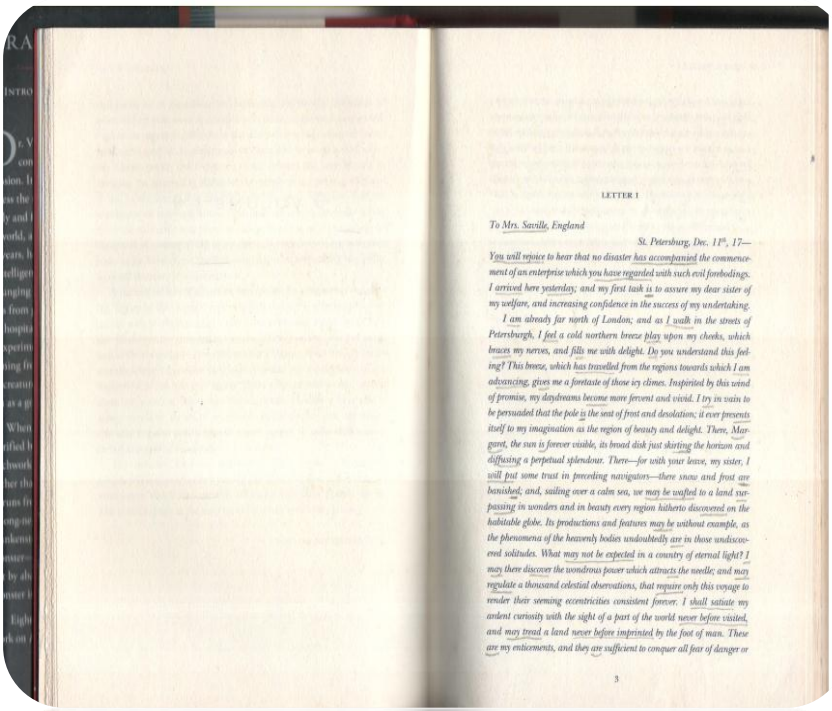
ANEXO 19 – CAPA DA T6, DE 2013, ED. HEDRA. (FONTE: ACERVO DA AUTORA DA TESE)

ANEXO 20 – CAPA DA T2, DE [CA. 1960], TECNOPRINT.
(FONTE: ACERVO DA AUTORA DA TESE)

ANEXO 21 – PÔSTER DO FILME "THE REVENGE OF FRANKENSTEIN", 1958. (FONTE: *1000 MISSPENT HOURS AND COUNTING*)

ANEXO 22 – VERSÃO DO FILME "THE REVENGE OF FRANKENSTEIN", PARA O ESPANHOL, 1958. (FONTE: TÉLÈRAMA VODKASTER)

ANEXO 23 - CARTA 1 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP)



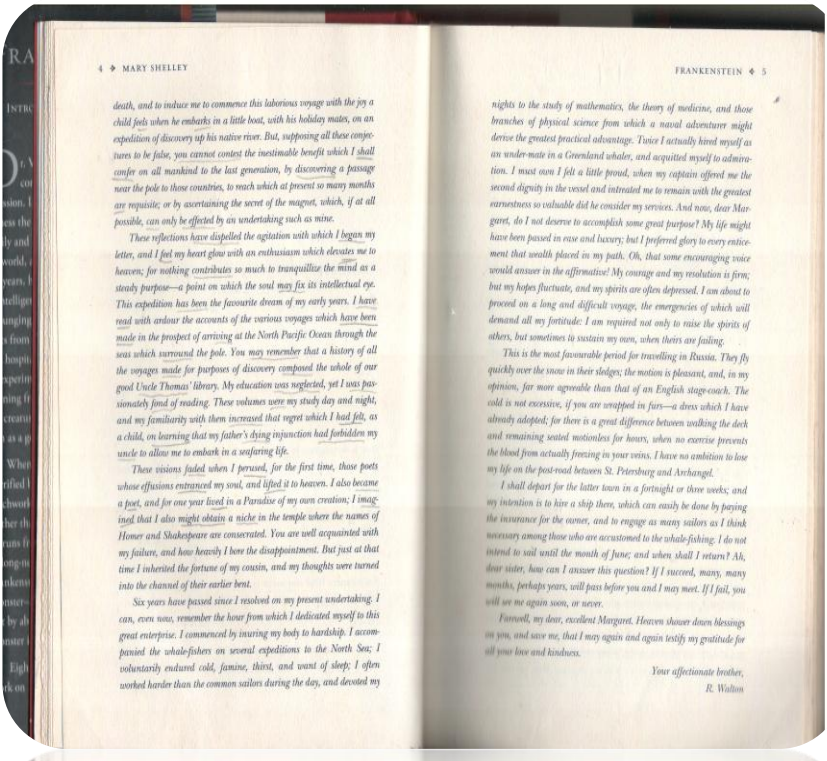
LETTER 1

To Mrs. Saville, England

St. Petersburg, Dec. 11th, 17—

You will rejoice to hear that no disaster has accompanied the commencement of an enterprise which you have regarded with such evil forebodings. I arrived here yesterday; and my first task is to assure my dear sister of my welfare, and increasing confidence in the success of my undertaking.

I am already far north of London; and as I walk in the streets of Petersburgh, I feel a cold northern breeze play upon my cheeks, which braces my nerves, and fills me with delight. Do you understand this feeling? This breeze, which has travelled from the regions towards which I am advancing, gives me a foretaste of those icy climes. Inspirited by this wind of promise, my daydreams become more fervent and vivid. I try in vain to be persuaded that the pole is the seat of frost and desolation; it ever presents itself to my imagination as the region of beauty and delight. There, Margaret, the sun is forever visible, its broad disk just skirting the horizon and diffusing a perpetual splendour. There—for with your leave, my sister, I will put some trust in preceding navigators—there snow and frost are banished; and, sailing over a calm sea, we may be wafted to a land surpassing in wonders and in beauty every region hitherto discovered on the habitable globe. Its productions and features may be without example, as the phenomena of the heavenly bodies undoubtedly are in those undiscovered solitudes. What may not be expected in a country of eternal light? I may there discover the wondrous power which attracts the needle; and may regulate a thousand celestial observations, that require only this voyage to render their seeming eccentricities consistent forever. I shall satiate my ardent curiosity with the sight of a part of the world never before visited, and may tread a land never before imprinted by the foot of man. These are my enticements, and they are sufficient to conquer all fear of danger or



death, and to induce me to commence this laborious voyage with the joy a child feels when he embarks in a little boat, with his holiday mates, on an expedition of discovery up his native river. But, supposing all these conjectures to be false, you cannot contest the inestimable benefit which I shall confer on all mankind to the last generation, by discovering a passage near the pole to those countries, to reach which at present so many months are requisite; or by ascertaining the secret of the magnet, which, if at all possible, can only be effected by an undertaking such as mine.

These reflections have dispelled the agitation with which I began my letter, and I feel my heart glow with an enthusiasm which elevates me to heaven; for nothing contributes so much to tranquillize the mind as a steady purpose—a point on which the soul may fix its intellectual eye. This expedition has been the favourite dream of my early years. I have read with ardour the accounts of the various voyages which have been made in the prospect of arriving at the North Pacific Ocean through the seas which surround the pole. You may remember that a history of all the voyages made for purposes of discovery composed the whole of our good Uncle Thomas' library. My education was neglected, yet I was passionately fond of reading. These volumes were my study day and night, and my familiarity with them increased that regret which I had felt, as a child, on learning that my father's dying injunction had forbidden my uncle to allow me to embark in a seafaring life.

These visions faded when I perused, for the first time, those poets whose effusions entranced my soul, and lifted it to heaven. I also became a poet, and for one year lived in a Paradise of my own creation; I imagined that I also might obtain a niche in the temple where the names of Homer and Shakespeare are consecrated. You are well acquainted with my failure, and how heavily I bore the disappointment. But just at that time I inherited the fortune of my cousin, and my thoughts were turned into the channel of their earlier bent.

Six years have passed since I resolved on my present undertaking. I can, even now, remember the hour from which I dedicated myself to this great enterprise. I commenced by inuring my body to hardship. I accompanied the whale-fishers on several expeditions to the North Sea; I voluntarily endured cold, famine, thirst, and want of sleep; I often worked harder than the common sailors during the day, and devoted my

nights to the study of mathematics, the theory of medicine, and those branches of physical science from which a naval adventurer might derive the greatest practical advantage. Twice I actually hired myself as an under-mate in a Greenland whaler, and acquitted myself to admiration. I must own I felt a little proud, when my captain offered me the second dignity in the vessel and intreated me to remain with the greatest earnestness so valuable did he consider my services. And now, dear Margaret, do I not deserve to accomplish some great purpose? My life might have been passed in ease and luxury; but I preferred glory to every enticement that wealth placed in my path. Oh, that some encouraging voice would answer in the affirmative! My courage and my resolution is firm; but my hopes fluctuate, and my spirits are often depressed. I am about to proceed on a long and difficult voyage, the emergencies of which will demand all my fortitude: I am required not only to raise the spirits of others, but sometimes to sustain my own, when theirs are failing.

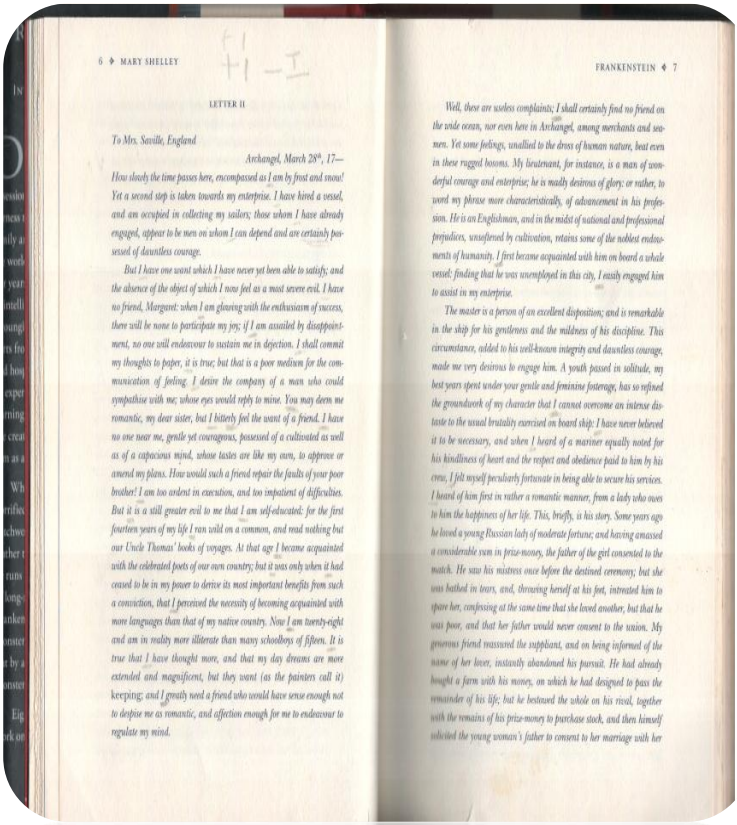
This is the most favourable period for travelling in Russia. They fly quickly over the snow in their sledges; the motion is pleasant, and, in my opinion, far more agreeable than that of an English stage-coach. The cold is not excessive, if you are wrapped in furs—a dress which I have already adopted; for there is a great difference between walking the deck and remaining seated motionless for hours, when no exercise prevents the blood from actually freezing in your veins. I have no ambition to lose my life on the post-road between St. Petersburg and Archangel.

I shall depart for the latter town in a fortnight or three weeks; and my intention is to hire a ship there, which can easily be done by paying the insurance for the owner, and to engage as many sailors as I think necessary among those who are accustomed to the whale-fishing. I do not intend to sail until the month of June; and when shall I return? Ah, dear sister, how can I answer this question? If I succeed, many, many months, perhaps years, will pass before you and I may meet. If I fail, you will see me again soon, or never.

Farewell, my dear, excellent Margaret. Heaven shower down blessings on you, and save me, that I may again and again testify my gratitude for all your love and kindness.

Your affectionate brother,
R. Walton

ANEXO 24 – CARTA 2 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP)



6 ♦ MARY SHELLEY

LETTER II

To Mrs. Saville, England

Archangel, March 28th, 17—

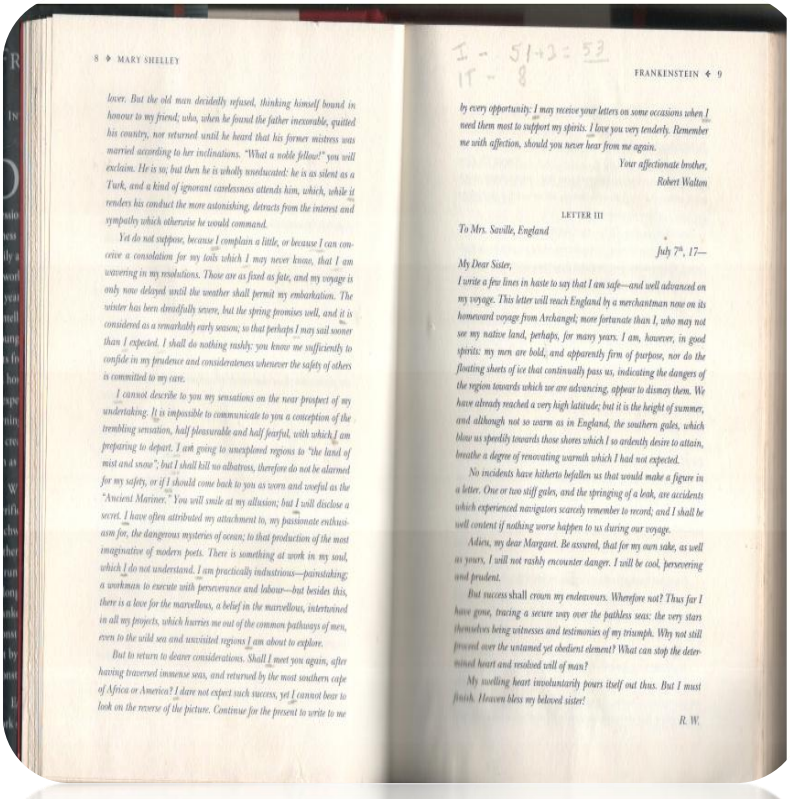
How slowly the time passes here, encompassed as I am by frost and snow! Yet a second step is taken towards my enterprise. I have hired a vessel, and am occupied in collecting my sailors; those whom I have already engaged, appear to be men on whom I can depend and are certainly possessed of dauntless courage.

But I have one want which I have never yet been able to satisfy; and the absence of the object of which I now feel as a most severe evil. I have no friend, Margaret: when I am glowing with the enthusiasm of success, there will be none to participate my joy; if I am assailed by disappointment, no one will endeavour to sustain me in dejection. I shall commit my thoughts to paper, it is true; but that is a poor medium for the communication of feeling. I desire the company of a man who could sympathise with me; whose eyes would reply to mine. You may deem me romantic, my dear sister, but I bitterly feel the want of a friend. I have no one near me, gentle yet courageous, possessed of a cultivated as well as of a capacious mind, whose tastes are like my own, to approve or amend my plans. How would such a friend repair the faults of your poor brother! I am too ardent in execution, and too impatient of difficulties. But it is a still greater evil to me that I am self-educated: for the first fourteen years of my life I ran wild on a common, and read nothing but our Uncle Thomas' books of voyages. At that age I became acquainted with the celebrated poets of our own country; but it was only when it had ceased to be in my power to derive its most important benefits from such a conviction, that I perceived the necessity of becoming acquainted with more languages than that of my native country. Now I am twenty-eight and am in reality more illiterate than many schoolboys of fifteen. It is true that I have thought more, and that my day dreams are more extended and magnificent, but they want (as the painters call it) keeping; and I greatly need a friend who would have sense enough not to despise me as romantic, and affection enough for me to endeavour to regulate my mind.

FRANKENSTEIN ♦ 7

Well, these are useless complaints; I shall certainly find no friend on the wide ocean, nor even here in Archangel, among merchants and seamen. Yet some feelings, unallied to the dross of human nature, beat even in these rugged bosoms. My lieutenant, for instance, is a man of wonderful courage and enterprise; he is madly desirous of glory: or rather, to word my phrase more characteristically, of advancement in his profession. He is an Englishman, and in the midst of national and professional prejudices, unsoftened by cultivation, retains some of the noblest endowments of humanity. I first became acquainted with him on board a whale vessel: finding that he was unemployed in this city, I easily engaged him to assist in my enterprise.

The master is a person of an excellent disposition, and is remarkable in the ship for his gentleness and the mildness of his discipline. This circumstance, added to his well-known integrity and dauntless courage, made me very desirous to engage him. A youth passed in solitude, my best years spent under your gentle and feminine fostership, has so refined the groundwork of my character that I cannot overcome an intense dislike to the usual brutality exercised on board ship: I have never believed it to be necessary, and when I heard of a mariner equally noted for his kindliness of heart and the respect and obedience paid to him by his crew, I felt myself peculiarly fortunate in being able to secure his services. I heard of him first in rather a romantic manner, from a lady who owes to him the happiness of her life. This, briefly, is his story. Some years ago he loved a young Russian lady of moderate fortune; and having amassed a considerable sum in prize-money, the father of the girl consented to the match. He saw his mistress once before the destined ceremony; but she was bathed in tears, and, throwing herself at his feet, entreated him to spare her, confessing at the same time that she loved another, but that he was poor, and that her father would never consent to the union. My generous friend reassured the suppliant, and on being informed of the name of her lover, instantly abandoned his pursuit. He had already bought a farm with his money, on which he had designed to pass the remainder of his life; but he bestowed the whole on his rival, together with the remains of his prize-money to purchase stock, and then himself solicited the young woman's father to consent to her marriage with her



lover. But the old man decidedly refused, thinking himself bound in honour to my friend; who, when he found the father inexorable, quitted his country, nor returned until he heard that his former mistress was married according to her inclinations. "What a noble fellow!" you will exclaim. He is so; but then he is wholly uneducated: he is as silent as a Turk, and a kind of ignorant carelessness attends him, which, while it renders his conduct the more astonishing, detracts from the interest and sympathy which otherwise he would command.

Yet do not suppose, because I complain a little, or because I can conceive a consolation for my toils which I may never know, that I am wavering in my resolutions. Those are as fixed as fate, and my voyage is only now delayed until the weather shall permit my embarkation. The winter has been dreadfully severe, but the spring promises well, and it is considered as a remarkably early season; so that perhaps I may sail sooner than I expected. I shall do nothing rashly: you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care.

I cannot describe to you my sensations on the near prospect of my undertaking. It is impossible to communicate to you a conception of the trembling sensation, half pleasurable and half fearful, with which I am preparing to depart. I am going to unexplored regions to "the land of mist and snow"; but I shall kill no albatross, therefore do not be alarmed for my safety, or if I should come back to you as worn and woeful as the "Ancient Mariner." You will smile at my allusion; but I will disclose a secret. I have often attributed my attachment to, my passionate enthusiasm for, the dangerous mysteries of ocean; to that production of the most imaginative of modern poets. There is something at work in my soul, which I do not understand. I am practically industrious—painstaking; a workman to execute with perseverance and labour—but besides this, there is a love for the marvellous, a belief in the marvellous, intertwined in all my projects, which hurries me out of the common pathways of men, even to the wild sea and unvisited regions I am about to explore.

But to return to dearer considerations. Shall I meet you again, after having traversed immense seas, and returned by the most southern cape of Africa or America? I dare not expect such success, yet I cannot bear to look on the reverse of the picture. Continue for the present to write to me

I - 51+3 = 53
IT - 8

by every opportunity: I may receive your letters on some occasions when I need them most to support my spirits. I love you very tenderly. Remember me with affection, should you never hear from me again.

Your affectionate brother,
Robert Walton

LETTER III

To Mrs. Saville, England

July 7th, 17—

My Dear Sister,

I write a few lines in haste to say that I am safe—and well advanced on my voyage. This letter will reach England by a merchantman now on its homeward voyage from Archangel; more fortunate than I, who may not see my native land, perhaps, for many years. I am, however, in good spirits: my men are bold, and apparently firm of purpose, nor do the floating sheets of ice that continually pass us, indicating the dangers of the region towards which we are advancing, appear to dismay them. We have already reached a very high latitude; but it is the height of summer, and although not so warm as in England, the southern gales, which blow us speedily towards those shores which I so ardently desire to attain, breathe a degree of renovating warmth which I had not expected.

No incidents have hitherto befallen us that would make a figure in a letter. One or two stiff gales, and the springing of a leak, are accidents which experienced navigators scarcely remember to record; and I shall be well content if nothing worse happen to us during our voyage.

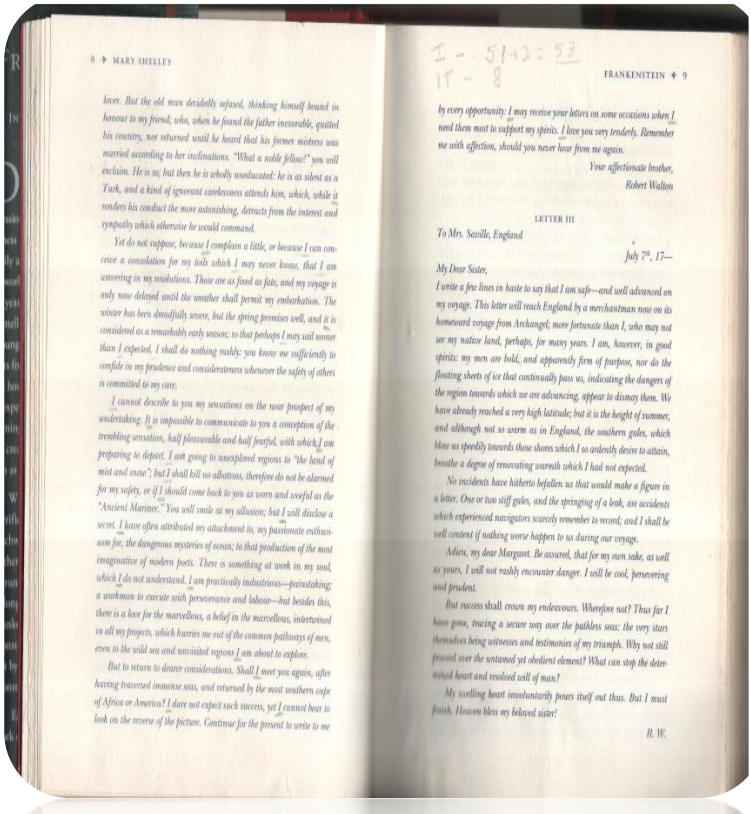
Adieu, my dear Margaret. Be assured, that for my own sake, as well as yours, I will not rashly encounter danger. I will be cool, persevering and prudent.

But success shall crown my endeavours. Wherefore not? Thus far I have gone, tracing a secure way over the pathless seas: the very stars themselves being witnesses and testimonies of my triumph. Why not still proceed over the untamed yet obedient element? What can stop the determined heart and resolved will of man?

My swelling heart involuntarily pours itself out thus. But I must finish. Heaven bless my beloved sister!

R. W.

ANEXO 25 – CARTA 3 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP)



8 ✦ MARY SHELLEY

lover. But the old man decidedly refused, thinking himself bound in honour to my friend; who, when he found the father inexorable, quitted his country, nor returned until he heard that his former mistress was married according to her inclinations. "What a noble fellow!" you will exclaim. He is so; but then he is wholly uneducated: he is as silent as a Turk, and a kind of ignorant carelessness attends him, which, while it renders his conduct the more astonishing, detracts from the interest and sympathy which otherwise he would command.

Yet do not suppose, because I complain a little, or because I can conceive a consolation for my toils which I may never know, that I am wavering in my resolutions. Those are as fixed as fate, and my voyage is only now delayed until the weather shall permit my embarkation. The winter has been dreadfully severe, but the spring promises well, and it is considered as a remarkably early season; so that perhaps I may sail sooner than I expected. I shall do nothing rashly: you know me sufficiently to confide in my prudence and considerateness whenever the safety of others is committed to my care.

I cannot describe to you my sensations on the near prospect of my undertaking. It is impossible to communicate to you a conception of the trembling sensation, half pleasurable and half fearful, with which I am preparing to depart. I am going to unexplored regions to "the land of mist and snow"; but I shall kill no albatross, therefore do not be alarmed for my safety, or if I should come back to you as worn and woeful as the "Ancient Mariner." You will smile at my allusion; but I will disclose a secret. I have often attributed my attachment to, my passionate enthusiasm for, the dangerous mysteries of ocean; to that production of the most imaginative of modern poets. There is something at work in my soul, which I do not understand. I am practically industrious—painstaking: a workman to execute with perseverance and labour—but besides this, there is a love for the marvellous, a belief in the marvellous, intertwined in all my projects, which hurries me out of the common pathways of men, even to the wild sea and unvisited regions I am about to explore.

But to return to dearer considerations. Shall I meet you again, after having traversed immense seas, and returned by the most southern cape of Africa or America? I dare not expect such success, yet I cannot bear to look on the reverse of the picture. Continue for the present to write to me

FRANKENSTEIN ✦ 9

by every opportunity: I may receive your letters on some occasions when I need them most to support my spirits. I love you very tenderly. Remember me with affection, should you never hear from me again.

Your affectionate brother,
Robert Walton

LETTER III

To Mrs. Saville, England

July 7th, 17—

My Dear Sister,

I write a few lines in haste to say that I am safe—and well advanced on my voyage. This letter will reach England by a merchantman now on its homeward voyage from Archangel; more fortunate than I, who may not see my native land, perhaps, for many years. I am, however, in good spirits: my men are bold, and apparently firm of purpose, nor do the floating sheets of ice that continually pass us, indicating the dangers of the region towards which we are advancing, appear to dismay them. We have already reached a very high latitude; but it is the height of summer, and although not so warm as in England, the southern gales, which blow us speedily towards those shores which I so ardently desire to attain, breathe a degree of renovating warmth which I had not expected.

No incidents have hitherto befallen us that would make a figure in a letter. One or two stiff gales, and the springing of a leak, are accidents which experienced navigators scarcely remember to record; and I shall be well content if nothing worse happen to us during our voyage.

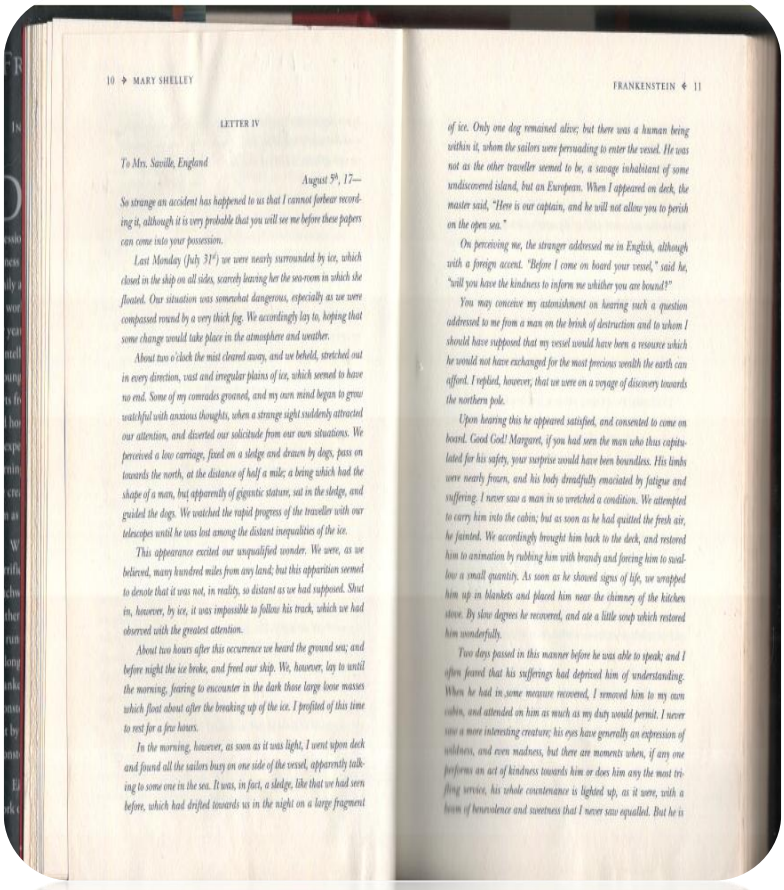
Adieu, my dear Margaret. Be assured, that for my own sake, as well as yours, I will not rashly encounter danger. I will be cool, persevering and prudent.

But success shall crown my endeavours. Wherefore not? Thus far I have gone, tracing a secure way over the pathless seas: the very stars themselves being witnesses and testimonies of my triumph. Why not still proceed over the untamed yet obedient element? What can stop the determined heart and resolved will of man?

My swelling heart involuntarily pours itself out thus. But I must finish. Heaven bless my beloved sister!

R. W.

ANEXO 26 – CARTA 4 DE *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY, EDIÇÃO DE 2012 (LP)



10 ✦ MARY SHELLEY

LETTER IV

To Mrs. Saville, England

August 5th, 17—

So strange an accident has happened to us that I cannot forbear recording it, although it is very probable that you will see me before these papers can come into your possession.

Last Monday (July 31st) we were nearly surrounded by ice, which closed in the ship on all sides, scarcely leaving her the sea-room in which she floated. Our situation was somewhat dangerous, especially as we were compassed round by a very thick fog. We accordingly lay to, hoping that some change would take place in the atmosphere and weather.

About two o'clock the mist cleared away, and we beheld, stretched out in every direction, vast and irregular plains of ice, which seemed to have no end. Some of my comrades groaned, and my own mind began to grow watchful with anxious thoughts, when a strange sight suddenly attracted our attention, and diverted our solicitude from our own situations. We perceived a low carriage, fixed on a sledge and drawn by dogs, pass on towards the north, at the distance of half a mile; a being which had the shape of a man, but apparently of gigantic stature, sat in the sledge, and guided the dogs. We watched the rapid progress of the traveller with our telescopes until he was lost among the distant inequalities of the ice.

This appearance excited our unqualified wonder. We were, as we believed, many hundred miles from any land; but this apparition seemed to denote that it was not, in reality, so distant as we had supposed. Shut in, however, by ice, it was impossible to follow his track, which we had observed with the greatest attention.

About two hours after this occurrence we heard the ground sea; and before night the ice broke, and freed our ship. We, however, lay to until the morning, fearing to encounter in the dark those large loose masses which float about after the breaking up of the ice. I profited of this time to rest for a few hours.

In the morning, however, as soon as it was light, I went upon deck and found all the sailors busy on one side of the vessel, apparently talking to some one in the sea. It was, in fact, a sledge, like that we had seen before, which had drifted towards us in the night on a large fragment

FRANKENSTEIN ✦ 11

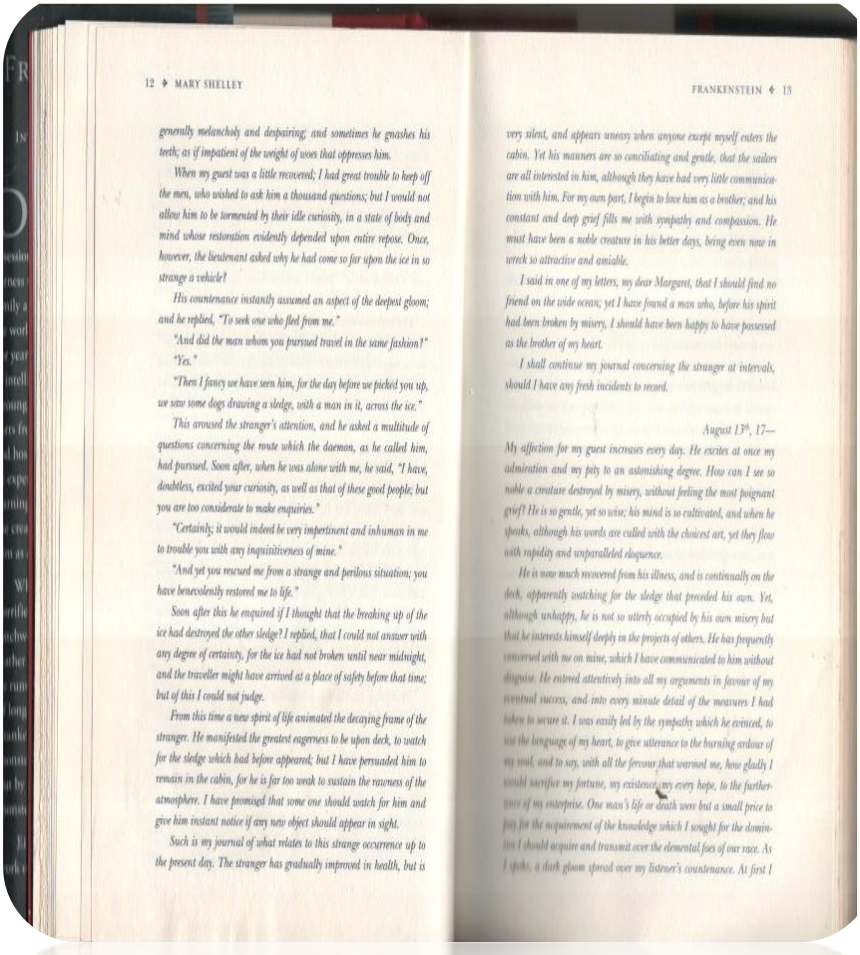
of ice. Only one dog remained alive; but there was a human being within it, whom the sailors were persuading to enter the vessel. He was not as the other traveller seemed to be, a savage inhabitant of some undiscovered island, but an European. When I appeared on deck, the master said, "Here is our captain, and he will not allow you to perish on the open sea."

On perceiving me, the stranger addressed me in English, although with a foreign accent. "Before I come on board your vessel," said he, "will you have the kindness to inform me whither you are bound?"

You may conceive my astonishment on hearing such a question addressed to me from a man on the brink of destruction and to whom I should have supposed that my vessel would have been a resource which he would not have exchanged for the most precious wealth the earth can afford. I replied, however, that we were on a voyage of discovery towards the northern pole.

Upon hearing this he appeared satisfied, and consented to come on board. Good God! Margaret, if you had seen the man who thus capitulated for his safety, your surprise would have been boundless. His limbs were nearly frozen, and his body dreadfully emaciated by fatigue and suffering. I never saw a man in so wretched a condition. We attempted to carry him into the cabin; but as soon as he had quitted the fresh air, he fainted. We accordingly brought him back to the deck, and restored him to animation by rubbing him with brandy and forcing him to swallow a small quantity. As soon as he showed signs of life, we wrapped him up in blankets and placed him near the chimney of the kitchen stove. By slow degrees he recovered, and ate a little soup which restored him wonderfully.

Two days passed in this manner before he was able to speak; and I often feared that his sufferings had deprived him of understanding. When he had in some measure recovered, I removed him to my own cabin, and attended on him as much as my duty would permit. I never saw a more interesting creature; his eyes have generally an expression of wildness, and even madness, but there are moments when, if any one performs an act of kindness towards him or does him any the most trifling service, his whole countenance is lighted up, as it were, with a beam of benevolence and sweetness that I never saw equalled. But he is



generally melancholy and despairing; and sometimes he gnashes his teeth, as if impatient of the weight of woes that oppresses him.

When my guest was a little recovered, I had great trouble to keep off the men, who wished to ask him a thousand questions; but I would not allow him to be tormented by their idle curiosity, in a state of body and mind whose restoration evidently depended upon entire repose. Once, however, the lieutenant asked why he had come so far upon the ice in so strange a vehicle?

His countenance instantly assumed an aspect of the deepest gloom; and he replied, "To seek one who fled from me."

"And did the man whom you pursued travel in the same fashion?"

"Yes."

"Then I fancy we have seen him, for the day before we picked you up, we saw some dogs drawing a sledge, with a man in it, across the ice."

This aroused the stranger's attention, and he asked a multitude of questions concerning the route which the daemon, as he called him, had pursued. Soon after, when he was alone with me, he said, "I have, doubtless, excited your curiosity, as well as that of these good people; but you are too considerate to make enquiries."

"Certainly; it would indeed be very impertinent and inhuman in me to trouble you with any inquisitiveness of mine."

"And yet you rescued me from a strange and perilous situation; you have benevolently restored me to life."

Soon after this he enquired if I thought that the breaking up of the ice had destroyed the other sledge? I replied, that I could not answer with any degree of certainty, for the ice had not broken until near midnight, and the traveller might have arrived at a place of safety before that time; but of this I could not judge.

From this time a new spirit of life animated the decaying frame of the stranger. He manifested the greatest eagerness to be upon deck, to watch for the sledge which had before appeared; but I have persuaded him to remain in the cabin, for he is far too weak to sustain the rawness of the atmosphere. I have promised that some one should watch for him and give him instant notice if any new object should appear in sight.

Such is my journal of what relates to this strange occurrence up to the present day. The stranger has gradually improved in health, but is

very silent, and appears uneasy when anyone except myself enters the cabin. Yet his manners are so conciliating and gentle, that the sailors are all interested in him, although they have had very little communication with him. For my own part, I begin to love him as a brother; and his constant and deep grief fills me with sympathy and compassion. He must have been a noble creature in his better days, being even now in wreck so attractive and amiable.

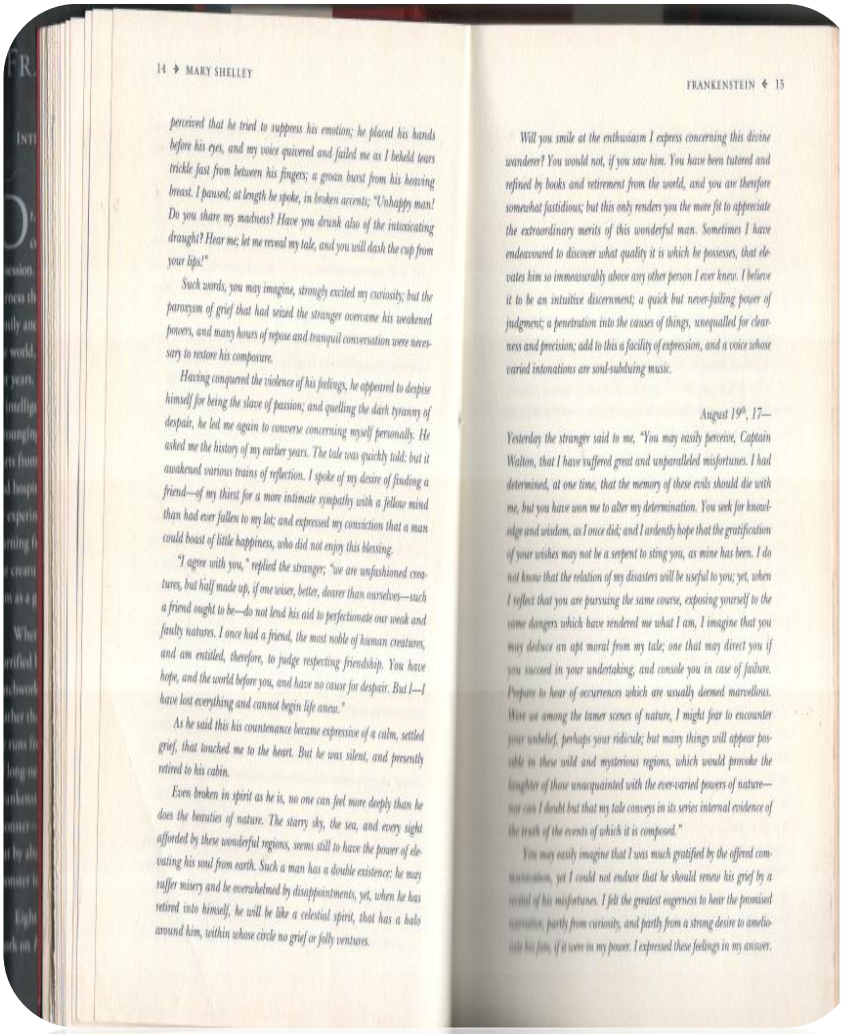
I said in one of my letters, my dear Margaret, that I should find no friend on the wide ocean; yet I have found a man who, before his spirit had been broken by misery, I should have been happy to have possessed as the brother of my heart.

I shall continue my journal concerning the stranger at intervals, should I have any fresh incidents to record.

August 13th, 17—

My affection for my guest increases every day. He excites at once my admiration and my pity to an astonishing degree. How can I see so noble a creature destroyed by misery, without feeling the most poignant grief? He is so gentle, yet so wise; his mind is so cultivated, and when he speaks, although his words are culled with the choicest art, yet they flow with rapidity and unparalleled eloquence.

He is now much recovered from his illness, and is continually on the deck, apparently watching for the sledge that preceded his own. Yet, although unhappy, he is not so utterly occupied by his own misery but that he interests himself deeply in the projects of others. He has frequently conversed with me on mine, which I have communicated to him without disguise. He entered attentively into all my arguments in favour of my eventual success, and into every minute detail of the measures I had taken to secure it. I was easily led by the sympathy which he evinced, to use the language of my heart, to give utterance to the burning ardour of my soul, and to say, with all the fervour that warmed me, how gladly I would sacrifice my fortune, my existence, my every hope, to the furtherance of my enterprise. One man's life or death were but a small price to pay for the acquirement of the knowledge which I sought for the dominion I should acquire and transmit over the elemental foes of our race. As I spoke, a dark gloom spread over my listener's countenance. At first I



perceived that he tried to suppress his emotion; he placed his hands before his eyes, and my voice quivered and failed me as I beheld tears trickle fast from between his fingers; a groan burst from his heaving breast. I paused; at length he spoke, in broken accents; "Unhappy man! Do you share my madness? Have you drunk also of the intoxicating draught? Hear me; let me reveal my tale, and you will dash the cup from your lips!"

Such words, you may imagine, strongly excited my curiosity; but the paroxysm of grief that had seized the stranger overcame his weakened powers, and many hours of repose and tranquil conversation were necessary to restore his composure.

Having conquered the violence of his feelings, he appeared to despise himself for being the slave of passion; and quelling the dark tyranny of despair, he led me again to converse concerning myself personally. He asked me the history of my earlier years. The tale was quickly told: but it awakened various trains of reflection. I spoke of my desire of finding a friend—of my thirst for a more intimate sympathy with a fellow mind than had ever fallen to my lot; and expressed my conviction that a man could boast of little happiness, who did not enjoy this blessing.

"I agree with you," replied the stranger; "we are unfashioned creatures, but half made up, if one wiser, better, dearer than ourselves—such a friend ought to be—do not lend his aid to perfectionate our weak and faulty natures. I once had a friend, the most noble of human creatures, and am entitled, therefore, to judge respecting friendship. You have hope, and the world before you, and have no cause for despair. But I—I have lost everything and cannot begin life anew."

As he said this his countenance became expressive of a calm, settled grief, that touched me to the heart. But he was silent, and presently retired to his cabin.

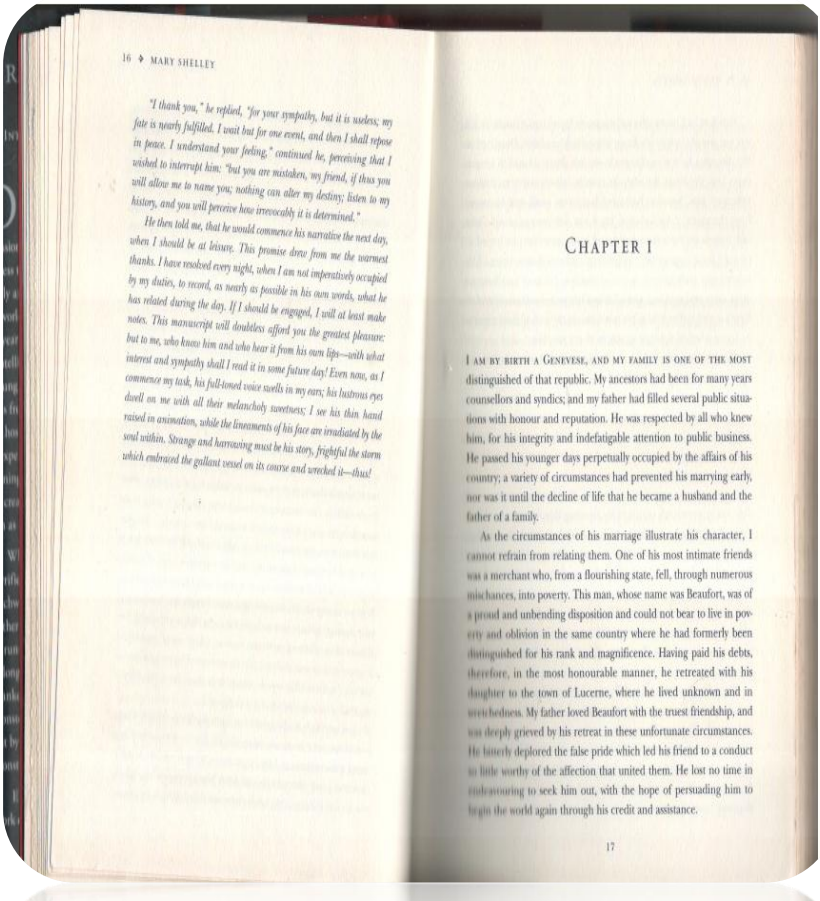
Even broken in spirit as he is, no one can feel more deeply than he does the beauties of nature. The starry sky, the sea, and every sight afforded by these wonderful regions, seems still to have the power of elevating his soul from earth. Such a man has a double existence: he may suffer misery and be overwhelmed by disappointments, yet, when he has retired into himself, he will be like a celestial spirit, that has a halo around him, within whose circle no grief or folly ventures.

Will you smile at the enthusiasm I express concerning this divine wanderer? You would not, if you saw him. You have been tutored and refined by books and retirement from the world, and you are therefore somewhat fastidious; but this only renders you the more fit to appreciate the extraordinary merits of this wonderful man. Sometimes I have endeavoured to discover what quality it is which he possesses, that elevates him so immeasurably above any other person I ever knew. I believe it to be an intuitive discernment; a quick but never-failing power of judgment; a penetration into the causes of things, unequalled for clearness and precision; add to this a facility of expression, and a voice whose varied intonations are soul-subduing music.

August 19th, 17—

Yesterday the stranger said to me, "You may easily perceive, Captain Walton, that I have suffered great and unparalleled misfortunes. I had determined, at one time, that the memory of these evils should die with me, but you have won me to alter my determination. You seek for knowledge and wisdom, as I once did; and I ardently hope that the gratification of your wishes may not be a serpent to sting you, as mine has been. I do not know that the relation of my disasters will be useful to you; yet, when I reflect that you are pursuing the same course, exposing yourself to the same dangers which have rendered me what I am, I imagine that you may deduce an apt moral from my tale; one that may direct you if you succeed in your undertaking, and console you in case of failure. Prepare to hear of occurrences which are usually deemed marvellous. Were we among the tamer scenes of nature, I might fear to encounter your unbelief, perhaps your ridicule; but many things will appear possible in these wild and mysterious regions, which would provoke the laughter of those unacquainted with the ever-varied powers of nature—nor can I doubt but that my tale conveys in its series internal evidence of the truth of the events of which it is composed."

You may easily imagine that I was much gratified by the offered communication, yet I could not endure that he should renew his grief by a recital of his misfortunes. I felt the greatest eagerness to hear the promised narrative, partly from curiosity, and partly from a strong desire to ameliorate his fate, if it were in my power. I expressed these feelings in my answer.



"I thank you," he replied, "for your sympathy, but it is useless; my fate is nearly fulfilled. I wait but for one event, and then I shall repose in peace. I understand your feeling," continued he, perceiving that I wished to interrupt him: "but you are mistaken, my friend, if thus you will allow me to name you; nothing can alter my destiny; listen to my history, and you will perceive how irrevocably it is determined."

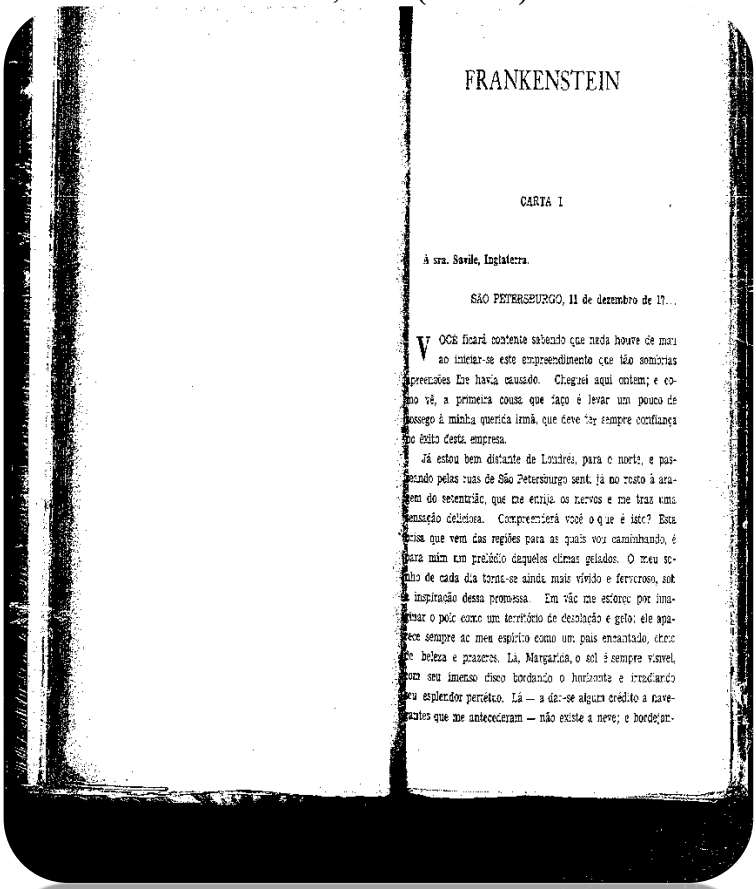
He then told me, that he would commence his narrative the next day, when I should be at leisure. This promise drew from me the warmest thanks. I have resolved every night, when I am not imperatively occupied by my duties, to record, as nearly as possible in his own words, what he has related during the day. If I should be engaged, I will at least make notes. This manuscript will doubtless afford you the greatest pleasure: but to me, who know him and who hear it from his own lips—with what interest and sympathy shall I read it in some future day! Even now, as I commence my task, his full-toned voice swells in my ears; his lustrous eyes dwell on me with all their melancholy sweetness; I see his thin hand raised in animation, while the lineaments of his face are irradiated by the soul within. Strange and harrowing must be his story, frightful the storm which embraced the gallant vessel on its course and wrecked it—thus!

CHAPTER 1

I AM BY BIRTH A GENEVESE, AND MY FAMILY IS ONE OF THE MOST distinguished of that republic. My ancestors had been for many years counsellors and syndics; and my father had filled several public situations with honour and reputation. He was respected by all who knew him, for his integrity and indefatigable attention to public business. He passed his younger days perpetually occupied by the affairs of his country; a variety of circumstances had prevented his marrying early, nor was it until the decline of life that he became a husband and the father of a family.

As the circumstances of his marriage illustrate his character, I cannot refrain from relating them. One of his most intimate friends was a merchant who, from a flourishing state, fell, through numerous mischances, into poverty. This man, whose name was Beaufort, was of a proud and unbending disposition and could not bear to live in poverty and oblivion in the same country where he had formerly been distinguished for his rank and magnificence. Having paid his debts, therefore, in the most honourable manner, he retreated with his daughter to the town of Lucerne, where he lived unknown and in wretchedness. My father loved Beaufort with the truest friendship, and was deeply grieved by his retreat in these unfortunate circumstances. He bitterly deplored the false pride which led his friend to a conduct so little worthy of the affection that united them. He lost no time in endeavouring to seek him out, with the hope of persuading him to begin the world again through his credit and assistance.

ANEXO 27 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C1 – T1)



FRANKENSTEIN

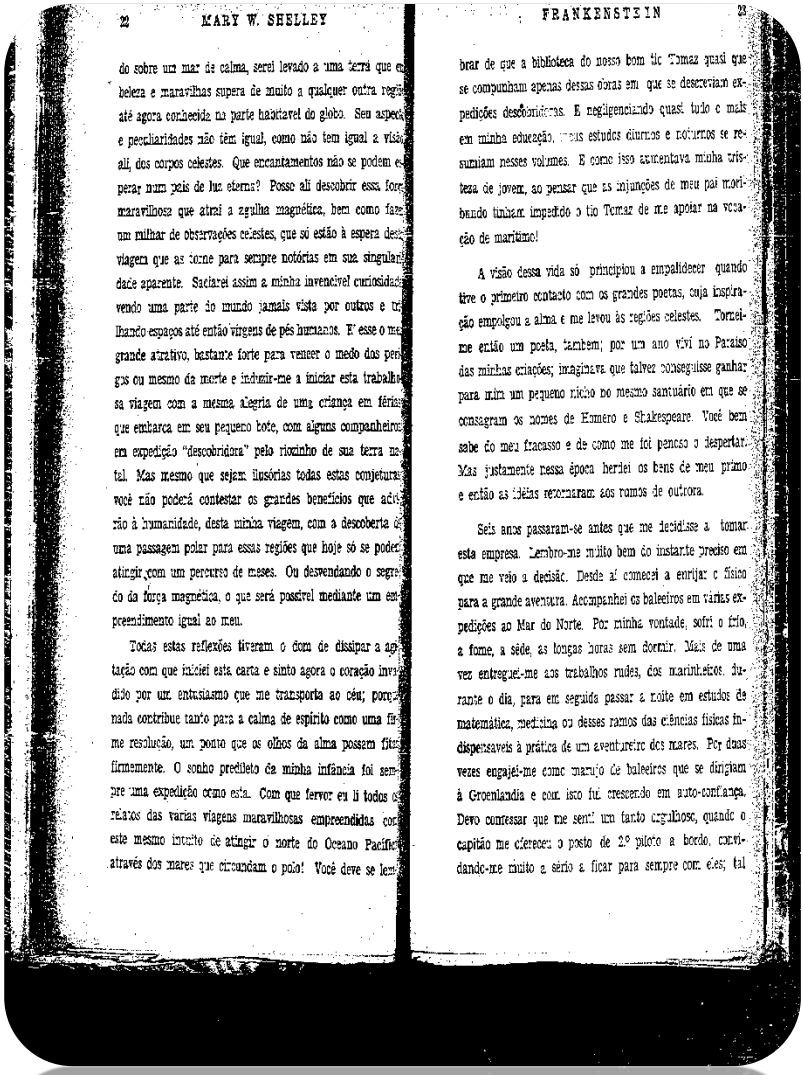
CARTA I

À sra. Savile, Inglaterra.

SÃO PETERSBURGO, 11 de dezembro de 17...

VOCÊ ficará contente sabendo que nada houve de mau ao iniciar-se este empreendimento que tão sombrias apreensões lhe havia causado. Cheguei aqui ontem; e como vê, a primeira coisa que faço é levar um pouco de consolo à minha querida irmã, que deve ter sempre confiança no êxito desta empresa.

Já estou bem distante de Londres, para o norte, e passando pelas ruas de São Petersburgo sent. já no rosto a aragem do setentrião, que me enche os nervos e me traz uma sensação deliciosa. Compreenderá você o que é isto? Esta brisa que vem das regiões para as quais vou caminhando, é para mim um prelúdio daqueles climas gelados. O meu sonho de cada dia torna-se ainda mais vívido e ferveroso, sob a inspiração dessa promessa. Em vão me esforço por imaginar o polo como um território de desolação e gelo; ele aparece sempre ao meu espírito como um país encantado, cheio de beleza e prazeres. Lá, Margarida, o sol é sempre visível, com seu imenso disco bordando o horizonte e irradiando seu esplendor perpétuo. Lá — a dar-se algum crédito a navegantes que me antecederam — não existe a neve; e borde(pr-

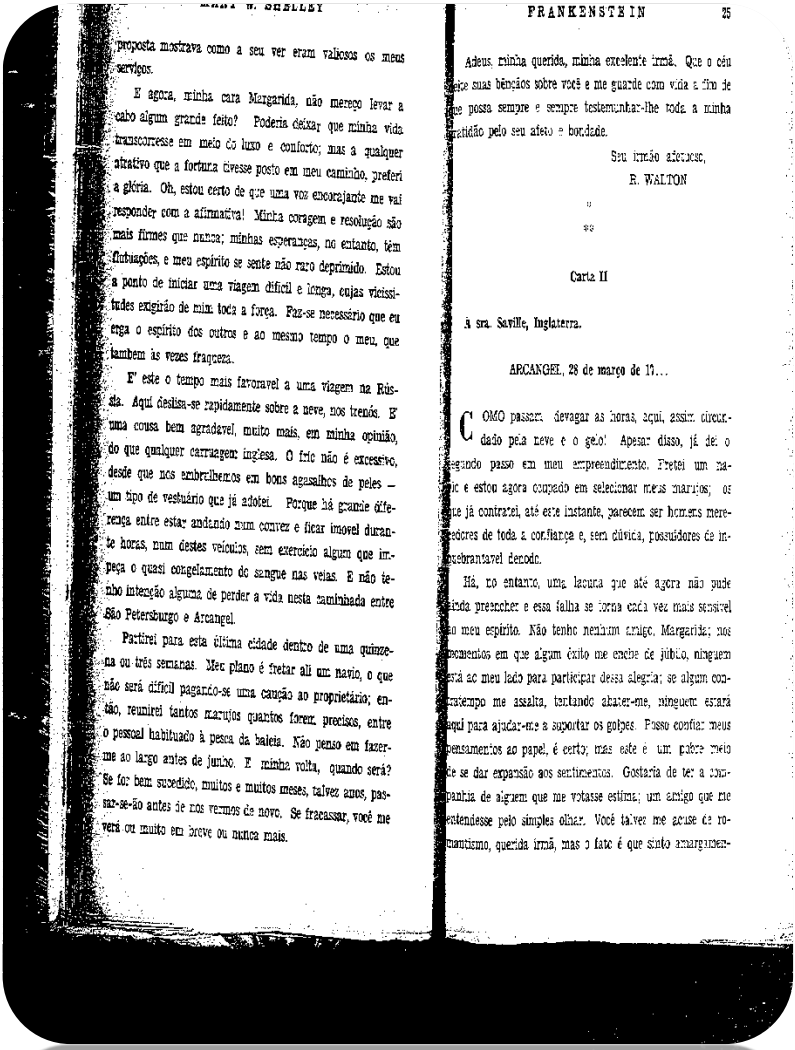


do sobre um mar de calma, serei levado a uma terra que em beleza e maravilhas supera de muito a qualquer outra região até agora conhecida na parte habitável do globo. Seu aspecto e peculiaridades não têm igual, como não tem igual a visão ali, dos corpos celestes. Que encantamentos não se podem esperar num país de luz eterna? Posso ali descobrir essa força maravilhosa que atrai a agulha magnética, bem como fazer um milhar de observações celestes, que só estão à espera de uma viagem que as torne para sempre notórias em sua singularidade aparente. Saciarei assim a minha invencível curiosidade, vendo uma parte do mundo jamais vista por outros e trilhando espaços até então virgens de pés humanos. E esse o meu grande atrativo, bastante forte para vencer o medo dos perigos ou mesmo da morte e induzir-me a iniciar esta trabalhosa viagem com a mesma alegria de uma criança em férias que embarca em seu pequeno bote, com alguns companheiros, em expedição "descobridora" pelo riozinho de sua terra natal. Mas mesmo que sejam ilusórias todas estas conjeturas, você não poderá contestar os grandes benefícios que acrescerão à humanidade, desta minha viagem, com a descoberta de uma passagem polar para essas regiões que hoje só se podem atingir com um percurso de meses. Ou desvendando o segredo da força magnética, o que será possível mediante um empreendimento igual ao meu.

Todas estas reflexões fizeram o dom de dissipar a apreensão com que iniciei esta carta e sinto agora o coração invadido por um entusiasmo que me transporta ao céu; porque nada contribue tanto para a calma de espírito como uma firme resolução, um ponto que os olhos da alma possam fitar firmemente. O sonho predileto da minha infância foi sempre uma expedição como esta. Com que fervor eu li todos os relatos das varias viagens maravilhosas empreendidas com este mesmo intuito de atingir o norte do Oceano Pacífico através dos mares que circundam o polo! Você deve se lembrar de que a biblioteca do nosso bom tio Tomaz quasi que se compunham apenas dessas obras em que se descreviam expedições descobridoras. E negligenciando quasi tudo o mais em minha educação, meus estudos diurnos e noturnos se resumiam nesses volumes. E como isso aumentava minha tristeza de jovem, ao pensar que as injunções de meu pai moribundo tinham impedido o tio Tomaz de me apoiar na vocação de marinheiro!

A visão dessa vida só principiou a empalidecer quando tive o primeiro contacto com os grandes poetas, cuja inspiração empolgou a alma e me levou às regiões celestes. Tornei-me então um poeta, também; por um ano vivi no Paraíso das minhas criações; imaginava que talvez conseguisse ganhar para mim um pequeno nicho no mesmo santuário em que se consagram os nomes de Homero e Shakespeare. Você bem sabe do meu fracasso e de como me foi penoso o despertar. Mas justamente nessa época herdei os bens de meu primo e então as idéias retomaram aos rumos de outrora.

Seis anos passaram-se antes que me decidisse a tomar esta empresa. Lembro-me muito bem do instante preciso em que me veio a decisão. Desde aí comecei a enrijar o físico para a grande aventura. Acompanhei os baleeiros em várias expedições ao Mar do Norte. Por minha vontade, sofri o frio, a fome, a sede, as longas horas sem dormir. Mais de uma vez entreguei-me aos trabalhos rudes, dos marinheiros, durante o dia, para em seguida passar a noite em estudos de matemática, medicina ou desses ramos das ciências físicas indispensáveis à prática de um aventureiro dos mares. Por duas vezes engajei-me como marujo de baleeiros que se dirigiam à Groenlandia e com isso fui crescendo em auto-confiança. Devo confessar que me senti um tanto orgulhoso, quando o capitão me ofereceu o posto de 2º piloto a bordo, convidando-me muito a sério a ficar para sempre com eles; tal



proposta mostrava como a seu ver eram valiosos os meus serviços.

E agora, minha cara Margarida, não mereço levar a cabo algum grande feito? Poderia deixar que minha vida transcorresse em meio do luxo e conforto; mas a qualquer atrativo que a fortuna tivesse posto em meu caminho, preferi a glória. Oh, estou certo de que uma voz encorajante me vai responder com a afirmativa! Minha coragem e resolução são mais firmes que nunca; minhas esperanças, no entanto, têm flutuações, e meu espírito se sente não raro deprimido. Estou a ponto de iniciar uma viagem difícil e longa, cujas vicissitudes exigirão de mim toda a força. Faz-se necessário que eu erga o espírito dos outros e ao mesmo tempo o meu, que lambem às vezes fraqueza.

E' este o tempo mais favoravel a uma viagem na Rússia. Aqui deslisa-se rapidamente sobre a neve, nos trenós. E' uma coisa bem agradavel, muito mais, em minha opinião, do que qualquer carriagem inglesa. O frio não é excessivo, desde que nos embrulhemos em bons agasalhos de peles — um tipo de vestuário que já adotei. Porque há grande diferença entre estar andando num corrver e ficar imovel durante horas, num destes veículos, sem exercício algum que impeça o quasi congelamento do sangue nas veias. E não tenho intenção alguma de perder a vida nesta caminhada entre São Petersburgo e Arcangel.

Partirei para esta última cidade dentro de uma quinzena ou três semanas. Meu plano é fretar ali um navio, o que não será difícil pagando-se uma caução ao proprietário; então, reunirei tantos marujos quantos forem precisos, entre o pessoal habituado à pesca da baleia. Não penso em fazer-me ao largo antes de junho. E minha volta, quando será? Se for bem sucedido, muitos e muitos meses, talvez anos, passar-se-ão antes de nos vermos de novo. Se fracassar, você me verá ou muito em breve ou nunca mais.

Adeus, minha querida, minha excelente irmã. Que o céu derrame suas bênçãos sobre você e me guarde com vida a fim de que possa sempre e sempre testemunhar-lhe toda a minha gratidão pelo seu afeto e bondade.

Seu irmão afetuoso,
R. WALTON

*
**

Carta II

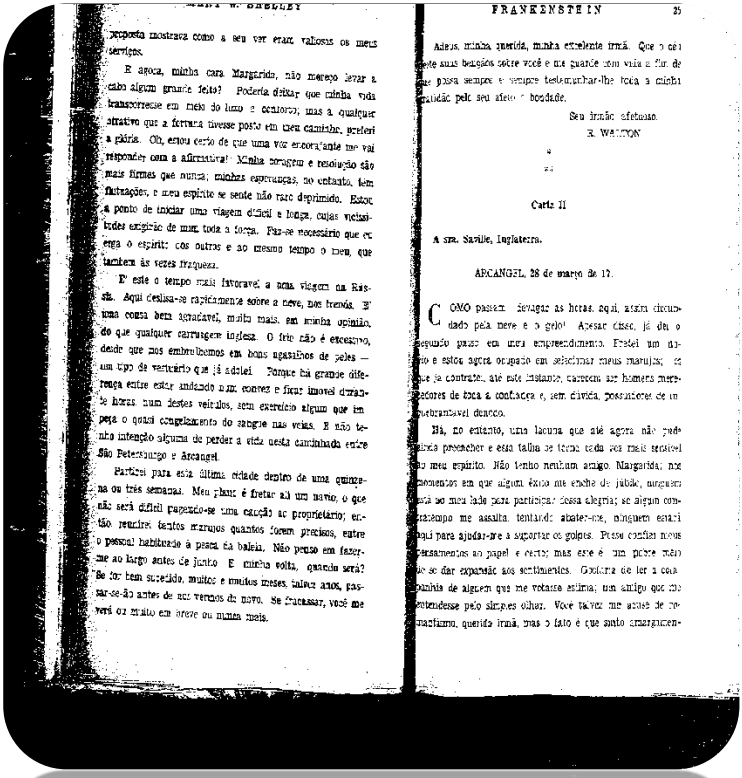
A sra. Saville, Inglaterra.

ARCANGEL, 28 de março de 17...

COMO passam devagar as horas, aqui, assim cercado pela neve e o gelo! Apesar disso, já deu o segundo passo em meu empreendimento. Fretei um navio e estou agora ocupado em selecionar meus marujos; os que já contratei, até este instante, parecem ser homens merecedores de toda a confiança e, sem dúvida, possuidores de inexcedrantavel decoão.

Há, no entanto, uma lacuna que até agora não pude ainda preencher e essa falha se torna cada vez mais sensível ao meu espírito. Não tenho nenhum amigo, Margarida; nos momentos em que algum êxito me enche de júbilo, ninguem virá ao meu lado para participar dessa alegria; se algum contratempo me assalta, tentando abater-me, ninguem estará aqui para ajudar-me a suportar os golpes. Posso confiar meus pensamentos ao papel, é certo; mas este é um pobre meio de se dar expansão aos sentimentos. Gostaria de ter a companhia de alguem que me votasse estima; um amigo que me entendesse pelo simples olhar. Você talvez me acuse de romantismo, querida irmã, mas o fato é que sinto amargamen-

ANEXO 28 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C2 – T1)



MARY W. SHELLEY

proposta mostrava como a seu ver eram valiosos os meus serviços.

E agora, minha cara Margarida, não mereço levar a cabo algum grande feito? Poderia deixar que minha vida transcorresse em meio do luxo e conforto; mas a qualquer atrativo que a fortuna tivesse posto em meu caminho, preferi a glória. Oh, estou certo de que uma voz encorajante me vai responder com a afirmativa! Minha coragem e resolução são mais firmes que nunca; minhas esperanças, no entanto, têm flutuações, e meu espírito se sente não raro deprimido. Estou a ponto de iniciar uma viagem difícil e longa, cujas vicissitudes exigirão de mim toda a força. Faz-se necessário que eu erga o espírito dos outros e ao mesmo tempo o meu, que também às vezes fraqueza.

E' este o tempo mais favorável a uma viagem na Rússia. Aqui deslisa-se rapidamente sobre a neve, nos trenós. E' uma coisa bem agradável, muito mais, em minha opinião, do que qualquer carruagem inglesa. O frio não é excessivo, desde que nos embrulhemos em bons agasalhos de peles — um tipo de vestuário que já adotei. Porque há grande diferença entre estar andando num convez e ficar imóvel durante horas num destes veículos, sem exercício algum que impeça o quasi congelamento do sangue nas veias. E não tenho intenção alguma de perder a vida nesta caminhada entre São Petersburgo e Arcangel.

Partirei para esta última cidade dentro de uma quinzena ou três semanas. Meu plano é fretar ali um navio, o que não será difícil pagando-se uma caução ao proprietário; então, reunirei tantos marujos quantos forem precisos, entre o pessoal habituado à pesca da baleia. Não penso em fazer-me ao largo antes de junho. E minha volta, quando será? Se for bem sucedido, muitos e muitos meses, talvez anos, passar-se-ão antes de nos vermos de novo. Se fracassar, você me verá ou muito em breve ou nunca mais.

FRANKENSTEIN 25

Adeus, minha querida, minha excelente irmã. Que o céu deste suas bençãos sobre você e me guarde com vida a fim de que possa sempre e sempre testemunhar-lhe toda a minha gratidão pelo seu afeto e bondade.

Seu irmão afetuoso.

R. WALTON

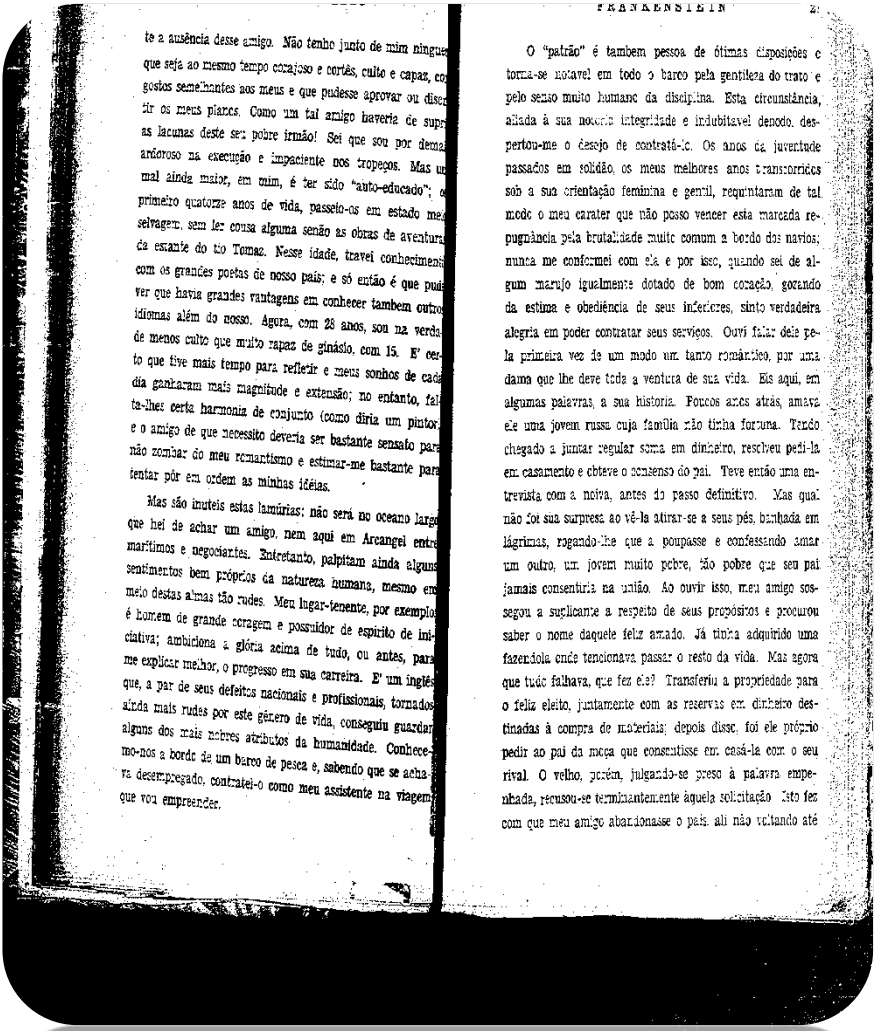
Carta II

A sra. Saville, Inglaterra.

ARCANGEL, 28 de março de 17.

COMO passam devagar as horas, aqui, assim circundado pela neve e o gelo! Apesar disso, já dei o segundo passo em meu empreendimento. Fretei um navio e estou agora ocupado em selecionar meus marujos; os que já contratei, até este instante, parecem ser homens merecedores de toda a confiança e, sem dúvida, possuidores de inquebrantável denodo.

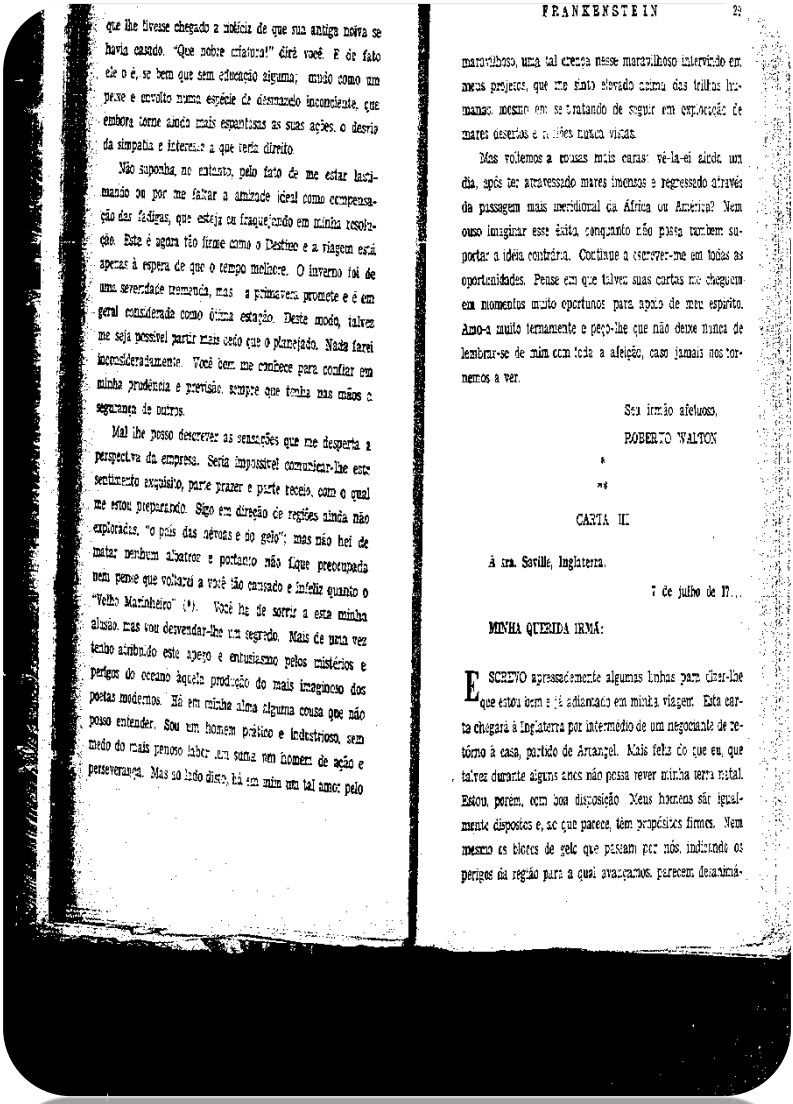
Há, no entanto, uma lacuna que até agora não pude ainda preencher e essa falha se torna cada vez mais sensível ao meu espírito. Não tenho nenhum amigo, Margarida; nos momentos em que algum êxito me enche de júbilo, ninguém está ao meu lado para participar dessa alegria; se algum contratempo me assalta, tentando abater-me, ninguém estará aqui para ajudar-me a suportar os golpes. Posso confiar meus pensamentos ao papel e certo; mas este é um pobre meio de se dar expansão aos sentimentos. Gostaria de ter a companhia de alguem que me votasse estima; um amigo que me entendesse pelo simples olhar. Você talvez me acuse de romantismo, querida irmã, mas o fato é que sinto amargamen-



te a ausência desse amigo. Não tenho junto de mim ningue
que seja ao mesmo tempo corajoso e cortês, culto e capaz, co
gostos semelhantes aos meus e que pudesse aprovar ou disc
tir os meus planos. Como um tal amigo haveria de supr
as lacunas deste ser pobre irmão! Sei que sou por demas
anhoroso na execução e impaciente nos tropeços. Mas u
mal ainda maior, em mim, é ter sido "auto-educado"; o
primeiro quatorze anos de vida, passeio-os em estado me
selvagem, sem ler coisa alguma senão as obras de aventura
da estante do tio Tomaz. Nesse idade, travei conhecimen
com os grandes poetas de nosso país; e só então é que pud
ver que havia grandes vantagens em conhecer tambem outro
idiomas além do nosso. Agora, com 28 anos, sou na verda
de menos culto que muito rapaz de ginásio, com 15. E' cer
to que tive mais tempo para refletir e meus sonhos de cad
dia ganharam mais magnitude e extensão; no entanto, fal
te-lhes certa harmonia de conjunto (como diria um pintor
e o amigo de que necessito deveria ser bastante sensato para
não zombar do meu romantismo e estimar-me bastante para
tentar pôr em ordem as minhas idéias.

Mas são inuteis estas lamurias; não será no oceano largo
que hei de achar um amigo, nem aqui em Arcangel entre
marítimos e negociantes. Entretanto, palpitam ainda alguns
sentimentos bem próprios da natureza humana, mesmo em
meio destas almas tão rudes. Meu lugar-tenente, por exemplo
é homem de grande coragem e possuidor de espírito de ini
ciativa; ambiciona a glória acima de tudo, ou antes, para
me explicar melhor, o progresso em sua carreira. E' um inglês
que, a par de seus defeitos nacionais e profissionais, tornados
ainda mais rudes por este género de vida, conseguiu guardar
alguns dos mais nobres atributos da humanidade. Conhece-
mo-nos a bordo de um barco de pesca e, sabendo que se acha-
va desempregado, contratei-o como meu assistente na viagem
que vou empreender.

O "patrão" é tambem pessoa de ótimas disposições e torna-se notavel em todo o barco pela gentileza do trato e pelo senso muito humano da disciplina. Esta circunstância, aliada à sua notoria integridade e indubitavel denodo, despertou-me o desejo de contratá-lo. Os anos da juventude passados em solidão, os meus melhores anos transcorridos sob a sua orientação feminina e gentil, requintaram de tal modo o meu caráter que não posso vencer esta marcada repugnância pela brutalidade muito comum a bordo dos navios; nunca me conformei com ela e por isso, quando sei de algum marujo igualmente dotado de bom coração, gozando da estima e obediência de seus inferiores, sinto verdadeira alegria em poder contratar seus serviços. Ouvi falar dele pela primeira vez de um modo um tanto romântico, por uma dama que lhe deve tôda a ventura de sua vida. Eis aqui, em algumas palavras, a sua história. Poucos anos atrás, amava ele uma jovem russa cuja família não tinha fortuna. Tendo chegado a juntar regular soma em dinheiro, resolveu pedi-la em casamento e obteve o consenso do pai. Teve então uma entrevista com a noiva, antes do passo definitivo. Mas qual não foi sua surpresa ao vê-la atirar-se a seus pés, banhada em lágrimas, rogando-lhe que a poupasse e confessando amar um outro, um jovem muito pobre, tão pobre que seu pai jamais consentiria na união. Ao ouvir isso, meu amigo sossegou a suplicante a respeito de seus propósitos e procurou saber o nome daquele feliz amado. Já tinha adquirido uma fazendola onde tencionava passar o resto da vida. Mas agora que tudo falhava, que fez ele? Transferiu a propriedade para o feliz eleito, juntamente com as reservas em dinheiro destinadas à compra de materiais; depois disso, foi ele próprio pedir ao pai da moça que consentisse em casá-la com o seu rival. O velho, porém, julgando-se preso à palavra empenhada, recusou-se terminantemente àquela solicitação. Isto fez com que meu amigo abandonasse o país, ali não voltando até



que lhe tivesse chegado a notícia de que sua antiga noiva se havia casado. "Que nobre criatura!" dirá você. E de fato ele o é, se bem que sem educação alguma; muito como um peixe é enrolto numa espécie de desmazelo inconsciente, que embora torne ainda mais espantosas as suas ações, o desvia da simpatia e interesse a que teria direito.

Não suponha, no entanto, pelo fato de me estar lastimando ou por me faltar a amizade ideal como compensação das fadigas, que esteja eu fraquejando em minha resolução. Este é agora tão firme como o Destino e a viagem está apenas à espera de que o tempo melhore. O inverno foi de uma severidade incomum, mas a primavera promete e é em geral considerada como ótima estação. Deste modo, talvez me seja possível partir mais cedo que o planejado. Nada farei inconsideradamente. Você bem me conhece para confiar em minha prudência e previsão, sempre que tenha nas mãos a segurança de outros.

Mal lhe posso descrever as sensações que me desperta a perspectiva da empresa. Seria impossível comunicar-lhe este sentimento exquisito, parte prazer e parte receio, com o qual me estou preparando. Sigo em direção de regiões ainda não exploradas, "o país das névoas e do gelo"; mas não hei de matar nenhum albatroz e portanto não fique preocupada nem pense que voltarei a você tão cansado e infeliz quanto o "Velho Marinheiro" (*). Você há de sorrir a esta minha alusão, mas vou desvendar-lhe um segredo. Mais de uma vez tenho atribuído este ajeito e entusiasmo pelos mistérios e perigos do oceano àquela produção do mais imaginoso dos poetas modernos. Há em minha alma alguma coisa que não posso entender. Sou um homem prático e industrioso, sem medo do mais penoso labor em suma um homem de ação e perseverança. Mas ao lado disso, há em mim um tal amor pelo

maravilhoso, uma tal crença nesse maravilhoso intervindo em meus projetos, que me sinto elevado acima das trilhas humanas mesmo em se tratando de seguir em exploração de mares desertos e regiões nunca vistas.

Mas voltemos a coisas mais caras: vê-la-ei ainda um dia, após ter atravessado mares imensos e regressado através da passagem mais meridional da África ou América? Nem ouso imaginar este êxito, conquanto não possa também suportar a idéia contrária. Continue a escrever-me em todas as oportunidades. Pense em que talvez suas cartas me cheguem em momentos muito oportunos para apoio de meu espírito. Amo-a muito ternamente e peço-lhe que não deixe nunca de lembrar-se de mim com toda a afeição, caso jamais nos tornemos a ver.

Seu irmão afetuoso,

ROBERTO WALTON

CARTA II

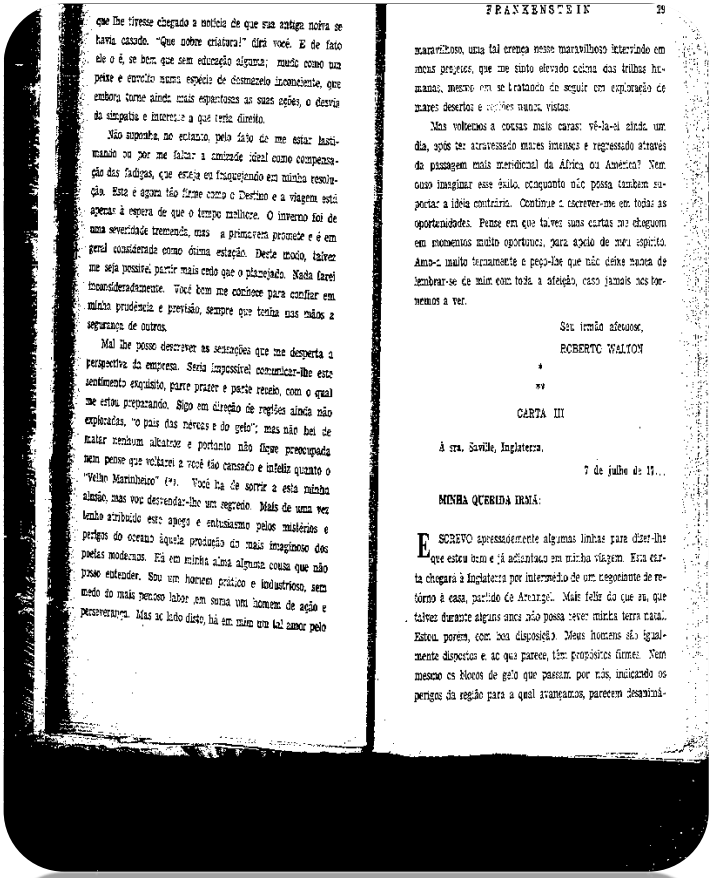
À sra. Saville, Inglaterra.

7 de julho de 17...

MINHA QUERIDA IRMÃ:

ESCREVO apressadamente algumas linhas para dizer-lhe que estou bem e já adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra por intermédio de um negociante de retorno à casa, partido de Arcanjel. Mais feliz do que eu, que talvez durante alguns anos não possa rever minha terra natal. Estou, porém, com boa disposição. Meus homens são igualmente dispostos e, ao que parece, têm propósitos firmes. Nem mesmo os blocos de gelo que passam por nós, indicando os perigos da região para a qual avançamos, parecem desanimá-

ANEXO 29 – – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C3 – T1)



que lhe tivesse chegado a notícia de que sua antiga noiva se havia casado. "Que nobre criatura!" dirá você. E de fato ele o é, se bem que sem educação alguma; muito como um peixe é enrolo numa espécie de desmazelo inconsciente, que embora torne ainda mais espantosas as suas ações, o desvia da simpatia e interesse a que teria direito.

Não suponha, no entanto, pelo fato de me estar lastimando ou por me falhar a amizade ideal como compensação das fadigas, que esteja em traquejando em minha resolução. Esta é agora tão firme como o Destino e a viagem está apenas à espera de que o tempo melhore. O inverno foi de uma severidade tremenda, mas a primavera promete e é em geral considerada como ótima estação. Deste modo, talvez me seja possível partir mais cedo que o planejado. Nada farei inconsideradamente. Você bem me conhece para confiar em minha prudência e previsão, sempre que tenha sua mãos a segurança de outros.

Mal lhe posso descrever as sensações que me desperta a perspectiva da empresa. Seria impossível comunicar-lhe este sentimento exquisito, parte prazer e parte receio, com o qual me estou preparando. Sigo em direção de regiões ainda não exploradas, "o país das neves e do gelo"; mas não hei de matar nenhum albatroz e portanto não fique preocupada nem pense que voltarei a você tão cansado e infeliz quanto o "Velho Marinheiro" (*). Você há de sorrir a esta minha alusão, mas vou desvendar-lhe um segredo. Mais de uma vez tenho atribuído este apego e entusiasmo pelos mistérios e perigos do oceano àquela produção do mais imaginoso dos poetas modernos. Eu em minha alma alguma coisa que não posso entender. Sou um homem prático e industrioso, sem medo do mais penoso labor em suma um homem de ação e perseverança. Mas ao lado disto, há em mim um tal amor pelo

maravilhoso, uma tal crença nesse maravilhoso intervindo em meus projetos, que me sinto elevado acima das trilhas humanas, mesmo em se tratando de seguir em exploração de mares desertos e regiões nunca vistas.

Mas voltemos a coisas mais caras: vê-la-ei ainda um dia, após ter atravessado mares intensos e regressado através da passagem mais meridional da África ou América? Nem ouso imaginar esse êxito, enquanto não possa também suportar a idéia contrária. Continue a escrever-me em todas as oportunidades. Pense em que talvez suas cartas me cheguem em momentos muito oportunos, para apoio de meu espírito. Ama-a muito ternamente e peço-lhe que não deixe nunca de lembrar-se de mim com toda a afeição, caso jamais nos tornemos a ver.

Seu irmão afetuoso,

ROBERTO WALTON

*

**

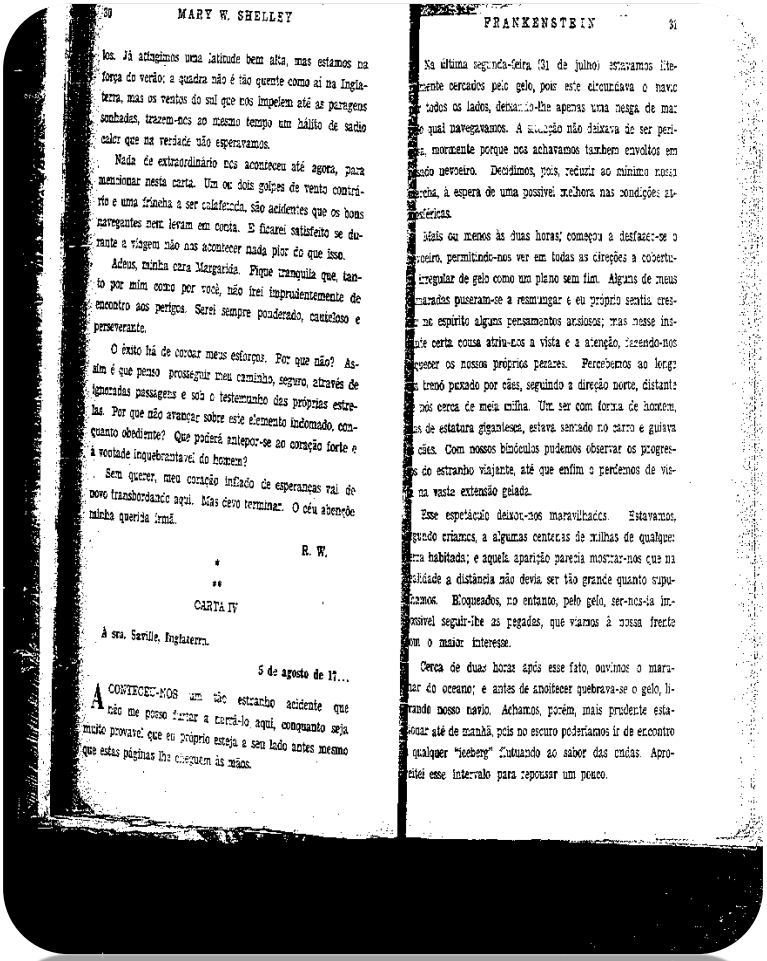
CARTA III

À sra. Saville, Inglaterra.

7 de julho de 17...

MINHA QUERIDA IRMÃ:

ESCREVO apressadamente algumas linhas para dizer-lhe que estou bem e já adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra por intermédio de um negociante de retorno à casa, partido de Arcanjo. Mais feliz do que eu, que talvez durante alguns anos não possa rever minha terra natal. Estou, porém, com boa disposição. Meus homens são igualmente dispostos e ao que parece, têm propósitos firmes. Nem mesmo os blocos de gelo que passam por nós, indicando os perigos da região para a qual avançamos, parecem desanimá-



los. Já atingimos uma latitude bem alta, mas estamos na força do verão: a quadra não é tão quente como aí na Inglaterra, mas os ventos do sul que nos impelem até as paragens sonhadas, trazem-nos ao mesmo tempo um hálito de sadio calor que na verdade não esperávamos.

Nada de extraordinário nos aconteceu até agora, para mencionar nesta carta. Um ou dois golpes de vento contrário e uma friagem a ser calafetada, são acidentes que os bons navegantes nem levam em conta. E ficarei satisfeito se durante a viagem não nos acontecer nada pior do que isso.

Adeus, minha cara Margarida. Fique tranquila que, tanto por mim como por você, não irei imprudentemente de encontro aos perigos. Serei sempre ponderado, cauteloso e perseverante.

O êxito há de coroar meus esforços. Por que não? Assim é que penso prosseguir meu caminho, seguro, através de ignoradas passagens e sob o testemunho das próprias estrelas. Por que não avançar sobre este elemento indomado, conquanto obediente? Que poderá antepor-se ao coração forte e à vontade inquebrantável do homem?

Sem querer, meu coração inflado de esperanças vai de novo transbordando aqui. Mas devo terminar. O céu abençoe minha querida irmã.

R. W.

*

**

CARTA IV

À sra. Saville, Inglaterra.

5 de agosto de 17...

ACONTECEU-NOS um tão estranho acidente que não me posso furtar a contá-lo aqui, conquanto seja muito provável que eu próprio esteja a seu lado antes mesmo que estas páginas lhe cheguem às mãos.

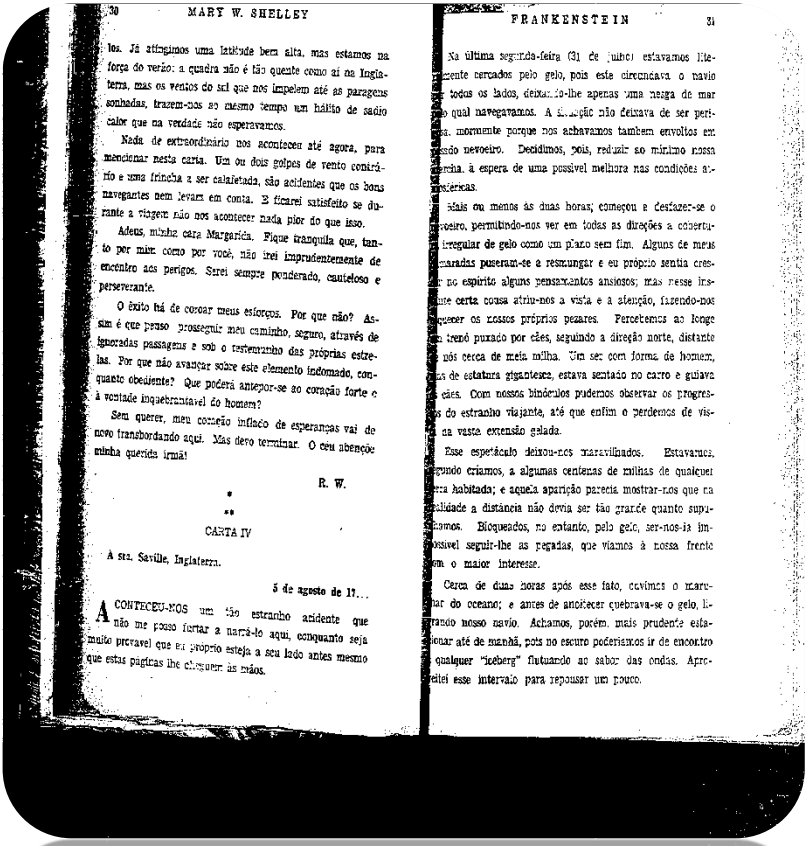
Na última segunda-feira (31 de julho) estávamos inteiramente cercados pelo gelo, pois este circundava o navio por todos os lados, deixando-lhe apenas uma pequena de mar na qual navegávamos. A situação não deixava de ser perigosa, mormente porque nos achávamos também envolvidos em grande nevoeiro. Decidimos, pois, reduzir ao mínimo nossa derrota, à espera de uma possível melhora nas condições atmosféricas.

Mais ou menos às duas horas, começou a desfazer-se o nevoeiro, permitindo-nos ver em todas as direções a cobertura irregular de gelo como um plano sem fim. Alguns de meus camaradas puseram-se a resmungar e eu próprio sentia crescer no espírito alguns pensamentos ansiosos; mas nesse instante certa coisa atiçou-nos a vista e a atenção, fazendo-nos esquecer os nossos próprios pesares. Percebemos ao longe um trenó puxado por cães, seguindo a direção norte, distante de nós cerca de meia milha. Um ser com forma de homem, mas de estatura gigantesca, estava sentado no carro e guiava os cães. Com nossos binóculos pudemos observar os progressos do estranho viajante, até que enfim o perdemos de vista na vasta extensão gelada.

Esse espetáculo deixou-nos maravilhados. Estávamos, segundo criamos, a algumas centenas de milhas de qualquer terra habitada; e aquela aparição parecia mostrar-nos que na realidade a distância não devia ser tão grande quanto supuséramos. Bloqueados, no entanto, pelo gelo, ser-nos-ia impossível seguir-lhe as pegadas, que víamos à nossa frente com o maior interesse.

Cerca de duas horas após esse fato, ouvimos o marulhar do oceano; e antes de anoitecer quebrava-se o gelo, libertando nosso navio. Achamos, porém, mais prudente estacionar até de manhã, pois no escuro poderíamos ir de encontro a qualquer "iceberg" flutuando ao sabor das ondas. Aproveitei esse intervalo para repousar um pouco.

ANEXO 30 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR CAIO JARDIM, 1957. (C4 – T1)



30 MARY W. SHELLEY

los. Já atingimos uma latitude bem alta, mas estamos na força do verão: a quadra não é tão quente como aí na Inglaterra, mas os ventos do sul que nos impelem até as paragens sonhadas, trazem-nos ao mesmo tempo um hálito de sadio calor que na verdade não esperávamos.

Nada de extraordinário nos aconteceu até agora, para mencionar nesta carta. Um ou dois golpes de vento contrário e uma friagem a ser calafetada, são acidentes que os bons navegantes nem levam em conta. E ficarei satisfeito se durante a viagem não nos acontecer nada pior do que isso.

Adeus, minha cara Margarida. Fique tranquila que, tanto por mim como por você, não irei imprudentemente de encontro aos perigos. Serei sempre ponderado, cauteloso e perseverante.

O êxito há de coroar meus esforços. Por que não? Assim é que penso prosseguir meu caminho, seguro, através de ignoradas passagens e sob o resplendor das próprias estrelas. Por que não avançar sobre este elemento indomado, conquanto obediente? Que poderá antepor-se ao coração forte e à vontade inquebrantável do homem?

Sem querer, meu coração inflado de esperanças vai de novo transbordando aqui. Mas devo terminar. O céu abençoe minha querida irmã!

R. W.

*
**

CARTA IV

À sra. Saville, Inglaterra.

5 de agosto de 17...

ACONTECEU-NOS um tão estranho acidente que não me posso furtar a narrá-lo aqui, conquanto seja muito provável que ele próprio esteja a seu lado antes mesmo que estas páginas lhe cheguem às mãos.

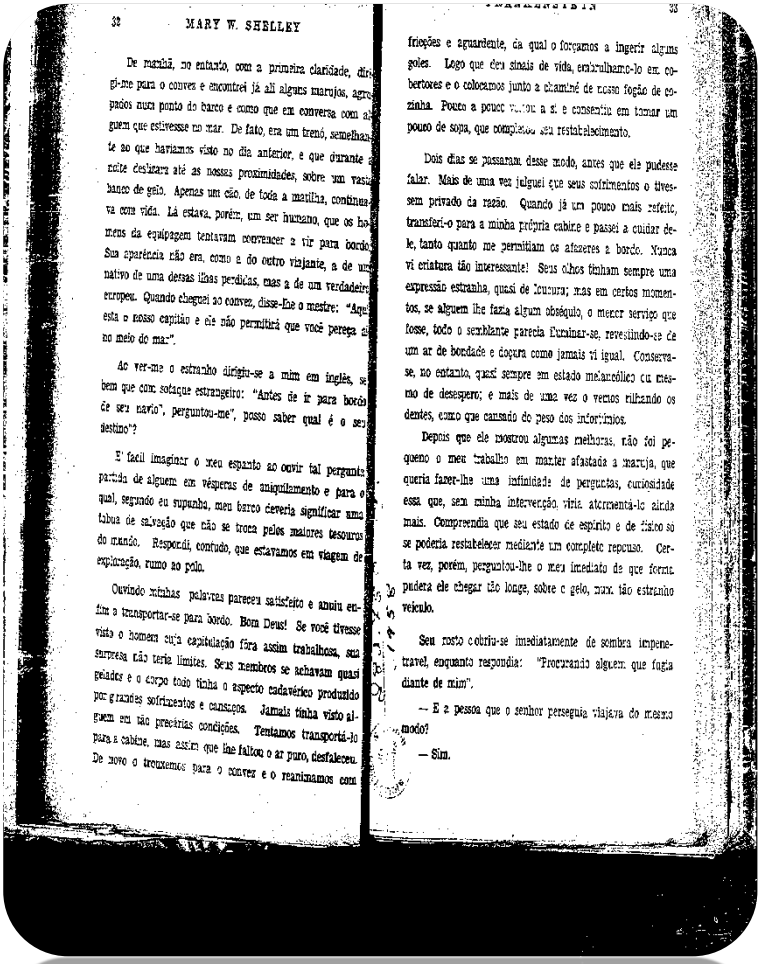
FRANKENSTEIN 31

Na última segunda-feira (31 de julho) estávamos literalmente cercados pelo gelo, pois este circundava o navio por todos os lados, deixando-lhe apenas uma nesga de mar pela qual navegávamos. A situação não deixava de ser perigosa, mormente porque nos achávamos também envoltos em espesso nevoeiro. Decidimos, pois, reduzir ao mínimo nossa marcha, à espera de uma possível melhora nas condições atmosféricas.

Mais ou menos às duas horas, começou a desfazer-se o nevoeiro, permitindo-nos ver em todas as direções a costa irregular de gelo como um prado sem fim. Alguns de meus camaradas puseram-se a resmungar e eu próprio sentia crescer no espírito alguns pensamentos ansiosos; mas nesse instante certa coisa atriu-nos a vista e a atenção, fazendo-nos esquecer os nossos próprios pezares. Percebemos ao longe um trenó puxado por cães, seguindo a direção norte, distante de nós cerca de meia milha. Um ser com forma de homem, mas de estatura gigantesca, estava sentado no carro e guiava os cães. Com nossos binóculos pudemos observar os progressos do estranho viajante, até que enfim o perdemos de vista na vasta extensão gelada.

Esse espetáculo deixou-nos maravilhados. Estávamos, segundo criamos, a algumas centenas de milhas de qualquer terra habitada; e aquela aparição parecia mostrar-nos que na realidade a distância não devia ser tão grande quanto supusemos. Bloqueados, no entanto, pelo gelo, ser-nos-ia impossível seguir-lhe as pegadas, que víamos à nossa frente com o maior interesse.

Cerca de duas horas após esse fato, ouvimos o marulhar do oceano; e antes de anoitecer quebrava-se o gelo, libertando nosso navio. Achamos, porém, mais prudente estacionar até de manhã, pois no escuro poderíamos ir de encontro a qualquer "iceberg" flutuando ao sabor das ondas. Aproveitei esse intervalo para repousar um pouco.



32 MARY W. SHELLEY

De manhã, no entanto, com a primeira claridade, dirigi-me para o convés e encontrei já ali alguns marujos, agrupados num ponto do barco e como que em conversa com alguem que estivesse no mar. De fato, era um trenó, semelhante ao que havíamos visto no dia anterior, e que durante a noite deslizara até as nossas proximidades, sobre um vasto banco de gelo. Apenas um cão, de toda a matilha, continuava com vida. Lá estava, porém, um ser humano, que os homens da equipagem tentavam convencer a vir para bordo. Sua aparência não era, como a do outro viajante, a de um nativo de uma dessas ilhas perdidas, mas a de um verdadeiro europeu. Quando cheguei ao convés, disse-lhe o mestre: "Aqui está o nosso capitão e ele não permitirá que você pereça aí no meio do mar".

Ao ver-me o estranho dirigiu-se a mim em inglês, se bem que com sotaque estrangeiro: "Antes de ir para bordo de seu navio", perguntou-me", posso saber qual é o seu destino"?

É fácil imaginar o meu espanto ao ouvir tal pergunta partida de alguem em vésperas de aniquilamento e para o qual, segundo eu supunha, meu barco deveria significar uma tábua de salvação que não se troca pelos maiores tesouros do mundo. Respondi, confuso, que estavamos em viagem de exploração, rumo ao polo.

Ouvindo minhas palavras pareceu satisfeito e anuiu enfim a transportar-se para bordo. Bom Deus! Se você tivesse visto o homem cuja capitulação fôra assim trabalhosa, sua surpresa não teria limites. Seus membros se achavam quase gelados e o corpo todo tinha o aspecto cadavérico produzido por grandes sofrimentos e cansaços. Jamais tinha visto alguem em tão precárias condições. Tentamos transportá-lo para a cabine, mas assim que lhe faltou o ar puro, desfaleceu. De novo o trouxemos para o convez e o reanimamos com fricções e aguardente, da qual o forçamos a ingerir alguns goles. Logo que deu sinais de vida, embrulhamo-lo em cobertores e o colocamos junto a chaminé de nosso fogão de cozinha. Pouco a pouco voltou a si e consentiu em tomar um pouco de sopa, que completou seu restabelecimento.

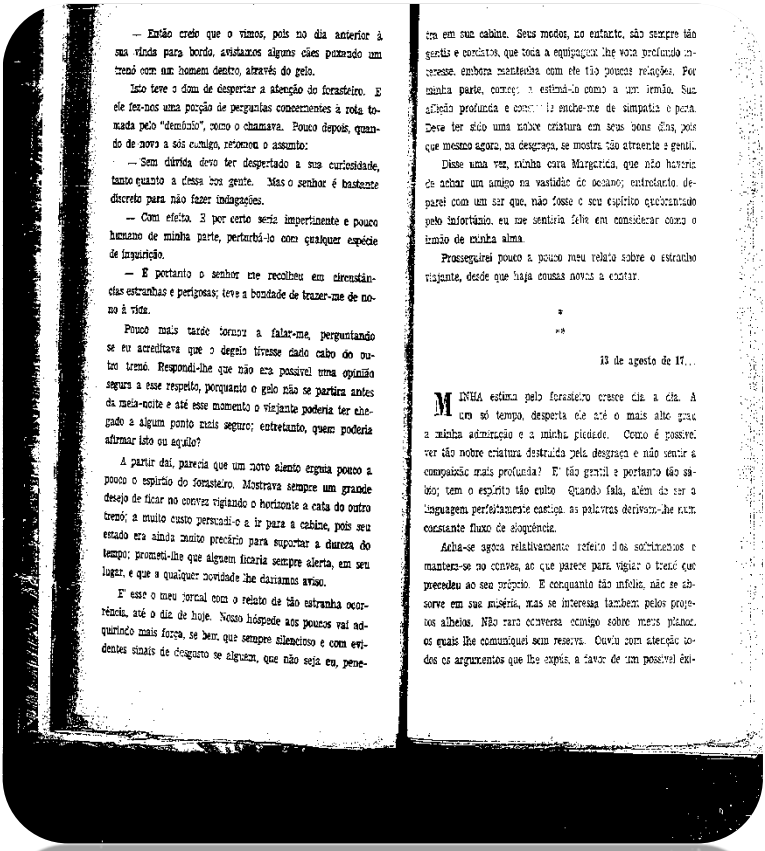
Dois dias se passaram desse modo, antes que ele pudesse falar. Mais de uma vez julguei que seus sofrimentos o tivessem privado da razão. Quando já um pouco mais refeito, transferi-o para a minha própria cabine e passei a cuidar dele, tanto quanto me permitiam os afazeres a bordo. Nunca vi criatura tão interessante! Seus olhos tinham sempre uma expressão estranha, quasi de loucura; mas em certos momentos, se alguem lhe fazia algum obséquio, o menor serviço que fosse, todo o semblante parecia iluminar-se, revestindo-se de um ar de bondade e doçura como jamais vi igual. Conservava-se, no entanto, quasi sempre em estado melancólico ou mesmo de desespero; e mais de uma vez o vemos rilhando os dentes, como que cansado do peso dos infortúnios.

Depois que ele mostrou algumas melhoras, não foi pequeno o meu trabalho em manter afastada a marujada, que queria fazer-lhe uma infinidade de perguntas, curiosidade essa que, sem minha intervenção, viria atormentá-lo ainda mais. Compreendia que seu estado de espírito e de físico só se poderia restabelecer mediante um completo repouso. Certa vez, porém, perguntou-lhe o meu imediato de que forma pudera ele chegar tão longe, sobre o gelo, num tão estranho veículo.

Seu rosto cobriu-se imediatamente de sombra impenetravel, enquanto respondia: "Procurando alguem que fugia diante de mim".

— E a pessoa que o senhor perseguia viajava do mesmo modo?

— Sim.



— Então creio que o vimos, pois no dia anterior à sua vinda para bordo, avistamos alguns cães puxando um trenó com um homem dentro, através do gelo.

Isto teve o dom de despertar a atenção do forasteiro. E ele fez-nos uma porção de perguntas concernentes à rota tomada pelo "demônio", como o chamava. Pouco depois, quando de novo a sós comigo, retomou o assunto:

— Sem dúvida deve ter despertado a sua curiosidade, tanto quanto a dessa boa gente. Mas o senhor é bastante discreto para não fazer indagações.

— Com efeito. E por certo seria impertinente e pouco humano de minha parte, perturbá-lo com qualquer espécie de inquirição.

— E portanto o senhor me recolheu em circunstâncias estranhas e perigosas; teve a bondade de trazer-me de novo à vida.

Pouco mais tarde tornou a falar-me, perguntando se eu acreditava que o degelo tivesse dado cabo do outro trenó. Respondi-lhe que não era possível uma opinião segura a esse respeito, porquanto o gelo não se partira antes da meia-noite e até esse momento o viajante poderia ter chegado a algum ponto mais seguro; entretanto, quem poderia afirmar isto ou aquilo?

A partir daí, pareceu que um novo alento ergueu pouco a pouco o espírito do forasteiro. Mostrava sempre um grande desejo de ficar no convés, vigiando o horizonte a cata do outro trenó; a muito custo persuadi-o a ir para a cabine, pois seu estado era ainda muito precário para suportar a dureza do tempo; prometi-lhe que alguem ficaria sempre alerta, em seu lugar, e que a qualquer novidade lhe daríamos aviso.

E' esse o meu jornal com o relato de tão estranha ocorrência, até o dia de hoje. Nosso hóspede aos poucos vai adquirindo mais força, se bem que sempre silencioso e com evidentes sinais de desgosto se alguem, que não seja eu, penetra em sua cabine. Seus modos, no entanto, são sempre tão gentis e corteses, que toda a equipagem lhe vota profundo interesse, embora mantenha com ele tão poucas relações. Por minha parte, começo a estimá-lo como a um irmão. Sua afeição profunda e comovedora enche-me de simpatia e pena. Deve ter sido uma nobre criatura em seus bons dias, pois que mesmo agora, na desgraça, se mostra tão atraente e gentil.

Disse uma vez, minha cara Margarida, que não haveria de achar um amigo na vastidão do oceano; entretanto, deparei com um ser que, não fosse o seu espírito quebrantado pelo infortúnio, eu me sentiria feliz em considerar como o irmão de minha alma.

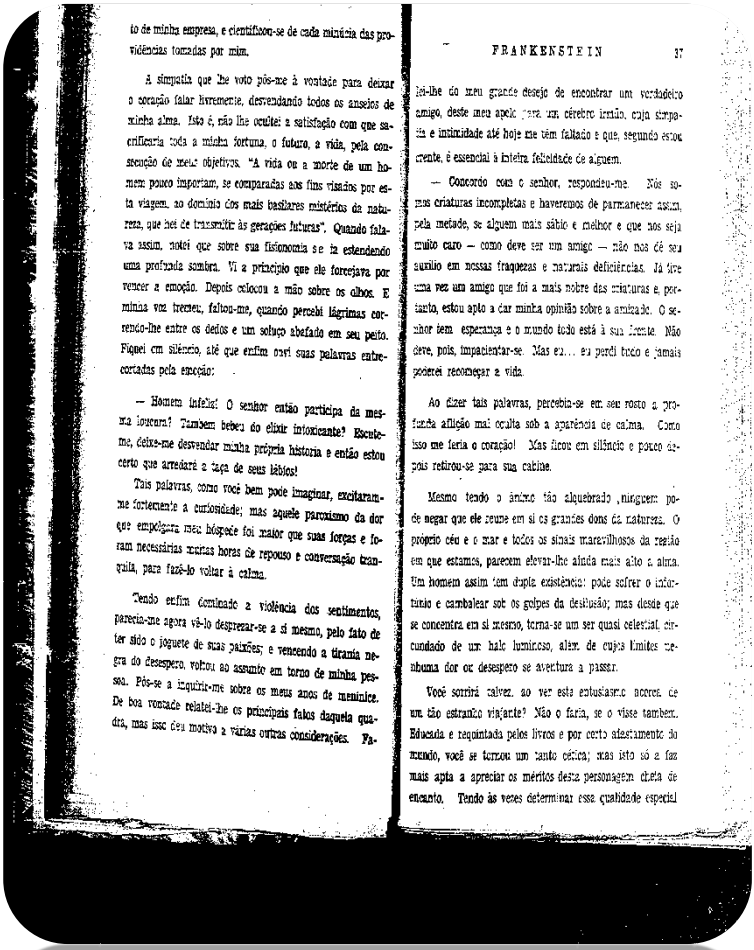
Prosseguirei pouco a pouco meu relato sobre o estranho viajante, desde que haja coisas novas a contar.

*
**

13 de agosto de 17...

MINHA estima pelo forasteiro cresce dia a dia. A cada momento, desperta-lhe até o mais alto grau a minha admiração e a minha piedade. Como é possível ver tão nobre criatura destruída pela desgraça e não sentir a compaixão mais profunda? E' tão gentil e portanto tão sábio; tem o espírito tão culto. Quando fala, além de ser a linguagem perfeitamente castiça, as palavras derivam-lhe num constante fluxo de eloqüência.

Acha-se agora relativamente refeito dos sofrimentos e mantem-se no convés, ao que parece para vigiar o trenó que precedeu ao seu próprio. E conquanto tão infeliz, não se absorve em sua miséria, mas se interessa também pelos projetos alheios. Não raro converso comigo sobre meus planos, os quais lhe comuniquei sem reserva. Ouviu com atenção todos os argumentos que lhe expus, a favor de um possível êxi-



to de minha empresa, e cientificou-se de cada minúcia das providências tomadas por mim.

A simpatia que lhe voto pôs-me à vontade para deixar o coração falar livremente, desvendando todos os anseios de minha alma. Isto é, não lhe ocultei a satisfação com que sacrificaria toda a minha fortuna, o futuro, a vida, pela consecução de meus objetivos. "A vida ou a morte de um homem pouco importam, se comparadas aos fins visados por esta viagem, ao domínio dos mais basilares mistérios da natureza, que hei de transmitir às gerações futuras". Quando falava assim, notei que sobre sua fisionomia se ia estendendo uma profunda sombra. Vi a princípio que ele forcejava por vencer a emoção. Depois colocou a mão sobre os olhos. E minha voz tremeu, faltou-me, quando percebi lágrimas correndo-lhe entre os dedos e um soluço abafado em seu peito. Fiquei em silêncio, até que enfim ouvi suas palavras entrecortadas pela emoção:

— Homem infeliz! O senhor então participa da mesma loucura? Também bebeu do elixir inforcante? Escute-me, deixe-me desvendar minha própria história e então estou certo que arredará a taça de seus lábios!

Tais palavras, como você bem pode imaginar, excitaram-me fortemente a curiosidade; mas aquele paroxismo da dor que empolgara meu hóspede foi maior que suas forças e foram necessárias muitas horas de repouso e conversação tranqüila, para fazê-lo voltar à calma.

Tendo enfim cessado a violência dos sentimentos, pareceu-me agora vê-lo desprezar-se a si mesmo, pelo fato de ter sido o joguete de suas paixões; e vencendo a tirania negra do desespero, voltou ao assunto em torno de minha pessoa. Pôs-se a inquirir-me sobre os meus anos de meninice. De boa vontade relatei-lhe os principais fatos daquela quadra, mas isso deu motivo a várias outras considerações. Fa-

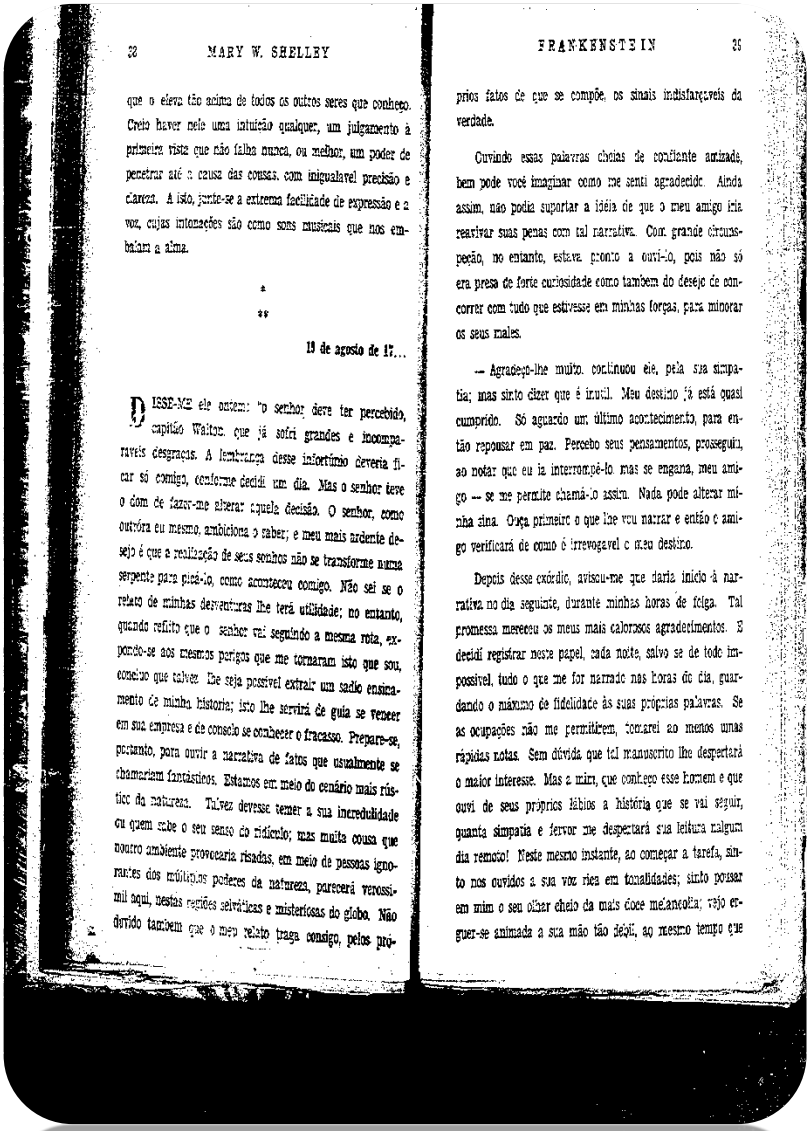
lei-lhe do meu grande desejo de encontrar um verdadeiro amigo, desse meu apelo para um cérebro irritado, cuja simpatia e intimidade até hoje me têm faltado e que, segundo estou crente, é essencial à inteira felicidade de alguem.

— Concordo com o senhor, respondeu-me. Nós somos criaturas incompletas e haveremos de permanecer assim, pela metade, se alguem mais sábio e melhor e que nos seja muito caro — como deve ser um amigo — não nos dê seu auxílio em nossas fraquezas e naturais deficiências. Já tive uma vez um amigo que foi a mais nobre das criaturas e, portanto, estou apto a dar minha opinião sobre a amizade. O senhor tem esperança e o mundo todo está à sua frente. Não deve, pois, impacientar-se. Mas eu... eu perdi tudo e jamais poderei recomeçar a vida.

Ao dizer tais palavras, percebi-se em seu rosto a profunda aflição mal oculta sob a aparência de calma. Como isso me feria o coração! Mas ficou em silêncio e pouco depois retirou-se para sua cabine.

Mesmo tendo o âmago tão alquebrado, ninguem pode negar que ele reune em si os grandes dons da natureza. O próprio céu e o mar e todos os sinais maravilhosos da região em que estamos, parecem elevar-lhe ainda mais alto a alma. Um homem assim tem dupla existência: pode sofrer o infortúnio e cambalear sob os golpes da desilusão; mas desde que se concentra em si mesmo, torna-se um ser quasi celestial, circundado de um halo luminoso, além de cujos limites nenhuma dor ou desespero se aventura a passar.

Você sorrirá talvez, ao ver este entusiasmo acerca de um tão estranho viajante? Não o faria, se o visse também. Educada e requintada pelos livros e por certo afastamento do mundo, você se tornou um tanto cética; mas isto só a faz mais apta a apreciar os méritos desta personagem cheia de encanto. Tendo às vezes determinar essa qualidade especial



que o eleva tão acima de todos os outros seres que conheço. Creio haver nele uma intuição qualquer, um julgamento à primeira vista que não falha nunca, ou melhor, um poder de penetrar até a causa das coisas, com inigualável precisão e clareza. A isto, junte-se a extrema facilidade de expressão e a voz, cujas inflexões são como sons musicais que nos embalam a alma.

*
**

19 de agosto de 17...

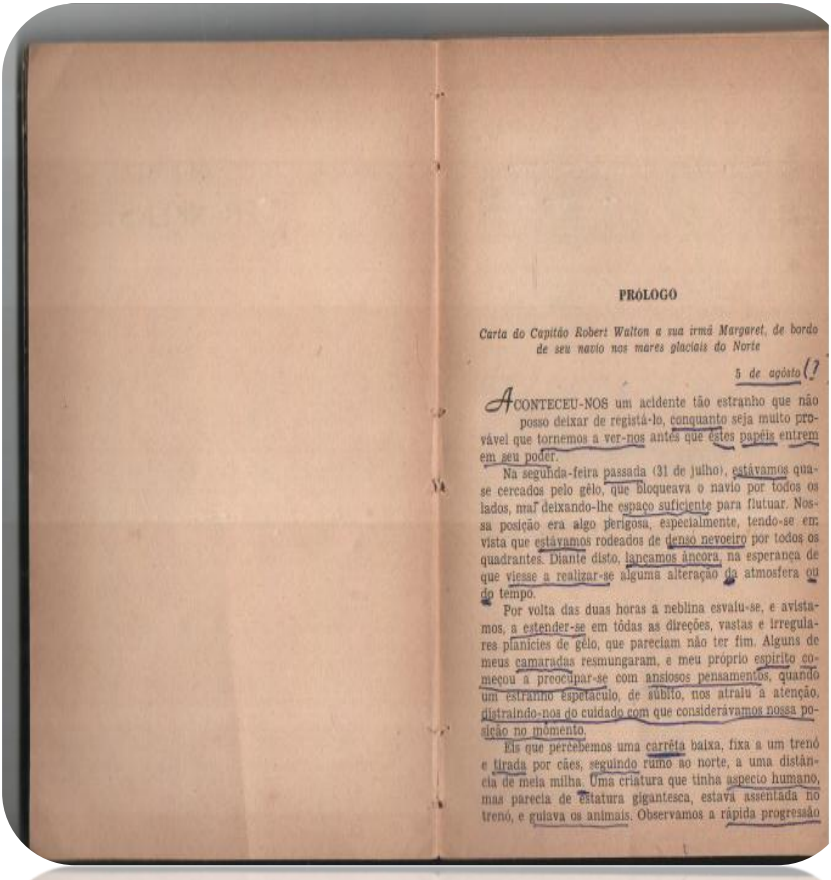
DISSE-ME ele ontem: "o senhor deve ter percebido, capitão Walton, que já sofri grandes e incomparáveis desgraças. A lembrança desse infortúnio deveria ficar só comigo, conforme decidi um dia. Mas o senhor teve o dom de fazer-me alterar aquela decisão. O senhor, como outrora eu mesmo, ambiciona o saber; e meu mais ardente desejo é que a realização de seus sonhos não se transforme numa serpente para picá-lo, como aconteceu comigo. Não sei se o relato de minhas desventuras lhe terá utilidade; no entanto, quando reflito que o senhor vai seguindo a mesma rota, expondo-se aos mesmos perigos que me tornaram isto que sou, concebo que talvez lhe seja possível extrair um sadio ensinamento de minha história; isto lhe servirá de guia se vencer em sua empresa e de conselho se combecer o fracasso. Prepare-se, portanto, para ouvir a narrativa de fatos que usualmente se chamariam fantásticos. Estamos em meio do cenário mais rústico da natureza. Talvez devesse temer a sua incredulidade ou quem sabe o seu senso do ridículo; mas muita cousa que noutro ambiente provocaria risadas, em meio de pessoas ignorantes dos mistérios poderes da natureza, parecerá verossímil aqui, nestas regiões selváticas e misteriosas do globo. Não duvido também que o meu relato traga consigo, pelos próprios fatos de que se compõe, os sinais indisfarçáveis da verdade.

Ouvindo essas palavras cheias de confiante amizade, bem pode você imaginar como me senti agradecido. Ainda assim, não podia suportar a idéia de que o meu amigo iria reavivar suas penas com tal narrativa. Com grande circunspeção, no entanto, estava pronto a ouvi-lo, pois não só era presa de forte curiosidade como também do desejo de concorrer com tudo que estivesse em minhas forças, para minorar os seus males.

— Agradeço-lhe muito, continuou ele, pela sua simpatia; mas sinto dizer que é inútil. Meu destino já está quase cumprido. Só aguardo um último acontecimento, para então repousar em paz. Percebo seus pensamentos, prosseguiu, ao notar que eu ia interrompê-lo mas se engana, meu amigo — se me permite chamá-lo assim. Nada pode alterar minha sina. Ouça primeiro o que lhe vou narrar e então o amigo verificará de como é irrevogável o meu destino.

Depois desse exórdio, avisou-me que daria início à narrativa no dia seguinte, durante minhas horas de folga. Tal promessa mereceu os meus mais calorosos agradecimentos. E decidi registrar nesse papel, cada noite, salvo se de todo impossível, tudo o que me for narrado nas horas do dia, guardando o máximo de fidelidade às suas próprias palavras. Se as ocupações não me permitirem, tomarei ao menos umas rápidas notas. Sem dúvida que tal manuscrito lhe despertará o maior interesse. Mas a mim, que conheço esse homem e que ouvi de seus próprios lábios a história que se vai seguir, quanta simpatia e fervor me despertará sua leitura algum dia remoto! Neste mesmo instante, ao começar a tarefa, sinto nos ouvidos a sua voz rica em tonalidades; sinto pousar em mim o seu olhar cheio da mais doce melancolia; vejo erguer-se animada a sua mão tão dêbil, ao mesmo tempo que

ANEXO 31 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR EVERTON RALPH, [ca. 1960]. (C4 – T2)



PRÓLOGO

Carta do Capitão Robert Walton a sua irmã Margaret, de bordo de seu navio nos mares glaciais do Norte

5 de agôsto (?

ACONTECEU-NOS um acidente tão estranho que não posso deixar de registá-lo, conquanto seja muito provável que tornemos a ver-nos antes que êstes papéis entrem em seu poder.

Na segunda-feira passada (31 de julho), estávamos quase cercados pelo gêlo, que bloqueava o navio por todos os lados, mal deixando-lhe espaço suficiente para flutuar. Nossa posição era algo perigosa, especialmente, tendo-se em vista que estávamos rodeados de denso nevoeiro por todos os quadrantes. Diante disto, lançamos âncora, na esperança de que viesse a realizar-se alguma alteração da atmosfera ou do tempo.

Por volta das duas horas a neblina esvaiu-se, e avistamos, a estender-se em tôdas as direções, vastas e irregulares planícies de gêlo, que pareciam não ter fim. Alguns de meus camaradas resmungaram, e meu próprio espírito começou a preocupar-se com ansiosos pensamentos, quando um estranho espetáculo, de súbito, nos atraiu a atenção, distraindo-nos do cuidado com que considerávamos nossa posição no momento.

Êis que percebemos uma carrêta baixa, fixa a um trenó e tirada por cães, seguindo rumo ao norte, a uma distância de meia milha. Uma criatura que tinha aspecto humano, mas parecia de estatura gigantesca, estava assentada no trenó, e guiava os animais. Observamos a rápida progressão

a curiosidade, bem como a de sua boa gente; mas o senhor é demasiado amável para fazer perguntas.

— De fato; seria sem dúvida impertinente e desumano de minha parte perturbá-lo com qualquer mostra de curiosidade.

— E, todavia, salvou-me de uma situação rara e perigosa; o senhor teve a benevolência de restabelecer-me a vida.

Não lhe tardou perguntar-me, se eu achava que a ruptura do gêlo destruíra o outro trenó. Respondi que não podia informá-lo a respeito com qualquer possível certeza. De fato, o gêlo não se rompera senão quase à meia-noite, e o viajante poderia ter chegado a um local seguro antes dessa ocasião; mas não me era possível aquilatá-lo.

A partir de então, um novo espírito de vida animava o organismo combalido do estranho. Êle manifestou a máxima ansiedade em ficar à coberta, a fim de observar o trenó que tinha aparecido primeiro. Persuadi-o, contudo, a permanecer na cabina, pois que êle estava demasiadamente enfraquecido para agüentar a aspereza da atmosfera. Prometi-lhe que outra pessoa vigiaria por êle, e lhe comunicaria instantâneamente o fato, caso qualquer novo objeto surgisse à vista.

Tal é meu diário sôbre o que diz respeito a essa esquisita ocorrência até o dia presente. O estranho melhorou gradualmente de saúde, mas é muito calado, e parece inquieto quando qualquer pessoa, exceto eu próprio, entra em sua cabina. Todavia, sua atitude é tão simpática e gentil que os marinheiros estão todos interessados nêle, embora tenham com o mesmo muito pouco contacto. De minha própria parte, começo a querer-lhe como a um irmão; e seu pesar constante e profundo enche-me de simpatia e compaixão. Êle deve ter sido uma nobre criatura em seus dias mais felizes, pois que ainda agora na adversidade é tão atraente e amável.

Eu disse em uma de minhas cartas, minha querida Margaret, que eu não encontraria nenhum amigo no vasto oceano; todavia descobri um homem que, antes que seu espírito se quebrantasse pelo infortúnio, eu seria feliz em ter como irmão de minha alma.

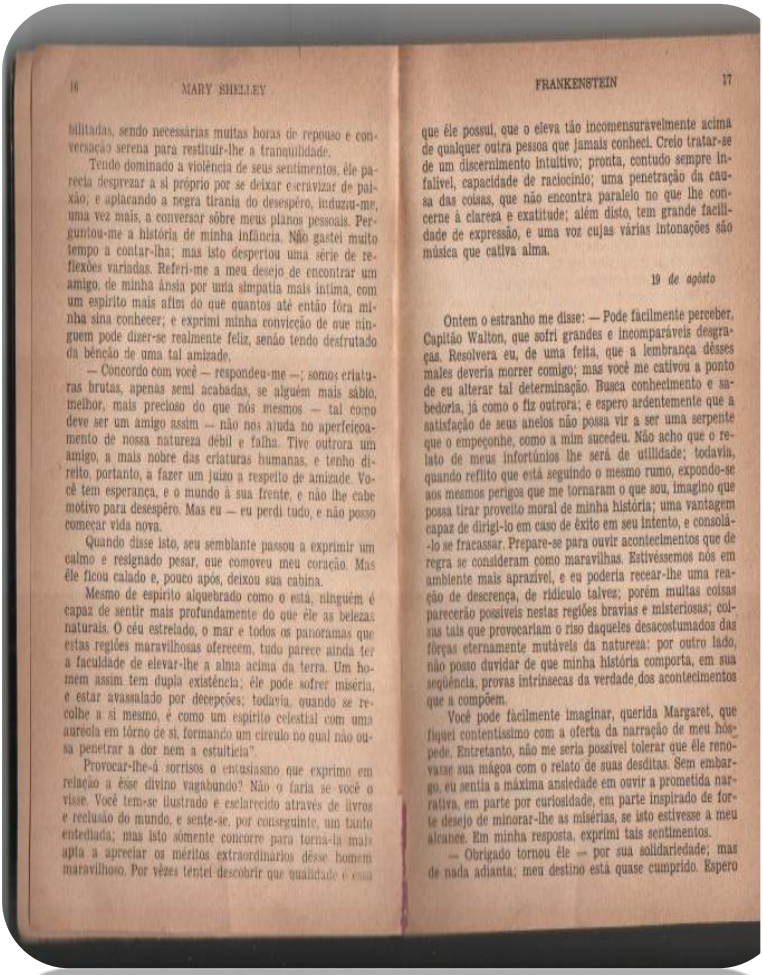
Continuarei meu diário sôbre o estranho de tempos em tempos, segundo vá tendo novos fatos a registar.

13 de agôsto

Minha afeição a meu hóspede aumenta dia a dia. Êle desperta ao mesmo tempo minha admiração e minha piedade a extremo grau. Como posso ver tão nobre criatura aniquilada pela miséria, sem sentir a mais lancinante mágoa? Êle é tão gentil, ao mesmo tempo tão sábio; sua mente é tão cultivada; e quando êle fala, embora suas palavras sejam rebuscadas com arte, a mais seleta, entretanto fluem com vivacidade, numa eloqüência sem par.

Êle agora se recuperou bastante de sua enfermidade, e está sempre à coberta, ao que parece à espreita do trenó que veio antes do seu. Todavia, embora infeliz, não se deixa absorver totalmente por sua própria desgraça, mas interessa-se e não pouco pelos projetos alheios. Tem conversado freqüentemente comigo sôbre meus planos, que lhe comuniquei sem reservas. Êle considerou minuciosamente meus argumentos favoráveis à possibilidade de meu êxito, e bem assim cada uma das mais simples particularidades das medidas que adotei para assegurar o sucesso. Fui fàcilmente induzido, pela simpatia que êle me despertou, a usar a linguagem de meu coração; a dar expressão ao ardor escaldante de minha alma; e dizer, com todo o fervor que me animava, de quão boa mente eu sacrificaria minha fortuna, minha existência, cada uma de minhas esperanças, para levar a bom têrmo minha emprêsa. A vida ou a morte de um homem seria tão só um ínfimo preço a pagar pela aquisição do conhecimento que eu buscava; isto por causa do domínio que eu lograria — e legaria à posteridade — sôbre os inimigos elementares de minha raça. Enquanto eu falava, uma sombra de tristeza anuviava o semblante de meu interlocutor. A princípio percebi que êle tentava suprimir a emoção; êle colocou as mãos diante dos olhos; e minha voz tremeu e embargou-se ao ver que lhe gotejavam lágrimas dentre os dedos. Um gemido escapou de seu peito arfante. Fiz uma pausa; — por fim êle falou, em voz entrecortada: — Homem infeliz! Compartilha de minha loucura? Também bebeu da poção embriagadora? Ouça-me — deixe-me revelar minha história, e afastará, prontamente, a copa de seus lábios!

Tais palavras, você pode imaginar, despertaram fortemente minha curiosidade; mas o paroxismo de pesar que se assenhoreara do estranho sufocou-lhe as faculdades de-



bilitadas, sendo necessárias muitas horas de repouso e conversação serena para restituir-lhe a tranquilidade.

Tendo dominado a violência de seus sentimentos, êle parecia desprezar a si próprio por se deixar escravizar de paixão; e aplacando a negra tirania do desespêro, induziu-me, uma vez mais, a conversar sôbre meus planos pessoais. Perguntou-me a história de minha infância. Não gastei muito tempo a contar-lha; mas isto despertou uma série de reflexões variadas. Referi-me a meu desejo de encontrar um amigo, de minha ânsia por uma simpatia mais íntima, com um espírito mais afim do que quantos até então fôra minha sina conhecer; e exprimi minha convicção de que ninguem pode dizer-se realmente feliz, senão tendo desfrutado da bênção de uma tal amizade.

— Concordo com você — respondeu-me —; somos criaturas brutas, apenas semi acabadas, se alguém mais sábio, melhor, mais precioso do que nós mesmos — tal como deve ser um amigo assim — não nos ajuda no aperfeiçoamento de nossa natureza debil e falha. Tive outrora um amigo, a mais nobre das criaturas humanas, e tenho direito, portanto, a fazer um juizo a respeito de amizade. Você tem esperança, e o mundo à sua frente, e não lhe cabe motivo para desespêro. Mas eu — eu perdi tudo, e não posso começar vida nova.

Quando disse isto, seu semblante passou a exprimir um calmo e resignado pesar, que comoveu meu coração. Mas êle ficou calado e, pouco após, deixou sua cabina.

Mesmo de espírito alquebrado como o está, ninguém é capaz de sentir mais profundamente do que êle as belezas naturais. O céu estrelado, o mar e todos os panoramas que estas regiões maravilhosas oferecem, tudo parece ainda ter a faculdade de elevar-lhe a alma acima da terra. Um homem assim tem dupla existência; êle pode sofrer miséria, e estar avassalado por decepções; todavia, quando se recolhe a si mesmo, é como um espírito celestial com uma aureola em tôrno de si, formando um círculo no qual não ousa penetrar a dor nem a estultícia".

Provocar-lhe-á sorrisos o entusiasmo que exprimo em relação a êsse divino vagabundo? Não o faria se você o visse. Você tem-se ilustrado e esclarecido através de livros e reclusão do mundo, e sente-se, por conseguinte, um tanto entediada; mas isto sòmente concorre para torna-la mais apta a apreciar os méritos extraordinários dêsse homem maravilhoso. Por vêzes tentei descobrir que qualidade é essa

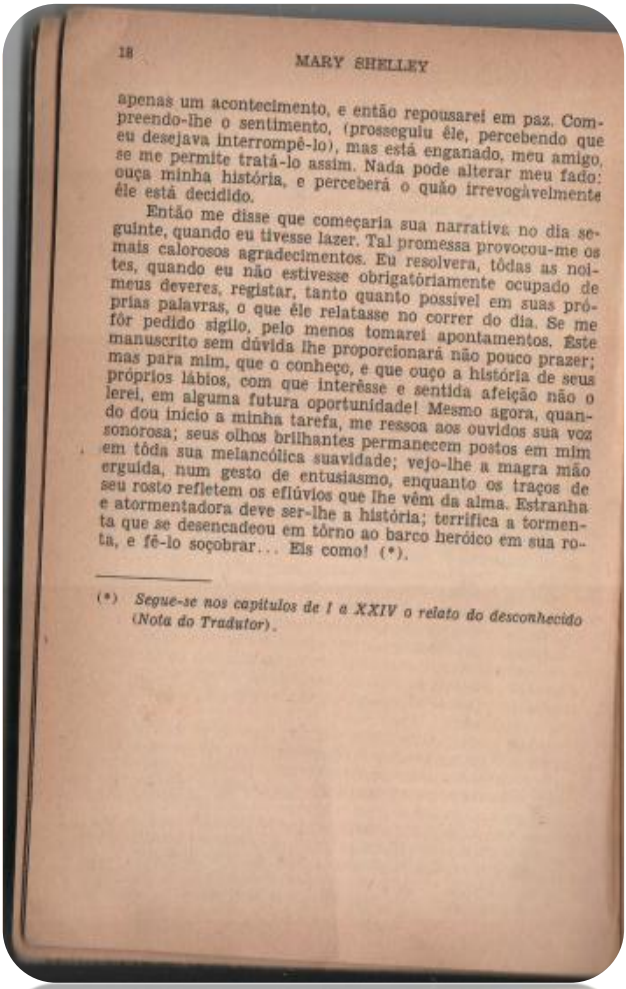
que êle possui, que o eleva tão incomensuràvelmente acima de qualquer outra pessoa que jamais conheci. Creio tratar-se de um discernimento intuitivo; pronta, contudo sempre infalível, capacidade de raciocínio; uma penetração da causa das coisas, que não encontra paralelo no que lhe concerne à clareza e exatitude; além disto, tem grande facilidade de expressão, e uma voz cujas várias intonações são música que cativa alma.

19 de agôsto

Ontem o estranho me disse: — Pode fàcilmente perceber, Capitão Walton, que sofri grandes e incomparáveis desgraças. Resolvera eu, de uma feita, que a lembrança dêsses males deveria morrer comigo; mas você me cativou a ponto de eu alterar tal determinação. Busca conhecimento e sabedoria, já como o fiz outrora; e espero ardentemente que a satisfação de seus anelos não possa vir a ser uma serpente que o empeçonhe, como a mim sucedeu. Não acho que o relato de meus infortúnios lhe será de utilidade; todavia, quando refiito que está seguindo o mesmo rumo, expondo-se aos mesmos perigos que me tornaram o que sou, imagino que possa tirar proveito moral de minha história; uma vantagem capaz de dirigi-lo em caso de êxito em seu intento, e consolá-lo se fracassar. Prepare-se para ouvir acontecimentos que de regra se consideram como maravilhas. Estivéssemos nós em ambiente mais aprazível, e eu poderia recear-lhe uma reação de descrença, de ridículo talvez; porém muitas coisas parecerão possíveis nestas regiões bravias e misteriosas; coisas tais que provocariam o riso daqueles desacostumados das fôrças eternamente mutáveis da natureza: por outro lado, não posso duvidar de que minha história comporta, em sua seqüência, provas intrínsecas da verdade dos acontecimentos que a compõem.

Você pode fàcilmente imaginar, querida Margaret, que fiquei contentíssimo com a oferta da narração de meu hóspede. Entretanto, não me seria possível tolerar que êle renovasse sua mágoa com o relato de suas desditas. Sem embargo, eu sentia a máxima ansiedade em ouvir a prometida narrativa, em parte por curiosidade, em parte inspirado de forte desejo de minorar-lhe as misérias, se isto estivesse a meu alcance. Em minha resposta, exprimi tais sentimentos.

— Obrigado tornou êle — por sua solidariedade; mas de nada adianta; meu destino está quase cumprido. Espero

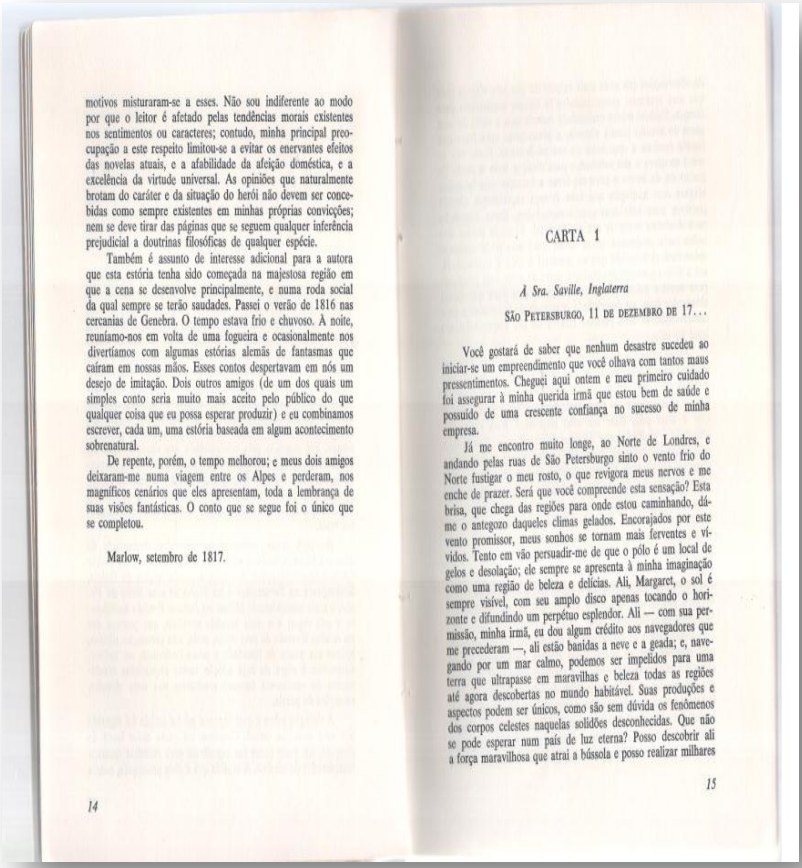


apenas um acontecimento, e então repousarei em paz. Compreendo-lhe o sentimento, (prosseguiu êle, percebendo que eu desejava interrompê-lo), mas está enganado, meu amigo, se me permite tratá-lo assim. Nada pode alterar meu fado: ouça minha história, e perceberá o quão irrevogàvelmente êle está decidido.

Então me disse que começaria sua narrativa no dia seguinte, quando eu tivesse lazer. Tal promessa provocou-me os mais calorosos agradecimentos. Eu resolvera, tôdas as noites, quando eu não estivesse obrigatòriamente ocupado de meus deveres, registar, tanto quanto possível em suas próprias palavras, o que êle relatasse no correr do dia. Se me fôr pedido sigilo, pelo menos tomarei apontamentos. Êste manuscrito sem dúvida lhe proporcionará não pouco prazer; mas para mim, que o conheço, e que ouço a história de seus próprios lábios, com que interêsse e sentida afeição não o lerei, em alguma futura oportunidade! Mesmo agora, quando dou início a minha tarefa, me ressoa aos ouvidos sua voz sonorosa; seus olhos brilhantes permanecem postos em mim em tôda sua melancólica suavidade; vejo-lhe a magra mão erguida, num gesto de entusiasmo, enquanto os traços de seu rosto refletem os eflúvios que lhe vêm da alma. Estranha e atormentadora deve ser-lhe a história; terrifica a tormenta que se desencadeou em tôrno ao barco heróico em sua rota, e fê-lo soçobrar... Eis como! (*).

(*) *Segue-se nos capítulos de I a XXIV o relato do desconhecido (Nota do Tradutor).*

ANEXO 32 – TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C1 – T3)



motivos misturaram-se a esses. Não sou indiferente ao modo por que o leitor é afetado pelas tendências morais existentes nos sentimentos ou caracteres; contudo, minha principal preocupação a este respeito limitou-se a evitar os enervantes efeitos das novelas atuais, e a afabilidade da afeição doméstica, e a excelência da virtude universal. As opiniões que naturalmente brotam do caráter e da situação do herói não devem ser concebidas como sempre existentes em minhas próprias convicções; nem se deve tirar das páginas que se seguem qualquer inferência prejudicial a doutrinas filosóficas de qualquer espécie.

Também é assunto de interesse adicional para a autora que esta estória tenha sido começada na majestosa região em que a cena se desenvolve principalmente, e numa roda social da qual sempre se terão saudades. Passei o verão de 1816 nas cercanias de Genebra. O tempo estava frio e chuvoso. À noite, reuníamo-nos em volta de uma fogueira e ocasionalmente nos divertíamos com algumas estórias alemãs de fantasmas que caíram em nossas mãos. Esses contos despertavam em nós um desejo de imitação. Dois outros amigos (de um dos quais um simples conto seria muito mais aceito pelo público do que qualquer coisa que eu possa esperar produzir) e eu combinamos escrever, cada um, uma estória baseada em algum acontecimento sobrenatural.

De repente, porém, o tempo melhorou; e meus dois amigos deixaram-me numa viagem entre os Alpes e perderam, nos magníficos cenários que eles apresentam, toda a lembrança de suas visões fantásticas. O conto que se segue foi o único que se completou.

Marlow, setembro de 1817.

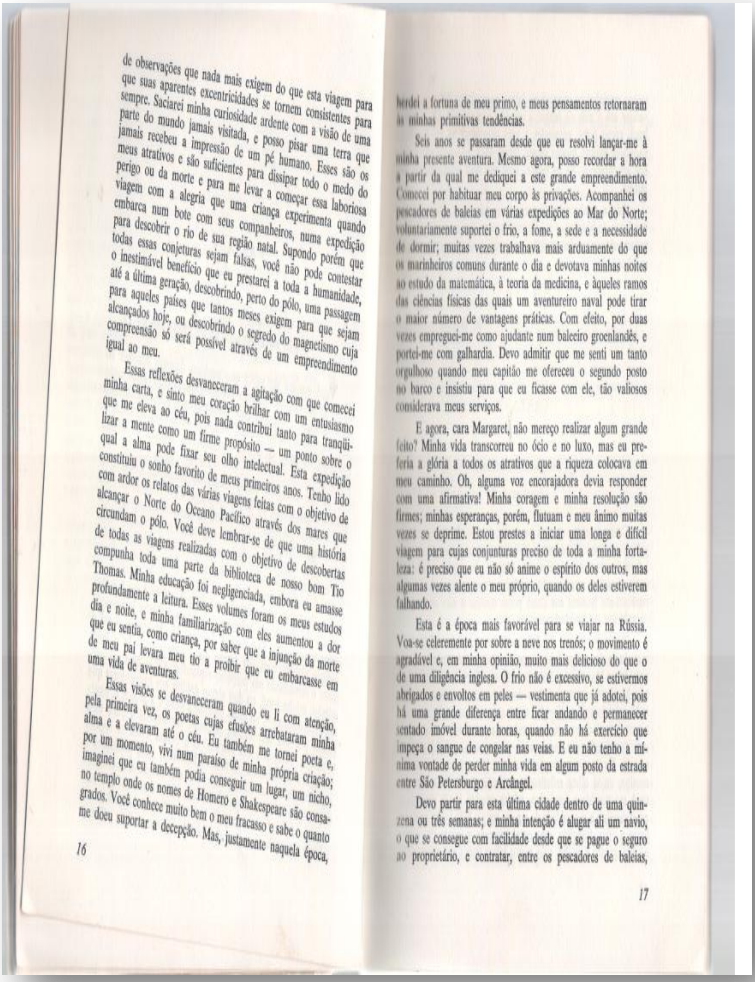
CARTA 1

À Sra. Saville, Inglaterra

SÃO PETERSBURGO, 11 DE DEZEMBRO DE 17...

Você gostará de saber que nenhum desastre sucedeu ao iniciar-se um empreendimento que você olhava com tantos maus pressentimentos. Cheguei aqui ontem e meu primeiro cuidado foi assegurar à minha querida irmã que estou bem de saúde e possuído de uma crescente confiança no sucesso de minha empresa.

Já me encontro muito longe, ao Norte de Londres, e andando pelas ruas de São Petersburgo sinto o vento frio do Norte fustigar o meu rosto, o que revigora meus nervos e me enche de prazer. Será que você compreende esta sensação? Esta brisa, que chega das regiões para onde estou caminhando, dá-me o antegozo daqueles climas gelados. Encorajados por este vento promissor, meus sonhos se tornam mais ferventes e vívidos. Tento em vão persuadir-me de que o pólo é um local de gelos e desolação; ele sempre se apresenta à minha imaginação como uma região de beleza e delícias. Ali, Margaret, o sol é sempre visível, com seu amplo disco apenas tocando o horizonte e difundindo um perpétuo esplendor. Ali — com sua permissão, minha irmã, eu dou algum crédito aos navegadores que me precederam —, ali estão banidas a neve e a geada; e, navegando por um mar calmo, podemos ser impelidos para uma terra que ultrapasse em maravilhas e beleza todas as regiões até agora descobertas no mundo habitável. Suas produções e aspectos podem ser únicos, como são sem dúvida os fenômenos dos corpos celestes naquelas solidões desconhecidas. Que não se pode esperar num país de luz eterna? Posso descobrir ali a força maravilhosa que atrai a bússola e posso realizar milhares



de observações que nada mais exigem do que esta viagem para que suas aparentes excentricidades se tornem consistentes para sempre. Saciarei minha curiosidade ardente com a visão de uma parte do mundo jamais visitada, e posso pisar uma terra que jamais recebeu a impressão de um pé humano. Esses são os meus atrativos e são suficientes para dissipar todo o medo do perigo ou da morte e para me levar a começar essa laboriosa viagem com a alegria que uma criança experimenta quando embarca num bote com seus companheiros, numa expedição para descobrir o rio de sua região natal. Supondo porém que todas essas conjeturas sejam falsas, você não pode contestar o inestimável benefício que eu prestarei a toda a humanidade, até a última geração, descobrindo, perto do pólo, uma passagem para aqueles países que tantos meses exigem para que sejam alcançados hoje, ou descobrindo o segredo do magnetismo cuja compreensão só será possível através de um empreendimento igual ao meu.

Essas reflexões desvaneceram a agitação com que comecei minha carta, e sinto meu coração brilhar com um entusiasmo que me eleva ao céu, pois nada contribui tanto para tranqüilizar a mente como um firme propósito — um ponto sobre o qual a alma pode fixar seu olho intelectual. Esta expedição constituiu o sonho favorito de meus primeiros anos. Tenho lido com ardor os relatos das várias viagens feitas com o objetivo de alcançar o Norte do Oceano Pacífico através dos mares que circundam o pólo. Você deve lembrar-se de que uma história de todas as viagens realizadas com o objetivo de descobertas compunha toda uma parte da biblioteca de nosso bom Tio Thomas. Minha educação foi negligenciada, embora eu amasse profundamente a leitura. Esses volumes foram os meus estudos dia e noite, e minha familiarização com eles aumentou a dor que eu sentia, como criança, por saber que a injunção da morte de meu pai levara meu tio a proibir que eu embarcasse em uma vida de aventuras.

Essas visões se desvaneceram quando eu li com atenção, pela primeira vez, os poetas cujas efusões arrebataram minha alma e a elevaram até o céu. Eu também me tornei poeta e, por um momento, vivi num paraíso de minha própria criação; imaginei que eu também podia conseguir um lugar, um nicho, no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare são consagrados. Você conhece muito bem o meu fracasso e sabe o quanto me doeu suportar a decepção. Mas, justamente naquela época,

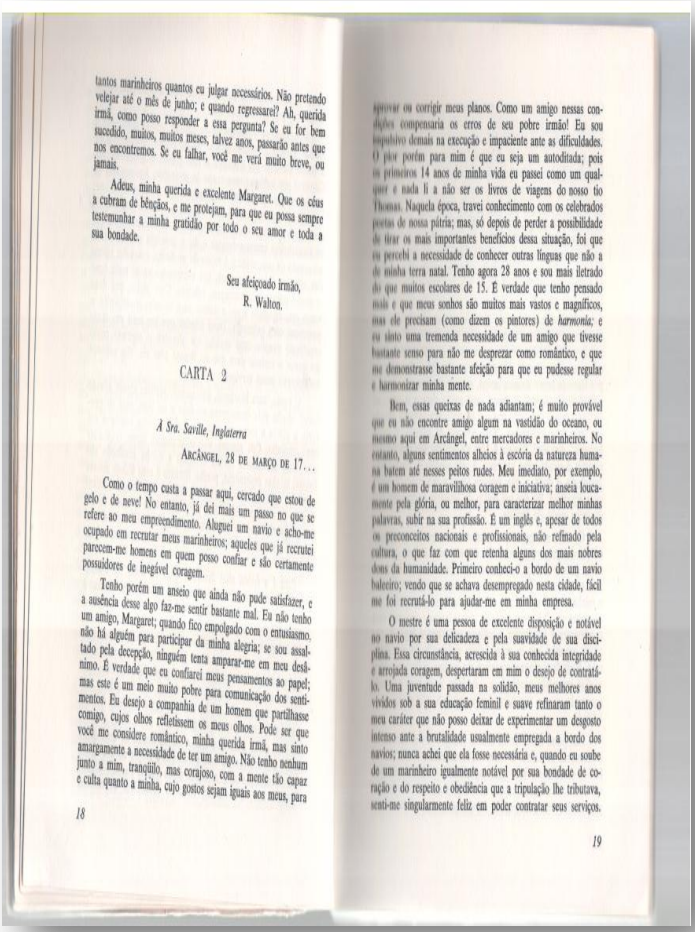
herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos retornaram às minhas primitivas tendências.

Seis anos se passaram desde que eu resolvi lançar-me à minha presente aventura. Mesmo agora, posso recordar a hora a partir da qual me dediquei a este grande empreendimento. Comecei por habituar meu corpo às privações. Acompanhei os pescadores de baleias em várias expedições ao Mar do Norte; voluntariamente suportei o frio, a fome, a sede e a necessidade de dormir; muitas vezes trabalhava mais arduamente do que os marinheiros comuns durante o dia e devotava minhas noites ao estudo da matemática, à teoria da medicina, e àqueles ramos das ciências físicas das quais um aventureiro naval pode tirar o maior número de vantagens práticas. Com efeito, por duas vezes empreguei-me como ajudante num baleeiro groenlandês, e portei-me com galhardia. Devo admitir que me senti um tanto orgulhoso quando meu capitão me ofereceu o segundo posto no barco e insistiu para que eu ficasse com ele, tão valiosos considerava meus serviços.

E agora, cara Margaret, não mereço realizar algum grande feito? Minha vida transcorreu no ócio e no luxo, mas eu preferia a glória a todos os atrativos que a riqueza colocava em meu caminho. Oh, alguma voz encorajadora devia responder com uma afirmativa! Minha coragem e minha resolução são firmes; minhas esperanças, porém, flutuam e meu ânimo muitas vezes se deprime. Estou prestes a iniciar uma longa e difícil viagem para cujas conjunturas preciso de toda a minha fortaleza: é preciso que eu não só anime o espírito dos outros, mas algumas vezes alente o meu próprio, quando os deles estiverem falhando.

Esta é a época mais favorável para se viajar na Rússia. Voa-se celeremente por sobre a neve nos trenós; o movimento é agradável e, em minha opinião, muito mais delicioso do que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, se estivermos abrigados e envoltos em peles — vestimenta que já adotei, pois há uma grande diferença entre ficar andando e permanecer sentado imóvel durante horas, quando não há exercício que impeça o sangue de congelar nas veias. E eu não tenho a mínima vontade de perder minha vida em algum posto da estrada entre São Petersburgo e Arcângel.

Devo partir para esta última cidade dentro de uma quinzena ou três semanas; e minha intenção é alugar ali um navio, o que se consegue com facilidade desde que se pague o seguro ao proprietário, e contratar, entre os pescadores de baleias,



tantos marinheiros quantos eu julgar necessários. Não pretendo velejar até o mês de junho; e quando regressarei? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Se eu for bem sucedido, muitos, muitos meses, talvez anos, passarão antes que nos encontremos. Se eu falhar, você me verá muito breve, ou jamais.

Adeus, minha querida e excelente Margaret. Que os céus a cubram de bênçãos, e me protejam, para que eu possa sempre testemunhar a minha gratidão por todo o seu amor e toda a sua bondade.

Seu afeiçoado irmão,
R. Walton.

CARTA 2

À Sra. Saville, Inglaterra

ARCÂNGEL, 28 DE MARÇO DE 17...

Como o tempo custa a passar aqui, cercado que estou de gelo e de neve! No entanto, já dei mais um passo no que se refere ao meu empreendimento. Aluguei um navio e acho-me ocupado em recrutar meus marinheiros; aqueles que já recrutei parecem-me homens em quem posso confiar e são certamente possuidores de inegável coragem.

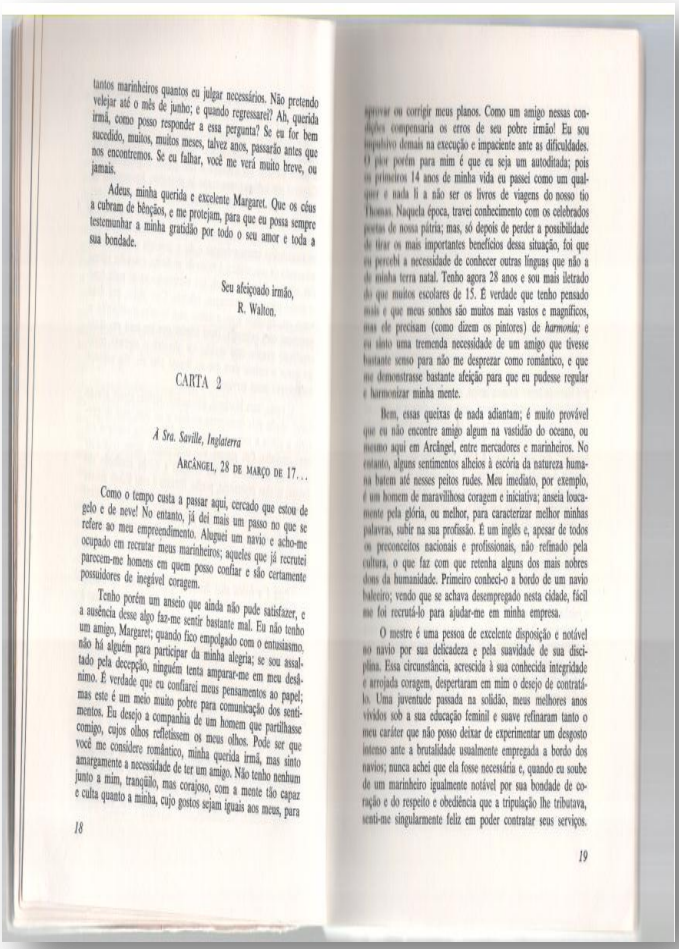
Tenho porém um anseio que ainda não pude satisfazer, e a ausência desse algo faz-me sentir bastante mal. Eu não tenho um amigo, Margaret; quando fico empolgado com o entusiasmo, não há alguém para participar da minha alegria; se sou assaltado pela decepção, ninguém tenta amparar-me em meu desânimo. É verdade que eu confiarei meus pensamentos ao papel; mas este é um meio muito pobre para comunicação dos sentimentos. Eu desejo a companhia de um homem que partilhasse comigo, cujos olhos refletissem os meus olhos. Pode ser que você me considere romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a necessidade de ter um amigo. Não tenho nenhum junto a mim, tranqüilo, mas corajoso, com a mente tão capaz e culta quanto a minha, cujo gostos sejam iguais aos meus, para

aprovar ou corrigir meus planos. Como um amigo nessas condições compensaria os erros de seu pobre irmão! Eu sou impulsivo demais na execução e impaciente ante as dificuldades. O pior porém para mim é que eu seja um autodidata; pois os primeiros 14 anos de minha vida eu passei como um qualquer e nada li a não ser os livros de viagens do nosso tio Thomas. Naquela época, travei conhecimento com os celebrados poetas de nossa pátria; mas, só depois de perder a possibilidade de tirar os mais importantes benefícios dessa situação, foi que eu percebi a necessidade de conhecer outras línguas que não a de minha terra natal. Tenho agora 28 anos e sou mais iletrado do que muitos escolares de 15. É verdade que tenho pensado mais e que meus sonhos são muitos mais vastos e magníficos, mas ele precisam (como dizem os pintores) de *harmonia;* e eu sinto uma tremenda necessidade de um amigo que tivesse bastante senso para não me desprezar como romântico, e que me demonstrasse bastante afeição para que eu pudesse regular e harmonizar minha mente.

Bem, essas queixas de nada adiantam; é muito provável que eu não encontre amigo algum na vastidão do oceano, ou mesmo aqui em Arcângel, entre mercadores e marinheiros. No entanto, alguns sentimentos alheios à escória da natureza humana batem até nesses peitos rudes. Meu imediato, por exemplo, é um homem de maravilhosa coragem e iniciativa; anseia loucamente pela glória, ou melhor, para caracterizar melhor minhas palavras, subir na sua profissão. É um inglês e, apesar de todos os preconceitos nacionais e profissionais, não refinado pela cultura, o que faz com que retenha alguns dos mais nobres dons da humanidade. Primeiro conheci-o a bordo de um navio baleeiro; vendo que se achava desempregado nesta cidade, fácil me foi recrutá-lo para ajudar-me em minha empresa.

O mestre é uma pessoa de excelente disposição e notável no navio por sua delicadeza e pela suavidade de sua disciplina. Essa circunstância, acrescida à sua conhecida integridade e arrojada coragem, despertaram em mim o desejo de contratá-lo. Uma juventude passada na solidão, meus melhores anos vividos sob a sua educação feminil e suave refinaram tanto o meu caráter que não posso deixar de experimentar um desgosto intenso ante a brutalidade usualmente empregada a bordo dos navios; nunca achei que ela fosse necessária e, quando eu soube de um marinheiro igualmente notável por sua bondade de coração e do respeito e obediência que a tripulação lhe tributava, senti-me singularmente feliz em poder contratar seus serviços.

ANEXO 33 – TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C2 – T3)



tantos marinheiros quantos eu julgar necessários. Não pretendo velejar até o mês de junho; e quando regressarei? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Se eu for bem sucedido, muitos, muitos meses, talvez anos, passarão antes que nos encontremos. Se eu falhar, você me verá muito breve, ou jamais.

Adeus, minha querida e excelente Margaret. Que os céus a cubram de bênçãos, e me protejam, para que eu possa sempre testemunhar a minha gratidão por todo o seu amor e toda a sua bondade.

Seu afeiçoado irmão,
R. Walton.

CARTA 2

À Sra. Saville, Inglaterra

ARCÂNGEL, 28 DE MARÇO DE 17...

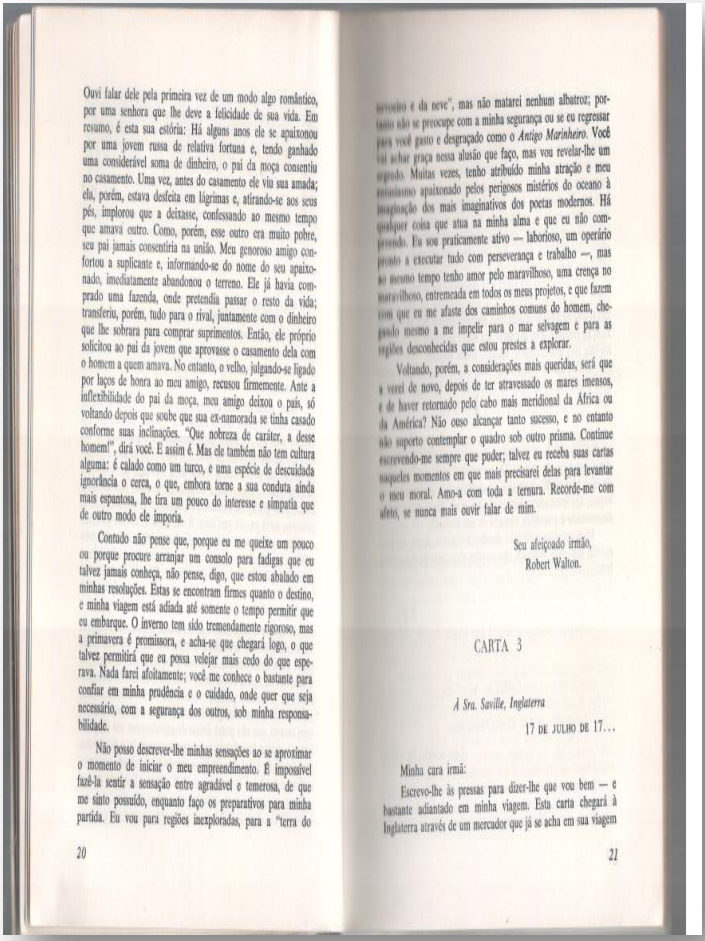
Como o tempo custa a passar aqui, cercado que estou de gelo e de neve! No entanto, já dei mais um passo no que se refere ao meu empreendimento. Aluguei um navio e acho-me ocupado em recrutar meus marinheiros; aqueles que já recrutei parecem-me homens em quem posso confiar e são certamente possuidores de inegável coragem.

Tenho porém um anseio que ainda não pude satisfazer, e a ausência desse algo faz-me sentir bastante mal. Eu não tenho um amigo, Margaret; quando fico empolgado com o entusiasmo, não há alguém para participar da minha alegria; se sou assaltado pela decepção, ninguém tenta amparar-me em meu desânimo. É verdade que eu confiarei meus pensamentos ao papel; mas este é um meio muito pobre para comunicação dos sentimentos. Eu desejo a companhia de um homem que partilhasse comigo, cujos olhos refletissem os meus olhos. Pode ser que você me considere romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a necessidade de ter um amigo. Não tenho nenhum junto a mim, tranqüilo, mas corajoso, com a mente tão capaz e culta quanto a minha, cujo gostos sejam iguais aos meus, para

aprovar ou corrigir meus planos. Como um amigo nessas condições compensaria os erros de seu pobre irmão! Eu sou impulsivo demais na execução e impaciente ante as dificuldades. O pior porém para mim é que eu seja um autodidata; pois os primeiros 14 anos de minha vida eu passei como um qualquer e nada li a não ser os livros de viagens do nosso tio Thomas. Naquela época, travei conhecimento com os celebrados poetas de nossa pátria; mas, só depois de perder a possibilidade de tirar os mais importantes benefícios dessa situação, foi que eu percebi a necessidade de conhecer outras línguas que não a de minha terra natal. Tenho agora 28 anos e sou mais iletrado do que muitos escolares de 15. É verdade que tenho pensado mais e que meus sonhos são muitos mais vastos e magníficos, mas ele precisam (como dizem os pintores) de *harmonia;* e eu sinto uma tremenda necessidade de um amigo que tivesse bastante senso para não me desprezar como romântico, e que me demonstrasse bastante afeição para que eu pudesse regular e harmonizar minha mente.

Bem, essas queixas de nada adiantam; é muito provável que eu não encontre amigo algum na vastidão do oceano, ou mesmo aqui em Arcângel, entre mercadores e marinheiros. No entanto, alguns sentimentos alheios à escória da natureza humana batem até nesses peitos rudes. Meu imediato, por exemplo, é um homem de maravilhosa coragem e iniciativa; anseia loucamente pela glória, ou melhor, para caracterizar melhor minhas palavras, subir na sua profissão. É um inglês e, apesar de todos os preconceitos nacionais e profissionais, não refinado pela cultura, o que faz com que retenha alguns dos mais nobres dons da humanidade. Primeiro conheci-o a bordo de um navio baleeiro; vendo que se achava desempregado nesta cidade, fácil me foi recrutá-lo para ajudar-me em minha empresa.

O mestre é uma pessoa de excelente disposição e notável no navio por sua delicadeza e pela suavidade de sua disciplina. Essa circunstância, acrescida à sua conhecida integridade e arrojada coragem, despertaram em mim o desejo de contratá-lo. Uma juventude passada na solidão, meus melhores anos vividos sob a sua educação feminil e suave refinaram tanto o meu caráter que não posso deixar de experimentar um desgosto intenso ante a brutalidade usualmente empregada a bordo dos navios; nunca achei que ela fosse necessária e, quando eu soube de um marinheiro igualmente notável por sua bondade de coração e do respeito e obediência que a tripulação lhe tributava, senti-me singularmente feliz em poder contratar seus serviços.



Ouvi falar dele pela primeira vez de um modo algo romântico, por uma senhora que lhe deve a felicidade de sua vida. Em resumo, é esta sua estória: Há alguns anos ele se apaixonou por uma jovem russa de relativa fortuna e, tendo ganhado uma considerável soma de dinheiro, o pai da moça consentiu no casamento. Uma vez, antes do casamento ele viu sua amada; ela, porém, estava desfeita em lágrimas e, atirando-se aos seus pés, implorou que a deixasse, confessando ao mesmo tempo que amava outro. Como, porém, esse outro era muito pobre, seu pai jamais consentiria na união. Meu generoso amigo confortou a suplicante e, informando-se do nome do seu apaixonado, imediatamente abandonou o terreno. Ele já havia comprado uma fazenda, onde pretendia passar o resto da vida; transferiu, porém, tudo para o rival, juntamente com o dinheiro que lhe sobrara para comprar suprimentos. Então, ele próprio solicitou ao pai da jovem que aprovasse o casamento dela com o homem a quem amava. No entanto, o velho, julgando-se ligado por laços de honra ao meu amigo, recusou firmemente. Ante a inflexibilidade do pai da moça, meu amigo deixou o país, só voltando depois que soube que sua ex-namorada se tinha casado conforme suas inclinações. "Que nobreza de caráter, a desse homem!", dirá você. E assim é. Mas ele também não tem cultura alguma: é calado como um turco, e uma espécie de descuidada ignorância o cerca, o que, embora torne a sua conduta ainda mais espantosa, lhe tira um pouco do interesse e simpatia que de outro modo ele inspiraria.

Contudo não pense que, porque eu me queixe um pouco ou porque procure arranjar um consolo para fadigas que eu talvez jamais conheça, não pense, digo, que estou abalado em minhas resoluções. Estas se encontram firmes quanto o destino, e minha viagem está adiada até somente o tempo permitir que eu embarque. O inverno tem sido tremendamente rigoroso, mas a primavera é promissora, e acha-se que chegará logo, o que talvez permitirá que eu possa voejar mais cedo do que esperava. Nada farei afoitamente; você me conhece o bastante para confiar em minha prudência e o cuidado, onde quer que seja necessário, com a segurança dos outros, sob minha responsabilidade.

Não posso descrever-lhe minhas sensações ao se aproximar o momento de iniciar o meu empreendimento. É impossível fazê-la sentir a sensação entre agradável e temerosa, de que me sinto possuído, enquanto faço os preparativos para minha partida. Eu vou para regiões inexploradas, para a "terra do

inverno e da neve", mas não matarei nenhum albatroz; portanto não se preocupe com a minha segurança ou se eu regressar para você pasto e desgraçado como o *Antigo Marinheiro*. Você vai achar graça nessa alusão que faço, mas vou revelar-lhe um segredo. Muitas vezes, tenho atribuído minha atração e meu entusiasmo apaixonado pelos perigosos mistérios do oceano à imaginação dos mais imaginativos dos poetas modernos. Há qualquer coisa que atua na minha alma e que eu não compreendo. Eu sou praticamente ativo — laborioso, um operário pronto a executar tudo com perseverança e trabalho —, mas ao mesmo tempo tenho amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, entremeada em todos os meus projetos, e que fazem com que eu me afaste dos caminhos comuns do homem, chegando mesmo a me impelir para o mar selvagem e para as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Voltando, porém, a considerações mais queridas, será que a verei de novo, depois de ter atravessado os mares imensos, e de haver retornado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ouso alcançar tanto sucesso, e no entanto não suporto contemplar o quadro sob outro prisma. Continue escrevendo-me sempre que puder; talvez eu receba suas cartas naqueles momentos em que mais precisarei delas para levantar o meu moral. Amo-a com toda a ternura. Recorde-me com afeto, se nunca mais ouvir falar de mim.

Seu afeiçoado irmão,
Robert Walton.

CARTA 3

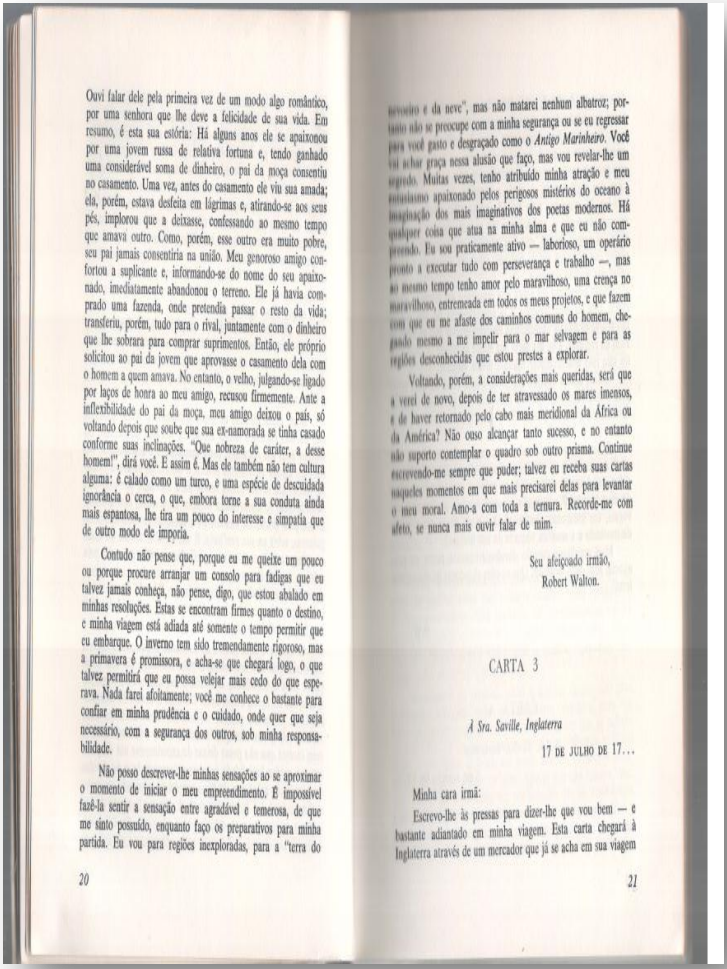
À Sra. Saville, Inglaterra

17 DE JULHO DE 17...

Minha cara irmã:

Escrevo-lhe às pressas para dizer-lhe que vou bem — e bastante adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra através de um mercador que já se acha em sua viagem

ANEXO 34 – TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C3 – T3)



Ouvi falar dele pela primeira vez de um modo algo romântico, por uma senhora que lhe deve a felicidade de sua vida. Em resumo, é esta sua estória: Há alguns anos ele se apaixonou por uma jovem russa de relativa fortuna e, tendo ganhado uma considerável soma de dinheiro, o pai da moça consentiu no casamento. Uma vez, antes do casamento ele viu sua amada; ela, porém, estava desfeita em lágrimas e, atirando-se aos seus pés, implorou que a deixasse, confessando ao mesmo tempo que amava outro. Como, porém, esse outro era muito pobre, seu pai jamais consentiria na união. Meu generoso amigo confortou a suplicante e, informando-se do nome do seu apaixonado, imediatamente abandonou o terreno. Ele já havia comprado uma fazenda, onde pretendia passar o resto da vida; transferiu, porém, tudo para o rival, juntamente com o dinheiro que lhe sobrara para comprar suprimentos. Então, ele próprio solicitou ao pai da jovem que aprovasse o casamento dela com o homem a quem amava. No entanto, o velho, julgando-se ligado por laços de honra ao meu amigo, recusou firmemente. Ante a inflexibilidade do pai da moça, meu amigo deixou o país, só voltando depois que soube que sua ex-namorada se tinha casado conforme suas inclinações. "Que nobreza de caráter, a desse homem!", dirá você. E assim é. Mas ele também não tem cultura alguma: é calado como um turco, e uma espécie de descuidada ignorância o cerca, o que, embora torne a sua conduta ainda mais espantosa, lhe tira um pouco do interesse e simpatia que de outro modo ele imporia.

Contudo não pense que, porque eu me queixe um pouco ou porque procure arranjar um consolo para fadigas que eu talvez jamais conheça, não pense, digo, que estou abalado em minhas resoluções. Estas se encontram firmes quanto o destino, e minha viagem está adiada até somente o tempo permitir que eu embarque. O inverno tem sido tremendamente rigoroso, mas a primavera é promissora, e acha-se que chegará logo, o que talvez permitirá que eu possa velejar mais cedo do que esperava. Nada farei afoitamente; você me conhece o bastante para confiar em minha prudência e o cuidado, onde quer que seja necessário, com a segurança dos outros, sob minha responsabilidade.

Não posso descrever-lhe minhas sensações ao se aproximar o momento de iniciar o meu empreendimento. É impossível fazê-la sentir a sensação entre agradável e temerosa, de que me sinto possuído, enquanto faço os preparativos para minha partida. Eu vou para regiões inexploradas, para a "terra do

nevoeiro e da neve", mas não matarei nenhum albatroz; portanto não se preocupe com a minha segurança ou se eu regressar para você gasto e desgraçado como o *Antigo Marinheiro*. Você vai achar graça nessa alusão que faço, mas vou revelar-lhe um segredo. Muitas vezes, tenho atribuído minha atração e meu entusiasmo apaixonado pelos perigosos mistérios do oceano à imaginação dos mais imaginativos dos poetas modernos. Há qualquer coisa que atua na minha alma e que eu não compreendo. Eu sou praticamente ativo — laborioso, um operário pronto a executar tudo com perseverança e trabalho —, mas ao mesmo tempo tenho amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, entremeada em todos os meus projetos, e que fazem com que eu me afaste dos caminhos comuns do homem, chegando mesmo a me impelir para o mar selvagem e para as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Voltando, porém, a considerações mais queridas, será que a verei de novo, depois de ter atravessado os mares imensos, e de haver retornado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ouso alcançar tanto sucesso, e no entanto não suporto contemplar o quadro sob outro prisma. Continue escrevendo-me sempre que puder; talvez eu receba suas cartas naqueles momentos em que mais precisarei delas para levantar o meu moral. Amo-a com toda a ternura. Recorde-me com afeto, se nunca mais ouvir falar de mim.

Seu afeiçoado irmão,
Robert Walton.

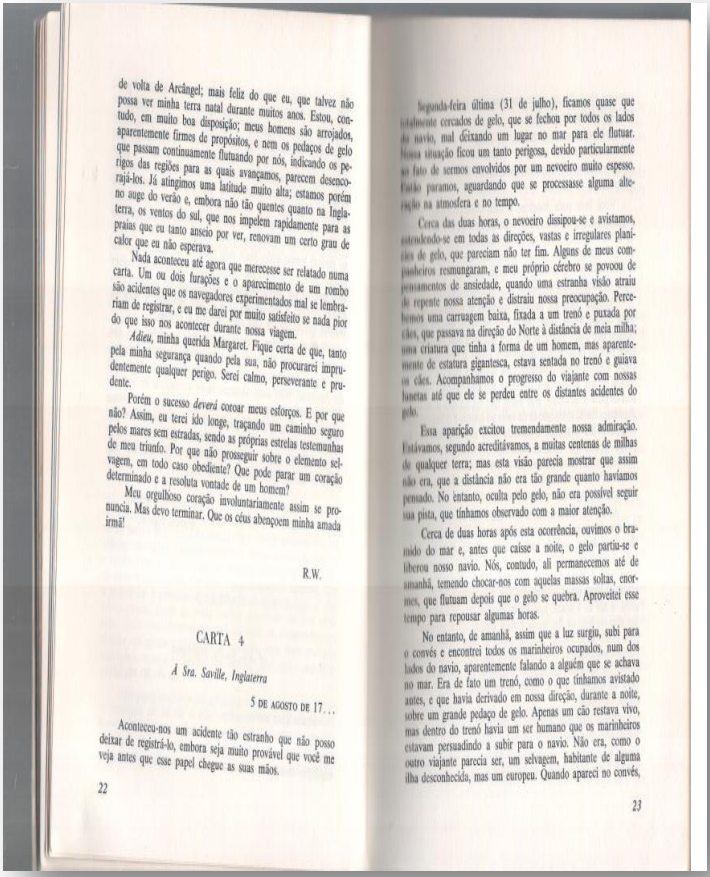
CARTA 3

À Sra. Saville, Inglaterra

17 DE JULHO DE 17...

Minha cara irmã:

Escrevo-lhe às pressas para dizer-lhe que vou bem — e bastante adiantado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra através de um mercador que já se acha em sua viagem



de volta de Arcângel; mais feliz do que eu, que talvez não possa ver minha terra natal durante muitos anos. Estou, contudo, em muito boa disposição; meus homens são arrojados, aparentemente firmes de propósitos, e nem os pedaços de gelo que passam continuamente flutuando por nós, indicando os perigos das regiões para as quais avançamos, parecem desencorajá-los. Já atingimos uma latitude muito alta; estamos porém no auge do verão e, embora não tão quentes quanto na Inglaterra, os ventos do sul, que nos impelem rapidamente para as praias que eu tanto anseio por ver, renovam um certo grau de calor que eu não esperava.

Nada aconteceu até agora que merecesse ser relatado numa carta. Um ou dois furações e o aparecimento de um rombo são acidentes que os navegadores experimentados mal se lembrariam de registrar, e eu me darei por muito satisfeito se nada pior do que isso nos acontecer durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Fique certa de que, tanto pela minha segurança quando pela sua, não procurarei imprudentemente qualquer perigo. Serei calmo, perseverante e prudente.

Porém o sucesso *deverá* coroar meus esforços. E por que não? Assim, eu terei ido longe, traçando um caminho seguro pelos mares sem estradas, sendo as próprias estrelas testemunhas de meu triunfo. Por que não prosseguir sobre o elemento selvagem, em todo caso obediente? Que pode parar um coração determinado e a resoluta vontade de um homem?

Meu orgulhoso coração involuntariamente assim se pronuncia. Mas devo terminar. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R.W.

CARTA 4

À Sra. Saville, Inglaterra

5 DE AGOSTO DE 17...

Aconteceu-nos um acidente tão estranho que não posso deixar de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que esse papel chegue as suas mãos.

Segunda-feira última (31 de julho), ficamos quase que totalmente cercados de gelo, que se fechou por todos os lados do navio, mal deixando um lugar no mar para ele flutuar. Nossa situação ficou um tanto perigosa, devido particularmente ao fato de sermos envolvidos por um nevoeiro muito espesso. Então paramos, aguardando que se processasse alguma alteração na atmosfera e no tempo.

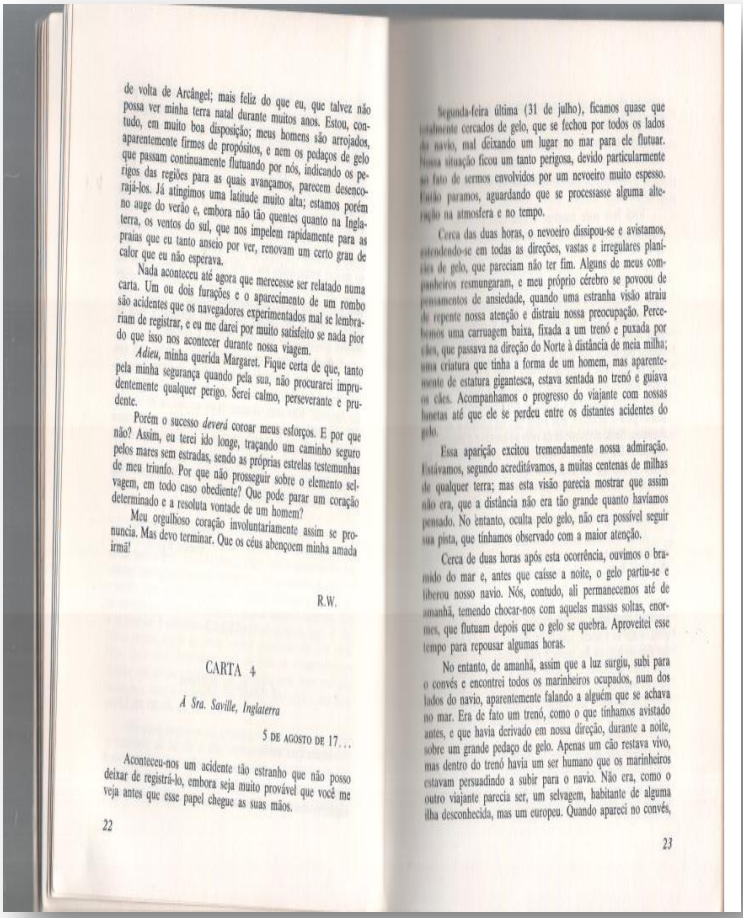
Cerca das duas horas, o nevoeiro dissipou-se e avistamos, estendendo-se em todas as direções, vastas e irregulares planícies de gelo, que pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros resmungaram, e meu próprio cérebro se povoou de pensamentos de ansiedade, quando uma estranha visão atraiu de repente nossa atenção e distraiu nossa preocupação. Percebemos uma carruagem baixa, fixada a um trenó e puxada por cães, que passava na direção do Norte à distância de meia milha; uma criatura que tinha a forma de um homem, mas aparentemente de estatura gigantesca, estava sentada no trenó e guiava os cães. Acompanhamos o progresso do viajante com nossas lunetas até que ele se perdeu entre os distantes acidentes do gelo.

Essa aparição excitou tremendamente nossa admiração. Estávamos, segundo acreditávamos, a muitas centenas de milhas de qualquer terra; mas esta visão parecia mostrar que assim não era, que a distância não era tão grande quanto havíamos pensado. No entanto, oculta pelo gelo, não era possível seguir sua pista, que tínhamos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas após esta ocorrência, ouvimos o bramido do mar e, antes que caísse a noite, o gelo partiu-se e liberou nosso navio. Nós, contudo, ali permanecemos até de amanhã, temendo chocar-nos com aquelas massas soltas, enormes, que flutuam depois que o gelo se quebra. Aproveitei esse tempo para repousar algumas horas.

No entanto, de amanhã, assim que a luz surgiu, subi para o convés e encontrei todos os marinheiros ocupados, num dos lados do navio, aparentemente falando a alguém que se achava no mar. Era de fato um trenó, como o que tínhamos avistado antes, e que havia derivado em nossa direção, durante a noite, sobre um grande pedaço de gelo. Apenas um cão restava vivo, mas dentro do trenó havia um ser humano que os marinheiros estavam persuadindo a subir para o navio. Não era, como o outro viajante parecia ser, um selvagem, habitante de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. Quando apareci no convés,

ANEXO 35 – TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR MIÉCIO ARAUJO JORGE HONKIS, 1973. (C4 – T3)



de volta de Arcângel; mais feliz do que eu, que talvez não possa ver minha terra natal durante muitos anos. Estou, contudo, em muito boa disposição; meus homens são arrojados, aparentemente firmes de propósitos, e nem os pedaços de gelo que passam continuamente flutuando por nós, indicando os perigos das regiões para as quais avançamos, parecem desencorajá-los. Já atingimos uma latitude muito alta; estamos porém no auge do verão e, embora não tão quentes quanto na Inglaterra, os ventos do sul, que nos impelem rapidamente para as praias que eu tanto anseio por ver, renovam um certo grau de calor que eu não esperava.

Nada aconteceu até agora que merecesse ser relatado numa carta. Um ou dois furações e o aparecimento de um rombo são acidentes que os navegadores experimentados mal se lembrariam de registrar, e eu me darei por muito satisfeito se nada pior do que isso nos acontecer durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Fique certa de que, tanto pela minha segurança quando pela sua, não procurarei imprudentemente qualquer perigo. Serei calmo, perseverante e prudente.

Porém o sucesso *deverá* coroar meus esforços. E por que não? Assim, eu terei ido longe, traçando um caminho seguro pelos mares sem estradas, sendo as próprias estrelas testemunhas de meu triunfo. Por que não prosseguir sobre o elemento selvagem, em todo caso obediente? Que pode parar um coração determinado e a resoluta vontade de um homem?

Meu orgulhoso coração involuntariamente assim se pronuncia. Mas devo terminar. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R.W.

CARTA 4

À Sra. Saville, Inglaterra

5 DE AGOSTO DE 17...

Aconteceu-nos um acidente tão estranho que não posso deixar de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que esse papel chegue as suas mãos.

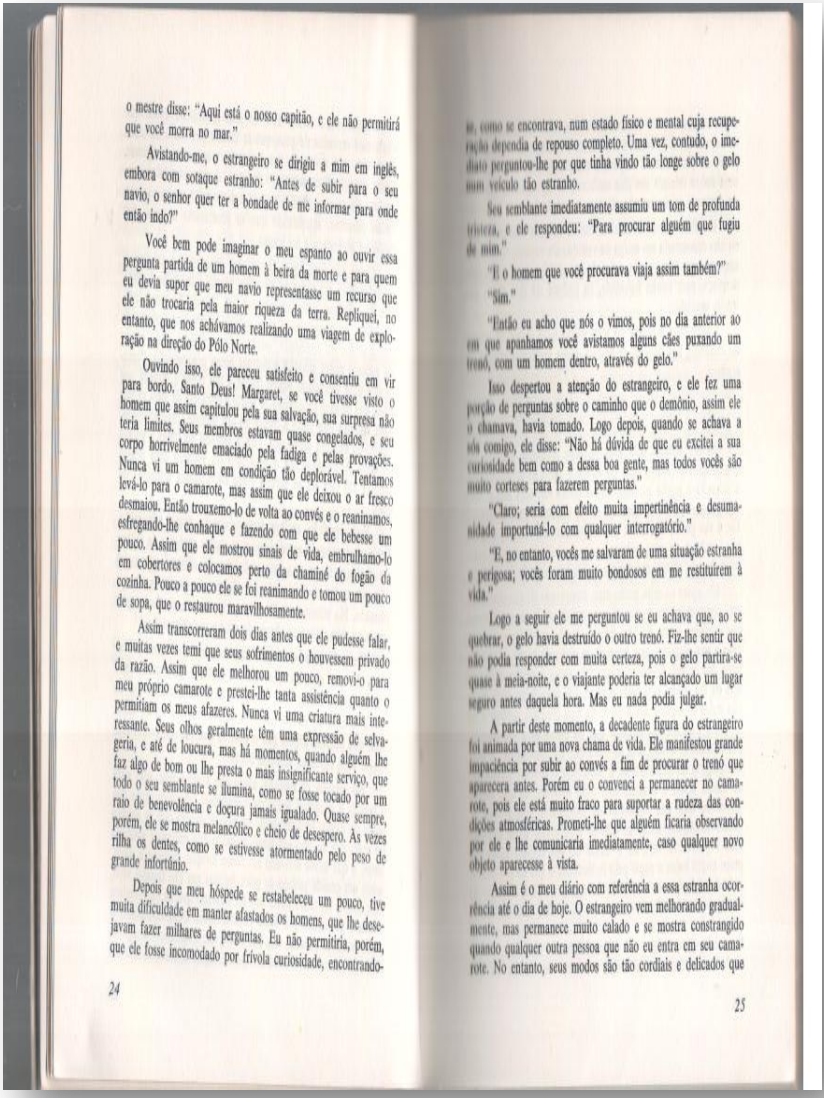
Segunda-feira última (31 de julho), ficamos quase que totalmente cercados de gelo, que se fechou por todos os lados do navio, nal deixando um lugar no mar para ele flutuar. Nossa situação ficou um tanto perigosa, devido particularmente ao fato de sermos envolvidos por um nevoeiro muito espesso. Então paramos, aguardando que se processasse alguma alteração na atmosfera e no tempo.

Cerca das duas horas, o nevoeiro dissipou-se e avistamos, estendendo-se em todas as direções, vastas e irregulares planícies de gelo, que pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros resmungaram, e meu próprio cérebro se povoou de pensamentos de ansiedade, quando uma estranha visão atraiu de repente nossa atenção e distraiu nossa preocupação. Percebemos uma carruagem baixa, fixada a um trenó e puxada por cães, que passava na direção do Norte à distância de meia milha; uma criatura que tinha a forma de um homem, mas aparentemente de estatura gigantesca, estava sentada no trenó e guiava os cães. Acompanhamos o progresso do viajante com nossas lunetas até que ele se perdeu entre os distantes acidentes do gelo.

Essa aparição excitou tremendamente nossa admiração. Estávamos, segundo acreditávamos, a muitas centenas de milhas de qualquer terra; mas esta visão parecia mostrar que assim não era, que a distância não era tão grande quanto havíamos pensado. No entanto, oculta pelo gelo, não era possível seguir sua pista, que tínhamos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas após esta ocorrência, ouvimos o bramido do mar e, antes que caísse a noite, o gelo partiu-se e liberou nosso navio. Nós, contudo, ali permanecemos até de amanhã, temendo chocar-nos com aquelas massas soltas, enormes, que flutuam depois que o gelo se quebra. Aproveitei esse tempo para repousar algumas horas.

No entanto, de amanhã, assim que a luz surgiu, subi para o convés e encontrei todos os marinheiros ocupados, num dos lados do navio, aparentemente falando a alguém que se achava no mar. Era de fato um trenó, como o que tínhamos avistado antes, e que havia derivado em nossa direção, durante a noite, sobre um grande pedaço de gelo. Apenas um cão restava vivo, mas dentro do trenó havia um ser humano que os marinheiros estavam persuadindo a subir para o navio. Não era, como o outro viajante parecia ser, um selvagem, habitante de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. Quando apareci no convés,



o mestre disse: "Aqui está o nosso capitão, e ele não permitirá que você morra no mar."

Avistando-me, o estrangeiro se dirigiu a mim em inglês, embora com sotaque estranho: "Antes de subir para o seu navio, o senhor quer ter a bondade de me informar para onde então indo?"

Você bem pode imaginar o meu espanto ao ouvir essa pergunta partida de um homem à beira da morte e para quem eu devia supor que meu navio representasse um recurso que ele não trocaria pela maior riqueza da terra. Repliquei, no entanto, que nos achávamos realizando uma viagem de exploração na direção do Pólo Norte.

Ouvindo isso, ele pareceu satisfeito e consentiu em vir para bordo. Santo Deus! Margaret, se você tivesse visto o homem que assim capitulou pela sua salvação, sua surpresa não teria limites. Seus membros estavam quase congelados, e seu corpo horrivelmente emaciado pela fadiga e pelas provações. Nunca vi um homem em condição tão deplorável. Tentamos levá-lo para o camarote, mas assim que ele deixou o ar fresco desmaiou. Então trouxemo-lo de volta ao convés e o reaninamos, esfregando-lhe conhaque e fazendo com que ele bebesse um pouco. Assim que ele mostrou sinais de vida, embrulhamo-lo em cobertores e colocamos perto da chaminé do fogão da cozinha. Pouco a pouco ele se foi reanimando e tomou um pouco de sopa, que o restaurou maravilhosamente.

Assim transcorreram dois dias antes que ele pudesse falar, e muitas vezes temi que seus sofrimentos o houvessem privado da razão. Assim que ele melhorou um pouco, removi-o para meu próprio camarote e prestei-lhe tanta assistência quanto o permitiam os meus afazeres. Nunca vi uma criatura mais interessante. Seus olhos geralmente têm uma expressão de selvageria, e até de loucura, mas há momentos, quando alguém lhe faz algo de bom ou lhe presta o mais insignificante serviço, que todo o seu semblante se ilumina, como se fosse tocado por um raio de benevolência e doçura jamais igualado. Quase sempre, porém, ele se mostra melancólico e cheio de desespero. Às vezes rilha os dentes, como se estivesse atormentado pelo peso de grande infortúnio.

Depois que meu hóspede se restabeleceu um pouco, tive muita dificuldade em manter afastados os homens, que lhe desejavam fazer milhares de perguntas. Eu não permitiria, porém, que ele fosse incomodado por frívola curiosidade, encontrando-

o, como se encontrava, num estado físico e mental cuja recuperação dependia de repouso completo. Uma vez, contudo, o imediato perguntou-lhe por que tinha vindo tão longe sobre o gelo num veículo tão estranho.

Seu semblante imediatamente assumiu um tom de profunda tristeza, e ele respondeu: "Para procurar alguém que fugiu de mim."

"E o homem que você procurava viaja assim também?"

"Sim."

"Então eu acho que nós o vimos, pois no dia anterior ao em que apanhamos você avistamos alguns cães puxando um trenó, com um homem dentro, através do gelo."

Isso despertou a atenção do estrangeiro, e ele fez uma porção de perguntas sobre o caminho que o demônio, assim ele o chamava, havia tomado. Logo depois, quando se achava a sós comigo, ele disse: "Não há dúvida de que eu excitei a sua curiosidade bem como a dessa boa gente, mas todos vocês são muito corteses para fazerem perguntas."

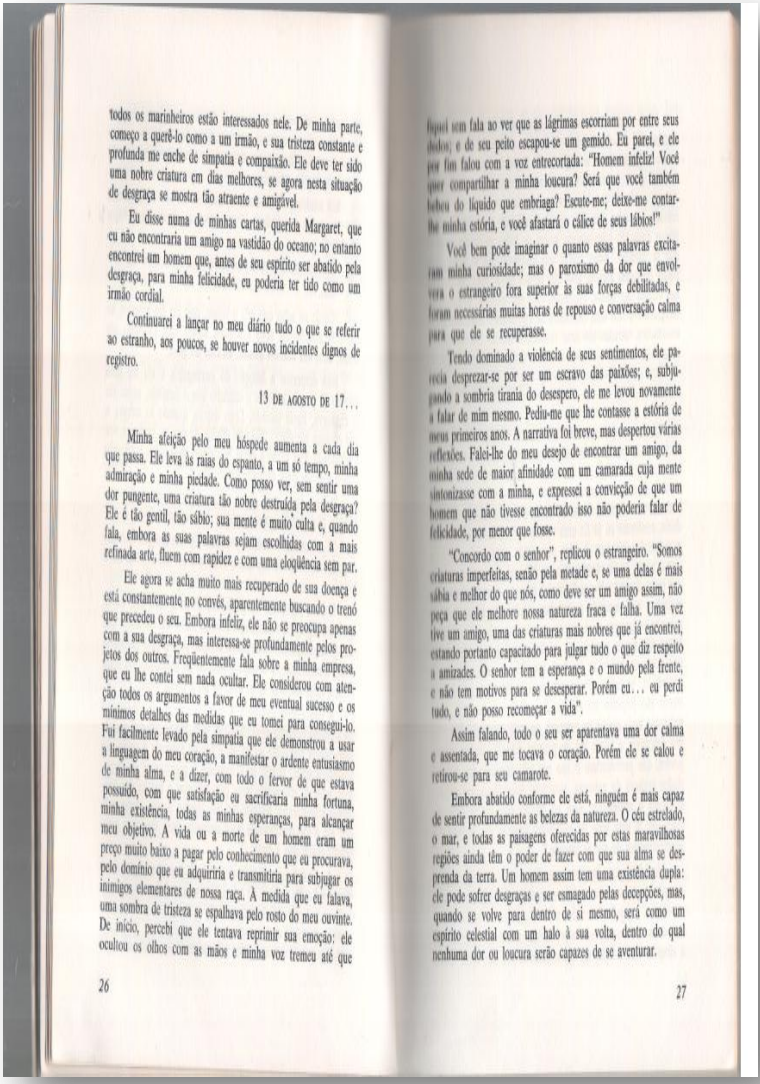
"Claro; seria com efeito muita impertinência e desumanidade importuná-lo com qualquer interrogatório."

"E, no entanto, vocês me salvaram de uma situação estranha e perigosa; vocês foram muito bondosos em me restituírem à vida."

Logo a seguir ele me perguntou se eu achava que, ao se quebrar, o gelo havia destruído o outro trenó. Fiz-lhe sentir que não podia responder com muita certeza, pois o gelo partira-se quase à meia-noite, e o viajante poderia ter alcançado um lugar seguro antes daquela hora. Mas eu nada podia julgar.

A partir deste momento, a decadente figura do estrangeiro foi animada por uma nova chama de vida. Ele manifestou grande impaciência por subir ao convés a fim de procurar o trenó que aparecera antes. Porém eu o convenci a permanecer no camarote, pois ele está muito fraco para suportar a rudeza das condições atmosféricas. Prometi-lhe que alguém ficaria observando por ele e lhe comunicaria imediatamente, caso qualquer novo objeto aparecesse à vista.

Assim é o meu diário com referência a essa estranha ocorrência até o dia de hoje. O estrangeiro vem melhorando gradualmente, mas permanece muito calado e se mostra constrangido quando qualquer outra pessoa que não eu entra em seu camarote. No entanto, seus modos são tão cordiais e delicados que



todos os marinheiros estão interessados nele. De minha parte, começo a querê-lo como a um irmão, e sua tristeza constante e profunda me enche de simpatia e compaixão. Ele deve ter sido uma nobre criatura em dias melhores, se agora nesta situação de desgraça se mostra tão atraente e amigável.

Eu disse numa de minhas cartas, querida Margaret, que eu não encontraria um amigo na vastidão do oceano; no entanto encontrei um homem que, antes de seu espírito ser abatido pela desgraça, para minha felicidade, eu poderia ter tido como um irmão cordial.

Continuarei a lançar no meu diário tudo o que se referir ao estranho, aos poucos, se houver novos incidentes dignos de registro.

13 DE AGOSTO DE 17...

Minha afeição pelo meu hóspede aumenta a cada dia que passa. Ele leva às raias do espanto, a um só tempo, minha admiração e minha piedade. Como posso ver, sem sentir uma dor pungente, uma criatura tão nobre destruída pela desgraça? Ele é tão gentil, tão sábio; sua mente é muito culta e, quando fala, embora as suas palavras sejam escolhidas com a mais refinada arte, fluem com rapidez e com uma eloqüência sem par.

Ele agora se acha muito mais recuperado de sua doença e está constantemente no convés, aparentemente buscando o trenó que precedeu o seu. Embora infeliz, ele não se preocupa apenas com a sua desgraça, mas interessa-se profundamente pelos projetos dos outros. Freqüentemente fala sobre a minha empresa, que eu lhe contei sem nada ocultar. Ele considerou com atenção todos os argumentos a favor de meu eventual sucesso e os mínimos detalhes das medidas que eu tomei para consegui-lo. Fui facilmente levado pela simpatia que ele demonstrou a usar a linguagem do meu coração, a manifestar o ardente entusiasmo de minha alma, e a dizer, com todo o fervor de que estava possuído, com que satisfação eu sacrificaria minha fortuna, minha existência, todas as minhas esperanças, para alcançar meu objetivo. A vida ou a morte de um homem eram um preço muito baixo a pagar pelo conhecimento que eu procurava, pelo domínio que eu adquiriria e transmitiria para subjugar os inimigos elementares de nossa raça. À medida que eu falava, uma sombra de tristeza se espalhava pelo rosto do meu ouvinte. De início, percebi que ele tentava reprimir sua emoção: ele ocultou os olhos com as mãos e minha voz tremeu até que

fiquei sem fala ao ver que as lágrimas escorriam por entre seus dedos; e de seu peito escapou-se um gemido. Eu parei, e ele por fim falou com a voz entrecortada: "Homem infeliz! Você quer compartilhar a minha loucura? Será que você também bebeu do líquido que embriaga? Escute-me; deixe-me contar-lhe minha estória, e você afastará o cálice de seus lábios!"

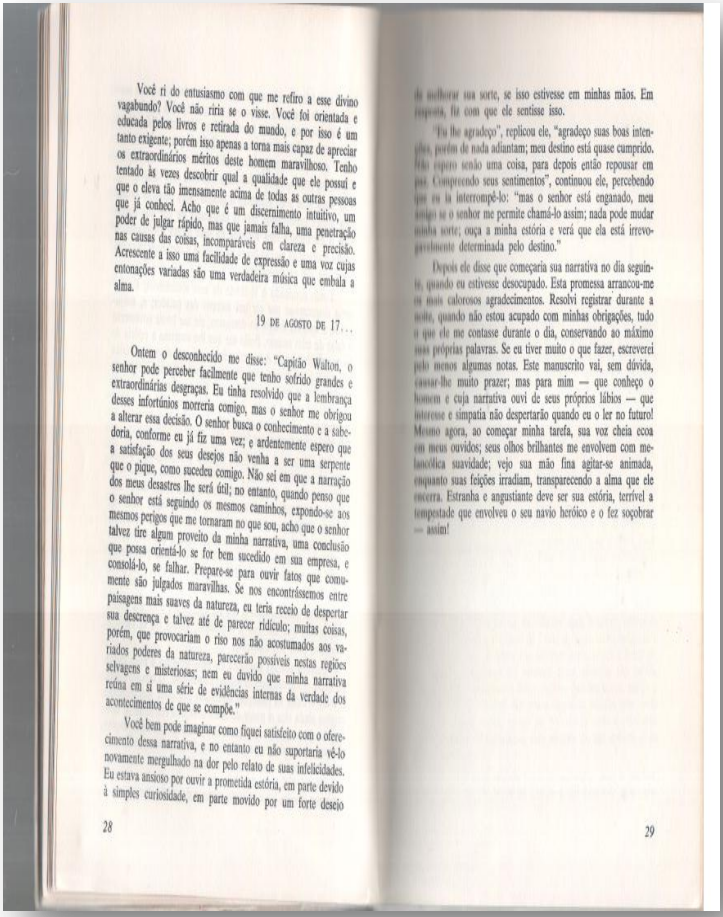
Você bem pode imaginar o quanto essas palavras excitaram minha curiosidade; mas o paroxismo da dor que envolvera o estrangeiro fora superior às suas forças debilitadas, e foram necessárias muitas horas de repouso e conversação calma para que ele se recuperasse.

Tendo dominado a violência de seus sentimentos, ele parecia desprezar-se por ser um escravo das paixões; e, subjugando a sombria tirania do desespero, ele me levou novamente a falar de mim mesmo. Pediu-me que lhe contasse a estória de meus primeiros anos. A narrativa foi breve, mas despertou várias reflexões. Falei-lhe do meu desejo de encontrar um amigo, da minha sede de maior afinidade com um camarada cuja mente sintonizasse com a minha, e expressei a convicção de que um homem que não tivesse encontrado isso não poderia falar de felicidade, por menor que fosse.

"Concordo com o senhor", replicou o estrangeiro. "Somos criaturas imperfeitas, senão pela metade e, se uma delas é mais sábia e melhor do que nós, como deve ser um amigo assim, não peça que ele melhore nossa natureza fraca e falha. Uma vez tive um amigo, uma das criaturas mais nobres que já encontrei, estando portanto capacitado para julgar tudo o que diz respeito a amizades. O senhor tem a esperança e o mundo pela frente, e não tem motivos para se desesperar. Porém eu... eu perdi tudo, e não posso recomeçar a vida".

Assim falando, todo o seu ser aparentava uma dor calma e assentada, que me tocava o coração. Porém ele se calou e retirou-se para seu camarote.

Embora abatido conforme ele está, ninguém é mais capaz de sentir profundamente as belezas da natureza. O céu estrelado, o mar, e todas as paisagens oferecidas por estas maravilhosas regiões ainda têm o poder de fazer com que sua alma se desprenda da terra. Um homem assim tem uma existência dupla: ele pode sofrer desgraças e ser esmagado pelas decepções, mas, quando se volve para dentro de si mesmo, será como um espírito celestial com um halo à sua volta, dentro do qual nenhuma dor ou loucura serão capazes de se aventurar.



Você ri do entusiasmo com que me refiro a esse divino vagabundo? Você não riria se o visse. Você foi orientada e educada pelos livros e retirada do mundo, e por isso é um tanto exigente; porém isso apenas a torna mais capaz de apreciar os extraordinários méritos deste homem maravilhoso. Tenho tentado às vezes descobrir qual a qualidade que ele possui e que o eleva tão imensamente acima de todas as outras pessoas que já conheci. Acho que é um discernimento intuitivo, um poder de julgar rápido, mas que jamais falha, uma penetração nas causas das coisas, incomparáveis em clareza e precisão. Acrescente a isso uma facilidade de expressão e uma voz cujas entonações variadas são uma verdadeira música que embala a alma.

19 DE AGOSTO DE 17...

Ontem o desconhecido me disse: "Capitão Walton, o senhor pode perceber facilmente que tenho sofrido grandes e extraordinárias desgraças. Eu tinha resolvido que a lembrança desses infortúnios morreria comigo, mas o senhor me obrigou a alterar essa decisão. O senhor busca o conhecimento e a sabedoria, conforme eu já fiz uma vez; e ardentemente espero que a satisfação dos seus desejos não venha a ser uma serpente que o pique, como sucedeu comigo. Não sei em que a narração dos meus desastres lhe será útil; no entanto, quando penso que o senhor está seguindo os mesmos caminhos, expondo-se aos mesmos perigos que me tornaram no que sou, acho que o senhor talvez tire algum proveito da minha narrativa, uma conclusão que possa orientá-lo se for bem sucedido em sua empresa, e consolá-lo, se falhar. Prepare-se para ouvir fatos que comumente são julgados maravilhas. Se nos encontrássemos entre paisagens mais suaves da natureza, eu teria receio de despertar sua descrença e talvez até de parecer ridículo; muitas coisas, porém, que provocariam o riso nos não acostumados aos variados poderes da natureza, parecerão possíveis nestas regiões selvagens e misteriosas; nem eu duvido que minha narrativa retina em si uma série de evidências internas da verdade dos acontecimentos de que se compõe."

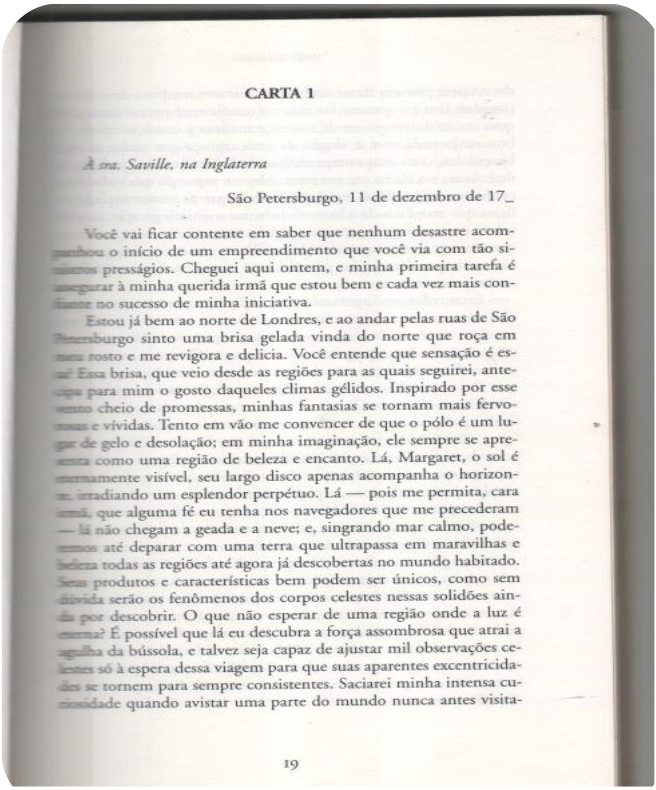
Você bem pode imaginar como fiquei satisfeito com o oferecimento dessa narrativa, e no entanto eu não suportaria vê-lo novamente mergulhado na dor pelo relato de suas infelicidades. Eu estava ansioso por ouvir a prometida estória, em parte devido à simples curiosidade, em parte movido por um forte desejo

de melhorar sua sorte, se isso estivesse em minhas mãos. Em resposta, fiz com que ele sentisse isso.

"Eu lhe agradeço", replicou ele, "agradeço suas boas intenções, porém de nada adiantam; meu destino está quase cumprido. Não espero senão uma coisa, para depois então repousar em paz. Compreendo seus sentimentos", continuou ele, percebendo que eu ia interrompê-lo: "mas o senhor está enganado, meu amigo se o senhor me permite chamá-lo assim; nada pode mudar minha sorte; ouça a minha estória e verá que ela está irrevogavelmente determinada pelo destino."

Depois ele disse que começaria sua narrativa no dia seguinte, quando eu estivesse desocupado. Esta promessa arrancou-me os mais calorosos agradecimentos. Resolvi registrar durante a noite, quando não estou acupado com minhas obrigações, tudo o que ele me contasse durante o dia, conservando ao máximo suas próprias palavras. Se eu tiver muito o que fazer, escreverei pelo menos algumas notas. Este manuscrito vai, sem dúvida, causar-lhe muito prazer; mas para mim — que conheço o homem e cuja narrativa ouvi de seus próprios lábios — que interesse e simpatia não despertarão quando eu o ler no futuro! Mesmo agora, ao começar minha tarefa, sua voz cheia ecoa em meus ouvidos; seus olhos brilhantes me envolvem com melancólica suavidade; vejo sua mão fina agitar-se animada, enquanto suas feições irradiam, transparecendo a alma que ele encerra. Estranha e angustiante deve ser sua estória, terrível a tempestade que envolveu o seu navio heróico e o fez soçobrar — assim!

ANEXO 36 - TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C1 – T4)



CARTA 1

À sra. Saville, na Inglaterra

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17_

Você vai ficar contente em saber que nenhum desastre acompanhou o início de um empreendimento que você via com tão sinistros presságios. Cheguei aqui ontem, e minha primeira tarefa é assegurar à minha querida irmã que estou bem e cada vez mais confiante no sucesso de minha iniciativa.

Estou já bem ao norte de Londres, e ao andar pelas ruas de São Petersburgo sinto uma brisa gelada vinda do norte que roça em meu rosto e me revigora e delicia. Você entende que sensação é essa? Essa brisa, que veio desde as regiões para as quais seguirei, antecipa para mim o gosto daqueles climas gélidos. Inspirado por esse vento cheio de promessas, minhas fantasias se tornam mais fervorosas e vívidas. Tento em vão me convencer de que o pólo é um lugar de gelo e desolação; em minha imaginação, ele sempre se apresenta como uma região de beleza e encanto. Lá, Margaret, o sol é eternamente visível, seu largo disco apenas acompanha o horizonte, irradiando um esplendor perpétuo. Lá — pois me permita, cara irmã, que alguma fé eu tenha nos navegadores que me precederam — lá não chegam a geada e a neve; e, singrando mar calmo, podemos até deparar com uma terra que ultrapassa em maravilhas e beleza todas as regiões até agora já descobertas no mundo habitado. Seus produtos e características bem podem ser únicos, como sem dúvida serão os fenômenos dos corpos celestes nessas solidões ainda por descobrir. O que não esperar de uma região onde a luz é eterna? É possível que lá eu descubra a força assombrosa que atrai a agulha da bússola, e talvez seja capaz de ajustar mil observações celestes só à espera dessa viagem para que suas aparentes excentricidades se tornem para sempre consistentes. Saciarei minha intensa curiosidade quando avistar uma parte do mundo nunca antes visita-

19

da, e talvez pise em terras onde antes homem nenhum deixou pegadas. Isso é o que me fascina, e é o suficiente para afastar qualquer medo do perigo ou da morte, e me leva a começar minha laboriosa jornada com a alegria de uma criança que embarca num barquinho, com seus companheiros de férias, numa expedição de descoberta rio acima em sua terra. Mesmo supondo que todas as conjeturas sejam falsas, você não pode negar os inestimáveis benefícios que trarei a toda a humanidade, até a última geração, ao descobrir uma passagem próxima ao pólo para esses países que muitos querem tantos meses para ser alcançados; ou ao apurar o segredo do ímã, se isso realmente for possível, e só o será por um empreendimento como o meu.

Essas reflexões dispersaram a agitação em que eu começara a minha carta, e sinto meu coração fulgurar com um entusiasmo que me eleva ao céu, pois nada contribui tanto para tranqüilizar a mente quanto um firme propósito — um ponto fixo para onde dirigir a alma. Essa expedição era, desde criança, meu maior sonho. Li com fervor os relatos das várias viagens que foram feitas tendo como objetivo alcançar o Pacífico Norte através dos mares que circundam o pólo. Você deve lembrar que a história de todas as viagens feitas com fins de descoberta era só o que havia na biblioteca de nosso bom tio Thomas. Minha educação foi negligente, no entanto eu gostava apaixonadamente de ler. Esses volumes eram os meus estudos de dia e de noite, e minha familiaridade com eles aguçou meu desapontamento ao saber que, quando criança, uma determinação de meu pai ao morrer proibira meu tio de permitir que eu embarcasse para uma vida de marinheiro.

Essas visões se desvaneceram quando folheei, pela primeira vez, aqueles poetas cujas efusões arrebataram minha alma e me elevaram aos céus. Também eu me tornei um poeta e por um ano vivi num paraíso de minha própria criação; imaginei que também eu poderia obter um nicho no templo consagrado aos nomes de Homero e Shakespeare. Você está bem a par de meu fracasso e de como me foi duro suportar a decepção. Mas foi então que herdei a fortuna de meu primo, e meu pensamento voltou a seguir sua inclinação anterior.

Seis anos se passaram desde que me decidi por esse empreendimento. Posso, mesmo agora, lembrar o momento a partir do qual me entreguei a essa grande empresa. Comecei por habituar meu corpo às privações. Acompanhei pescadores de baleia em várias expedições no mar do Norte; voluntariamente suportei o frio, a fome, a sede e a falta de sono; freqüentemente eu trabalhava mais duramente que os outros marinheiros durante o dia e dedicava minhas noites ao estudo das matemáticas, da teoria da medicina, e desses ramos da ciência física dos quais um aventureiro marítimo teria mais vantagens práticas em obter. Duas vezes me empreguei como suboficial num baleeiro da Groenlândia, e meu desempenho foi digno de admiração. Devo reconhecer que me senti um pouco orgulhoso quando meu capitão me ofereceu o segundo posto em seu navio e pediu com a maior veemência que eu aceitasse, tão valiosos ele considerara os meus serviços.

E agora, cara Margaret, será que eu não mereço realizar um grande objetivo? Poderia passar minha vida em meio ao luxo e ao conforto, mas preferi a glória a toda tentação que a riqueza pôs em meu caminho. Ah, que alguma voz encorajadora responda afirmativa! Minha coragem e minha determinação são firmes; mas minhas esperanças vacilam, e meu ânimo freqüentemente se abate. Estou a ponto de me lançar a uma longa e difícil viagem, cujas emergências exigirão toda a firmeza de que eu for capaz; não só para que eu levante o ânimo dos outros, mas às vezes para manter o meu próprio, quando o deles falhar.

Essa é a época mais favorável às viagens na Rússia. Desliza-se rapidamente sobre a neve com trenós; o movimento é agradável e, na minha opinião, bem mais aprazível que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, se você estiver usando casaco de pele — um traje que eu já adotei, porque há uma enorme diferença entre andar num convés e ficar sentado num trenó sem se mover por horas, quando nenhum exercício evita que o sangue realmente congele nas veias. Não tenho a intenção de perder a vida na estrada entre São Petersburgo e Archangel.

É para onde devo partir daqui a uma quinzena ou em três semanas; e minha intenção é contratar um navio lá, o que pode ser

feito facilmente pagando o seguro ao proprietário, e empregar [illegible] tos marinheiros quantos considerar necessário entre aqueles [illegible] mados à pesca da baleia. Não pretendo zarpar até o mês de [illegible] e quando voltarei? Ah, cara irmã, como responder a essa [illegible] Se eu tiver sucesso, muitos e muitos meses, talvez anos, se [illegible] até nos encontrarmos de novo. Se eu fracassar, você me verá [illegible] vo logo, ou nunca mais.

Adeus, minha querida, adorada Margaret. Que o céu lhe [illegible] de bênçãos, e me guarde, para que eu possa ainda testemunhar [illegible] finitamente minha gratidão por todo seu amor e gentileza.

Seu irmão, que muito lhe [illegible]

R. W[illegible]

CARTA 2

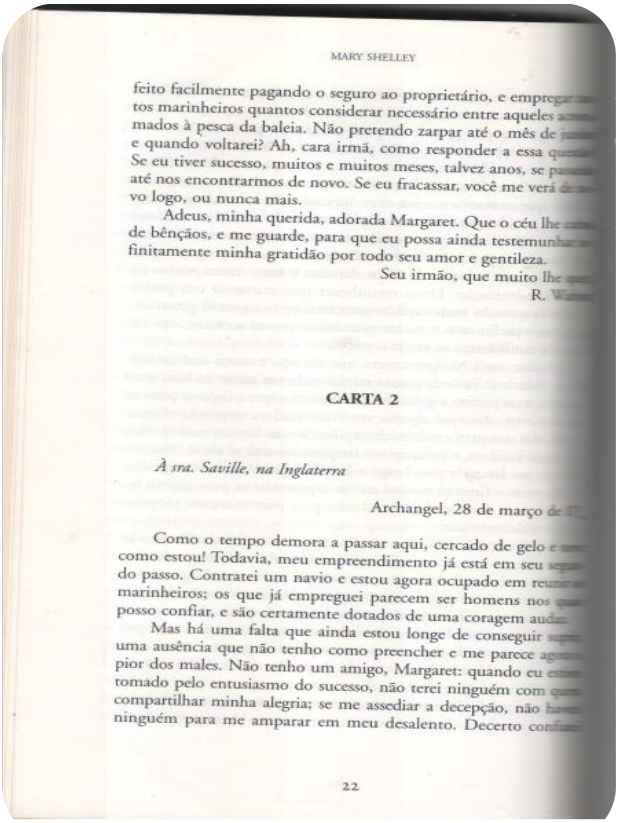
À sra. Saville, na Inglaterra

Archangel, 28 de março de [illegible]

Como o tempo demora a passar aqui, cercado de gelo e [illegible] como estou! Todavia, meu empreendimento já está em seu segu[illegible] do passo. Contratei um navio e estou agora ocupado em reunir [illegible] marinheiros; os que já empreguei parecem ser homens nos [illegible] posso confiar, e são certamente dotados de uma coragem audaz.

Mas há uma falta que ainda estou longe de conseguir supr[illegible] uma ausência que não tenho como preencher e me parece agra[illegible] pior dos males. Não tenho um amigo, Margaret: quando eu estiv[illegible] tomado pelo entusiasmo do sucesso, não terei ninguém com quem compartilhar minha alegria; se me assediar a decepção, não haverá ninguém para me amparar em meu desalento. Decerto confiar[illegible]

ANEXO 37 - TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C2 – T4)



MARY SHELLEY

feito facilmente pagando o seguro ao proprietário, e empreg
tos marinheiros quantos considerar necessário entre aqueles
mados à pesca da baleia. Não pretendo zarpar até o mês de
e quando voltarei? Ah, cara irmã, como responder a essa
Se eu tiver sucesso, muitos e muitos meses, talvez anos, se
até nos encontrarmos de novo. Se eu fracassar, você me verá
vo logo, ou nunca mais.

Adeus, minha querida, adorada Margaret. Que o céu lhe
de bênçãos, e me guarde, para que eu possa ainda testemunhar
finitamente minha gratidão por todo seu amor e gentileza.

Seu irmão, que muito lhe
R.

CARTA 2

À sra. Saville, na Inglaterra

Archangel, 28 de março de

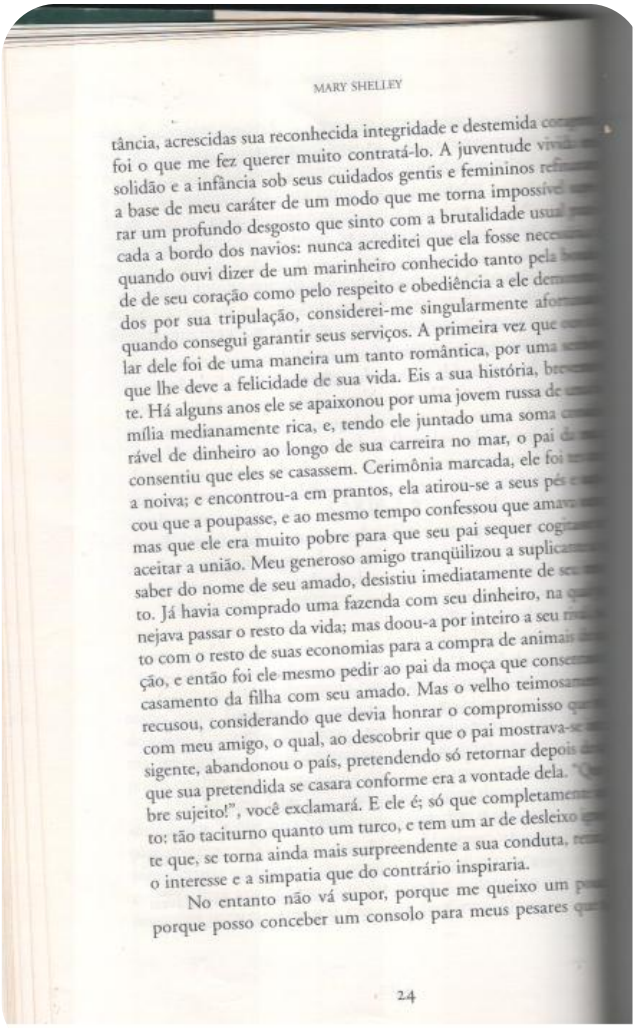
Como o tempo demora a passar aqui, cercado de gelo e
como estou! Todavia, meu empreendimento já está em seu
do passo. Contratei um navio e estou agora ocupado em reu
marinheiros; os que já empreguei parecem ser homens nos
posso confiar, e são certamente dotados de uma coragem aud

Mas há uma falta que ainda estou longe de conseguir
uma ausência que não tenho como preencher e me parece
pior dos males. Não tenho um amigo, Margaret: quando eu
tomado pelo entusiasmo do sucesso, não terei ninguém com
compartilhar minha alegria; se me assediar a decepção, não
ninguém para me amparar em meu desalento. Decerto

meus pensamentos ao papel; mas esse é um meio insatisfatório para comunicar a emoção. Anseio pela companhia de alguém que possa partilhá-la comigo, cujos olhos respondam aos meus. Você pode me julgar romântico, minha cara irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho ninguém próximo a mim, gentil porém corajoso, dotado de uma mente cultivada e ao mesmo tempo capaz, cujas inclinações sejam parecidas com as minhas, para aprovar ou corrigir meus planos. Quanto um amigo assim seria capaz de emendar os defeitos de seu pobre irmão! Sou muito ardente para pôr as coisas em prática e muito impaciente com as dificuldades. Mas é ainda infortúnio maior para mim que eu seja autodidata: nos primeiros catorze anos de minha vida pouca educação tive e nada li a não ser os livros de viagens do tio Thomas. Nessa idade é que conheci os poetas célebres de nosso país; mas foi só quando já não estava mais em meu poder derivar algum benefício dessa convicção que percebi a necessidade de conhecer mais línguas além da de minha terra natal. Agora tenho vinte e oito anos e sou na realidade mais ignorante que muito estudante de quinze. É verdade que refleti mais e meus devaneios são mais abrangentes e inspirados, mas a eles falta (como dizem os pintores) *perspectiva*; e preciso muito de um amigo que tenha a sensibilidade suficiente para não me desdenhar como um romântico, e a afeição necessária para me ajudar a equilibrar minha mente.

Bem, reclamo inutilmente; é certo que não encontrarei amigo algum no vasto oceano, e nem mesmo aqui em Archangel, entre mercadores e marinheiros. Ainda assim alguns sentimentos, indiferentes à escória da natureza humana, pulsam até mesmo nesses peitos rudes. Meu imediato, por exemplo, é um homem de iniciativa e coragem admiráveis; ele anseia loucamente pela glória, ou melhor, para dizê-lo em termos mais adequados, por progredir em sua profissão. Ele é inglês e, em meio a seus preconceitos nacionais e profissionais, não abrandados por uma educação, retém algumas das mais nobres qualidades da humanidade. Conhecera-o a bordo de um navio baleeiro; ao descobrir que ele estava nessa cidade sem emprego, não hesitei em contratá-lo para me auxiliar nesse meu empreendimento.

O mestre é uma pessoa de um humor excelente, sendo notáveis a bordo a sua gentileza e a brandura de sua disciplina. Essa circuns-



tância, acrescidas sua reconhecida integridade e destemida co
foi o que me fez querer muito contratá-lo. A juventude viv
solidão e a infância sob seus cuidados gentis e femininos re
a base de meu caráter de um modo que me torna impossível
rar um profundo desgosto que sinto com a brutalidade usual
cada a bordo dos navios: nunca acreditei que ela fosse nece
quando ouvi dizer de um marinheiro conhecido tanto pela
de de seu coração como pelo respeito e obediência a ele de
dos por sua tripulação, considerei-me singularmente afo
quando consegui garantir seus serviços. A primeira vez que
lar dele foi de uma maneira um tanto romântica, por uma
que lhe deve a felicidade de sua vida. Eis a sua história, bre
te. Há alguns anos ele se apaixonou por uma jovem russa de
mília medianamente rica, e, tendo ele juntado uma soma
rável de dinheiro ao longo de sua carreira no mar, o pai d
consentiu que eles se casassem. Cerimônia marcada, ele foi
a noiva; e encontrou-a em prantos, ela atirou-se a seus pés
cou que a poupasse, e ao mesmo tempo confessou que ama
mas que ele era muito pobre para que seu pai sequer cog
aceitar a união. Meu generoso amigo tranqüilizou a suplic
saber do nome de seu amado, desistiu imediatamente de s
to. Já havia comprado uma fazenda com seu dinheiro, na q
nejava passar o resto da vida; mas doou-a por inteiro a seu
to com o resto de suas economias para a compra de animais
ção, e então foi ele mesmo pedir ao pai da moça que conse
casamento da filha com seu amado. Mas o velho teimosa
recusou, considerando que devia honrar o compromisso q
com meu amigo, o qual, ao descobrir que o pai mostrava-se
sigente, abandonou o país, pretendendo só retornar depois
que sua pretendida se casara conforme era a vontade dela. "Q
bre sujeito!", você exclamará. E ele é; só que completame
to: tão taciturno quanto um turco, e tem um ar de desleixo
te que, se torna ainda mais surpreendente a sua conduta,
o interesse e a simpatia que do contrário inspiraria.

No entanto não vá supor, porque me queixo um p
porque posso conceber um consolo para meus pesares q

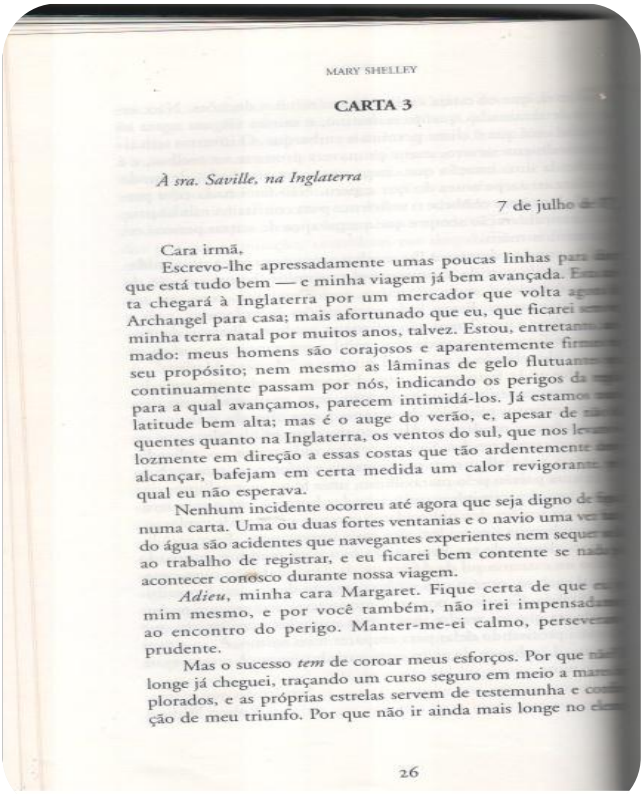
jamais terei, que eu esteja vacilando em minhas decisões. Não; estão tão determinadas quanto o destino, e minha viagem agora só está adiada até que o clima permita o embarque. O inverno tem sido horrivelmente severo, mas a primavera promete ser melhor, e é considerada uma estação que chega notavelmente cedo, de modo que talvez eu zarpe antes do que espero. Não farei nada com precipitação; você me conhece o suficiente para confiar na minha prudência e consideração sempre que a segurança de outras pessoas está em minhas mãos.

Não consigo descrever-lhe minhas sensações com a proximidade iminente da partida. É impossível transmitir-lhe uma noção da sensação apreensiva, meio prazerosa, meio temerosa, com que me preparo para zarpar. Estou indo para regiões inexploradas, para a "terra de névoa e neve", mas não irei matar nenhum albatroz; de modo que não fique preocupada com minha segurança, ou que eu vá voltar tão alquebrado e miserável quanto o "*Ancient Mariner*". A alusão deve tê-la feito sorrir, mas deixe-me revelar um segredo. Freqüentemente atribuo minha ligação, meu apaixonado entusiasmo pelos perigosos mistérios do oceano, a essa obra do mais imaginativo dos poetas modernos. Algo acontece em minha alma que eu não consigo compreender. Sou na prática industrioso — aplicado, um operário a trabalhar com perseverança e esforço — mas ao lado disso há uma paixão pelo maravilhoso, uma fé no maravilhoso, que me lança fora dos caminhos rotineiros dos homens, até o mar tempestuoso e as regiões desconhecidas que estou a ponto de explorar.

Mas voltemos a considerações mais importantes. Encontrá-la-ei de novo, depois de ter atravessado os vastos mares, e retornado pelo cabo no extremo sul da África ou da América? Não ouso esperar um tal sucesso, porém não tenho coragem de encarar a possibilidade contrária. Continue por ora a me escrever sempre que puder: bem pode ser que eu receba suas cartas naquelas ocasiões em que mais estarei precisando delas para amparar meu ânimo. Amo-a muitíssimamente. Lembre-se de mim com carinho, se você nunca mais souber de mim.

Seu irmão que a ama,
Robert Walton

ANEXO 38 - TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C3 – T4)



MARY SHELLEY

CARTA 3

À sra. Saville, na Inglaterra

7 de julho de

Cara irmã,

Escrevo-lhe apressadamente umas poucas linhas para
que está tudo bem — e minha viagem já bem avançada. Es
ta chegará à Inglaterra por um mercador que volta ag
Archangel para casa; mais afortunado que eu, que ficarei
minha terra natal por muitos anos, talvez. Estou, entretan
mado: meus homens são corajosos e aparentemente firm
seu propósito; nem mesmo as lâminas de gelo flutuan
continuamente passam por nós, indicando os perigos da
para a qual avançamos, parecem intimidá-los. Já estamos
latitude bem alta; mas é o auge do verão, e, apesar de
quentes quanto na Inglaterra, os ventos do sul, que nos le
lozmente em direção a essas costas que tão ardentemente
alcançar, bafejam em certa medida um calor revigorante
qual eu não esperava.

Nenhum incidente ocorreu até agora que seja digno de
numa carta. Uma ou duas fortes ventanias e o navio uma ve
do água são acidentes que navegantes experientes nem sequer
ao trabalho de registrar, e eu ficarei bem contente se nad
acontecer conosco durante nossa viagem.

Adieu, minha cara Margaret. Fique certa de que e
mim mesmo, e por você também, não irei impensad
ao encontro do perigo. Manter-me-ei calmo, persever
prudente.

Mas o sucesso *tem* de coroar meus esforços. Por que n
longe já cheguei, traçando um curso seguro em meio a mar
plorados, e as próprias estrelas servem de testemunha e co
ção de meu triunfo. Por que não ir ainda mais longe no el

26

indomado porém obediente? O que pode deter o coração determinado e a vontade resoluta de um homem?

Meu coração arrebatado se derrama involuntariamente assim. Mas preciso terminar. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R. W.

CARTA 4

À sra. Saville, na Inglaterra

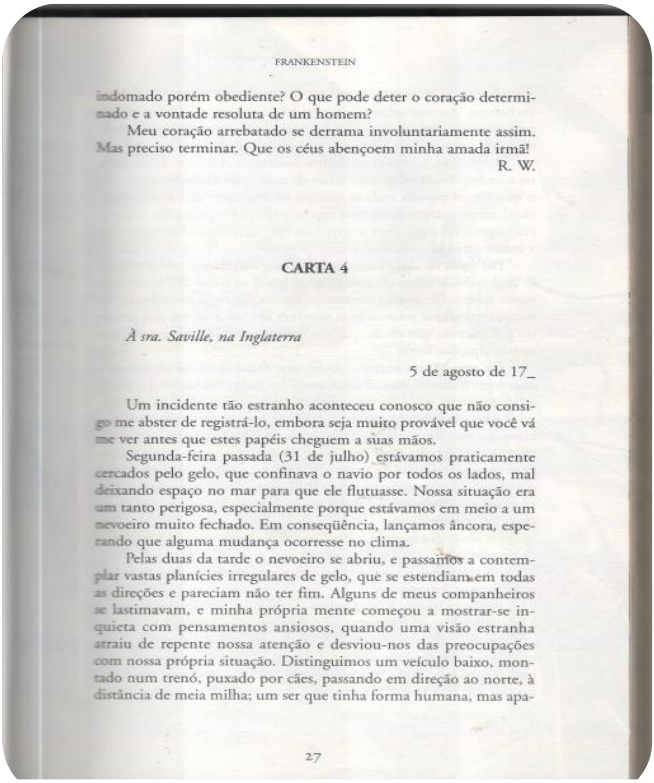
5 de agosto de 17_

Um incidente tão estranho aconteceu conosco que não consigo me abster de registrá-lo, embora seja muito provável que você vá me ver antes que estes papéis cheguem a suas mãos.

Segunda-feira passada (31 de julho) estávamos praticamente cercados pelo gelo, que confinava o navio por todos os lados, mal deixando espaço no mar para que ele flutuasse. Nossa situação era um tanto perigosa, especialmente porque estávamos em meio a um nevoeiro muito fechado. Em conseqüência, lançamos âncora, esperando que alguma mudança ocorresse no clima.

Pelas duas da tarde o nevoeiro se abriu, e passamos a contemplar vastas planícies irregulares de gelo, que se estendiam em todas as direções e pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros se lastimavam, e minha própria mente começou a mostrar-se inquieta com pensamentos ansiosos, quando uma visão estranha atraiu de repente nossa atenção e desviou-nos das preocupações com nossa própria situação. Distinguimos um veículo baixo, montado num trenó, puxado por cães, passando em direção ao norte, à distância de meia milha; um ser que tinha forma humana, mas apa-

ANEXO 39 - TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR MARCOS MAFFEI, 1998. (C4 – T4)



indomado porém obediente? O que pode deter o coração determinado e a vontade resoluta de um homem?

Meu coração arrebatado se derrama involuntariamente assim. Mas preciso terminar. Que os céus abençoem minha amada irmã!

R. W.

CARTA 4

À sra. Saville, na Inglaterra

5 de agosto de 17_

Um incidente tão estranho aconteceu conosco que não consigo me abster de registrá-lo, embora seja muito provável que você vá me ver antes que estes papéis cheguem a suas mãos.

Segunda-feira passada (31 de julho) estávamos praticamente cercados pelo gelo, que confinava o navio por todos os lados, mal deixando espaço no mar para que ele flutuasse. Nossa situação era um tanto perigosa, especialmente porque estávamos em meio a um nevoeiro muito fechado. Em conseqüência, lançamos âncora, esperando que alguma mudança ocorresse no clima.

Pelas duas da tarde o nevoeiro se abriu, e passamos a contemplar vastas planícies irregulares de gelo, que se estendiam em todas as direções e pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros se lastimavam, e minha própria mente começou a mostrar-se inquieta com pensamentos ansiosos, quando uma visão estranha atraiu de repente nossa atenção e desviou-nos das preocupações com nossa própria situação. Distinguimos um veículo baixo, montado num trenó, puxado por cães, passando em direção ao norte, à distância de meia milha; um ser que tinha forma humana, mas apa-

rentemente de estatura gigantesca, ia sentado no trenó, g
cachorros. Acompanhamos o rápido progresso do viaja
nossas lunetas até ele se perder em meio às distantes irregula
do gelo.

A aparição encheu-nos de um assombro absoluto. Est
ou acreditávamos estar, a centenas de milhas de qualquer te
o que vimos parecia indicar que ela na realidade não esta
tão distante quanto havíamos suposto. Barrados pelo gelo,
era impossível seguirmos seu trajeto, que havíamos observa
a maior atenção.

Por volta de duas horas depois desse incidente, ouvim
lo rachando, e antes do anoitecer já havia se rompido, libe
nosso navio. Ficamos, entretanto, ancorados até o amanhe
mendo encontrar no escuro as enormes massas à deriva que
do gelo depois que ele se quebra. Aproveitei esse tempo pa
cansar algumas horas.

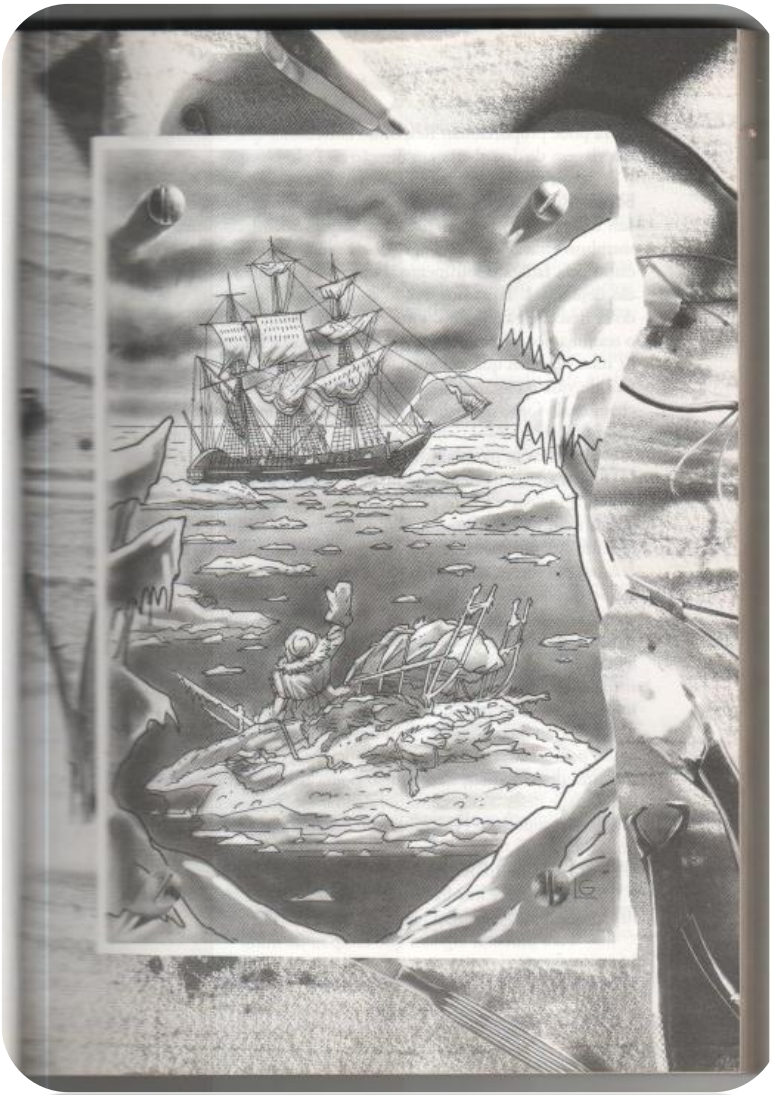
De manhã, no entanto, assim que ficou claro saí ao c
encontrei todos os marinheiros num dos lados do navio, oc
aparentemente em falar com alguém no mar. Era, de fato,
nó, como o que havíamos visto antes, e chegara até nosso na
rante a noite num grande fragmento de gelo à deriva. Só
chorro ainda estava vivo; mas havia junto dele um ser huma
os marinheiros tentavam persuadir a subir no navio. Não era
o outro viajante parecera ser, um habitante selvagem de alg
ra ainda não descoberta, mas um europeu. Quando eu ap
convés o mestre disse:

— Eis nosso capitão, e ele não vai permitir que o senhor p
ça no mar.

Ao me ver, o forasteiro se dirigiu a mim em inglês, ain
com sotaque estrangeiro.

— Antes que eu suba a bordo — disse —, o senhor pod
a gentileza de me informar qual o destino de seu navio?

Você pode imaginar minha perplexidade ao ouvir
questão a mim dirigida por um homem à beira de ser aniqu
para o qual eu deveria supor que meu navio só podia ser u
lio que ele não trocaria nem pelas mais preciosas riquezas



Terra pode proporcionar. Respondi, entretanto, que estávamos [illegible] ma viagem de descoberta em direção ao Pólo Norte.

Ao ouvir isso ele pareceu ficar satisfeito e consentiu em [illegible] bordo. Meu Deus! Margaret, se você pudesse ver o homem que [illegible] sim capitulara a sua segurança, sua surpresa não teria limites. [illegible] membros estavam quase congelados, e seu corpo terrivelmente [illegible] ciado pela fadiga e sofrimento. Nunca vi um homem num estado [illegible] tão deplorável. Tentamos levá-lo até a cabine, mas, assim que [illegible] do ar fresco, ele desmaiou. Então o trouxemos de volta ao convés [illegible] o reanimamos esfregando brandy em seu rosto e forçando-o a engo- [illegible] lir uma pequena quantidade da bebida. Assim que ele mostrou [illegible] nais de vida o envolvemos em cobertores e o levamos até perto [illegible] chaminé do fogão da cozinha. Aos poucos ele começou a se recuperar [illegible] e tomou um pouco de sopa, que fez seu estado melhorar muito.

Dois dias se passaram dessa maneira, antes que ele conseguisse [illegible] se voltar a falar, e eu freqüentemente temia que as privações por que [illegible] passara tivessem-no feito perder a razão. Quando ele já estava um [illegible] pouco mais recuperado, transferi-o para minha cabine e cuidei [illegible] le tanto quanto meus deveres permitiam. Nunca havia visto uma [illegible] criatura tão interessante: seus olhos mantêm em geral uma expressão selvagem, quase a de um louco, mas há momentos em que [illegible] alguém lhe faz qualquer gentileza ou lhe presta o mais ínfimo dos serviços, todo o seu semblante se ilumina, irradiando uma benevolência e uma doçura que nunca vi iguais. Mas geralmente ele [illegible] melancólico ou em desespero, e às vezes range os dentes, como impaciente com o peso dos infortúnios a oprimi-lo.

Quando meu hóspede ficou um pouco melhor tive muito [illegible] balho para manter afastados meus homens, que lhe queriam fazer [illegible] milhares de perguntas; mas eu não podia permitir que a superficial [illegible] curiosidade deles o atormentasse, dado o estado de seu corpo e [illegible] ma, cuja recuperação evidentemente dependia de um completo [illegible] pouso. Uma vez, entretanto, o imediato lhe perguntou por que [illegible] chegara tão ao norte no gelo com aquele veículo tão estranho.

Seu semblante imediatamente assumiu o aspecto do mais [illegible] fundo desalento, e ele respondeu:

— Para procurar alguém que escapou de mim.

— E o homem que o senhor perseguia viajava do mesmo modo?

— Sim.

— Então acho que nós o vimos, porque no dia anterior àquele em que o recolhemos vimos um trenó sendo puxado por cachorros, levando um homem, através do gelo.

A resposta despertou o interesse do estrangeiro, e ele fez uma série de perguntas em relação à rota que o demônio, como o chamava, teria seguido. Logo depois, quando estava sozinho comigo, ele disse:

— Sem dúvida, devo ter provocado sua curiosidade, tanto quanto a dessa boa gente; mas o senhor é gentil demais para me fazer perguntas.

— Com certeza seria muito impertinente e desumano de minha parte ficar importunando-o com minha curiosidade.

— E no entanto o senhor me salvou de uma situação insólita e perigosa; com benevolência me devolveu a vida.

Logo depois disso, ele quis saber se eu achava que o rompimento do gelo teria destruído o outro trenó. Disse-lhe que não poderia responder com certeza, já que o gelo não se rompera até a meia-noite, e o viajante poderia ter alcançado algum lugar seguro antes dessa hora; mas era algo que eu não podia afirmar ou negar.

Daí em diante um novo sopro de vida animou a constituição debilitada do estrangeiro. Ele mostrou-se ansioso por ficar no convés vigiando a volta do outro trenó; mas eu o convenci a ficar na cabine, por estar muito fraco para ficar exposto à fria atmosfera. Prometi que alguém ficaria de vigia e o avisaria imediatamente se algum novo objeto fosse avistado.

Eis, até o presente momento, meu diário sobre esse estranho evento. O estrangeiro gradualmente tem melhorado de saúde, mas está sempre muito quieto e parece incomodar-se quando qualquer um, exceto eu, entra em sua cabine. No entanto, seus modos são tão conciliatórios e gentis que os marinheiros todos se mostram preocupados com ele, mesmo tendo muito pouco contato com ele. De minha parte, começo a gostar dele como de um irmão, e o seu constante e profundo pesar me enche de solidariedade e compaixão.

Ele deve ter sido uma nobre criatura em dias melhores, se
agora, arruinado, é tão simpático e amigável.

Disse numa de minhas cartas, cara Margaret, que eu
contraria um amigo no vasto oceano; e, no entanto, encon
homem que, antes de ter seu ânimo despedaçado pelo infor
eu ficaria feliz em ter como meu irmão de coração.

Continuarei a manter de tempos em tempos esse diário
o estrangeiro, sempre que tiver novos incidentes para regist

13 de agosto de

Minha afeição pelo meu hóspede cresce dia a dia. Ele
ao mesmo tempo minha admiração e minha piedade num gra
preendente. Como ver uma criatura tão nobre destruída pelo
túnio sem sentir o pesar mais pungente? Ele é tão gentil, e
tanto tão sábio; tem a mente tão refinada, e quando fala, ain
suas palavras sejam escolhidas com a mais requintada ar
fluem com rapidez e numa eloqüência sem igual.

Ele já melhorou bastante, e fica o tempo todo no convés,
temente à espreita do trenó que precedera o seu. No entanto,
que infeliz, ele não está tão totalmente tomado por seu infor
ra não se interessar profundamente pelos projetos dos outros.
qüentemente conversado comigo sobre o meu, que lhe infor
reservas. Considerou cuidadosamente todos os argumentos q
sentei a favor de meu eventual sucesso, bem como todos os
das medidas que tomei com vistas em assegurá-lo. A compre
ele demonstrou fez com que eu me arrebatasse e lhe abrisse
ração, exprimindo o ardente fervor de minha alma, acabando
zer, com todo o ardor que me acalentava, que não hesitaria
ficar minha fortuna, minha existência, minhas esperanças to
avanço do meu empreendimento. A vida ou a morte de um
não seria mais que um preço ínfimo a pagar pela aquisição do
cimento que eu buscava, pelo domínio sobre os inimigos el
de nossa raça que eu iria obter e legar. Enquanto eu falava,
teza sombria foi tomando seu semblante. Percebi que de início
tava conter essa emoção; pôs as mãos sobre os olhos, e minha
meçou a tremer e a falhar quando me dei conta de que lág

corriam por entre seus dedos; um gemido irrompeu de seu peito arquejante. Fiquei em silêncio; por fim, ele disse, com voz entrecortada:

— Infeliz! Possui-lhe loucura igual a minha? Terá você também bebido a mesma poção inebriante? Ouça-me com atenção, deixe que eu lhe revele a minha história, e você lançará longe de seus lábios essa taça!

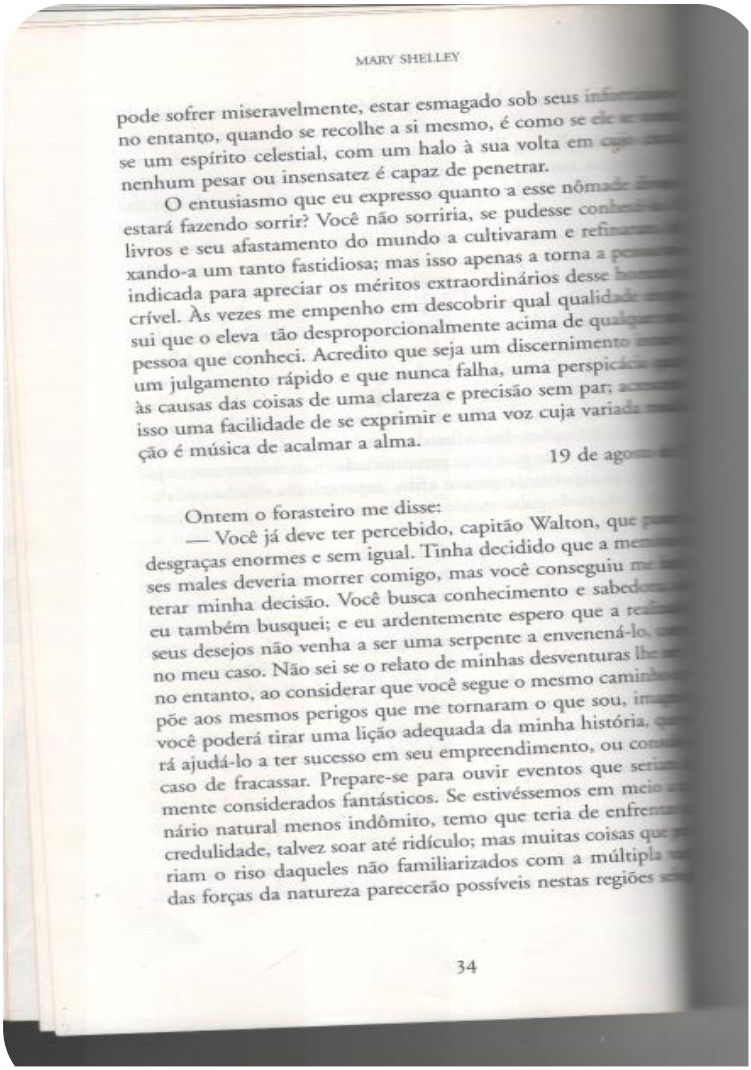
Tais palavras, você pode imaginar, despertaram em mim intensa curiosidade; mas o paroxismo de pesar a que chegara o estranho excedera suas debilitadas forças, e muitas horas de repouso e conversa tranqüila foram necessárias para restaurar-lhe a disposição.

Tendo controlado a violência de suas emoções, ele pareceu desprezar a si mesmo por se deixar dominar de tal forma pela paixão e, subjugando a tirania sombria do desespero, fez com que a conversa voltasse a se referir a minha pessoa. Quis saber a história da minha infância e juventude. Contei-a brevemente, mas ela suscitou uma ficira de reflexões. Falei-lhe de meu desejo de encontrar um amigo, da minha sede por uma proximidade mais íntima como jamais tive com alguém de mente afim, expressando minha convicção de que não pode gabar-se de ser feliz um homem que não conte com tal bênção.

— Concordo — ele respondeu. — Somos criaturas informes, incabadas, se alguém mais sábio, mais estimado, melhor do que nós mesmos, como tem de ser um amigo, não nos ajuda a aperfeiçoar nossa débil e falha natureza. Tive uma vez um amigo assim, o mais nobre dos seres humanos, e posso, portanto, ser dessa opinião quanto à amizade. Você tem esperanças e o mundo inteiro a sua frente, não há por que se desesperar. Já eu... eu perdi tudo e não tenho como recomeçar minha vida.

Ao dizer isso seu semblante expressava uma mágoa serena e resignada que me tocou o coração. Mas ele se calou e em seguida se retirou para sua cabine.

Mesmo em seu desconsolado estado de espírito, não há ninguém que se encante com as belezas da natureza mais intensamente do que ele. O céu estrelado, o mar, e todas as vistas que essas regiões magníficas proporcionam, parecem ter ainda o poder de elevar-lhe a alma. Um homem como ele leva uma dupla existência:



pode sofrer miseravelmente, estar esmagado sob seus in
no entanto, quando se recolhe a si mesmo, é como se ele
se um espírito celestial, com um halo à sua volta em
nenhum pesar ou insensatez é capaz de penetrar.

O entusiasmo que eu expresso quanto a esse nômade
estará fazendo sorrir? Você não sorriria, se pudesse conh
livros e seu afastamento do mundo a cultivaram e refin
xando-a um tanto fastidiosa; mas isso apenas a torna a
indicada para apreciar os méritos extraordinários desse
crível. Às vezes me empenho em descobrir qual qualidade
sui que o eleva tão desproporcionalmente acima de qual
pessoa que conheci. Acredito que seja um discernimento
um julgamento rápido e que nunca falha, uma perspicá
às causas das coisas de uma clareza e precisão sem par;
isso uma facilidade de se exprimir e uma voz cuja variada
ção é música de acalmar a alma.

19 de agos

Ontem o forasteiro me disse:

— Você já deve ter percebido, capitão Walton, que
desgraças enormes e sem igual. Tinha decidido que a me
ses males deveria morrer comigo, mas você conseguiu me
terar minha decisão. Você busca conhecimento e sabedo
eu também busquei; e eu ardentemente espero que a re
seus desejos não venha a ser uma serpente a envenená-lo,
no meu caso. Não sei se o relato de minhas desventuras lhe
no entanto, ao considerar que você segue o mesmo camin
põe aos mesmos perigos que me tornaram o que sou, im
você poderá tirar uma lição adequada da minha história,
rá ajudá-lo a ter sucesso em seu empreendimento, ou co
caso de fracassar. Prepare-se para ouvir eventos que seri
mente considerados fantásticos. Se estivéssemos em meio
nário natural menos indômito, temo que teria de enfren
credulidade, talvez soar até ridículo; mas muitas coisas que
riam o riso daqueles não familiarizados com a múltipla
das forças da natureza parecerão possíveis nestas regiões

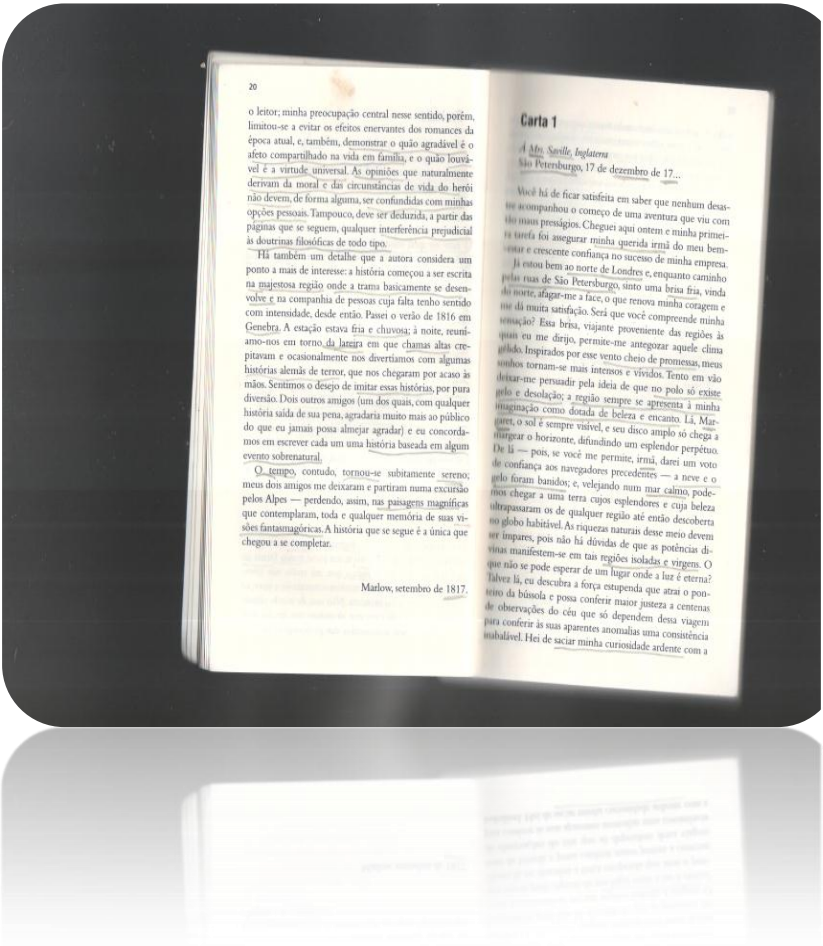
misteriosas; tampouco posso duvidar que minha história contenha a evidência interna da verdade dos sucessivos eventos que a compõem.

Você pode facilmente imaginar o quanto eu fiquei grato pela oferta do relato, mas ainda assim não podia descartar que ele renovaria sua infelicidade ao repassar todas suas desgraças. Fiquei extremamente ansioso de ouvir a narrativa prometida, em parte pela curiosidade, em parte por uma grande vontade de ajudá-lo a ter um destino melhor, se isso estivesse a meu alcance. Foi o que expressei em minha resposta.

— Agradeço sua solidariedade — respondeu ele — mas ela é inútil; meu destino já está quase todo cumprido. Espero só mais um evento, para então poder descansar em paz. Compreendo seus sentimentos — continuou ele, percebendo que eu queria interrompê-lo — mas você está enganado, meu amigo, se me permite chamá-lo assim; nada pode alterar meu destino; ouça minha história e saberá quão irrevogavelmente ele já está decidido.

Disse-me então que começaria sua narrativa no dia seguinte, quando eu tivesse tempo. Essa promessa me fez agradecer calorosamente. Decidi registrar, toda noite em que não estiver ocupado por deveres imperiosos, o que ele tiver contado durante o dia, do modo mais próximo possível de suas próprias palavras. Se estiver muito ocupado, ao menos tomarei notas. Esse manuscrito lhe proporcionará, sem dúvida, o maior prazer; mas para mim, que o conheço e o ouvirei de seus próprios lábios — com que interesse e compaixão eu o lerei algum dia no futuro! Mesmo agora quando começo minha tarefa sua voz poderosa me enche os ouvidos; retenho em mim o brilho de seus olhos com toda sua melancólica doçura; vejo sua mão magra gesticulando animada, enquanto os traços de seu rosto se deixam irradiar por sua alma. Estranha e angustiante deve ser a sua história, aterrorizante a tempestade que alcançou em seu curso um navio tão galante e o fez naufragar — tão catastroficamente!

ANEXO 40 - TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C1 – T5)



20

o leitor; minha preocupação central nesse sentido, porém, limitou-se a evitar os efeitos enervantes dos romances da época atual, e, também, demonstrar o quão agradável é o afeto compartilhado na vida em família, e o quão louvável é a virtude universal. As opiniões que naturalmente derivam da moral e das circunstâncias de vida do herói não devem, de forma alguma, ser confundidas com minhas opções pessoais. Tampouco, deve ser deduzida, a partir das páginas que se seguem, qualquer interferência prejudicial às doutrinas filosóficas de todo tipo.

Há também um detalhe que a autora considera um ponto a mais de interesse: a história começou a ser escrita na majestosa região onde a trama basicamente se desenvolve e na companhia de pessoas cuja falta tenho sentido com intensidade, desde então. Passei o verão de 1816 em Genebra. A estação estava fria e chuvosa; à noite, reuníamo-nos em torno da lareira em que chamas altas crepitavam e ocasionalmente nos divertíamos com algumas histórias alemãs de terror, que nos chegaram por acaso às mãos. Sentimos o desejo de imitar essas histórias, por pura diversão. Dois outros amigos (um dos quais, com qualquer história saída de sua pena, agradaria muito mais ao público do que eu jamais possa almejar agradar) e eu concordamos em escrever cada um uma história baseada em algum evento sobrenatural.

O tempo, contudo, tornou-se subitamente sereno; meus dois amigos me deixaram e partiram numa excursão pelos Alpes — perdendo, assim, nas paisagens magníficas que contemplaram, toda e qualquer memória de suas visões fantasmagóricas. A história que se segue é a única que chegou a se completar.

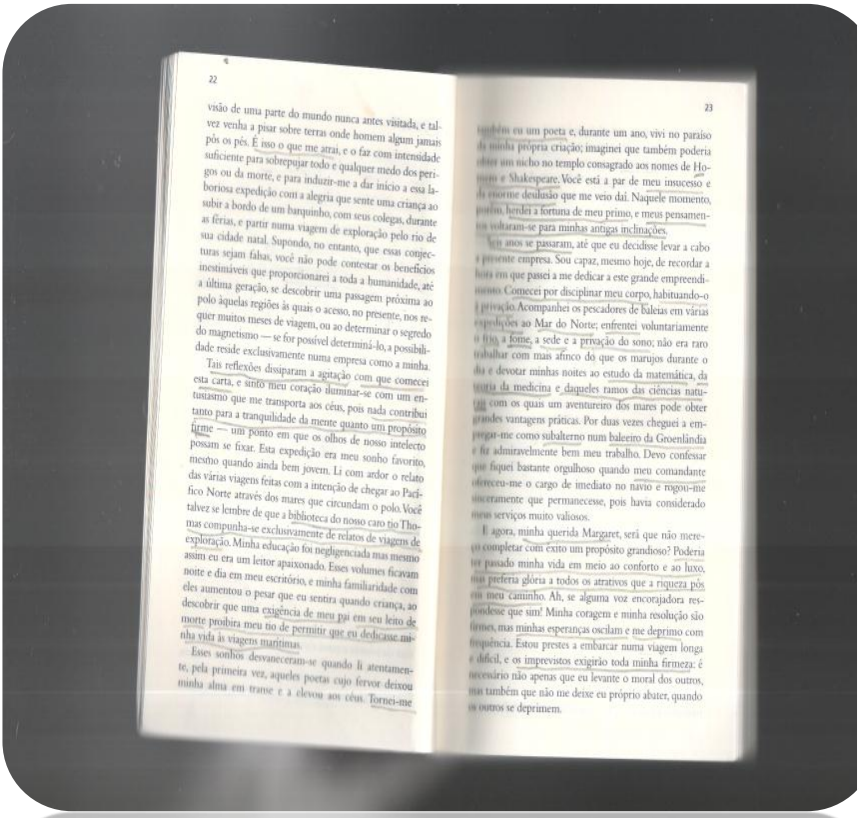
Marlow, setembro de 1817.

Carta 1

A Mrs. Saville, Inglaterra
São Petersburgo, 17 de dezembro de 17...

Você há de ficar satisfeita em saber que nenhum desastre acompanhou o começo de uma aventura que viu com tão maus presságios. Cheguei aqui ontem e minha primeira tarefa foi assegurar minha querida irmã do meu bem-estar e crescente confiança no sucesso de minha empresa.

Já estou bem ao norte de Londres e, enquanto caminho pelas ruas de São Petersburgo, sinto uma brisa fria, vinda do norte, afagar-me a face, o que renova minha coragem e me dá muita satisfação. Será que você compreende minha sensação? Esta brisa, viajante proveniente das regiões às quais eu me dirijo, permite-me antegozar aquele clima gélido. Inspirados por esse vento cheio de promessas, meus sonhos tornam-se mais intensos e vívidos. Tento em vão deixar-me persuadir pela ideia de que no polo só existe gelo e desolação; a região sempre se apresenta à minha imaginação como dotada de beleza e encanto. Lá, Margaret, o sol é sempre visível, e seu disco amplo só chega a margear o horizonte, difundindo um esplendor perpétuo. De lá — pois, se você me permite, irmã, darei um voto de confiança aos navegadores precedentes — a neve e o gelo foram banidos; e, velejando num mar calmo, podemos chegar a uma terra cujos esplendores e cuja beleza ultrapassaram os de qualquer região até então descoberta no globo habitável. As riquezas naturais desse meio devem ser impares, pois não há dúvidas de que as potências divinas manifestem-se em tais regiões isoladas e virgens. O que não se pode esperar de um lugar onde a luz é eterna? Talvez lá, eu descubra a força estupenda que atrai o ponteiro da bússola e possa conferir maior justeza a centenas de observações do céu que só dependem dessa viagem para conferir às suas aparentes anomalias uma consistência inabalável. Hei de saciar minha curiosidade ardente com a



22

visão de uma parte do mundo nunca antes visitada, e talvez venha a pisar sobre terras onde homem algum jamais pôs os pés. É isso o que me atrai, e o faz com intensidade suficiente para sobrepujar todo e qualquer medo dos perigos ou da morte, e para induzir-me a dar início a esta laboriosa expedição com a alegria que sente uma criança ao subir a bordo de um barquinho, com seus colegas, durante as férias, e partir numa viagem de exploração pelo rio de sua cidade natal. Supondo, no entanto, que essas conjecturas sejam falsas, você não pode contestar os benefícios inestimáveis que proporcionarei a toda a humanidade, até a última geração, se descobrir uma passagem próxima ao polo àquelas regiões às quais o acesso, no presente, nos requer muitos meses de viagem, ou ao determinar o segredo do magnetismo — se for possível determiná-lo, a possibilidade reside exclusivamente numa empresa como a minha.

Tais reflexões dissiparam a agitação com que comecei esta carta, e sinto meu coração iluminar-se com um entusiasmo que me transporta aos céus, pois nada contribui tanto para a tranquilidade da mente quanto um propósito firme — um ponto em que os olhos de nosso intelecto possam se fixar. Esta expedição era meu sonho favorito, mesmo quando ainda bem jovem. Li com ardor o relato das várias viagens feitas com a intenção de chegar ao Pacífico Norte através dos mares que circundam o polo. Você talvez se lembre de que a biblioteca do nosso caro tio Thomas compunha-se exclusivamente de relatos de viagens de exploração. Minha educação foi negligenciada mas mesmo assim eu era um leitor apaixonado. Esses volumes ficavam noite e dia em meu escritório, e minha familiaridade com eles aumentou o pesar que eu sentira quando criança, ao descobrir que uma exigência de meu pai em seu leito de morte proibira meu tio de permitir que eu dedicasse minha vida às viagens marítimas.

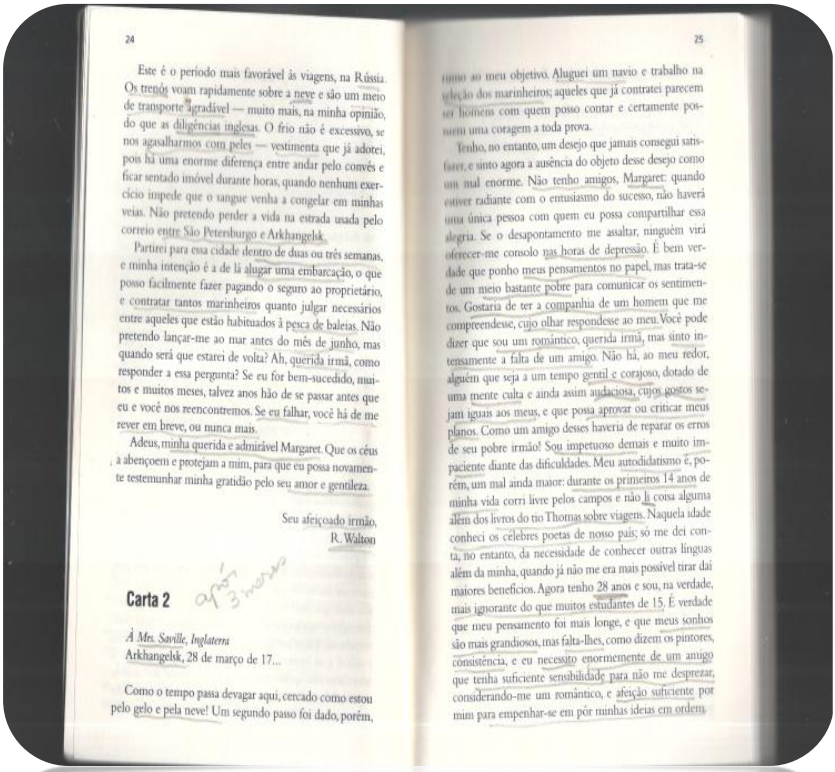
Esses sonhos desvaneceram-se quando li atentamente, pela primeira vez, aqueles poetas cujo fervor deixou minha alma em transe e a elevou aos céus. Tornei-me

23

também eu um poeta e, durante um ano, vivi no paraíso da minha própria criação; imaginei que também poderia obter um nicho no templo consagrado aos nomes de Homero e Shakespeare. Você está a par de meu insucesso e da enorme desilusão que me veio daí. Naquele momento, porém, herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos voltaram-se para minhas antigas inclinações.

Seis anos se passaram, até que eu decidisse levar a cabo a presente empresa. Sou capaz, mesmo hoje, de recordar a hora em que passei a me dedicar a este grande empreendimento. Comecei por disciplinar meu corpo, habituando-o à privação. Acompanhei os pescadores de baleias em várias expedições ao Mar do Norte; enfrentei voluntariamente o frio, a fome, a sede e a privação do sono; não era raro trabalhar com mais afinco do que os marujos durante o dia e devotar minhas noites ao estudo da matemática, da teoria da medicina e daqueles ramos das ciências naturais com os quais um aventureiro dos mares pode obter grandes vantagens práticas. Por duas vezes cheguei a empregar-me como subalterno num baleeiro da Groenlândia e fiz admiravelmente bem meu trabalho. Devo confessar que fiquei bastante orgulhoso quando meu comandante ofereceu-me o cargo de imediato no navio e rogou-me sinceramente que permanecesse, pois havia considerado meus serviços muito valiosos.

E agora, minha querida Margaret, será que não mereço completar com êxito um propósito grandioso? Poderia ter passado minha vida em meio ao conforto e ao luxo, mas preferia glória a todos os atrativos que a riqueza pôs em meu caminho. Ah, se alguma voz encorajadora respondesse que sim! Minha coragem e minha resolução são firmes, mas minhas esperanças oscilam e me deprimo com frequência. Estou prestes a embarcar numa viagem longa e difícil, e os imprevistos exigirão toda minha firmeza: é necessário não apenas que eu levante o moral dos outros, mas também que não me deixe eu próprio abater, quando os outros se deprimem.



24

Este é o período mais favorável às viagens, na Rússia. Os trenós voam rapidamente sobre a neve e são um meio de transporte agradável — muito mais, na minha opinião, do que as diligências inglesas. O frio não é excessivo, se nos agasalharmos com peles — vestimenta que já adotei, pois há uma enorme diferença entre andar pelo convés e ficar sentado imóvel durante horas, quando nenhum exercício impede que o sangue venha a congelar em minhas veias. Não pretendo perder a vida na estrada usada pelo correio entre São Petersburgo e Arkhangelsk.

Partirei para essa cidade dentro de duas ou três semanas, e minha intenção é a de lá alugar uma embarcação, o que posso facilmente fazer pagando o seguro ao proprietário, e contratar tantos marinheiros quanto julgar necessários entre aqueles que estão habituados à pesca de baleias. Não pretendo lançar-me ao mar antes do mês de junho, mas quando será que estarei de volta? Ah, querida irmã, como responder a essa pergunta? Se eu for bem-sucedido, muitos e muitos meses, talvez anos hão de se passar antes que eu e você nos reencontremos. Se eu falhar, você há de me rever em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e admirável Margaret. Que os céus a abençoem e protejam a mim, para que eu possa novamente testemunhar minha gratidão pelo seu amor e gentileza.

Seu afeiçoado irmão,
R. Walton

Carta 2

À Mrs. Saville, Inglaterra
Arkhangelsk, 28 de março de 17...

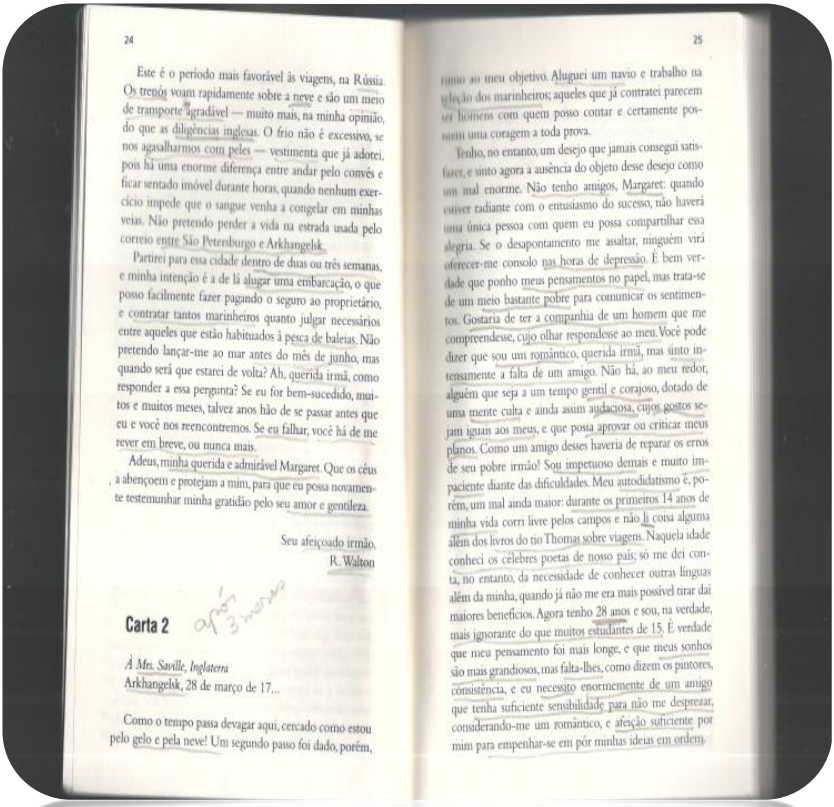
Como o tempo passa devagar aqui, cercado como estou pelo gelo e pela neve! Um segundo passo foi dado, porém,

25

rumo ao meu objetivo. Aluguei um navio e trabalho na seleção dos marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens com quem posso contar e certamente possuem uma coragem a toda prova.

Tenho, no entanto, um desejo que jamais consegui satisfazer, e sinto agora a ausência do objeto desse desejo como um mal enorme. Não tenho amigos, Margaret: quando estiver radiante com o entusiasmo do sucesso, não haverá uma única pessoa com quem eu possa compartilhar essa alegria. Se o desapontamento me assaltar, ninguém virá oferecer-me consolo nas horas de depressão. É bem verdade que ponho meus pensamentos no papel, mas trata-se de um meio bastante pobre para comunicar os sentimentos. Gostaria de ter a companhia de um homem que me compreendesse, cujo olhar respondesse ao meu. Você pode dizer que sou um romântico, querida irmã, mas sinto intensamente a falta de um amigo. Não há, ao meu redor, alguém que seja a um tempo gentil e corajoso, dotado de uma mente culta e ainda assim audaciosa, cujos gostos sejam iguais aos meus, e que possa aprovar ou criticar meus planos. Como um amigo desses haveria de reparar os erros de seu pobre irmão! Sou impetuoso demais e muito impaciente diante das dificuldades. Meu autodidatismo é, porém, um mal ainda maior: durante os primeiros 14 anos de minha vida corri livre pelos campos e não li coisa alguma além dos livros do tio Thomas sobre viagens. Naquela idade conheci os célebres poetas de nosso país; só me dei conta, no entanto, da necessidade de conhecer outras línguas além da minha, quando já não me era mais possível tirar daí maiores benefícios. Agora tenho 28 anos e sou, na verdade, mais ignorante do que muitos estudantes de 15. É verdade que meu pensamento foi mais longe, e que meus sonhos são mais grandiosos, mas falta-lhes, como dizem os pintores, consistência, e eu necessito enormemente de um amigo que tenha suficiente sensibilidade para não me desprezar, considerando-me um romântico, e afeição suficiente por mim para empenhar-se em pôr minhas ideias em ordem.

ANEXO 41 - TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C2 – T5)



24

Este é o período mais favorável às viagens, na Rússia. Os trenós voam rapidamente sobre a neve e são um meio de transporte agradável — muito mais, na minha opinião, do que as diligências inglesas. O frio não é excessivo, se nos agasalharmos com peles — vestimenta que já adorei, pois há uma enorme diferença entre andar pelo convés e ficar sentado imóvel durante horas, quando nenhum exercício impede que o sangue venha a congelar em minhas veias. Não pretendo perder a vida na estrada usada pelo correio entre São Petersburgo e Arkhangelsk.

Partirei para essa cidade dentro de duas ou três semanas, e minha intenção é a de lá alugar uma embarcação, o que posso facilmente fazer pagando o seguro ao proprietário, e contratar tantos marinheiros quanto julgar necessários entre aqueles que estão habituados à pesca de baleias. Não pretendo lançar-me ao mar antes do mês de junho, mas quando será que estarei de volta? Ah, querida irmã, como responder a essa pergunta? Se eu for bem-sucedido, muitos e muitos meses, talvez anos hão de se passar antes que eu e você nos reencontremos. Se eu falhar, você há de me rever em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e admirável Margaret. Que os céus a abençoem e protejam a mim, para que eu possa novamente testemunhar minha gratidão pelo seu amor e gentileza.

Seu afeiçoado irmão,
R. Walton

Carta 2

À Mrs. Saville, Inglaterra
Arkhangelsk, 28 de março de 17...

Como o tempo passa devagar aqui, cercado como estou pelo gelo e pela neve! Um segundo passo foi dado, porém,

25

rumo ao meu objetivo. Aluguei um navio e trabalho na seleção dos marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens com quem posso contar e certamente possuem uma coragem a toda prova.

Tenho, no entanto, um desejo que jamais consegui satisfazer, e sinto agora a ausência do objeto desse desejo como um mal enorme. Não tenho amigos, Margaret: quando estiver radiante com o entusiasmo do sucesso, não haverá uma única pessoa com quem eu possa compartilhar essa alegria. Se o desapontamento me assaltar, ninguém virá oferecer-me consolo nas horas de depressão. É bem verdade que ponho meus pensamentos no papel, mas trata-se de um meio bastante pobre para comunicar os sentimentos. Gostaria de ter a companhia de um homem que me compreendesse, cujo olhar respondesse ao meu. Você pode dizer que sou um romântico, querida irmã, mas sinto intensamente a falta de um amigo. Não há, ao meu redor, alguém que seja a um tempo gentil e corajoso, dotado de uma mente culta e ainda assim audaciosa, cujos gostos sejam iguais aos meus, e que possa aprovar ou criticar meus planos. Como um amigo desses haveria de reparar os erros de seu pobre irmão! Sou impetuoso demais e muito impaciente diante das dificuldades. Meu autodidatismo é, porém, um mal ainda maior: durante os primeiros 14 anos de minha vida corri livre pelos campos e não li coisa alguma além dos livros do tio Thomas sobre viagens. Naquela idade conheci os célebres poetas de nosso país; só me dei conta, no entanto, da necessidade de conhecer outras línguas além da minha, quando já não me era mais possível tirar daí maiores benefícios. Agora tenho 28 anos e sou, na verdade, mais ignorante do que muitos estudantes de 15. É verdade que meu pensamento foi mais longe, e que meus sonhos são mais grandiosos, mas falta-lhes, como dizem os pintores, consistência, e eu necessito enormemente de um amigo que tenha suficiente sensibilidade para não me desprezar, considerando-me um romântico, e afeição suficiente por mim para empenhar-se em pôr minhas ideias em ordem.

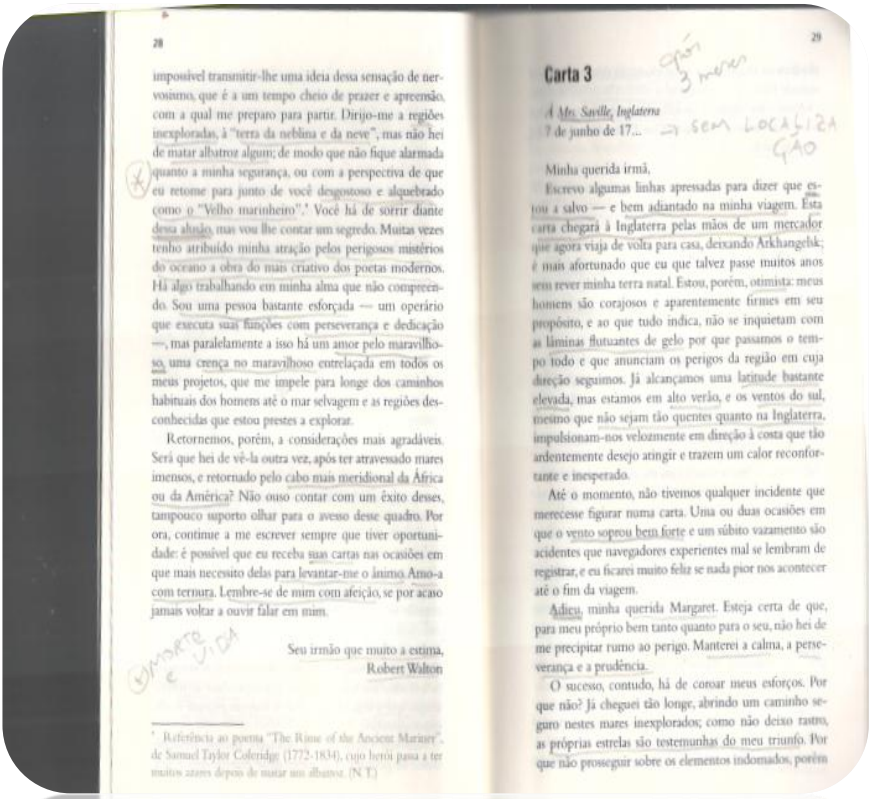
Bem, essas queixas são inúteis. É certo que não hei de encontrar amigo algum em alto-mar, e nem mesmo aqui em Arkhangelsk, entre mercadores e marinheiros. Mesmo nesses peitos rudes, porém, batem corações onde há alguns sentimentos mais elevados do que os que habitualmente se encontram em meio semelhante. O contramestre, por exemplo, é um homem de grande coragem e iniciativa; deseja ardentemente a glória — ou, antes, para ser mais exato, deseja ardentemente progredir em sua carreira. É inglês e, embora possua os preconceitos comuns à gente de sua origem e profissão — preconceitos esses que não teve a oportunidade de superar através dos estudos —, é dotado de algumas das mais nobres qualidades humanas. Conheci-o a bordo de um navio baleeiro. Descobrindo que ele não tinha emprego nesta cidade, contratei-o para tomar parte em minha empresa.

Meu imediato é um homem de ótima índole e sua presença se faz notar a bordo por sua gentileza e pela atitude conciliatória de seu comando. Tais características, somadas a sua renomada integridade e coragem a toda prova, despertaram em mim o desejo de contratá-lo. O fato de eu ter passado minha juventude na solidão e meus melhores anos sob seus cuidados gentis e maternais refinaram-me de tal modo a índole que não consigo superar um desgosto profundo diante da brutalidade usual exercida a bordo do navio: nunca a considerei necessária, e quando ouvi falar de um marinheiro que se destacava tanto por seu coração generoso quanto pelo respeito e obediência que lhe devotavam sua tripulação, tenti-me particularmente afortunado em poder contar com seus serviços. Ouvi falar nele pela primeira vez de uma forma bem romântica, e quem falava era uma dama que deve a ele sua felicidade. Esta é, resumidamente, a história. Há alguns anos, ele se apaixonou por uma russa dona de uma fortuna moderada e, tendo reunido uma soma considerável com a venda de navios apreendidos, o pai da moça consentiu o casamento. O marinheiro viu sua noiva uma vez antes da cerimônia, já

acertada; mas ela, desfazendo-se em lágrimas, suplicou-lhe que a poupasse, confessando, ao mesmo tempo, que amava outro. Esse outro era pobre, por isso, o pai jamais consentiria na união. Meu generoso amigo tranquilizou a moça e, ao ser informado do nome de seu amado, no mesmo momento abandonou seu propósito. Já havia comprado uma fazenda com seu dinheiro, na qual tinha a intenção de passar o resto de seus dias, mas doou-a integralmente a seu rival, junto com o restante do dinheiro que reunira com a venda dos navios apreendidos, para que pudesse comprar animais de criação, e ele próprio solicitou ao pai da moça que consentisse o casamento da filha com o amado. O velho recusou-se, porém, resoluto, e considerando-se comprometido por honra com meu amigo — que, ao ver que o pai era inexorável, deixou o país e não retornou até ouvir dizer que sua antiga noiva havia se casado de acordo com seus desejos. "Que nobre criatura", você há de exclamar. De fato ele é, mas, ao mesmo tempo, não possui qualquer refinamento: é calado como um turco, e há, em seu comportamento, uma espécie de descuido ignorante que, embora torne sua conduta ainda mais admirável, diminui o interesse e a simpatia que, de outra forma, atrairia.

Não suponha, porém, que só porque reclamo um pouco ou porque concebo um consolo talvez inatingível para o meu trabalho árduo, esteja fraquejando em minhas resoluções. Elas são tão inabaláveis quanto o próprio destino, e o único motivo do adiamento da minha viagem é o tempo, que no momento não nos permite embarcar. O inverno tem sido terrivelmente severo, mas a primavera está cheia de promessas e parece que vai chegar mais cedo, de modo que eu talvez possa partir antes do esperado. Não agirei apressadamente: você me conhece o suficiente para confiar em minha prudência e capacidade de refletir, sempre que a segurança de outros homens está sob minha responsabilidade.

Não sou capaz de lhe descrever minhas sensações diante da perspectiva de partir nesse empreendimento. É



impossível transmitir-lhe uma ideia dessa sensação de nervosismo, que é a um tempo cheio de prazer e apreensão, com a qual me preparo para partir. Dirijo-me a regiões inexploradas, à "terra da neblina e da neve", mas não hei de matar albatroz algum; de modo que não fique alarmada quanto a minha segurança, ou com a perspectiva de que eu retome para junto de você desgostoso e alquebrado como o "Velho marinheiro".[1] Você há de sorrir diante dessa alusão, mas vou lhe contar um segredo. Muitas vezes tenho atribuído minha atração pelos perigosos mistérios do oceano a obra do mais criativo dos poetas modernos. Há algo trabalhando em minha alma que não compreendo. Sou uma pessoa bastante esforçada — um operário que executa suas funções com perseverança e dedicação —, mas paralelamente a isso há um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso entrelaçada em todos os meus projetos, que me impele para longe dos caminhos habituais dos homens até o mar selvagem e às regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Retornemos, porém, a considerações mais agradáveis. Será que hei de vê-la outra vez, após ter atravessado mares imensos, e retornado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ouso contar com um êxito desses, tampouco suporto olhar para o avesso desse quadro. Por ora, continue a me escrever sempre que tiver oportunidade: é possível que eu receba suas cartas nas ocasiões em que mais necessito delas para levantar-me o ânimo. Amo-a com ternura. Lembre-se de mim com afeição, se por acaso jamais voltar a ouvir falar em mim.

Seu irmão que muito a estima,
Robert Walton

[1] Referência ao poema "The Rime of the Ancient Mariner", de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), cujo herói passa a ter muitos azares depois de matar um albatroz. (N.T.)

Carta 3

A Mrs. Saville, Inglaterra
7 de junho de 17...

Minha querida irmã,

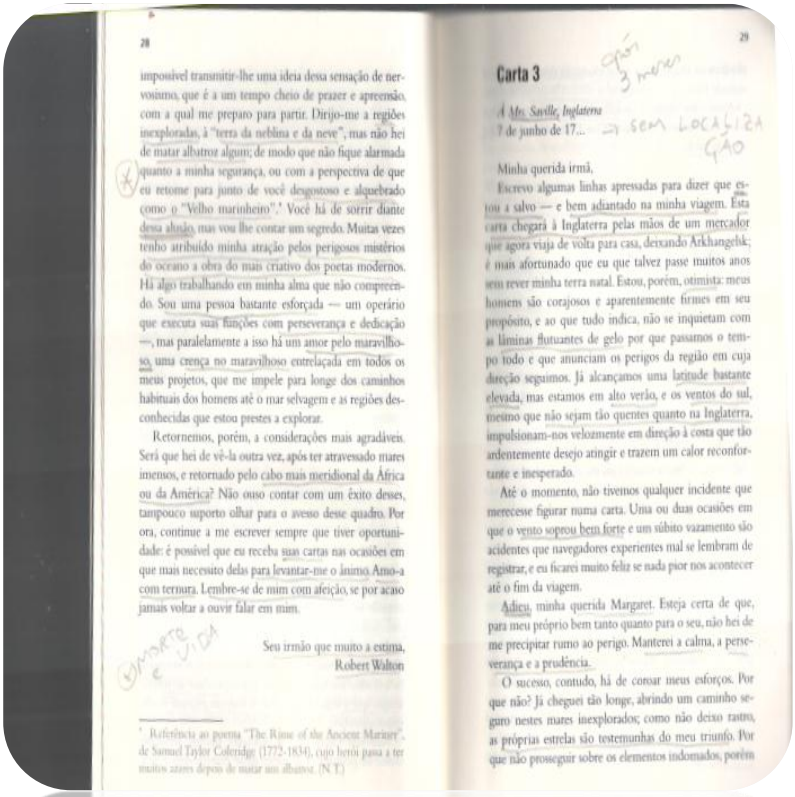
Escrevo algumas linhas apressadas para dizer que estou a salvo — e bem adiantado na minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra pelas mãos de um mercador que agora viaja de volta para casa, deixando Arkhangelsk; é mais afortunado que eu que talvez passe muitos anos sem rever minha terra natal. Estou, porém, otimista: meus homens são corajosos e aparentemente firmes em seu propósito, e ao que tudo indica, não se inquietam com as láminas flutuantes de gelo por que passamos o tempo todo e que anunciam os perigos da região em cuja direção seguimos. Já alcançamos uma latitude bastante elevada, mas estamos em alto verão, e os ventos do sul, mesmo que não sejam tão quentes quanto na Inglaterra, impulsionam-nos velozmente em direção à costa que tão ardentemente desejo atingir e trazem um calor reconfortante e inesperado.

Até o momento, não tivemos qualquer incidente que merecesse figurar numa carta. Uma ou duas ocasiões em que o vento soprou bem forte e um súbito vazamento são acidentes que navegadores experientes mal se lembram de registrar, e eu ficarei muito feliz se nada pior nos acontecer até o fim da viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Esteja certa de que, para meu próprio bem tanto quanto para o seu, não hei de me precipitar rumo ao perigo. Manterei a calma, a perseverança e a prudência.

O sucesso, contudo, há de coroar meus esforços. Por que não? Já cheguei tão longe, abrindo um caminho seguro nestes mares inexplorados; como não deixo rastro, as próprias estrelas são testemunhas do meu triunfo. Por que não prosseguir sobre os elementos indomados, porém

ANEXO 42 - TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C3 – T5)



28

impossível transmitir-lhe uma ideia dessa sensação de nervosismo, que é a um tempo cheio de prazer e apreensão, com a qual me preparo para partir. Dirijo-me a regiões inexploradas, à "terra da neblina e da neve", mas não hei de matar albatroz algum; de modo que não fique alarmada quanto a minha segurança, ou com a perspectiva de que eu retome para junto de você desgostoso e alquebrado como o "Velho marinheiro".* Você há de sorrir diante dessa alusão, mas vou lhe contar um segredo. Muitas vezes tenho atribuído minha atração pelos perigosos mistérios do oceano a obra do mais criativo dos poetas modernos. Há algo trabalhando em minha alma que não compreendo. Sou uma pessoa bastante esforçada — um operário que executa suas funções com perseverança e dedicação —, mas paralelamente a isso há um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso entrelaçada em todos os meus projetos, que me impele para longe dos caminhos habituais dos homens até o mar selvagem e as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Retornemos, porém, a considerações mais agradáveis. Será que hei de vê-la outra vez, após ter atravessado mares imensos, e retornado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ouso contar com um êxito desses, tampouco suporto olhar para o avesso desse quadro. Por ora, continue a me escrever sempre que tiver oportunidade: é possível que eu receba suas cartas nas ocasiões em que mais necessito delas para levantar-me o ânimo. Amo-a com ternura. Lembre-se de mim com afeição, se por acaso jamais voltar a ouvir falar em mim.

Seu irmão que muito a estima,
Robert Walton

* Referência ao poema "The Rime of the Ancient Mariner", de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), cujo herói passa a ter muitos anos depois de matar um albatroz. (N.T.)

29

Carta 3

A Mrs. Saville, Inglaterra
7 de junho de 17...

Minha querida irmã,

Escrevo algumas linhas apressadas para dizer que estou a salvo — e bem adiantado na minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra pelas mãos de um mercador que agora viaja de volta para casa, deixando Arkhangelsk; é mais afortunado que eu que talvez passe muitos anos sem rever minha terra natal. Estou, porém, otimista: meus homens são corajosos e aparentemente firmes em seu propósito, e ao que tudo indica, não se inquietam com as lâminas flutuantes de gelo por que passamos o tempo todo e que anunciam os perigos da região em cuja direção seguimos. Já alcançamos uma latitude bastante elevada, mas estamos em alto verão, e os ventos do sul, mesmo que não sejam tão quentes quanto na Inglaterra, impulsionam-nos velozmente em direção à costa que tão ardentemente desejo atingir e trazem um calor reconfortante e inesperado.

Até o momento, não tivemos qualquer incidente que merecesse figurar numa carta. Uma ou duas ocasiões em que o vento soprou bem forte e um súbito vazamento são acidentes que navegadores experientes mal se lembram de registrar, e eu ficarei muito feliz se nada pior nos acontecer até o fim da viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Esteja certa de que, para meu próprio bem tanto quanto para o seu, não hei de me precipitar rumo ao perigo. Manterei a calma, a perseverança e a prudência.

O sucesso, contudo, há de coroar meus esforços. Por que não? Já cheguei tão longe, abrindo um caminho seguro nestes mares inexplorados; como não deixo rastro, as próprias estrelas são testemunhas do meu triunfo. Por que não prosseguir sobre os elementos indomados, porém

obedientes? O que pode deter o coração determinado e a vontade férrea de um homem?

Abro meu pesado coração involuntariamente. Mas devo encerrar aqui esta carta. Que Deus abençoe minha adorada irmã!

R. W.

Carta 4

À Mrs. Saville, Inglaterra
5 de agosto de 17...

Ocorreu-nos um acidente tão estranho que não posso me abster de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que estes papéis cheguem às suas mãos.

Na última segunda-feira, dia 31 de julho, estávamos praticamente cercados pelo gelo, que se fechava em torno do navio, mal lhe deixando livre o espaço de manobra onde flutuava. Nossa situação era um tanto quanto perigosa, sobretudo porque estávamos circundados por um nevoeiro muito espesso. Então paramos, esperando que alguma mudança ocorresse na atmosfera e no tempo.

Por volta das duas horas, a neblina se dissipou, e o que vimos foram planícies de gelo irregulares e vastas, que se projetavam em todas as direções e pareciam não ter fim. Alguns de meus camaradas ficaram inquietos, e eu próprio comecei a ficar mais alerta e ansioso, quando uma visão insólita subitamente atraiu-nos a atenção e fez com que por um momento esquecêssemos nossas preocupações. Notamos uma carruagem presa num trenó baixo puxado por cães passar em direção ao norte, na distância de menos de um quilômetro. Uma criatura de aparência humana mas com a estatura de um gigante ia sentada no trenó e guiava os cães. Observamos o rápido progresso do viajante

com nossos telescópios, até que ele se perdesse de vista por entre as distantes colinas geladas.

Tal aparição despertou-nos uma admiração indescritível. Estávamos, ou pelo menos acreditávamos estar, a muitas centenas de quilômetros da terra firme; aquela aparição, porém, parecia deixar claro que a distância não era, na realidade, tão grande quanto havíamos suposto. Como estávamos bloqueados pelo gelo, contudo, era-nos impossível seguir a trilha daquele viajante, que tínhamos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas após esse incidente, ouvimos o mar rugir sob nossos pés, e, antes do anoitecer o gelo se rompeu e libertou nosso barco. Aguardamos até a manhã seguinte, contudo, temendo encontrar na escuridão aquelas enormes massas que flutuam à deriva, depois que o gelo se rompe. Aproveitei a ocasião para descansar um pouco.

Na manhã seguinte, porém, tão logo o sol nasceu, fui até o convés e vi que todos os marinheiros aglomeravam-se num dos lados da embarcação, falando com alguém que estava no mar. Era, na verdade, um trenó, como aquele que tínhamos avistado antes, e que flutuara até nós durante a noite num largo fragmento de gelo. Só um dos cães permanecia vivo, mas havia a bordo um ser humano, que os marinheiros persuadiam a subir a bordo de nossa embarcação. Ele não era, porém, como o outro viajante dera a impressão de ser, um habitante selvagem de alguma ilha desconhecida, mas sim um europeu. Quando surgi no convés, o imediato disse:

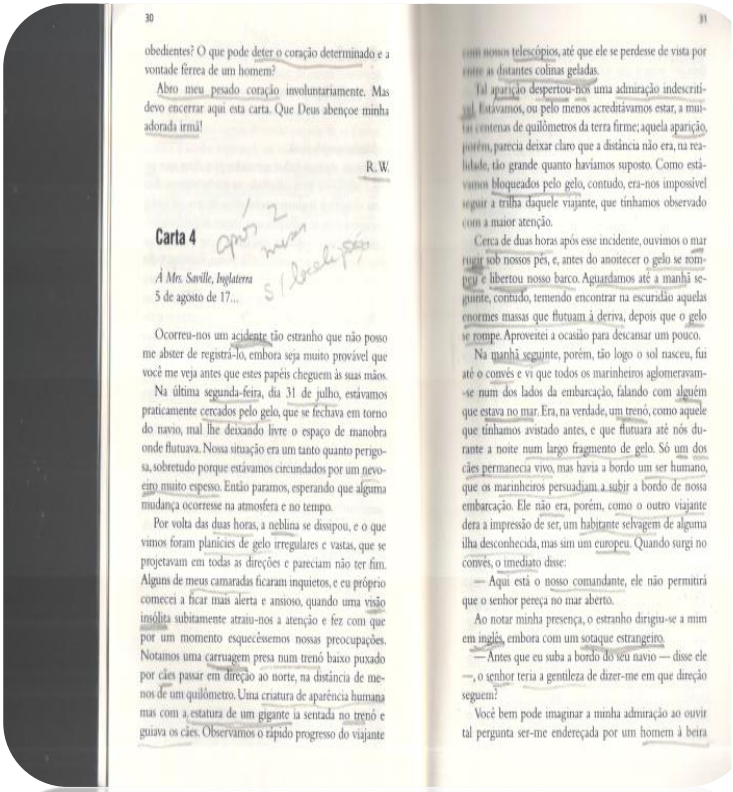
— Aqui está o nosso comandante, ele não permitirá que o senhor pereça no mar aberto.

Ao notar minha presença, o estranho dirigiu-se a mim em inglês, embora com um sotaque estrangeiro.

— Antes que eu suba a bordo do seu navio — disse ele —, o senhor teria a gentileza de dizer-me em que direção seguem?

Você bem pode imaginar a minha admiração ao ouvir tal pergunta ser-me endereçada por um homem à beira

ANEXO 43 - TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR ADRIANA LISBOA, 2011. (C4 – T5)



30

obedientes? O que pode deter o coração determinado e a vontade férrea de um homem?

Abro meu pesado coração involuntariamente. Mas devo encerrar aqui esta carta. Que Deus abençoe minha adorada irmã!

R. W.

Carta 4

À Mrs. Saville, Inglaterra
5 de agosto de 17...

Ocorreu-nos um acidente tão estranho que não posso me abster de registrá-lo, embora seja muito provável que você me veja antes que estes papéis cheguem às suas mãos.

Na última segunda-feira, dia 31 de julho, estávamos praticamente cercados pelo gelo, que se fechava em torno do navio, mal lhe deixando livre o espaço de manobra onde flutuava. Nossa situação era um tanto quanto perigosa, sobretudo porque estávamos circundados por um nevoeiro muito espesso. Então paramos, esperando que alguma mudança ocorresse na atmosfera e no tempo.

Por volta das duas horas, a neblina se dissipou, e o que vimos foram planícies de gelo irregulares e vastas, que se projetavam em todas as direções e pareciam não ter fim. Alguns de meus camaradas ficaram inquietos, e eu próprio comecei a ficar mais alerta e ansioso, quando uma visão insólita subitamente atraiu-nos a atenção e fez com que por um momento esquecêssemos nossas preocupações. Notamos uma carruagem presa num trenó baixo puxado por cães passar em direção ao norte, na distância de menos de um quilômetro. Uma criatura de aparência humana mas com a estatura de um gigante ia sentada no trenó e guiava os cães. Observamos o rápido progresso do viajante

31

com nossos telescópios, até que ele se perdesse de vista por entre as distantes colinas geladas.

Tal aparição despertou-nos uma admiração indescritível. Estávamos, ou pelo menos acreditávamos estar, a muitas centenas de quilômetros da terra firme; aquela aparição, porém, parecia deixar claro que a distância não era, na realidade, tão grande quanto havíamos suposto. Como estávamos bloqueados pelo gelo, contudo, era-nos impossível seguir a trilha daquele viajante, que tínhamos observado com a maior atenção.

Cerca de duas horas após esse incidente, ouvimos o mar rugir sob nossos pés, e, antes do anoitecer o gelo se rompeu e libertou nosso barco. Aguardamos até a manhã seguinte, contudo, temendo encontrar na escuridão aquelas enormes massas que flutuam à deriva, depois que o gelo se rompe. Aproveitei a ocasião para descansar um pouco.

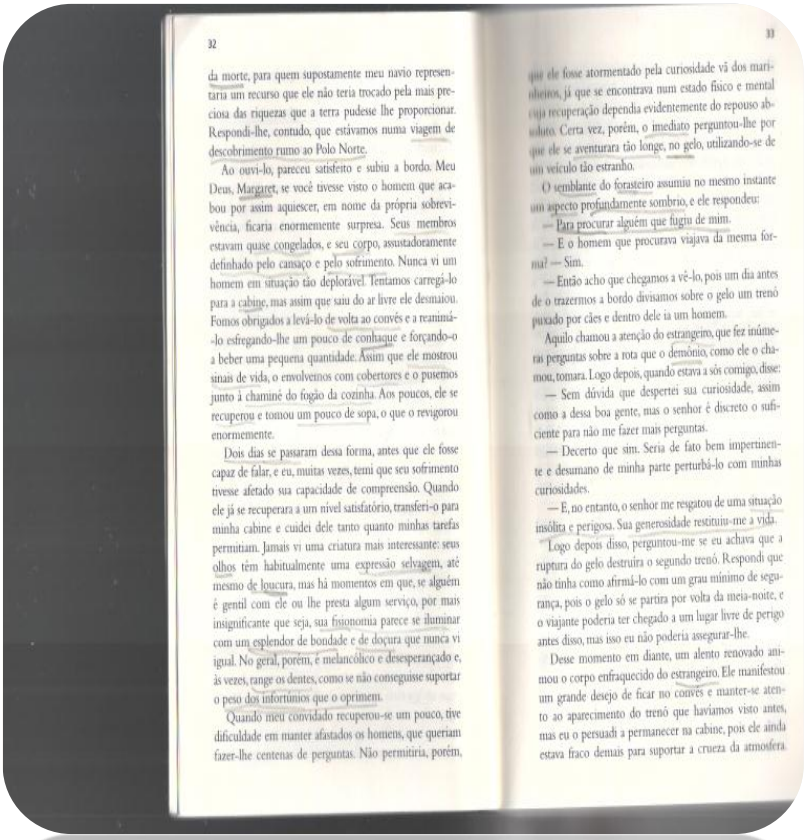
Na manhã seguinte, porém, tão logo o sol nasceu, fui até o convés e vi que todos os marinheiros aglomeravam-se num dos lados da embarcação, falando com alguém que estava no mar. Era, na verdade, um trenó, como aquele que tínhamos avistado antes, e que flutuara até nós durante a noite num largo fragmento de gelo. Só um dos cães permanecia vivo, mas havia a bordo um ser humano, que os marinheiros persuadiam a subir a bordo de nossa embarcação. Ele não era, porém, como o outro viajante dera a impressão de ser, um habitante selvagem de alguma ilha desconhecida, mas sim um europeu. Quando surgi no convés, o imediato disse:

— Aqui está o nosso comandante, ele não permitirá que o senhor pereça no mar aberto.

Ao notar minha presença, o estranho dirigiu-se a mim em inglês, embora com um sotaque estrangeiro.

— Antes que eu suba a bordo do seu navio — disse ele —, o senhor teria a gentileza de dizer-me em que direção seguem?

Você bem pode imaginar a minha admiração ao ouvir tal pergunta ser-me endereçada por um homem à beira



32

da morte, para quem supostamente meu navio representaria um recurso que ele não teria trocado pela mais preciosa das riquezas que a terra pudesse lhe proporcionar. Respondi-lhe, contudo, que estávamos numa viagem de descobrimento rumo ao Polo Norte.

Ao ouvi-lo, pareceu satisfeito e subiu a bordo. Meu Deus, Margaret, se você tivesse visto o homem que acabou por assim aquiescer, em nome da própria sobrevivência, ficaria enormemente surpresa. Seus membros estavam quase congelados, e seu corpo, assustadoramente definhado pelo cansaço e pelo sofrimento. Nunca vi um homem em situação tão deplorável. Tentamos carregá-lo para a cabine, mas assim que saiu do ar livre ele desmaiou. Fomos obrigados a levá-lo de volta ao convés e a reanimá-lo esfregando-lhe um pouco de conhaque e forçando-o a beber uma pequena quantidade. Assim que ele mostrou sinais de vida, o envolvemos com cobertores e o pusemos junto à chaminé do fogão da cozinha. Aos poucos, ele se recuperou e tomou um pouco de sopa, o que o revigorou enormemente.

Dois dias se passaram dessa forma, antes que ele fosse capaz de falar, e eu, muitas vezes, temi que seu sofrimento tivesse afetado sua capacidade de compreensão. Quando ele já se recuperara a um nível satisfatório, transferi-o para minha cabine e cuidei dele tanto quanto minhas tarefas permitiam. Jamais vi uma criatura mais interessante: seus olhos têm habitualmente uma expressão selvagem, até mesmo de loucura, mas há momentos em que, se alguém é gentil com ele ou lhe presta algum serviço, por mais insignificante que seja, sua fisionomia parece se iluminar com um esplendor de bondade e de doçura que nunca vi igual. No geral, porém, é melancólico e desesperançado e, às vezes, range os dentes, como se não conseguisse suportar o peso dos infortúnios que o oprimem.

Quando meu convidado recuperou-se um pouco, tive dificuldade em manter afastados os homens, que queriam fazer-lhe centenas de perguntas. Não permitiria, porém, que ele fosse atormentado pela curiosidade vã dos marinheiros, já que se encontrava num estado físico e mental cuja recuperação dependia evidentemente do repouso absoluto. Certa vez, porém, o imediato perguntou-lhe por que ele se aventurara tão longe, no gelo, utilizando-se de um veículo tão estranho.

33

O semblante do forasteiro assumiu no mesmo instante um aspecto profundamente sombrio, e ele respondeu:

— Para procurar alguém que fugiu de mim.

— E o homem que procurava viajava da mesma forma? — Sim.

— Então acho que chegamos a vê-lo, pois um dia antes de o trazermos a bordo divisamos sobre o gelo um trenó puxado por cães e dentro dele ia um homem.

Aquilo chamou a atenção do estrangeiro, que fez inúmeras perguntas sobre a rota que o demônio, como ele o chamou, tomara. Logo depois, quando estava a sós comigo, disse:

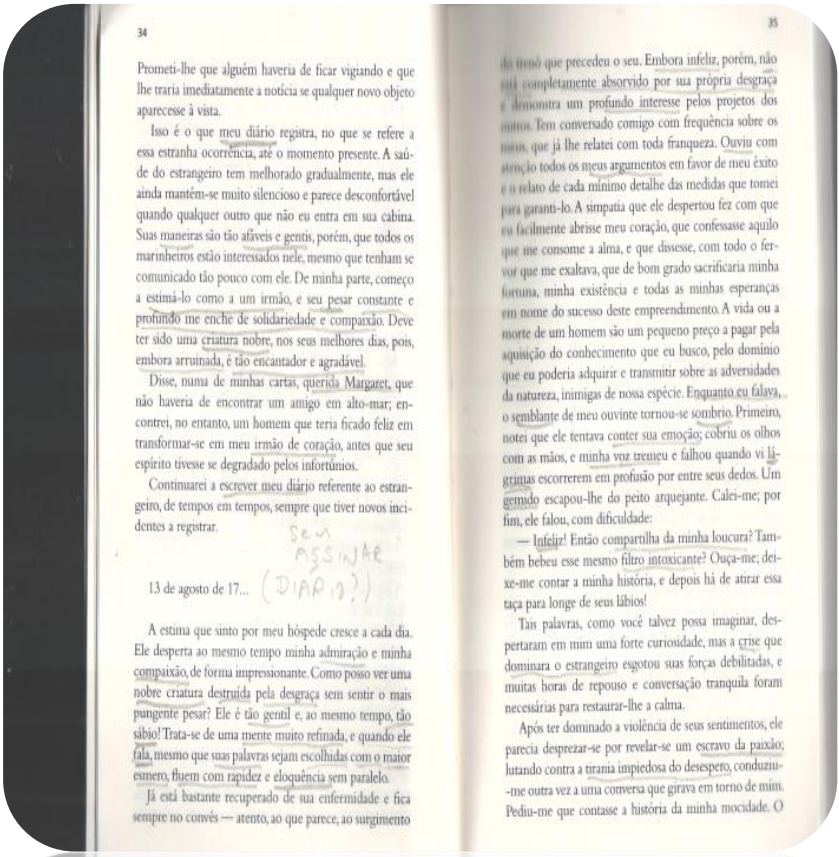
— Sem dúvida que despertei sua curiosidade, assim como a dessa boa gente, mas o senhor é discreto o suficiente para não me fazer mais perguntas.

— Decerto que sim. Seria de fato bem impertinente e desumano de minha parte perturbá-lo com minhas curiosidades.

— E, no entanto, o senhor me resgatou de uma situação insólita e perigosa. Sua generosidade restituiu-me a vida.

Logo depois disso, perguntou-me se eu achava que a ruptura do gelo destruíra o segundo trenó. Respondi que não tinha como afirmá-lo com um grau mínimo de segurança, pois o gelo só se partira por volta da meia-noite, e o viajante poderia ter chegado a um lugar livre de perigo antes disso, mas isso eu não poderia assegurar-lhe.

Desse momento em diante, um alento renovado animou o corpo enfraquecido do estrangeiro. Ele manifestou um grande desejo de ficar no convés e manter-se atento ao aparecimento do trenó que havíamos visto antes, mas eu o persuadi a permanecer na cabine, pois ele ainda estava fraco demais para suportar a crueza da atmosfera.



Prometi-lhe que alguém haveria de ficar vigiando e que lhe traria imediatamente a notícia se qualquer novo objeto aparecesse à vista.

Isso é o que meu diário registra, no que se refere a essa estranha ocorrência, até o momento presente. A saúde do estrangeiro tem melhorado gradualmente, mas ele ainda mantém-se muito silencioso e parece desconfortável quando qualquer outro que não eu entra em sua cabina. Suas maneiras são tão afáveis e gentis, porém, que todos os marinheiros estão interessados nele, mesmo que tenham se comunicado tão pouco com ele. De minha parte, começo a estimá-lo como a um irmão, e seu pesar constante e profundo me enche de solidariedade e compaixão. Deve ter sido uma criatura nobre, nos seus melhores dias, pois, embora arruinada, é tão encantador e agradável.

Disse, numa de minhas cartas, querida Margaret, que não haveria de encontrar um amigo em alto-mar; encontrei, no entanto, um homem que teria ficado feliz em transformar-se em meu irmão de coração, antes que seu espírito tivesse se degradado pelos infortúnios.

Continuarei a escrever meu diário referente ao estrangeiro, de tempos em tempos, sempre que tiver novos incidentes a registrar.

Sem ASSINAR (DIÁRIO?)

13 de agosto de 17...

A estima que sinto por meu hóspede cresce a cada dia. Ele desperta ao mesmo tempo minha admiração e minha compaixão, de forma impressionante. Como posso ver uma nobre criatura destruída pela desgraça sem sentir o mais pungente pesar? Ele é tão gentil e, ao mesmo tempo, tão sábio! Trata-se de uma mente muito refinada, e quando ele fala, mesmo que suas palavras sejam escolhidas com o maior esmero, fluem com rapidez e eloquência sem paralelo.

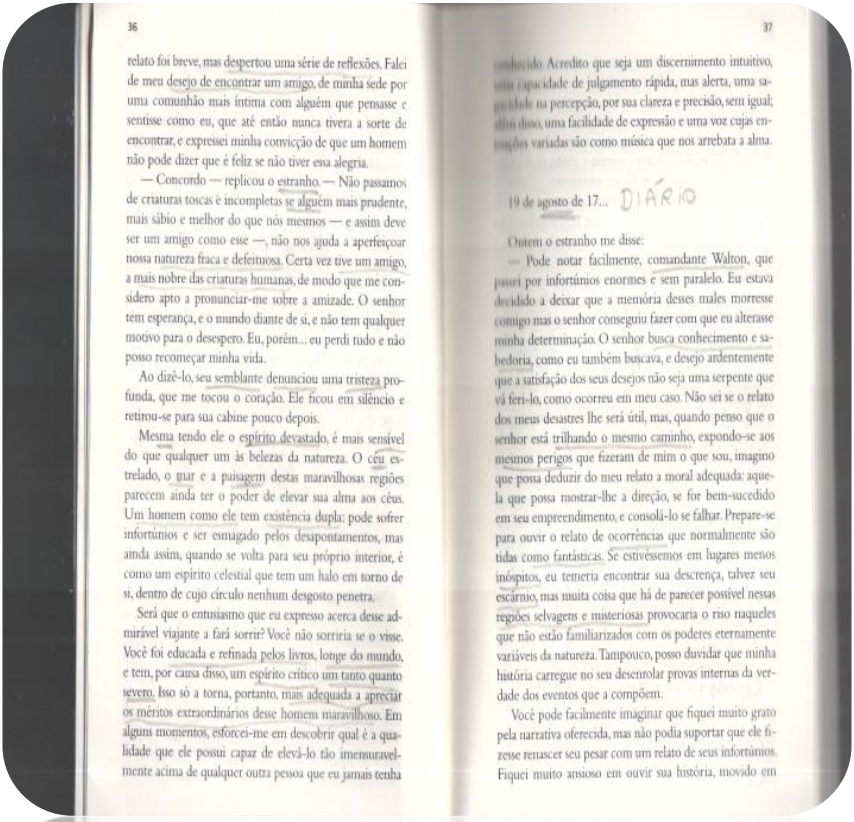
Já está bastante recuperado de sua enfermidade e fica sempre no convés — atento, ao que parece, ao surgimento

do tirenó que precedeu o seu. Embora infeliz, porém, não está completamente absorvido por sua própria desgraça e demonstra um profundo interesse pelos projetos dos outros. Tem conversado comigo com frequência sobre os meus, que já lhe relatei com toda franqueza. Ouviu com atenção todos os meus argumentos em favor de meu êxito e o relato de cada mínimo detalhe das medidas que tomei para garanti-lo. A simpatia que ele despertou fez com que eu facilmente abrisse meu coração, que confessasse aquilo que me consome a alma, e que dissesse, com todo o fervor que me exaltava, que de bom grado sacrificaria minha fortuna, minha existência e todas as minhas esperanças em nome do sucesso deste empreendimento. A vida ou a morte de um homem são um pequeno preço a pagar pela aquisição do conhecimento que eu busco, pelo domínio que eu poderia adquirir e transmitir sobre as adversidades da natureza, inimigas de nossa espécie. Enquanto eu falava, o semblante de meu ouvinte tornou-se sombrio. Primeiro, notei que ele tentava conter sua emoção; cobriu os olhos com as mãos, e minha voz tremeu e falhou quando vi lágrimas escorrerem em profusão por entre seus dedos. Um gemido escapou-lhe do peito arquejante. Calei-me; por fim, ele falou, com dificuldade:

— Infeliz! Então compartilha da minha loucura? Também bebeu esse mesmo filtro intoxicante? Ouça-me; deixe-me contar a minha história, e depois há de atirar essa taça para longe de seus lábios!

Tais palavras, como você talvez possa imaginar, despertaram em mim uma forte curiosidade, mas a crise que dominara o estrangeiro esgotou suas forças debilitadas, e muitas horas de repouso e conversação tranquila foram necessárias para restaurar-lhe a calma.

Após ter dominado a violência de seus sentimentos, ele parecia desprezar-se por revelar-se um escravo da paixão; lutando contra a tirania impiedosa do desespero, conduziu-me outra vez a uma conversa que girava em torno de mim. Pediu-me que contasse a história da minha mocidade. O



36

relato foi breve, mas despertou uma série de reflexões. Falei de meu desejo de encontrar um amigo, de minha sede por uma comunhão mais íntima com alguém que pensasse e sentisse como eu, que até então nunca tivera a sorte de encontrar, e expressei minha convicção de que um homem não pode dizer que é feliz se não tiver essa alegria.

— Concordo — replicou o estranho. — Não passamos de criaturas toscas e incompletas se alguém mais prudente, mais sábio e melhor do que nós mesmos — e assim deve ser um amigo como esse —, não nos ajuda a aperfeiçoar nossa natureza fraca e defeituosa. Certa vez tive um amigo, a mais nobre das criaturas humanas, de modo que me considero apto a pronunciar-me sobre a amizade. O senhor tem esperança, e o mundo diante de si, e não tem qualquer motivo para o desespero. Eu, porém... eu perdi tudo e não posso recomeçar minha vida.

Ao dizê-lo, seu semblante denunciou uma tristeza profunda, que me tocou o coração. Ele ficou em silêncio e retirou-se para sua cabine pouco depois.

Mesma tendo ele o espírito devastado, é mais sensível do que qualquer um às belezas da natureza. O céu estrelado, o mar e a paisagem destas maravilhosas regiões parecem ainda ter o poder de elevar sua alma aos céus. Um homem como ele tem existência dupla: pode sofrer infortúnios e ser esmagado pelos desapontamentos, mas ainda assim, quando se volta para seu próprio interior, é como um espírito celestial que tem um halo em torno de si, dentro de cujo círculo nenhum desgosto penetra.

Será que o entusiasmo que eu expresso acerca desse admirável viajante a fará sorrir? Você não sorriria se o visse. Você foi educada e refinada pelos livros, longe do mundo, e tem, por causa disso, um espírito crítico um tanto quanto severo. Isso só a torna, portanto, mais adequada a apreciar os méritos extraordinários desse homem maravilhoso. Em alguns momentos, esforcei-me em descobrir qual é a qualidade que ele possui capaz de elevá-lo tão imensuravelmente acima de qualquer outra pessoa que eu jamais tenha

37

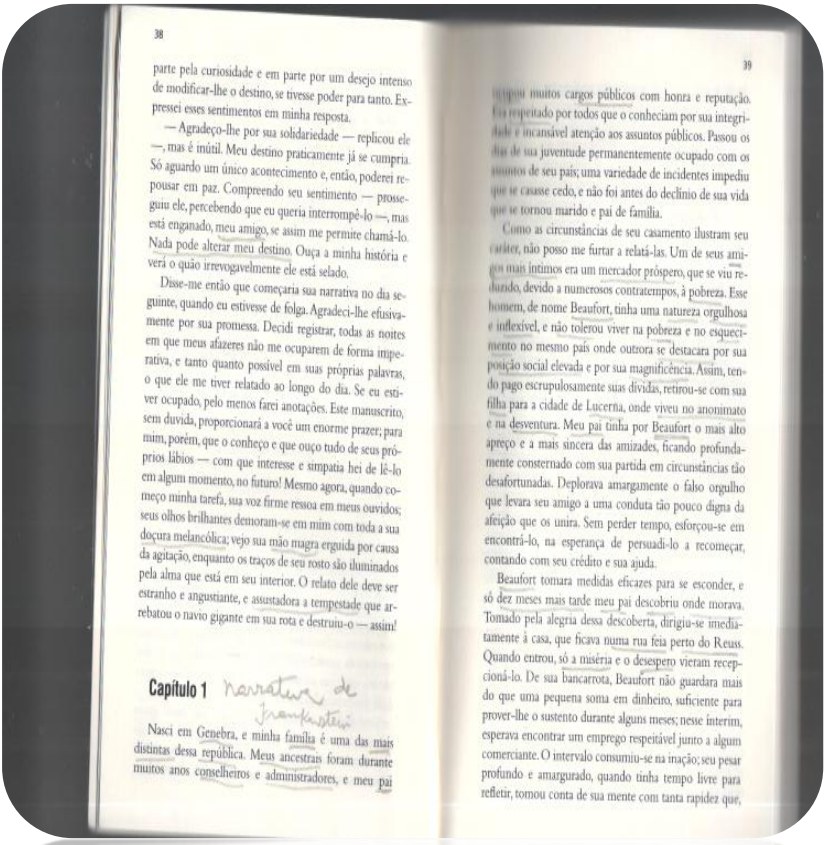
conhecido. Acredito que seja um discernimento intuitivo, uma capacidade de julgamento rápida, mas alerta, uma sagacidade na percepção, por sua clareza e precisão, sem igual; além disso, uma facilidade de expressão e uma voz cujas entonações variadas são como música que nos arrebata a alma.

19 de agosto de 17... DIÁRIO

Ontem o estranho me disse:

— Pode notar facilmente, comandante Walton, que passei por infortúnios enormes e sem paralelo. Eu estava decidido a deixar que a memória desses males morresse comigo mas o senhor conseguiu fazer com que eu alterasse minha determinação. O senhor busca conhecimento e sabedoria, como eu também buscava, e desejo ardentemente que a satisfação dos seus desejos não seja uma serpente que vá feri-lo, como ocorreu em meu caso. Não sei se o relato dos meus desastres lhe será útil, mas, quando penso que o senhor está trilhando o mesmo caminho, expondo-se aos mesmos perigos que fizeram de mim o que sou, imagino que possa deduzir do meu relato a moral adequada: aquela que possa mostrar-lhe a direção, se for bem-sucedido em seu empreendimento, e consolá-lo se falhar. Prepare-se para ouvir o relato de ocorrências que normalmente são tidas como fantásticas. Se estivéssemos em lugares menos inóspitos, eu temeria encontrar sua descrença, talvez seu escárnio, mas muita coisa que há de parecer possível nessas regiões selvagens e misteriosas provocaria o riso naqueles que não estão familiarizados com os poderes eternamente variáveis da natureza. Tampouco, posso duvidar que minha história carregue no seu desenrolar provas internas da verdade dos eventos que a compõem.

Você pode facilmente imaginar que fiquei muito grato pela narrativa oferecida, mas não podia suportar que ele fizesse renascer seu pesar com um relato de seus infortúnios. Fiquei muito ansioso em ouvir sua história, movido em



38

parte pela curiosidade e em parte por um desejo intenso de modificar-lhe o destino, se tivesse poder para tanto. Expressei esses sentimentos em minha resposta.

— Agradeço-lhe por sua solidariedade — replicou ele —, mas é mútil. Meu destino praticamente já se cumpriu. Só aguardo um único acontecimento e, então, poderei repousar em paz. Compreendo seu sentimento — prosseguiu ele, percebendo que eu queria interrompê-lo —, mas está enganado, meu amigo, se assim me permite chamá-lo. Nada pode alterar meu destino. Ouça a minha história e verá o quão irrevogavelmente ele está selado.

Disse-me então que começaria sua narrativa no dia seguinte, quando eu estivesse de folga. Agradeci-lhe efusivamente por sua promessa. Decidi registrar, todas as noites em que meus afazeres não me ocuparem de forma imperativa, e tanto quanto possível em suas próprias palavras, o que ele me tiver relatado ao longo do dia. Se eu estiver ocupado, pelo menos farei anotações. Este manuscrito, sem dúvida, proporcionará a você um enorme prazer; para mim, porém, que o conheço e que ouço tudo de seus próprios lábios — com que interesse e simpatia hei de lê-lo em algum momento, no futuro! Mesmo agora, quando começo minha tarefa, sua voz firme ressoa em meus ouvidos; seus olhos brilhantes demoram-se em mim com toda a sua doçura melancólica; vejo sua mão magra erguida por causa da agitação, enquanto os traços de seu rosto são iluminados pela alma que está em seu interior. O relato dele deve ser estranho e angustiante, e assustadora a tempestade que arrebatou o navio gigante em sua rota e destruiu-o — assim!

Capítulo 1

Nasci em Genebra, e minha família é uma das mais distintas dessa república. Meus ancestrais foram durante muitos anos conselheiros e administradores, e meu pai

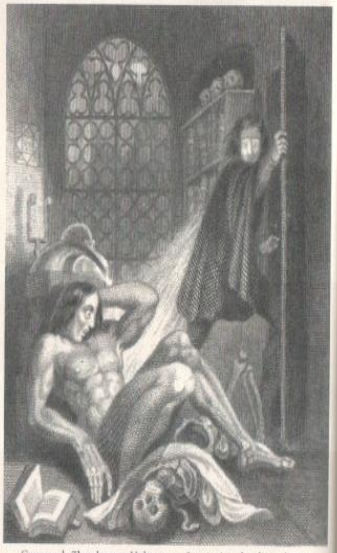
39

ocupou muitos cargos públicos com honra e reputação. Era respeitado por todos que o conheciam por sua integridade e incansável atenção aos assuntos públicos. Passou os dias de sua juventude permanentemente ocupado com os assuntos de seu país; uma variedade de incidentes impediu que se casasse cedo, e não foi antes do declínio de sua vida que se tornou marido e pai de família.

Como as circunstâncias de seu casamento ilustram seu caráter, não posso me furtar a relatá-las. Um de seus amigos mais íntimos era um mercador próspero, que se viu reduzido, devido a numerosos contratempos, à pobreza. Esse homem, de nome Beaufort, tinha uma natureza orgulhosa e inflexível, e não tolerou viver na pobreza e no esquecimento no mesmo país onde outrora se destacara por sua posição social elevada e por sua magnificência. Assim, tendo pago escrupulosamente suas dívidas, retirou-se com sua filha para a cidade de Lucerna, onde viveu no anonimato e na desventura. Meu pai tinha por Beaufort o mais alto apreço e a mais sincera das amizades, ficando profundamente consternado com sua partida em circunstâncias tão desafortunadas. Deplorava amargamente o falso orgulho que levara seu amigo a uma conduta tão pouco digna da afeição que os unira. Sem perder tempo, esforçou-se em encontrá-lo, na esperança de persuadi-lo a recomeçar, contando com seu crédito e sua ajuda.

Beaufort tomara medidas eficazes para se esconder, e só dez meses mais tarde meu pai descobriu onde morava. Tomado pela alegria dessa descoberta, dirigiu-se imediatamente à casa, que ficava numa rua feia perto do Reuss. Quando entrou, só a miséria e o desespero vieram recepcioná-lo. De sua bancarrota, Beaufort não guardara mais do que uma pequena soma em dinheiro, suficiente para prover-lhe o sustento durante alguns meses; nesse interim, esperava encontrar um emprego respeitável junto a algum comerciante. O intervalo consumiu-se na inação; seu pesar profundo e amargurado, quando tinha tempo livre para refletir, tomou conta de sua mente com tanta rapidez que,

ANEXO 44 - TRADUÇÃO DA CARTA 1, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C1 – T6)



Gravura de Theodor von Holst para o frontispício da edição de 1831

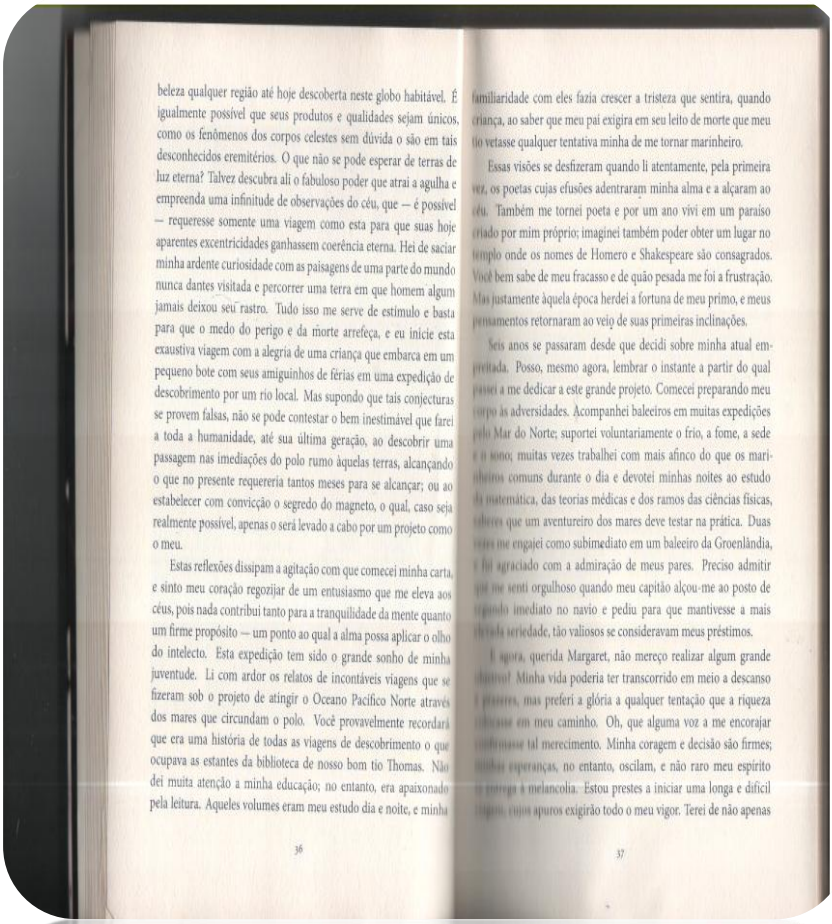
PRIMEIRA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17**

Você ficará feliz de saber que não houve calamidade a acompanhar o início de meu empreendimento, ao qual você atribuía tão maus augúrios. Deu-se ontem minha chegada, e a primeira tarefa de que me incumbi foi informar minha tão querida irmã de meu bem-estar e da confiança crescente no sucesso de meu projeto.

Estou já bem ao norte de Londres. Caminhando pelas ruas de Petersburgo sinto a brisa fria destes paralelos brincando em meu rosto, acalmando-me os nervos e infundindo-me felicidade. Você conhece tal sensação? Esta brisa, que antes atravessou as regiões às quais me dirijo, oferece-me uma prévia daquele clima gelado. Insuflados por este vento prenhe de promessa, meus devaneios se tornam mais vívidos e impetuosos. Procuro persuadir-me de que o polo é o lugar do frio e da desolação — mas é inútil; ele sempre surge em minha imaginação como região de belezas e delícias. Aqui, Margaret, o sol está sempre à vista; seu disco imenso apenas toca o horizonte e difunde perpétuos esplendores. Lá — pois permita-me, minha irmã, dar algum crédito a seus primeiros navegadores — lá a neve e o gelo não existem; e, navegando por sobre um mar calmo, é possível que sejamos conduzidos a uma terra que supere em maravilhas e



beleza qualquer região até hoje descoberta neste globo habitável. É igualmente possível que seus produtos e qualidades sejam únicos, como os fenômenos dos corpos celestes sem dúvida o são em tais desconhecidos eremitérios. O que não se pode esperar de terras de luz eterna? Talvez descubra ali o fabuloso poder que atrai a agulha e empreenda uma infinitude de observações do céu, que — é possível — requeresse somente uma viagem como esta para que suas hoje aparentes excentricidades ganhassem coerência eterna. Hei de saciar minha ardente curiosidade com as paisagens de uma parte do mundo nunca dantes visitada e percorrer uma terra em que homem algum jamais deixou seu rastro. Tudo isso me serve de estímulo e basta para que o medo do perigo e da morte arrefeça, e eu inicie esta exaustiva viagem com a alegria de uma criança que embarca em um pequeno bote com seus amiguinhos de férias em uma expedição de descobrimento por um rio local. Mas supondo que tais conjecturas se provem falsas, não se pode contestar o bem inestimável que farei a toda a humanidade, até sua última geração, ao descobrir uma passagem nas imediações do polo rumo àquelas terras, alcançando o que no presente requereria tantos meses para se alcançar; ou ao estabelecer com convicção o segredo do magneto, o qual, caso seja realmente possível, apenas o será levado a cabo por um projeto como o meu.

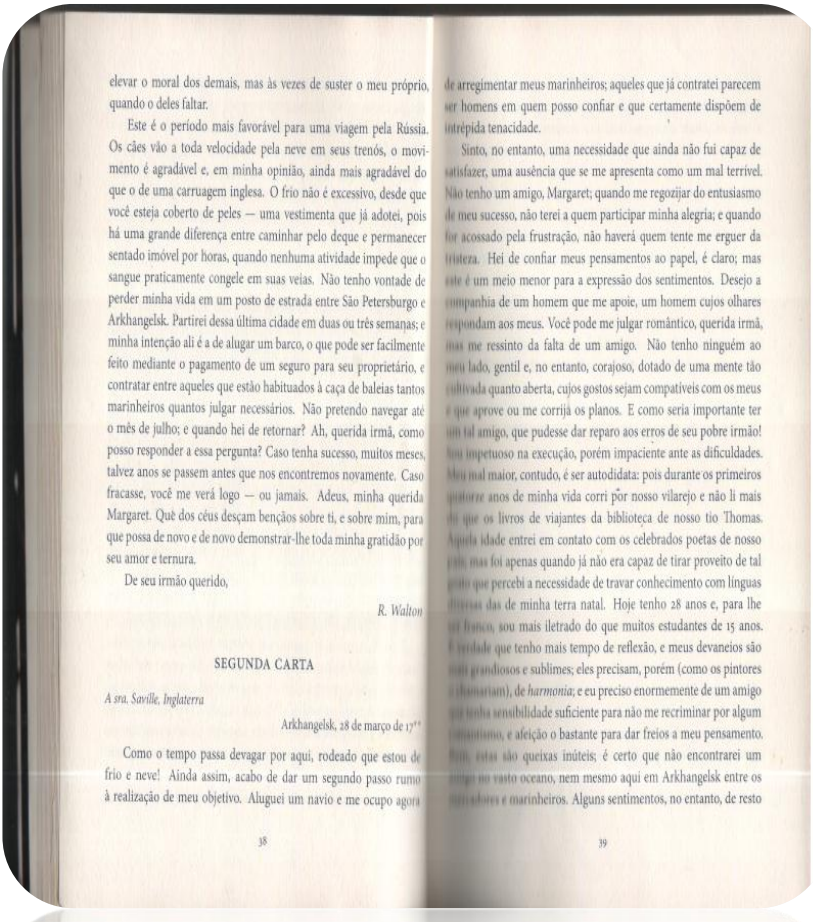
Estas reflexões dissipam a agitação com que comecei minha carta, e sinto meu coração regozijar de um entusiasmo que me eleva aos céus, pois nada contribui tanto para a tranquilidade da mente quanto um firme propósito — um ponto ao qual a alma possa aplicar o olho do intelecto. Esta expedição tem sido o grande sonho de minha juventude. Li com ardor os relatos de incontáveis viagens que se fizeram sob o projeto de atingir o Oceano Pacífico Norte através dos mares que circundam o polo. Você provavelmente recordará que era uma história de todas as viagens de descobrimento o que ocupava as estantes da biblioteca de nosso bom tio Thomas. Não dei muita atenção a minha educação; no entanto, era apaixonado pela leitura. Aqueles volumes eram meu estudo dia e noite, e minha

familiaridade com eles fazia crescer a tristeza que sentira, quando criança, ao saber que meu pai exigira em seu leito de morte que meu tio vetasse qualquer tentativa minha de me tornar marinheiro.

Essas visões se desfizeram quando li atentamente, pela primeira vez, os poetas cujas efusões adentraram minha alma e a alçaram ao céu. Também me tornei poeta e por um ano vivi em um paraíso criado por mim próprio; imaginei também poder obter um lugar no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare são consagrados. Você bem sabe de meu fracasso e de quão pesada me foi a frustração. Mas justamente àquela época herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos retornaram ao veio de suas primeiras inclinações.

Seis anos se passaram desde que decidi sobre minha atual empreitada. Posso, mesmo agora, lembrar o instante a partir do qual passei a me dedicar a este grande projeto. Comecei preparando meu corpo às adversidades. Acompanhei baleeiros em muitas expedições pelo Mar do Norte; suportei voluntariamente o frio, a fome, a sede e o sono; muitas vezes trabalhei com mais afinco do que os marinheiros comuns durante o dia e devotei minhas noites ao estudo da matemática, das teorias médicas e dos ramos das ciências físicas, sabores que um aventureiro dos mares deve testar na prática. Duas vezes me engajei como subimediato em um baleeiro da Groenlândia, e fui agraciado com a admiração de meus pares. Preciso admitir que me senti orgulhoso quando meu capitão alçou-me ao posto de segundo imediato no navio e pediu para que mantivesse a mais elevada seriedade, tão valiosos se consideravam meus préstimos.

E agora, querida Margaret, não mereço realizar algum grande objetivo? Minha vida poderia ter transcorrido em meio a descanso e prazeres, mas preferi a glória a qualquer tentação que a riqueza colocasse em meu caminho. Oh, que alguma voz a me encorajar confirmasse tal merecimento. Minha coragem e decisão são firmes; minhas esperanças, no entanto, oscilam, e não raro meu espírito se entrega à melancolia. Estou prestes a iniciar uma longa e difícil viagem, cujos apuros exigirão todo o meu vigor. Terei de não apenas



elevar o moral dos demais, mas às vezes de suster o meu próprio, quando o deles faltar.

Este é o período mais favorável para uma viagem pela Rússia. Os cães vão a toda velocidade pela neve em seus trenós, o movimento é agradável e, em minha opinião, ainda mais agradável do que o de uma carruagem inglesa. O frio não é excessivo, desde que você esteja coberto de peles — uma vestimenta que já adotei, pois há uma grande diferença entre caminhar pelo deque e permanecer sentado imóvel por horas, quando nenhuma atividade impede que o sangue praticamente congele em suas veias. Não tenho vontade de perder minha vida em um posto de estrada entre São Petersburgo e Arkhangelsk. Partirei dessa última cidade em duas ou três semanas; e minha intenção ali é a de alugar um barco, o que pode ser facilmente feito mediante o pagamento de um seguro para seu proprietário, e contratar entre aqueles que estão habituados à caça de baleias tantos marinheiros quantos julgar necessários. Não pretendo navegar até o mês de julho; e quando hei de retornar? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Caso tenha sucesso, muitos meses, talvez anos se passem antes que nos encontremos novamente. Caso fracasse, você me verá logo — ou jamais. Adeus, minha querida Margaret. Quê dos céus desçam bençãos sobre ti, e sobre mim, para que possa de novo e de novo demonstrar-lhe toda minha gratidão por seu amor e ternura.

De seu irmão querido,

R. Walton

SEGUNDA CARTA

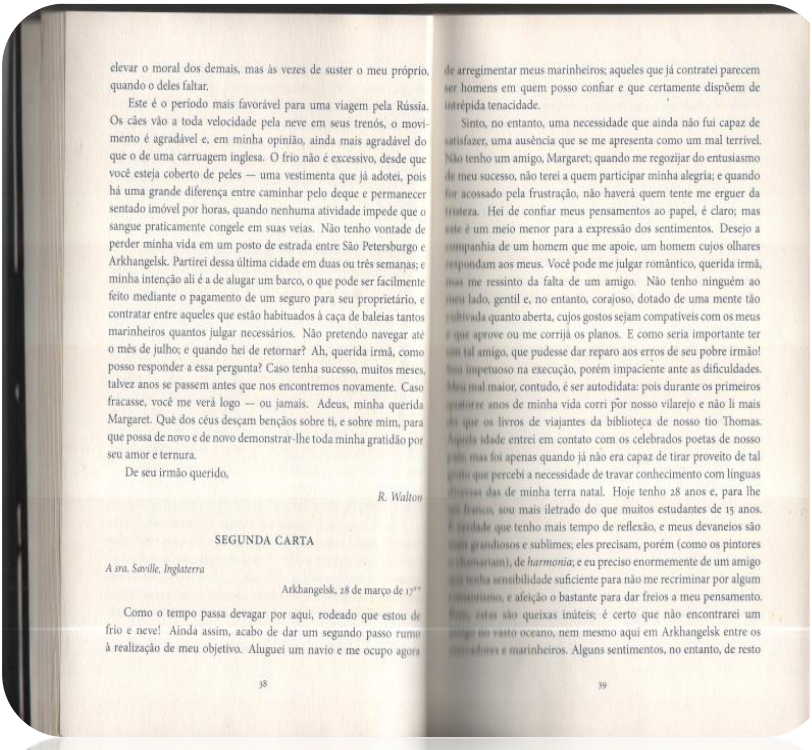
A sra. Saville, Inglaterra

Arkhangelsk, 28 de março de 17**

Como o tempo passa devagar por aqui, rodeado que estou de frio e neve! Ainda assim, acabo de dar um segundo passo rumo à realização de meu objetivo. Aluguei um navio e me ocupo agora de arregimentar meus marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens em quem posso confiar e que certamente dispõem de intrépida tenacidade.

Sinto, no entanto, uma necessidade que ainda não fui capaz de satisfazer, uma ausência que se me apresenta como um mal terrível. Não tenho um amigo, Margaret; quando me regozijar do entusiasmo de meu sucesso, não terei a quem participar minha alegria; e quando for acossado pela frustração, não haverá quem tente me erguer da tristeza. Hei de confiar meus pensamentos ao papel, é claro; mas este é um meio menor para a expressão dos sentimentos. Desejo a companhia de um homem que me apoie, um homem cujos olhares respondam aos meus. Você pode me julgar romântico, querida irmã, mas me ressinto da falta de um amigo. Não tenho ninguém ao meu lado, gentil e, no entanto, corajoso, dotado de uma mente tão cultivada quanto aberta, cujos gostos sejam compatíveis com os meus e que aprove ou me corrija os planos. E como seria importante ter um tal amigo, que pudesse dar reparo aos erros de seu pobre irmão! Sou impetuoso na execução, porém impaciente ante as dificuldades. Meu mal maior, contudo, é ser autodidata: pois durante os primeiros quatorze anos de minha vida corri por nosso vilarejo e não li mais do que os livros de viajantes da biblioteca de nosso tio Thomas. Aquela idade entrei em contato com os celebrados poetas de nosso país; mas foi apenas quando já não era capaz de tirar proveito de tal feito que percebi a necessidade de travar conhecimento com línguas diversas das de minha terra natal. Hoje tenho 28 anos e, para lhe ser franco, sou mais iletrado do que muitos estudantes de 15 anos. É verdade que tenho mais tempo de reflexão, e meus devaneios são mais grandiosos e sublimes; eles precisam, porém (como os pintores chamariam), de *harmonia*; e eu preciso enormemente de um amigo que tenha sensibilidade suficiente para não me recriminar por algum fanatismo, e afeição o bastante para dar freios a meu pensamento. Bem, estas são queixas inúteis; é certo que não encontrarei um amigo no vasto oceano, nem mesmo aqui em Arkhangelsk entre os negociadores e marinheiros. Alguns sentimentos, no entanto, de resto

ANEXO 45 - TRADUÇÃO DA CARTA 2, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C2 – T6)



elevar o moral dos demais, mas às vezes de suster o meu próprio, quando o deles faltar.

Este é o período mais favorável para uma viagem pela Rússia. Os cães vão a toda velocidade pela neve em seus trenós, o movimento é agradável e, em minha opinião, ainda mais agradável do que o de uma carruagem inglesa. O frio não é excessivo, desde que você esteja coberto de peles — uma vestimenta que já adotei, pois há uma grande diferença entre caminhar pelo deque e permanecer sentado imóvel por horas, quando nenhuma atividade impede que o sangue praticamente congele em suas veias. Não tenho vontade de perder minha vida em um posto de estrada entre São Petersburgo e Arkhangelsk. Partirei dessa última cidade em duas ou três semanas; e minha intenção ali é a de alugar um barco, o que pode ser facilmente feito mediante o pagamento de um seguro para seu proprietário, e contratar entre aqueles que estão habituados à caça de baleias tantos marinheiros quantos julgar necessários. Não pretendo navegar até o mês de julho; e quando hei de retornar? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Caso tenha sucesso, muitos meses, talvez anos se passem antes que nos encontremos novamente. Caso fracasse, você me verá logo — ou jamais. Adeus, minha querida Margaret. Que dos céus desçam bençãos sobre ti, e sobre mim, para que possa de novo e de novo demonstrar-lhe toda minha gratidão por seu amor e ternura.

De seu irmão querido,

R. Walton

SEGUNDA CARTA

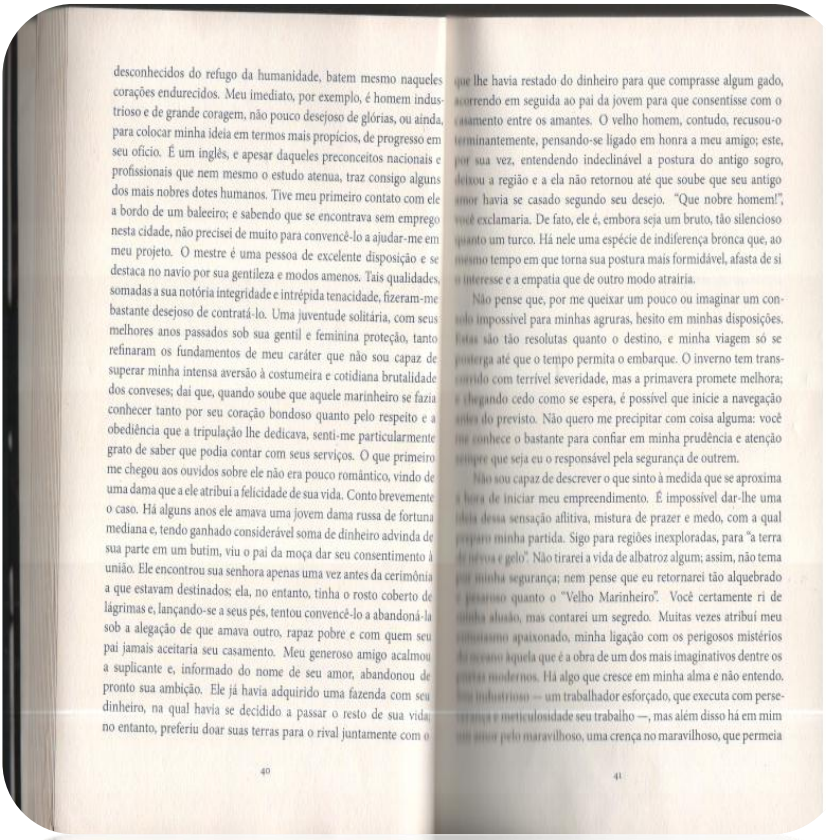
A sra. Saville, Inglaterra

Arkhangelsk, 28 de março de 17**

Como o tempo passa devagar por aqui, rodeado que estou de frio e neve! Ainda assim, acabo de dar um segundo passo rumo à realização de meu objetivo. Aluguei um navio e me ocupo agora

de arregimentar meus marinheiros; aqueles que já contratei parecem ser homens em quem posso confiar e que certamente dispõem de intrépida tenacidade.

Sinto, no entanto, uma necessidade que ainda não fui capaz de satisfazer, uma ausência que se me apresenta como um mal terrível. Não tenho um amigo, Margaret; quando me regozijar do entusiasmo de meu sucesso, não terei a quem participar minha alegria; e quando for acossado pela frustração, não haverá quem tente me erguer da tristeza. Hei de confiar meus pensamentos ao papel, é claro; mas este é um meio menor para a expressão dos sentimentos. Desejo a companhia de um homem que me apoie, um homem cujos olhares respondam aos meus. Você pode me julgar romântico, querida irmã, mas me ressinto da falta de um amigo. Não tenho ninguém ao meu lado, gentil e, no entanto, corajoso, dotado de uma mente tão cultivada quanto aberta, cujos gostos sejam compatíveis com os meus e que aprove ou me corrija os planos. E como seria importante ter um tal amigo, que pudesse dar reparo aos erros de seu pobre irmão! Sou impetuoso na execução, porém impaciente ante as dificuldades. Meu mal maior, contudo, é ser autodidata: pois durante os primeiros quatorze anos de minha vida corri por nosso vilarejo e não li mais do que os livros de viajantes da biblioteca de nosso tio Thomas. Aquela idade entrei em contato com os celebrados poetas de nosso país; mas foi apenas quando já não era capaz de tirar proveito de tal gosto que percebi a necessidade de travar conhecimento com línguas diversas das de minha terra natal. Hoje tenho 28 anos e, para lhe ser franco, sou mais iletrado do que muitos estudantes de 15 anos. É verdade que tenho mais tempo de reflexão, e meus devaneios são mais grandiosos e sublimes; eles precisam, porém (como os pintores o chamariam), de *harmonia*; e eu preciso enormemente de um amigo que tenha sensibilidade suficiente para não me recriminar por algum romantismo, e afeição o bastante para dar freios a meu pensamento. Bem, estas são queixas inúteis; é certo que não encontrarei um amigo no vasto oceano, nem mesmo aqui em Arkhangelsk entre os negociadores e marinheiros. Alguns sentimentos, no entanto, de resto

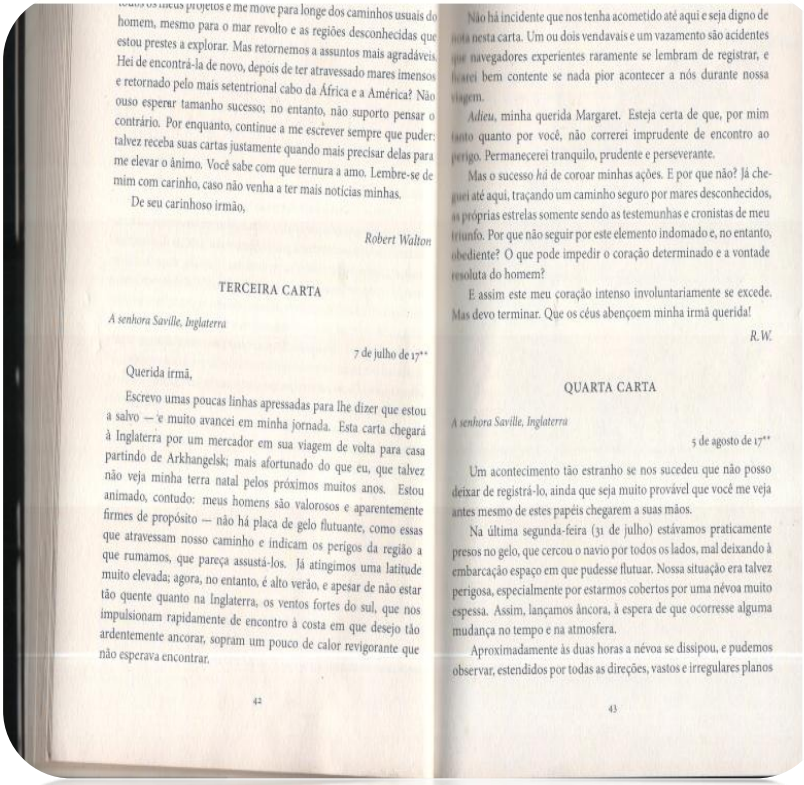


desconhecidos do refugo da humanidade, batem mesmo naqueles corações endurecidos. Meu imediato, por exemplo, é homem industrioso e de grande coragem, não pouco desejoso de glórias, ou ainda, para colocar minha ideia em termos mais propícios, de progresso em seu ofício. É um inglês, e apesar daqueles preconceitos nacionais e profissionais que nem mesmo o estudo atenua, traz consigo alguns dos mais nobres dotes humanos. Tive meu primeiro contato com ele a bordo de um baleeiro; e sabendo que se encontrava sem emprego nesta cidade, não precisei de muito para convencê-lo a ajudar-me em meu projeto. O mestre é uma pessoa de excelente disposição e se destaca no navio por sua gentileza e modos amenos. Tais qualidades, somadas a sua notória integridade e intrépida tenacidade, fizeram-me bastante desejoso de contratá-lo. Uma juventude solitária, com seus melhores anos passados sob sua gentil e feminina proteção, tanto refinaram os fundamentos de meu caráter que não sou capaz de superar minha intensa aversão à costumeira e cotidiana brutalidade dos conveses; daí que, quando soube que aquele marinheiro se fazia conhecer tanto por seu coração bondoso quanto pelo respeito e a obediência que a tripulação lhe dedicava, senti-me particularmente grato de saber que podia contar com seus serviços. O que primeiro me chegou aos ouvidos sobre ele não era pouco romântico, vindo de uma dama que a ele atribui a felicidade de sua vida. Conto brevemente o caso. Há alguns anos ele amava uma jovem dama russa de fortuna mediana e, tendo ganhado considerável soma de dinheiro advinda de sua parte em um butim, viu o pai da moça dar seu consentimento à união. Ele encontrou sua senhora apenas uma vez antes da cerimônia a que estavam destinados; ela, no entanto, tinha o rosto coberto de lágrimas e, lançando-se a seus pés, tentou convencê-lo a abandoná-la sob a alegação de que amava outro, rapaz pobre e com quem seu pai jamais aceitaria seu casamento. Meu generoso amigo acalmou a suplicante e, informado do nome de seu amor, abandonou de pronto sua ambição. Ele já havia adquirido uma fazenda com seu dinheiro, na qual havia se decidido a passar o resto de sua vida; no entanto, preferiu doar suas terras para o rival juntamente com o

que lhe havia restado do dinheiro para que comprasse algum gado, acorrendo em seguida ao pai da jovem para que consentisse com o casamento entre os amantes. O velho homem, contudo, recusou-o terminantemente, pensando-se ligado em honra a meu amigo; este, por sua vez, entendendo indeclinável a postura do antigo sogro, deixou a região e a ela não retornou até que soube que seu antigo amor havia se casado segundo seu desejo. "Que nobre homem!", você exclamaria. De fato, ele é, embora seja um bruto, tão silencioso quanto um turco. Há nele uma espécie de indiferença bronca que, ao mesmo tempo em que torna sua postura mais formidável, afasta de si o interesse e a empatia que de outro modo atrairia.

Não pense que, por me queixar um pouco ou imaginar um conto impossível para minhas agruras, hesito em minhas disposições. Estas são tão resolutas quanto o destino, e minha viagem só se posterga até que o tempo permita o embarque. O inverno tem transcorrido com terrível severidade, mas a primavera promete melhora; e chegando cedo como se espera, é possível que inicie a navegação antes do previsto. Não quero me precipitar com coisa alguma: você me conhece o bastante para confiar em minha prudência e atenção sempre que seja eu o responsável pela segurança de outrem.

Não sou capaz de descrever o que sinto à medida que se aproxima a hora de iniciar meu empreendimento. É impossível dar-lhe uma ideia dessa sensação aflitiva, mistura de prazer e medo, com a qual preparo minha partida. Sigo para regiões inexploradas, para "a terra de névoa e gelo". Não tirarei a vida de albatroz algum; assim, não tema por minha segurança; nem pense que eu retornarei tão alquebrado e pesaroso quanto o "Velho Marinheiro". Você certamente ri de minha alusão, mas contarei um segredo. Muitas vezes atribuí meu entusiasmo apaixonado, minha ligação com os perigosos mistérios do oceano àquela que é a obra de um dos mais imaginativos dentre os poetas modernos. Há algo que cresce em minha alma e não entendo. Sou industrioso — um trabalhador esforçado, que executa com perseverança e meticulosidade seu trabalho —, mas além disso há em mim um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, que permeia



todos os meus projetos e me move para longe dos caminhos usuais do homem, mesmo para o mar revolto e as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar. Mas retornemos a assuntos mais agradáveis. Hei de encontrá-la de novo, depois de ter atravessado mares imensos e retornado pelo mais setentrional cabo da África e a América? Não ouso esperar tamanho sucesso; no entanto, não suporto pensar o contrário. Por enquanto, continue a me escrever sempre que puder: talvez receba suas cartas justamente quando mais precisar delas para me elevar o ânimo. Você sabe com que ternura a amo. Lembre-se de mim com carinho, caso não venha a ter mais notícias minhas.

De seu carinhoso irmão,

Robert Walton

TERCEIRA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

7 de julho de 17**

Querida irmã,

Escrevo umas poucas linhas apressadas para lhe dizer que estou a salvo — e muito avancei em minha jornada. Esta carta chegará à Inglaterra por um mercador em sua viagem de volta para casa partindo de Arkhangelsk; mais afortunado do que eu, que talvez não veja minha terra natal pelos próximos muitos anos. Estou animado, contudo: meus homens são valorosos e aparentemente firmes de propósito — não há placa de gelo flutuante, como essas que atravessam nosso caminho e indicam os perigos da região a que rumamos, que pareça assustá-los. Já atingimos uma latitude muito elevada; agora, no entanto, é alto verão, e apesar de não estar tão quente quanto na Inglaterra, os ventos fortes do sul, que nos impulsionam rapidamente de encontro à costa em que desejo tão ardentemente ancorar, sopram um pouco de calor revigorante que não esperava encontrar.

Não há incidente que nos tenha acometido até aqui e seja digno de nota nesta carta. Um ou dois vendavais e um vazamento são acidentes que navegadores experientes raramente se lembram de registrar, e ficarei bem contente se nada pior acontecer a nós durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Esteja certa de que, por mim tanto quanto por você, não correrei imprudente de encontro ao perigo. Permanecerei tranquilo, prudente e perseverante.

Mas o sucesso *há* de coroar minhas ações. E por que não? Já cheguei até aqui, traçando um caminho seguro por mares desconhecidos, as próprias estrelas somente sendo as testemunhas e cronistas de meu triunfo. Por que não seguir por este elemento indomado e, no entanto, obediente? O que pode impedir o coração determinado e a vontade resoluta do homem?

E assim este meu coração intenso involuntariamente se excede. Mas devo terminar. Que os céus abençoem minha irmã querida!

R.W.

QUARTA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

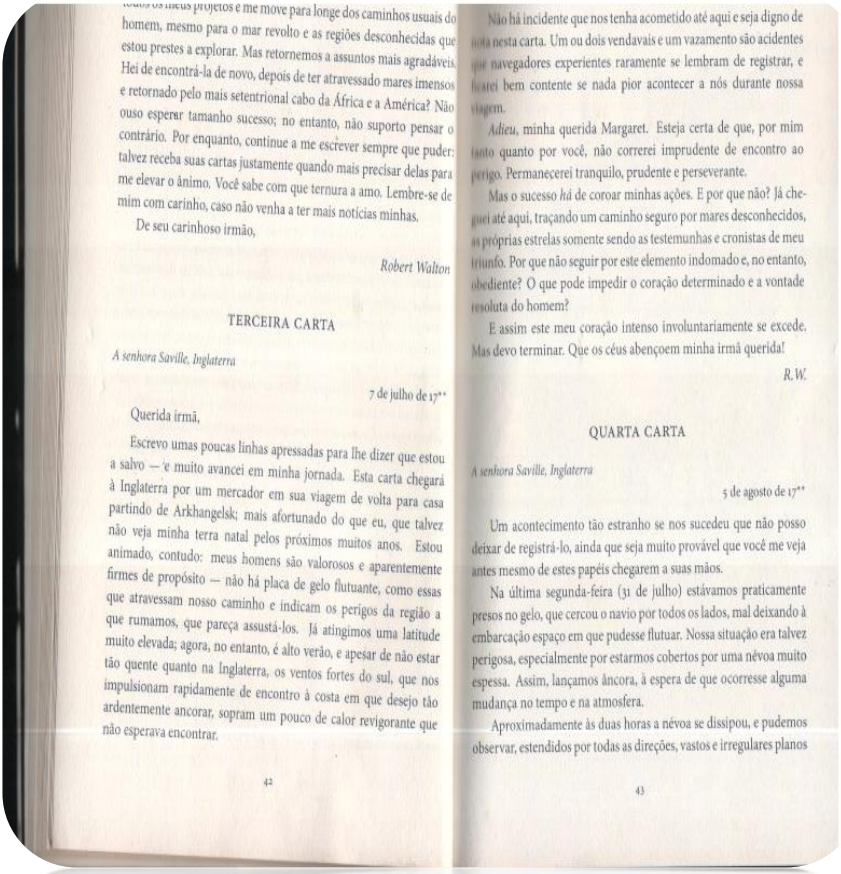
5 de agosto de 17**

Um acontecimento tão estranho se nos sucedeu que não posso deixar de registrá-lo, ainda que seja muito provável que você me veja antes mesmo de estes papéis chegarem a suas mãos.

Na última segunda-feira (31 de julho) estávamos praticamente presos no gelo, que cercou o navio por todos os lados, mal deixando à embarcação espaço em que pudesse flutuar. Nossa situação era talvez perigosa, especialmente por estarmos cobertos por uma névoa muito espessa. Assim, lançamos âncora, à espera de que ocorresse alguma mudança no tempo e na atmosfera.

Aproximadamente às duas horas a névoa se dissipou, e pudemos observar, estendidos por todas as direções, vastos e irregulares planos

ANEXO 46 - TRADUÇÃO DA CARTA 3, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C3 – T6)



todos os meus projetos e me move para longe dos caminhos usuais do homem, mesmo para o mar revolto e as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar. Mas retornemos a assuntos mais agradáveis. Hei de encontrá-la de novo, depois de ter atravessado mares imensos e retornado pelo mais setentrional cabo da África e a América? Não ouso esperar tamanho sucesso; no entanto, não suporto pensar o contrário. Por enquanto, continue a me escrever sempre que puder: talvez receba suas cartas justamente quando mais precisar delas para me elevar o ânimo. Você sabe com que ternura a amo. Lembre-se de mim com carinho, caso não venha a ter mais notícias minhas.

De seu carinhoso irmão,

Robert Walton

TERCEIRA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

7 de julho de 17**

Querida irmã,

Escrevo umas poucas linhas apressadas para lhe dizer que estou a salvo — e muito avancei em minha jornada. Esta carta chegará à Inglaterra por um mercador em sua viagem de volta para casa partindo de Arkhangelsk; mais afortunado do que eu, que talvez não veja minha terra natal pelos próximos muitos anos. Estou animado, contudo: meus homens são valorosos e aparentemente firmes de propósito — não há placa de gelo flutuante, como essas que atravessam nosso caminho e indicam os perigos da região a que rumamos, que pareça assustá-los. Já atingimos uma latitude muito elevada; agora, no entanto, é alto verão, e apesar de não estar tão quente quanto na Inglaterra, os ventos fortes do sul, que nos impulsionam rapidamente de encontro à costa em que desejo tão ardentemente ancorar, sopram um pouco de calor revigorante que não esperava encontrar.

Não há incidente que nos tenha acometido até aqui e seja digno de nota nesta carta. Um ou dois vendavais e um vazamento são acidentes que navegadores experientes raramente se lembram de registrar, e ficarei bem contente se nada pior acontecer a nós durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Esteja certa de que, por mim tanto quanto por você, não correrei imprudente de encontro ao perigo. Permanecerei tranquilo, prudente e perseverante.

Mas o sucesso *há* de coroar minhas ações. E por que não? Já cheguei até aqui, traçando um caminho seguro por mares desconhecidos, as próprias estrelas somente sendo as testemunhas e cronistas de meu triunfo. Por que não seguir por este elemento indomado e, no entanto, obediente? O que pode impedir o coração determinado e a vontade resoluta do homem?

E assim este meu coração intenso involuntariamente se excede. Mas devo terminar. Que os céus abençoem minha irmã querida!

R.W.

QUARTA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

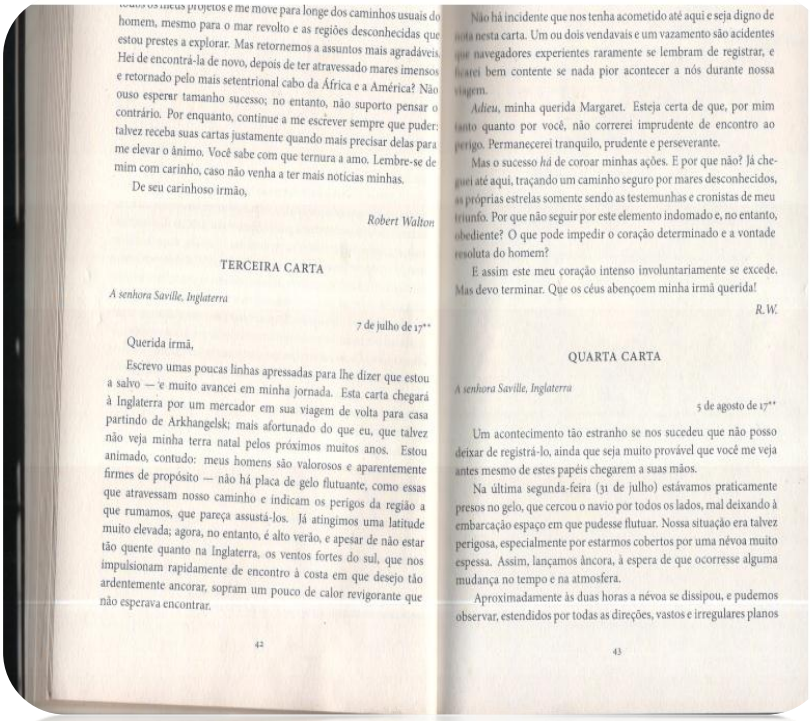
5 de agosto de 17**

Um acontecimento tão estranho se nos sucedeu que não posso deixar de registrá-lo, ainda que seja muito provável que você me veja antes mesmo de estes papéis chegarem a suas mãos.

Na última segunda-feira (31 de julho) estávamos praticamente presos no gelo, que cercou o navio por todos os lados, mal deixando à embarcação espaço em que pudesse flutuar. Nossa situação era talvez perigosa, especialmente por estarmos cobertos por uma névoa muito espessa. Assim, lançamos âncora, à espera de que ocorresse alguma mudança no tempo e na atmosfera.

Aproximadamente às duas horas a névoa se dissipou, e pudemos observar, estendidos por todas as direções, vastos e irregulares planos

ANEXO 47 - TRADUÇÃO DA CARTA 4, DO TP, POR BRUNO GAMBAROTTO, 2013. (C4 – T6)



todos os meus projetos e me move para longe dos caminhos usuais do homem, mesmo para o mar revolto e as regiões desconhecidas que estou prestes a explorar. Mas retornemos a assuntos mais agradáveis. Hei de encontrá-la de novo, depois de ter atravessado mares imensos e retornado pelo mais setentrional cabo da África e a América? Não ouso esperar tamanho sucesso; no entanto, não suporto pensar o contrário. Por enquanto, continue a me escrever sempre que puder: talvez receba suas cartas justamente quando mais precisar delas para me elevar o ânimo. Você sabe com que ternura a amo. Lembre-se de mim com carinho, caso não venha a ter mais notícias minhas.

De seu carinhoso irmão,

Robert Walton

TERCEIRA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

7 de julho de 17**

Querida irmã,

Escrevo umas poucas linhas apressadas para lhe dizer que estou a salvo — e muito avancei em minha jornada. Esta carta chegará à Inglaterra por um mercador em sua viagem de volta para casa partindo de Arkhangelsk; mais afortunado do que eu, que talvez não veja minha terra natal pelos próximos muitos anos. Estou animado, contudo: meus homens são valorosos e aparentemente firmes de propósito — não há placa de gelo flutuante, como essas que atravessam nosso caminho e indicam os perigos da região a que rumamos, que pareça assustá-los. Já atingimos uma latitude muito elevada; agora, no entanto, é alto verão, e apesar de não estar tão quente quanto na Inglaterra, os ventos fortes do sul, que nos impulsionam rapidamente de encontro à costa em que desejo tão ardentemente ancorar, sopram um pouco de calor revigorante que não esperava encontrar.

42

Não há incidente que nos tenha acometido até aqui e seja digno de nota nesta carta. Um ou dois vendavais e um vazamento são acidentes que navegadores experientes raramente se lembram de registrar, e ficarei bem contente se nada pior acontecer a nós durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Esteja certa de que, por mim tanto quanto por você, não correrei imprudente de encontro ao perigo. Permanecerei tranquilo, prudente e perseverante.

Mas o sucesso *há* de coroar minhas ações. E por que não? Já cheguei até aqui, traçando um caminho seguro por mares desconhecidos, as próprias estrelas somente sendo as testemunhas e cronistas de meu triunfo. Por que não seguir por este elemento indomado e, no entanto, obediente? O que pode impedir o coração determinado e a vontade resoluta do homem?

E assim este meu coração intenso involuntariamente se excede. Mas devo terminar. Que os céus abençoem minha irmã querida!

R.W.

QUARTA CARTA

A senhora Saville, Inglaterra

5 de agosto de 17**

Um acontecimento tão estranho se nos sucedeu que não posso deixar de registrá-lo, ainda que seja muito provável que você me veja antes mesmo de estes papéis chegarem a suas mãos.

Na última segunda-feira (31 de julho) estávamos praticamente presos no gelo, que cercou o navio por todos os lados, mal deixando à embarcação espaço em que pudesse flutuar. Nossa situação era talvez perigosa, especialmente por estarmos cobertos por uma névoa muito espessa. Assim, lançamos âncora, à espera de que ocorresse alguma mudança no tempo e na atmosfera.

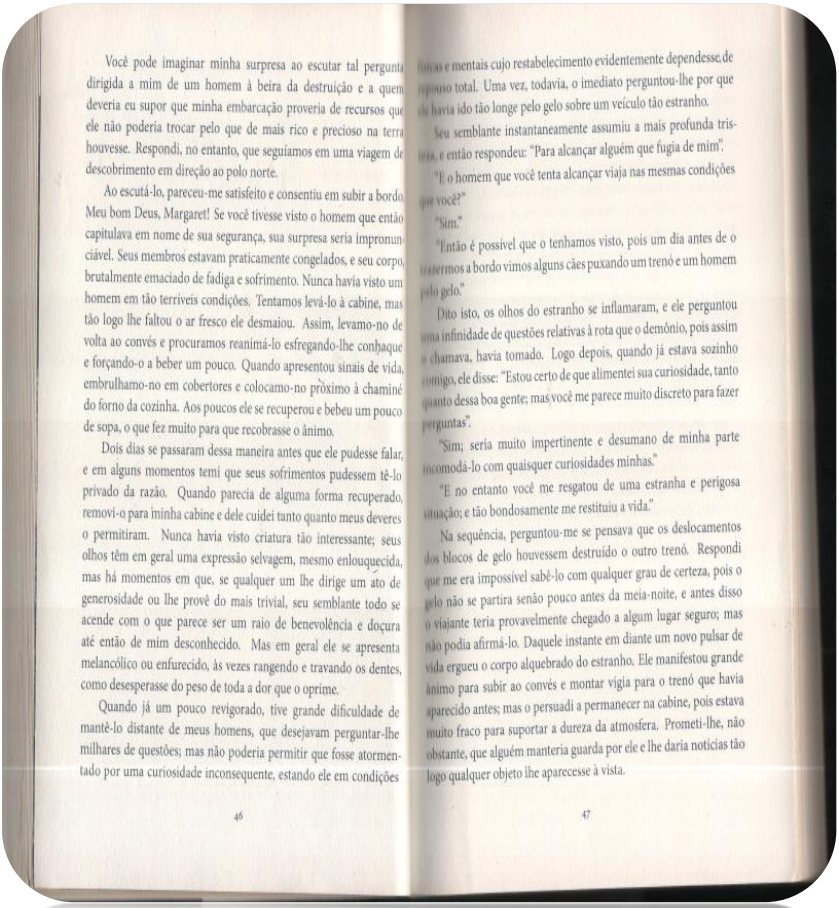
Aproximadamente às duas horas a névoa se dissipou, e pudemos observar, estendidos por todas as direções, vastos e irregulares planos

43

de gelo que pareciam não ter fim. Alguns de meus companheiros se lamentaram, e minha mente começava a se encher de ansiedade, quando uma estranha visão subitamente nos atraiu a atenção e dissipou a preocupação relativa a nossa própria situação. Avistamos uma carruagem baixa, presa a um trenó e arrastada por cães, correndo em direção ao norte, à distância de meia milha; um ser que tinha a forma de um homem, mas aparentemente de proporções gigantescas, surgia sentado ao trenó e conduzia os cães. Acompanhávamos o progresso acelerado do viajante com uma de nossas lunetas até que ele enfim se perdeu nas distantes irregularidades do gelo. Tal aparição despertou nosso mais absoluto assombro. Estávamos, como acreditávamos, a centenas de milhas do continente; mas tal aparição parecia nos indicar que a distância não era tão grande quanto supúnhamos. Presos ao gelo, no entanto, era impossível seguir-lhe a trilha, a qual observamos com grande interesse. Mais ou menos duas horas depois desse acontecimento escutamos o gelo rachar, e antes da noite o gelo quebrou e liberou nosso navio. Permanecemos, contudo, ancorados até a manhã, temendo encontrar na escuridão aquelas imensas massas à deriva, tal como flutuam quando o gelo se parte. Aproveitei o tempo para descansar por algumas horas.

Durante a manhã, no entanto, tão logo fez-se a luz, fui ao convés e me deparei com todos os marinheiros ocupados a um ponto da amurada, aparentemente conversando com alguém no mar. Era, de fato, um trenó, como aquele que avistáramos antes, que flutuara até nós durante a noite sobre um grande pedaço de gelo. Apenas um cachorro permanecia com vida; mas havia um ser humano sobre ele, e os marinheiros tentavam convencê-lo a embarcar no navio. Ele não era, como parecia ser o outro viajante, um selvagem habitante de alguma ilha desconhecida, mas um europeu. Quando apareci no convés o mestre disse: "Aqui está nosso capitão, e ele não permitirá que você morra no mar".

Ao me ver, o estranho se dirigiu a mim em inglês, ainda que com sotaque estrangeiro. "Antes que embarque", ele disse, "você teria a gentileza de me informar qual é seu destino?"



Você pode imaginar minha surpresa ao escutar tal pergunta dirigida a mim de um homem à beira da destruição e a quem deveria eu supor que minha embarcação proveria de recursos que ele não poderia trocar pelo que de mais rico e precioso na terra houvesse. Respondi, no entanto, que seguíamos em uma viagem de descobrimento em direção ao polo norte.

Ao escutá-lo, pareceu-me satisfeito e consentiu em subir a bordo. Meu bom Deus, Margaret! Se você tivesse visto o homem que então capitulava em nome de sua segurança, sua surpresa seria impronunciável. Seus membros estavam praticamente congelados, e seu corpo, brutalmente emaciado de fadiga e sofrimento. Nunca havia visto um homem em tão terríveis condições. Tentamos levá-lo à cabine, mas tão logo lhe faltou o ar fresco ele desmaiou. Assim, levamo-no de volta ao convés e procuramos reanimá-lo esfregando-lhe conhaque e forçando-o a beber um pouco. Quando apresentou sinais de vida, embrulhamo-no em cobertores e colocamo-no próximo à chaminé do forno da cozinha. Aos poucos ele se recuperou e bebeu um pouco de sopa, o que fez muito para que recobrasse o ânimo.

Dois dias se passaram dessa maneira antes que ele pudesse falar, e em alguns momentos temi que seus sofrimentos pudessem tê-lo privado da razão. Quando parecia de alguma forma recuperado, removi-o para minha cabine e dele cuidei tanto quanto meus deveres o permitiram. Nunca havia visto criatura tão interessante; seus olhos têm em geral uma expressão selvagem, mesmo enlouquecida, mas há momentos em que, se qualquer um lhe dirige um ato de generosidade ou lhe provê do mais trivial, seu semblante todo se acende com o que parece ser um raio de benevolência e doçura até então de mim desconhecido. Mas em geral ele se apresenta melancólico ou enfurecido, às vezes rangendo e travando os dentes, como desesperasse do peso de toda a dor que o oprime.

Quando já um pouco revigorado, tive grande dificuldade de mantê-lo distante de meus homens, que desejavam perguntar-lhe milhares de questões; mas não poderia permitir que fosse atormentado por uma curiosidade inconsequente, estando ele em condições

físicas e mentais cujo restabelecimento evidentemente dependesse de repouso total. Uma vez, todavia, o imediato perguntou-lhe por que ele havia ido tão longe pelo gelo sobre um veículo tão estranho.

Seu semblante instantaneamente assumiu a mais profunda tristeza, e então respondeu: "Para alcançar alguém que fugia de mim".

"E o homem que você tenta alcançar viaja nas mesmas condições que você?"

"Sim."

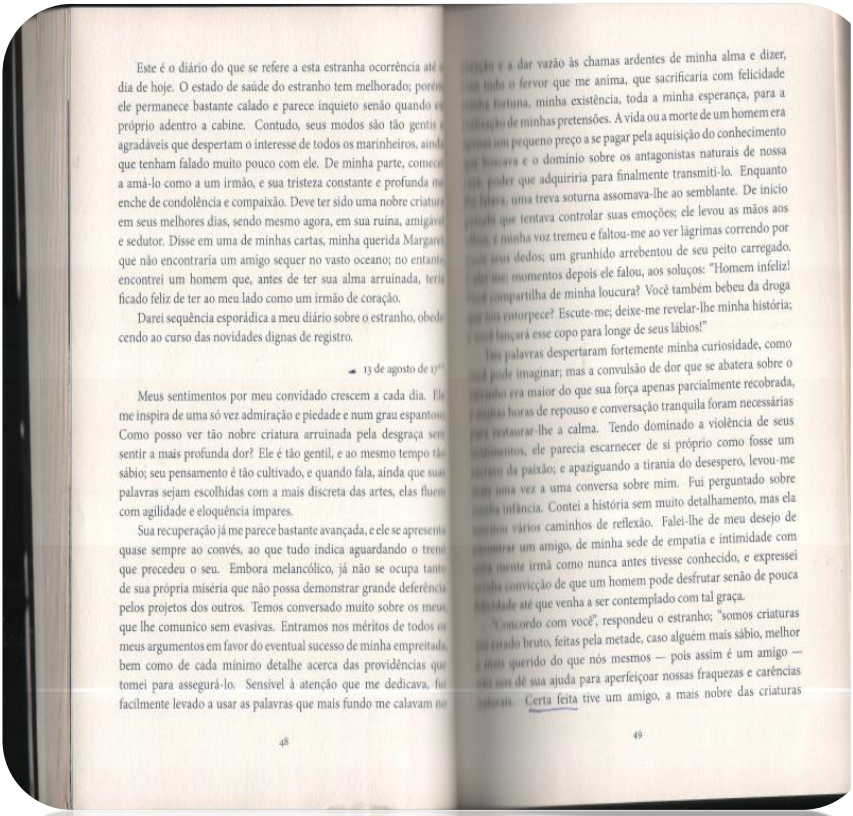
"Então é possível que o tenhamos visto, pois um dia antes de o trazermos a bordo vimos alguns cães puxando um trenó e um homem pelo gelo."

Dito isto, os olhos do estranho se inflamaram, e ele perguntou uma infinidade de questões relativas à rota que o demônio, pois assim o chamava, havia tomado. Logo depois, quando já estava sozinho comigo, ele disse: "Estou certo de que alimentei sua curiosidade, tanto quanto dessa boa gente; mas você me parece muito discreto para fazer perguntas".

"Sim; seria muito impertinente e desumano de minha parte incomodá-lo com quaisquer curiosidades minhas."

"E no entanto você me resgatou de uma estranha e perigosa situação; e tão bondosamente me restituiu a vida."

Na sequência, perguntou-me se pensava que os deslocamentos dos blocos de gelo houvessem destruído o outro trenó. Respondi que me era impossível sabê-lo com qualquer grau de certeza, pois o gelo não se partira senão pouco antes da meia-noite, e antes disso o viajante teria provavelmente chegado a algum lugar seguro; mas não podia afirmá-lo. Daquele instante em diante um novo pulsar de vida ergueu o corpo alquebrado do estranho. Ele manifestou grande ânimo para subir ao convés e montar vigia para o trenó que havia aparecido antes; mas o persuadi a permanecer na cabine, pois estava muito fraco para suportar a dureza da atmosfera. Prometi-lhe, não obstante, que alguém manteria guarda por ele e lhe daria notícias tão logo qualquer objeto lhe aparecesse à vista.



Este é o diário do que se refere a esta estranha ocorrência até a
dia de hoje. O estado de saúde do estranho tem melhorado; porém
ele permanece bastante calado e parece inquieto senão quando e
próprio adentro a cabine. Contudo, seus modos são tão gentis e
agradáveis que despertam o interesse de todos os marinheiros, ainda
que tenham falado muito pouco com ele. De minha parte, comecei
a amá-lo como a um irmão, e sua tristeza constante e profunda me
enche de condolência e compaixão. Deve ter sido uma nobre criatura
em seus melhores dias, sendo mesmo agora, em sua ruína, amigável
e sedutor. Disse em uma de minhas cartas, minha querida Margaret
que não encontraria um amigo sequer no vasto oceano; no entanto
encontrei um homem que, antes de ter sua alma arruinada, teria
ficado feliz de ter ao meu lado como um irmão de coração.

Darei sequência esporádica a meu diário sobre o estranho, obede
cendo ao curso das novidades dignas de registro.

13 de agosto de 17[illegible]

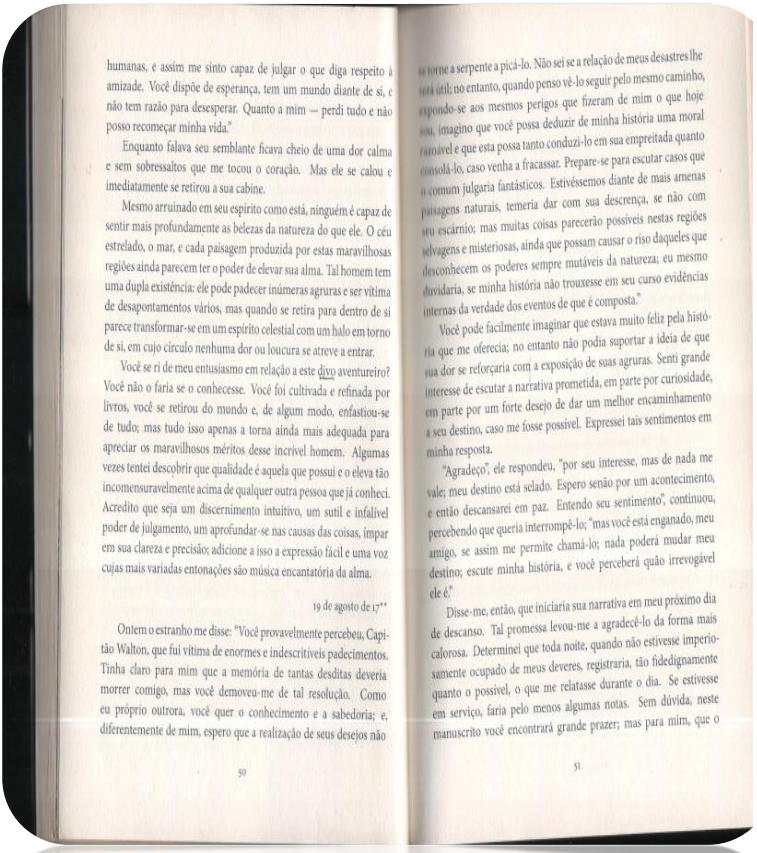
Meus sentimentos por meu convidado crescem a cada dia. Ele
me inspira de uma só vez admiração e piedade e num grau espantoso.
Como posso ver tão nobre criatura arruinada pela desgraça sem
sentir a mais profunda dor? Ele é tão gentil, e ao mesmo tempo tão
sábio; seu pensamento é tão cultivado, e quando fala, ainda que suas
palavras sejam escolhidas com a mais discreta das artes, elas fluem
com agilidade e eloquência ímpares.

Sua recuperação já me parece bastante avançada, e ele se apresenta
quase sempre ao convés, ao que tudo indica aguardando o trenó
que precedeu o seu. Embora melancólico, já não se ocupa tanto
de sua própria miséria que não possa demonstrar grande deferência
pelos projetos dos outros. Temos conversado muito sobre os meus,
que lhe comunico sem evasivas. Entramos nos méritos de todos os
meus argumentos em favor do eventual sucesso de minha empreitada,
bem como de cada mínimo detalhe acerca das providências que
tomei para assegurá-lo. Sensível à atenção que me dedicava, fui
facilmente levado a usar as palavras que mais fundo me calavam no

coração e a dar vazão às chamas ardentes de minha alma e dizer,
com todo o fervor que me anima, que sacrificaria com felicidade
minha fortuna, minha existência, toda a minha esperança, para a
realização de minhas pretensões. A vida ou a morte de um homem era
apenas um pequeno preço a se pagar pela aquisição do conhecimento
que buscava e o domínio sobre os antagonistas naturais de nossa
raça poder que adquiriria para finalmente transmiti-lo. Enquanto
eu falava, uma treva soturna assomava-lhe ao semblante. De início
percebi que tentava controlar suas emoções; ele levou as mãos aos
olhos, e minha voz tremeu e faltou-me ao ver lágrimas correndo por
entre seus dedos; um grunhido arrebentou de seu peito carregado.
Calei-me; momentos depois ele falou, aos soluços: "Homem infeliz!
Você compartilha de minha loucura? Você também bebeu da droga
que nos entorpece? Escute-me; deixe-me revelar-lhe minha história;
então você lançará esse copo para longe de seus lábios!"

Tais palavras despertaram fortemente minha curiosidade, como
você pode imaginar; mas a convulsão de dor que se abatera sobre o
estranho era maior do que sua força apenas parcialmente recobrada,
e muitas horas de repouso e conversação tranquila foram necessárias
para restaurar-lhe a calma. Tendo dominado a violência de seus
sentimentos, ele parecia escarnecer de si próprio como fosse um
escravo da paixão; e apaziguando a tirania do desespero, levou-me
outra vez a uma conversa sobre mim. Fui perguntado sobre
minha infância. Contei a história sem muito detalhamento, mas ela
ocasionou vários caminhos de reflexão. Falei-lhe de meu desejo de
encontrar um amigo, de minha sede de empatia e intimidade com
uma mente irmã como nunca antes tivesse conhecido, e expressei
minha convicção de que um homem pode desfrutar senão de pouca
felicidade até que venha a ser contemplado com tal graça.

"Concordo com você", respondeu o estranho; "somos criaturas
em estado bruto, feitas pela metade, caso alguém mais sábio, melhor
e mais querido do que nós mesmos — pois assim é um amigo —
não nos dê sua ajuda para aperfeiçoar nossas fraquezas e carências
naturais. Certa feita tive um amigo, a mais nobre das criaturas



humanas, e assim me sinto capaz de julgar o que diga respeito à amizade. Você dispõe de esperança, tem um mundo diante de si, e não tem razão para desesperar. Quanto a mim — perdi tudo e não posso recomeçar minha vida."

Enquanto falava seu semblante ficava cheio de uma dor calma e sem sobressaltos que me tocou o coração. Mas ele se calou e imediatamente se retirou a sua cabine.

Mesmo arruinado em seu espírito como está, ninguém é capaz de sentir mais profundamente as belezas da natureza do que ele. O céu estrelado, o mar, e cada paisagem produzida por estas maravilhosas regiões ainda parecem ter o poder de elevar sua alma. Tal homem tem uma dupla existência: ele pode padecer inúmeras agruras e ser vítima de desapontamentos vários, mas quando se retira para dentro de si parece transformar-se em um espírito celestial com um halo em torno de si, em cujo círculo nenhuma dor ou loucura se atreve a entrar.

Você se ri de meu entusiasmo em relação a este divo aventureiro? Você não o faria se o conhecesse. Você foi cultivada e refinada por livros, você se retirou do mundo e, de algum modo, enfastiou-se de tudo; mas tudo isso apenas a torna ainda mais adequada para apreciar os maravilhosos méritos desse incrível homem. Algumas vezes tentei descobrir que qualidade é aquela que possui e o eleva tão incomensuravelmente acima de qualquer outra pessoa que já conheci. Acredito que seja um discernimento intuitivo, um sutil e infalível poder de julgamento, um aprofundar-se nas causas das coisas, ímpar em sua clareza e precisão; adicione a isso a expressão fácil e uma voz cujas mais variadas entonações são música encantatória da alma.

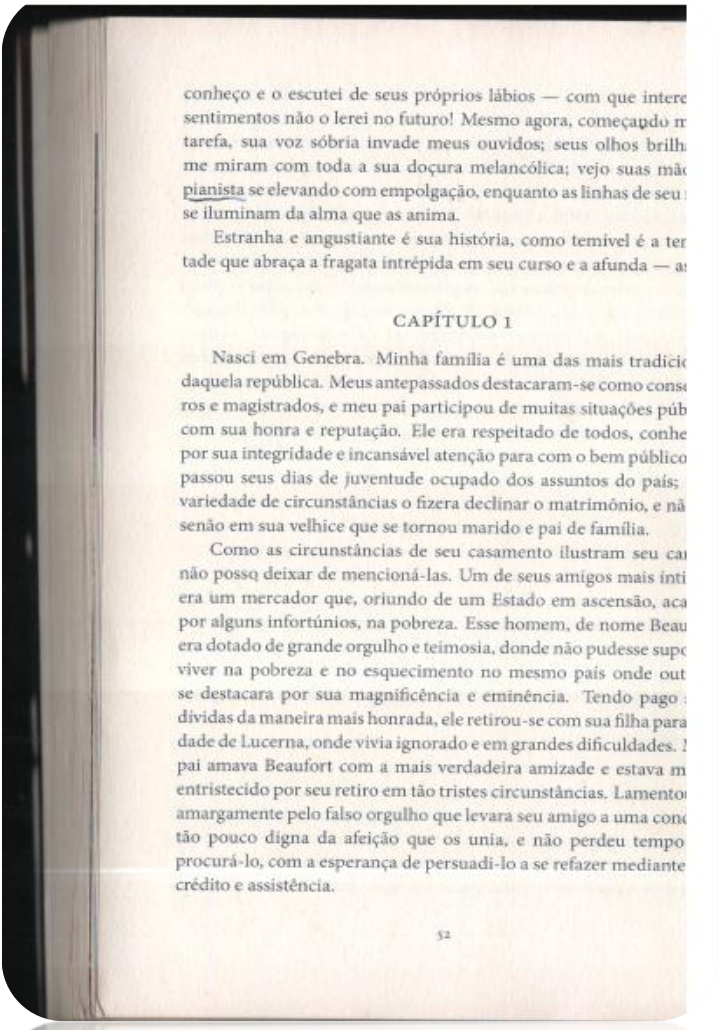
19 de agosto de 17**

Ontem o estranho me disse: "Você provavelmente percebeu, Capitão Walton, que fui vítima de enormes e indescritíveis padecimentos. Tinha claro para mim que a memória de tantas desditas deveria morrer comigo, mas você demoveu-me de tal resolução. Como eu próprio outrora, você quer o conhecimento e a sabedoria; e, diferentemente de mim, espero que a realização de seus desejos não se torne a serpente a picá-lo. Não sei se a relação de meus desastres lhe será útil; no entanto, quando penso vê-lo seguir pelo mesmo caminho, expondo-se aos mesmos perigos que fizeram de mim o que hoje sou, imagino que você possa deduzir de minha história uma moral razoável e que esta possa tanto conduzi-lo em sua empreitada quanto consolá-lo, caso venha a fracassar. Prepare-se para escutar casos que o comum julgaria fantásticos. Estivéssemos diante de mais amenas paisagens naturais, temeria dar com sua descrença, se não com seu escárnio; mas muitas coisas parecerão possíveis nestas regiões selvagens e misteriosas, ainda que possam causar o riso daqueles que desconhecem os poderes sempre mutáveis da natureza; eu mesmo duvidaria, se minha história não trouxesse em seu curso evidências internas da verdade dos eventos de que é composta."

Você pode facilmente imaginar que estava muito feliz pela história que me oferecia; no entanto não podia suportar a ideia de que sua dor se reforçaria com a exposição de suas agruras. Senti grande interesse de escutar a narrativa prometida, em parte por curiosidade, em parte por um forte desejo de dar um melhor encaminhamento a seu destino, caso me fosse possível. Expressei tais sentimentos em minha resposta.

"Agradeço", ele respondeu, "por seu interesse, mas de nada me vale; meu destino está selado. Espero senão por um acontecimento, e então descansarei em paz. Entendo seu sentimento", continuou, percebendo que queria interrompê-lo; "mas você está enganado, meu amigo, se assim me permite chamá-lo; nada poderá mudar meu destino; escute minha história, e você perceberá quão irrevogável ele é."

Disse-me, então, que iniciaria sua narrativa em meu próximo dia de descanso. Tal promessa levou-me a agradecê-lo da forma mais calorosa. Determinei que toda noite, quando não estivesse imperiosamente ocupado de meus deveres, registraria, tão fidedignamente quanto o possível, o que me relatasse durante o dia. Se estivesse em serviço, faria pelo menos algumas notas. Sem dúvida, neste manuscrito você encontrará grande prazer; mas para mim, que o



conheço e o escutei de seus próprios lábios — com que intere
sentimentos não o lerei no futuro! Mesmo agora, começando m
tarefa, sua voz sóbria invade meus ouvidos; seus olhos brilh
me miram com toda a sua doçura melancólica; vejo suas mã
pianista se elevando com empolgação, enquanto as linhas de seu
se iluminam da alma que as anima.

Estranha e angustiante é sua história, como temível é a ter
tade que abraça a fragata intrépida em seu curso e a afunda — a

CAPÍTULO 1

Nasci em Genebra. Minha família é uma das mais tradicio
daquela república. Meus antepassados destacaram-se como conse
ros e magistrados, e meu pai participou de muitas situações púb
com sua honra e reputação. Ele era respeitado de todos, conhe
por sua integridade e incansável atenção para com o bem público
passou seus dias de juventude ocupado dos assuntos do país;
variedade de circunstâncias o fizera declinar o matrimônio, e nã
senão em sua velhice que se tornou marido e pai de família.

Como as circunstâncias de seu casamento ilustram seu ca
não posso deixar de mencioná-las. Um de seus amigos mais inti
era um mercador que, oriundo de um Estado em ascensão, aca
por alguns infortúnios, na pobreza. Esse homem, de nome Beau
era dotado de grande orgulho e teimosia, donde não pudesse supo
viver na pobreza e no esquecimento no mesmo país onde out
se destacara por sua magnificência e eminência. Tendo pago
dívidas da maneira mais honrada, ele retirou-se com sua filha para
dade de Lucerna, onde vivia ignorado e em grandes dificuldades.
pai amava Beaufort com a mais verdadeira amizade e estava m
entristecido por seu retiro em tão tristes circunstâncias. Lamento
amargamente pelo falso orgulho que levara seu amigo a uma con
tão pouco digna da afeição que os unia, e não perdeu tempo
procurá-lo, com a esperança de persuadi-lo a se refazer mediante
crédito e assistência.